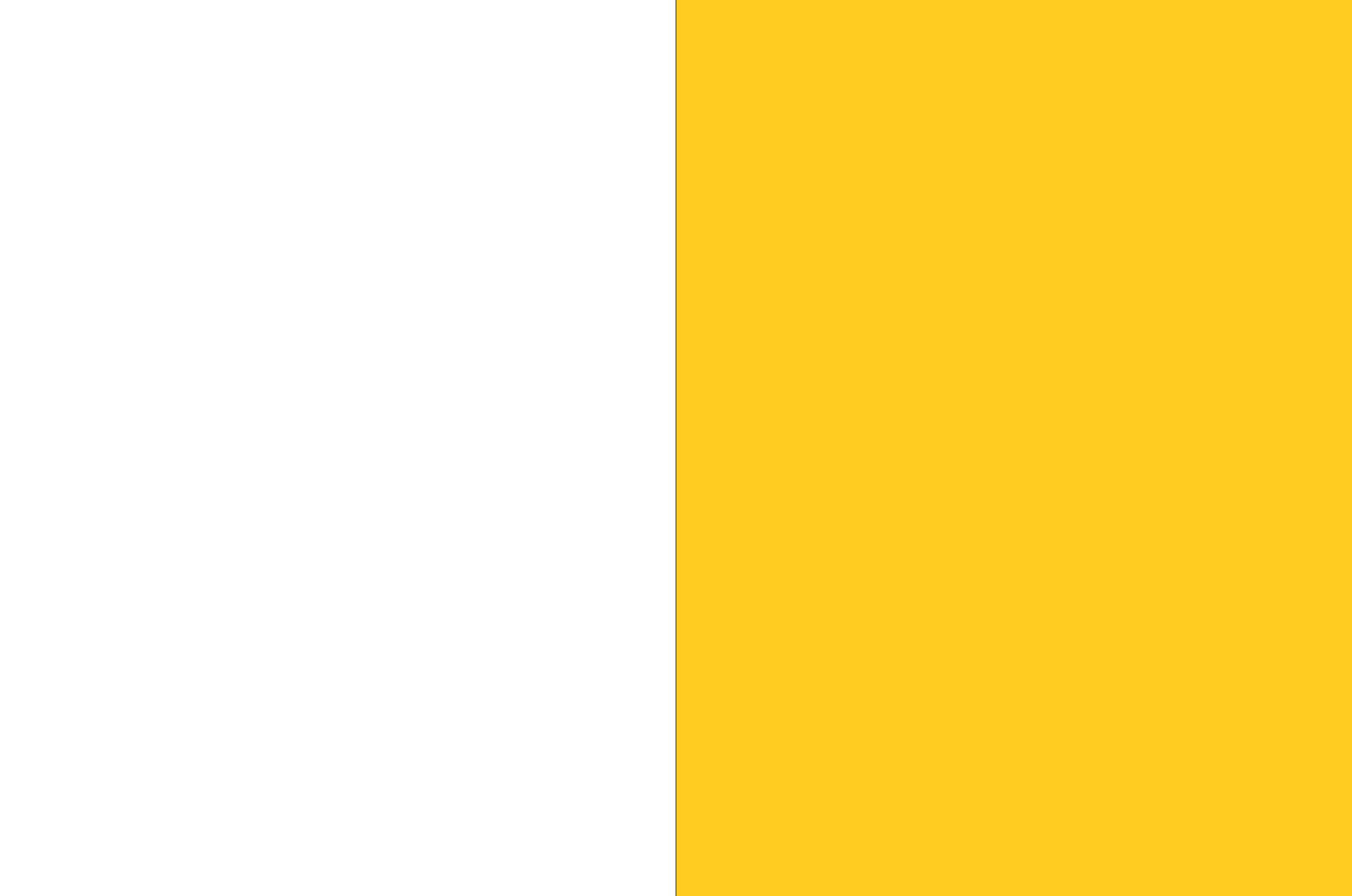


**Partilha de Reflexões
sobre as Artes, as Lutas,
os Saberes e os Sabores
da Comunidade Quilombola
de Conceição das Crioulas**

LIVRO II





Partilha de reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

Edição, Porto 2020

izADS/Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade/izads.up.pt

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

AQCC/Associação Quilombola de Conceição das Crioulas

Editor

JOSÉ CARLOS DE PAIVA

izADS/Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade

Coordenação Editorial

GIVÂNIA MARIA DA SILVA e MÁRCIA JUCILENE DO NASCIMENTO

AQCC/Associação Quilombola de Conceição das Crioulas

Comissão Editorial

EVÂNIA ANTONIA DE OLIVEIRA, FABIANA ANA DA SILVA MENDES, FLÁVIA LIRA, MARIA DA PENHA E SILVA, MARIA DE LOURDES DA SILVA, MARIA DIVA DA SILVA RODRIGUES, MARIA ZÉLIA DE OLIVEIRA, MARINALVA RITA DA SILVA BEZERRA e VALDECI MARIA DA SILVA OLIVEIRA

Revisão

ILDA SOUSA

izADS/Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade

Design

CRISTINA FERREIRA e JOANA CARNEIRO

FLÁVIA LIRA (*capa*)

izADS/Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade

Impressão

nome da empresa

ISBN

978-989-9049-04-8

Depósito legal

478207/20

Imagens

JOSIVAN RODRIGUES (*capa*)

izADS, AQCC e dos autores



Abertura

- 009 **Quem somos nós e o que queremos**
GIVÂNIA MARIA DA SILVA

Parte I .

Vozes da comunidade

- 015 **Pelas artes, Conceição das Crioulas e universidades se unem contra a hierarquização de saberes**
MARIA DIVA DA SILVA RODRIGUES
- 025 **História de vida: A resistência do Caroá**
CIRLENE MARIA DE SOUZA
- 028 **O encontro, os saberes e os sabores.**
VALDECI MARIA DA SILVA OLIVEIRA
- 031 **Reencontro com os saberes ancestrais dos meus antepassados**
MARIA APARECIDA MENDES
- 035 **Mãos que contam histórias**
FÁBIA DE OLIVEIRA
- 038 **Olhares e memórias do encontro a partir da visão de estudantes**
MÁRCIA NASCIMENTO
- 044 **A participação da escola quilombola bevenuto simão de oliveira junto ao movimento social no processo de luta e autonomia do território desintrusado.**
EXPEDITA AURORA DOS SANTOS,
FRANCISCA MARCELINA DE OLIVEIRA,
JOSÉLIA DA SILVA SOUZA, JOSIMEIRE
FRANCISCA DA SILVA , MARINALVA RITA
DA SILVA BEZERRA

Parte II .

Vozes parceiras

- 055 **O que me passou, me tocou, me aconteceu em Conceição das Crioulas...**
SIMONE OLIVEIRA DE CASTRO
- 061 **Pedagogia do ajuntamento : “Igi kan ki s’igbo”. (Uma árvore não faz uma floresta)**
MARIA CLAUDINEIDE, ALVES MACÊDO
- 070 **Visualidades crioulas**
ROBSON XAVIER, GUTO HOLANDA,
MÁRCIO SOARES E RENATO SANCHARRO
- 076 **Cores da terra: arte relacional em deriva na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas - PE**
ROBSON XAVIER, GUTO HOLANDA,
MÁRCIO SOARES E RENATO SANCHARRO
- 086 **Projetos de extensão Universitária x Quilombolas em ação para construção de conhecimentos científicos antirracistas e para além do epistemicídio acadêmico**
AUXILIADORA MARIA MARTINS DA SILVA,
FLÁVIO VALDEZ MARTINS DA SILVA
CLARA, FLÁUXI MARTINS DA SILVA
- 100 **Entre trapos e caroá: a vivência da criação em Conceição das Crioulas**
LARISSA RACHEL GOMES SILVA
- 106 **Deslocamentos. Vivências e pensamentos sobre como pode-se deixar seu lugar e aprender uns com os outros em encontros no quilombo Conceição das Crioulas.**
URSULA STENGER

- 111 **A borboleta e o borboleto: oficina de leitura e artes na educação infantil quilombola de Conceição das Crioulas**
HELZA RICARTE LANZ E DENILSON ROSA
- 119 **Interações Culturais nas Artes Visuais**
DENILSON ROSA
- 123 **Escuta atenta partindo do não saber: as propostas de educação quilombola a partir da comunidade.**
LUCIANA LIMA BATISTA
- 134 **Uma experiência com teatro de marionetes na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.**
WAGNER CINTRA
- 146 **A Insustentável potência da escuta (Ins)urgências em Conceição das Crioulas. Um ensaio sobre a hospitalidade em Conceição das Crioulas**
MIGUEL TEODORO
- 152 **Material que pode ser facilmente moldado ou deformado, obtido com uma substância sólida, misturada com uma substância líquida**
ILDA LIMA DE SOUSA
- 160 **II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas**
INÊS CAVACO
- 165 **O que o tempo ainda não roubou. Memórias e reflexões sobre a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas**
JOÃO ABEL MOTA
- 171 **Conceição das Crioulas e ancestralidade africana: diálogos sobre a arte e a cumplicidade perante os desafios da vida comunitária quilombola na atualidade**
ANTÔNIO ROSEMBERG DE MOURA E MARIA JURACI MAIA CAVALCANTE
- 185 **Aprendimentos: levar e deixar marcas**
JACI BORBA, LUANA ANDRADE E RAYELLEN ALVES
- 193 **Travessias e atravessamentos**
FLÁVIA WANDERLEY PEREIRA DE LIRA
- 204 **Violência e coragem do corpo: Uma leitura da descolonização da ontologia do território íntimo e ambiental do saber**
RITA RAINHO
- 216 **Como uma experiência relacional singular ocorrida no quilombo de Conceição das Crioulas permite encontrar sentido nas vidas de cada um.**
JOSÉ CARLOS DE PAIVA



Quem somos nós e o que queremos?

GIVÂNIA MARIA DA SILVA¹

Somos quilombolas de Conceição das Crioulas, Salgueiro-PE, localizados no interior do Estado de Pernambuco, centrado no semiárido brasileiro. Somos mulheres e homens que habitamos em grande maioria no meio rural e também no meio urbano. E claro! Esse urbano é o urbano periférico e longe dos serviços públicos de saúde, educação, moradia, portanto, expostos as muitas violências. E o rural? O rural é aquele que ainda guarda rios sem poluição, florestas, palmeiras, castanhais, áreas com grandes extensões de minérios e, sobretudo a caatinga, além de outros recursos naturais não nominados aqui. Somos também mulheres e homens que, apesar das grandes estiagens, nos mantemos firmes até a chuva chegar, sem perder a esperança de lutar por dias melhores e um mundo mais justo. Ao defender nossos territórios, somos ameaçadas e ameaçados e, em nome deles temos morrido, inclusive nós mulheres quilombolas que além das grandes filas nos hospitais, morremos defendendo nossos territórios, como mostra pesquisa da CONAQ e Terra de Direito (2018)². A pergunta quem somos, seria desnecessária se nossas agências não tivessem sido tão violentadas, nossos corpos não tivessem sido tão marcados e despedaçados para satisfazer às crueldades do racismo. E, se nossas vozes não tivessem sido caladas? Se nossas vozes não tivessem sido tão silenciadas, talvez já tivéssemos superado parte da ignorância que a sociedade brasileira tem ao nosso respeito. Sempre quisemos falar, porém, ignoradas(os) e separadas(os) de muitos bens públicos. E quem nos separou e continua nos separando desses bens é a cultura do machismo e racismo, que se somam e produzem a classe social dos mais empobrecidos. Ah, isso nos abala? Claro que sim! Só não tira de nós a capacidade de lutar e defender nossos territórios. Também não tiram de nós o desejo de viver dignamente, nós que estamos aqui hoje, e os que ainda virão. Somos nós mulheres e homens em defesa da vida ou de um “bem – viver” que atenda ao mundo urbano e rural, as crianças e os adultos. Não nos agarramos muito às classificações, aliás, o que mais nos anima e fortalece é a nossa pertença as nossas raízes ancestrais africanas. Definimo-nos como mulheres e homens quilombolas, urbanos e rurais que enfrentam dia a dia as crueldades do racismo e do machismo, sem perder a capacidade de lutar, de nos indignar e tocar

¹ Mestre em políticas públicas e gestão da educação pela Universidade de Brasília (2010-2012) e doutoranda em Sociologia na mesma universidade (2017-2020)

² CONAQ, & Terra de Direitos. (2018). Racismo e Violência Contra Quilombos no Brasil. Disponível em: [https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/\(final\)-Racismo-e-Violencia-Quilombola__CONAQ__Terra-de-Direitos__FN__WEB.pdf](https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/(final)-Racismo-e-Violencia-Quilombola__CONAQ__Terra-de-Direitos__FN__WEB.pdf)



a vida, e mais, não abrimos mão da nossa beleza e a firmeza herdadas de Dandara, Esperança Garcia, Tereza de Benguele, Mendencha, Francisca Ferreira, Agostinha Cabocla... e, sendo assim, não abrimos mão de sorrir e assim seguimos ensinando e aprendendo, dançando trancelim e forró, fazendo artesanato, plantando e colhendo. E, animadas e animados por essas mulheres e tantas outras, realizamos o II Encontro com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores de Conceição das Crioulas, no período de 14 a 20 de julho de 2019. Em um clima de festa decidimos que escreveríamos o II volume de uma série, que iniciamos no primeiro Encontro com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores (2017)³, pensado e escrito coletivamente – nós do quilombo de Conceição das Crioulas e os nossos parceiros e parceiras. Ele não traz só as vozes e escritas de quem escreve e (re)escreve e sim, de todas as mãos que vieram/produziram a escrita do I Encontro e do II. Muitas dessas mãos e mentes que escreveram e (re) escreverem o encontro – matéria prima deste livro, nunca sequer visitaram uma universidade e escrevem juntos. Outras mentes sim, estiveram/estão na academia. Umhas mãos e mentes foram/ficaram, vieram/voltaram e nunca escreveram em papel e sim na vida por meio de seu exemplo e entrega à luta em defesa do território. Contudo, foram esses corpos, mãos e mentes que deixaram em nossas memórias – seu legado. Esse legado é o que temos de mais precioso hoje e o entendemos com o nome de (re) existência e que fará parte das escritas deste livro. Teria um nome mais adequado para resistência, poder escrever nossa própria história e do nosso jeito? É em nome dessas mãos, corpos e mentes que simbolizam resistência que estamos aqui e aqui vamos falar. Esta é a voz e a escrita coletiva de mulheres e homens quilombolas do passado, presente e futuro de Conceição das Crioulas. O II volume do livro Partilha de Reflexões sobre Artes, as Lutas, Saberes e Sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, se divide em duas partes. A primeira, composta por textos escritos por estudantes, lideranças, pesquisadores/as e professores/as quilombolas de Conceição das Crioulas. Nessa parte expressamos nossas impressões, nosso sentir/viver/fazer do/no II encontro. Já a segunda parte, estão contribuições, reflexões e sentir/vivenciar dos e das que nos visitaram e, durante uma semana compartilhamos e trocamos saberes e sabores. É a junção dessas duas perspectivas – quilombola e academia que anima e nos ensina que podemos adquirir, trocar e compartilhar saberes, sem a hierarquia que determina o mais e o menos importante. Viva o ato de aprender-ensinar! E, com a possibilidade de ampliar, agrupar e transformar mais mentes, que venha o III Encontro com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores!

³ Paiva, J. C. d. (2017). Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas Porto: i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas.

Vozes da comunidade

PARTE I



Pelas artes, Conceição das Crioulas e universidades se unem contra a hierarquização de saberes

MARIA DIVA DA SILVA RODRIGUES¹

Conforme fomos assumindo as escolas da nossa comunidade e criando estratégias para a implementar uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural e decolonial, tivemos também que aprender a enfrentar diferentes reações da sociedade envolvente. Para esse enfrentamento, foi extremamente necessário compreendermos o que causa a incompreensão e, que conseqüentemente, dar sustentação a desvalorização de pensamentos, de causas e de práticas diferentes.

No que se refere às manifestações contrárias à pedagogia vivenciada na/pela comunidade de Conceição das Crioulas, entre tantas, destacamos: o estranhamento,

¹ Professora quilombola de Conceição das Crioulas, Especialista em Programação de Ensino – UPE e Mestra em Desenvolvimento Sustentável juntos a Povos e Territórios Tradicionais/MESPT - UnB.

por se tratar de um projeto político pedagógico que foge dos padrões eurocêtricos; a rejeição, gerada pelo entendimento de que ações pedagógicas voltadas para a descolonização das mentes significam infrações às leis; e a descredibilidade, por ser uma iniciativa pioneira, criada e efetivada por uma comunidade que historicamente foi vista como incapaz e sem nenhuma perspectiva de prosperidade.

Contudo, em meio a tantas adversidades temos conseguido superar muitos desses desafios. E assim, gradativamente, estamos fazendo ecoar a nossa voz, desconstruindo preconceitos, reconstruindo a nossa história, e, evidenciando a nossa luta e a nossa resistência.

Nesse processo, aprendemos e nos fortalecemos na interação com alguns movimentos sociais, mais especialmente com o movimento quilombola e indígena e os mais velhos e velhas de nossa comunidade que são nossas memórias. Deste modo, progressivamente, o mencionado jeito de entender/fazer/vivenciar a educação escolar quilombola vem sendo por nós aprimorado, conhecido e reconhecido dentro e fora da comunidade.

É importante salientar que, devido a nossa atuação frente a processos políticos visando garantir direitos já conquistados, porém, muitos deles ainda negados e/ou constantemente ameaçados; também, a nossa luta pelo fortalecimento e respeito da cultura quilombola motivaram várias instituições a nos procurar. No entanto, muitas dessas, numa perspectiva de fazer com que os seus saberes (as ciências)

sejam conhecidos/aprendidos por nós. Além do que, passamos a receber com bastante frequência, pesquisadores e pesquisadoras, que, com algumas exceções, suas atitudes demonstraram que tinham como principal objetivo, dar sustentação a suas pesquisas e/ou obter títulos.

Com perspectivas afins, vários profissionais vinculados a diferentes instrumentos de comunicação, começaram a nos visitar, em busca de informações sobre a nossa história, nossas lutas, nossa cultura, nossos conhecimentos herdados dos nossos antepassados e, a partir dessas escrever e/ou divulgar coisas sobre o nosso lugar, sobre o nosso povo, muitas vezes, de forma discordante com a nossa realidade. Enfatizamos que, quando alguém age de tal forma, quando não prejudica, também não dá retornos positivos para a comunidade.

Essas e outras circunstâncias fizeram com que percebêssemos que a permanência da supremacia branca-acadêmica, a época, imposta de forma muito mais potente que nos tempos atuais, foi e ainda é um dos entraves no processo de construção de parcerias, de acordo com o nosso conceito do que é ser parceiro.

As inúmeras experiências vivenciadas na/pela comunidade de Conceição das Crioulas fizeram com que esta passasse a entender e defender diálogos não hierarquizados entre as universidades e as comunidades tradicionais. Isso porque, acreditamos ser possível transformar a ideia de competitividade em princípios de complementaridade recíproca.

Objetivando superar esse grandioso obstáculo, passamos a anunciar em diversos espaços da sociedade, a necessidade e a importância de também sermos escutados. Portanto, com a intenção de alcançar esse objetivo utilizamos diferentes estratégias para demonstrar que a partir da aproximação existente entre as escolas e a comunidade, é possível que questões, saberes e conhecimentos do nosso povo, façam parte de muitas das ações pedagógicas vivenciadas por nossos professores e professoras. E que, é possível também, que em várias situações, o que ensinamos/aprendemos nas escolas sejam transformados em instrumentos para construção de novos conceitos a cerca das trajetórias de lutas históricas do povo negro e em especial do povo quilombola. Bem como, para fortalecer as nossas lutas: as que já são seculares, também as contemporâneas. Sendo isso fundamental para a valorização da sabedoria e da cultura ancestral.

Conforme a funcionária pública, natural de Conceição das Crioulas, Sandra Bezerra afirma num poema de sua autoria intitulado, recitado no encerramento do II encontro com as artes, as lutas, os saberes e os sabores, intitula: *O despertar de um sonho*.

*A comunidade de Conceição
Conta a sua história,
Com a prática e a vivência
Que guardamos na memória².*

² Poema escrito por Sandra Bezerra. Outros serão apresentados ao longo deste texto.

Vale ressaltar, que a intencionalidade de colocar em evidência de forma constante nossas pautas de reivindicações, parte do princípio de que as populações a que me referi acima representam uma parcela significativa da sociedade que, durante séculos foi intencionalmente condicionada à negação de direitos, à invisibilidade e à estereotipia. Informamos também que, a partir das iniciativas as quais tenho me referido antes, muitos conceitos formados sem fundamentos, aos poucos vão sendo desconstruídos e criando condições para renovações das convivências. E que, através da nossa interação com outros grupos da sociedade civil, conseguimos importantes parcerias: algumas brasileiras outras estrangeiras.

É nesse contexto que o grupo Identidades da Faculdade de Belas Artes do Porto/Portugal, se encontra com a nossa comunidade. A partir desse encontro, inicia-se uma caminhada junto a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC. Baseados em princípios da reciprocidade, os dois coletivos citados acima vão se conhecendo cada vez mais, se consolida uma parceria, e, consequentemente se torna possível à realização do I Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

No princípio, as ações desenvolvidas entre a AQCC e o grupo Identidades aconteceram, em parcerias com as escolas quilombolas de Conceição das Crioulas, envolvendo professoras e professores das escolas do nosso território. Depois, com

base em análises do processo, as ações foram realizadas com a participação mais direta de professoras e professores da disciplina de Artes e com a equipe de audiovisual, chamada Crioulas Vídeo. Essas ações eram desenvolvidas através de oficinas, que se materializavam nas salas de aulas, mas também, em outros espaços educativos do nosso território, bem como, nas formações e nos momentos de celebrações e/ou de insurgências do nosso povo.

Com o passar do tempo, os resultados dessas parcerias vão acontecendo. Na caminhada conjunta com a sociedade crioula, o grupo Identidades, vai ampliando a sua compreensão sobre a ideologia da Pedagogia Crioula e como esta acontece na prática. Juntos, os parceiros mencionados acima perceberam a importância de agentes de outros segmentos da organização crioula integrarem-se ao processo.

De acordo com as definições de Nascimento (2017), a pedagogia crioula tem práticas e princípios educacionais próprios e que foram se construindo a partir de uma teoria coletiva. Trata-se de uma proposta fundamentada na história, na luta e nos saberes da comunidade. A pedagogia crioula tem como princípios os sete eixos do Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas do território de Conceição das Crioulas. São eles: Território³,

³ Nosso território é um espaço tradicional com características específicas de um grupo étnico que nele vive, que reafirma a sua identidade, fortalecendo seus costumes, tradições e valores. É um espaço de resistência, de lutas coletivas e de conquistas.

História⁴, Identidade⁵, Organização⁶, Saberes e Conhecimentos Próprios⁷, Gênero⁸ e Interculturalidade⁹.

Segundo Nascimento (2017), esses temas são de grande relevância para a estruturação de uma pedagogia que reúna elementos que venham reforçar a concepção de uma escola pensada para além de ler e escrever.

Frente à positividade dos acontecimentos, surge a ideia da realização de um En-

4 Conceição das Crioulas, uma comunidade quilombola do sertão pernambucano com uma forte consciência política e identitária apoiada na história de luta e resistência, nos saberes dos mais velhos e em valores comunitários. O sentimento de pertencimento a essa comunidade, faz com que os descendentes das seis crioulas lutem corajosamente para defender a herança mais importante deixada por suas ancestrais, o território tradicional. Por isso a História é um eixo importante que norteia todo o fazer pedagógico.

5 O protagonismo de mulheres guerreiras está na alma da nossa identidade. Nossa organização, nossa luta, nossa ancestralidade, nossa história e nossa cultura. Nossa resistência nos embates diários nas lutas por direitos. Nosso jeito de ser e de viver; as nossas especificidades. O forte sentimento de pertença a uma comunidade que há quase três séculos resiste e persiste na defesa do seu projeto de vida.

6 Os valores da partilha, da ajuda mútua e da reciprocidade são elementos presentes no jeito de viver e de se organizar da comunidade. Os mutirões, as rezas, as reuniões, as assembleias, os grupos culturais e religiosos, fazem parte da forma organizativa da comunidade. Discussões e decisões políticas referentes ao território, a educação e outros temas relacionados à vida no quilombo são tomadas em conjunto, por escola e comunidade fortalecendo um princípio importante que é ouvir a voz das lideranças

7 Os saberes das pessoas mais velhas e os conhecimentos construídos em sintonia com a nossa ancestralidade é o que mantém viva a nossa história. Esses saberes são fortalecidos e valorizados tornando-se fundamental para a ressignificação de outros conhecimentos repassados pela escola formal.

contro que possibilitasse outros encontros, reencontros, trocas de experiências, de saberes e de sabores. Que fosse um espaço de aprendizagens com mestres e mestras de saberes ancestrais. Espaços de desconstrução de preconceitos entre: a “atualidade” e o “antigamente”; entre o que é “moderno” e que fomos ensinados que é “ultrapassado”. Espaços capazes de estimular a nossa percepção do quanto somos diferentes e de aprendermos a conviver tendo como base o respeito às diferenças.

Para a nossa alegria, a ideia foi bastante aceita por nossa comunidade, por outras comunidades quilombolas dessa região, bem como, por diversas universidades. Após meses de intensa articulação, no período de 16 a 24 de julho de 2017, aconteceu o referido Encontro. Este foi realizado pela AQCC, juntamente com o Grupo Identidades. Nesse encontro contamos a contribuição/participação de professoras e professores, estudantes, investigadoras e investigadores, oriundos

8 Eixo que discute e reflete sobre as questões de gênero, num processo de desconstrução da violência contra a mulher causada, principalmente pelo machismo. Busca construir novas práticas e atitudes para que sejam garantidos os direitos das mulheres. Nesse eixo também procura-se reafirmar a história das crioulas e dar visibilidade as causas femininas. Também inicia-se um processo de discussão e de respeito a outras identidades de gênero.

9 A interculturalidade é vista como o diálogo de culturas e como uma questão inerente às relações sociais e aos processos educativos, por isso é um ponto de valorização dentro do PPP. Compreendemos que os conhecimentos construídos por outros povos podem e devem fortalecer a nossa história, se tornando instrumento de luta para o nosso povo e de reafirmação da nossa identidade étnica e cultural.

da Universidade do Porto (Portugal), do Instituto Universitário de Artes e Tecnologia (Cabo Verde), de Universidades do Brasil (UECE, UFPE, FACHUSC; IF, URCA, UNILAB, UFPB, UnB, UFRB), da Comunidade Quilombola Águas do Velho Chico-PE e professores, professoras, estudantes e lideranças da nossa Comunidade.

Durante a realização do encontro em foco, aconteceram várias oficinas (de cerâmica, de teatro, de desenhos, de técnicas de impressão, de tecnologias africanas, de web design e vivências em dança); nessa ocasião aconteceram rodas de conversas e palestras. Também houve diversas apresentações culturais, partilhas de saberes e sabores e muita interação.

O evento ao qual me refiro foi uma ótima oportunidade para Márcia Jucilene do Nascimento e eu, professoras quilombolas apresentarmos para a comunidade e demais participantes nossas dissertações de mestrado submetidas ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, para conseguimento de grau de mestras em Desenvolvimento Tradicionais que havíamos concluído em maio do mesmo ano (2017).

A Professora Márcia Jucilene deu à sua dissertação o título: *Por uma Pedagogia Crioula: Memória, Identidade e Resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas – PE*¹⁰. E eu nomeei a minha dissertação: *POLÍTICA DE NUCLEAÇÃO DE ESCOLAS: Uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar quilombola*¹¹.

As narrativas presentes nas dissertações supracitadas são apreciadas pela comunidade presente e também confirmadas através de versos escritos por Sandra Bezerra que nos diz:

*As dissertações das mulheres mestras
Descrevem vários valores
Pois contam a vivência de seu povo
Dessa comunidade e dos sítios arredores.*

*Márcia ao se apresentar
Demonstrou uma grande emoção
Ao contar sua história de vida
Que se modificou com a educação.*

*Diva para escrever o seu texto
Foi a campo pesquisar
Buscando ampliar seus saberes
Para a comunidade ajudar.*

Na mesma oportunidade, Givânia Maria da Silva, professora quilombola de Conceição das Crioulas que recentemente havia sido aprovada para cursar o douto-

10 Nascimento, M. J. d. (2017). *Por uma Pedagogia Crioula: Memória, Identidade e Resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE*. (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável Junto a Povos e Territórios Tradicionais), Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31319/1/2017__M%e3%a1rciaJucilenedo-Nascimento.pdf

11 Rodrigues, M. D. d. S. (2017). *Política de nucleação de escolas: uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar quilombola*. (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável Junto a Povos e Territórios Tradicionais), Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31321/1/2017__MariaDivadaSilva-Rodrigues.pdf

rado, também pela UnB-DF, apresentou a sua proposta de pesquisa, sendo entendida pela comunidade como uma conquista muito importante de cunho pessoal, mas, sobretudo coletiva. Uma vez que, Givânia pretende analisar o processo de organização de mulheres quilombolas na formação, manutenção e defesa dos quilombos, tendo como centralidade a terra/território em suas práticas e a interlocução com as teorias do feminismo negro e decolonial. Sua exposição levou Sandra Bezerra a assim escrever:

*Givânia mulher de várias qualidades
Nessa podemos confiar
Luta pela comunidade
Por direitos vive a lutar.*

Entre tantos aspectos positivos, frutos desse encontro, podemos destacar: o indiscutível reconhecimento dado à Pedagogia Crioula; o fortalecimento da articulação entre a comunidade e as parcerias preexistentes, a aproximação e ampliação no campo das parcerias, os vídeos produzidos através de oficinas com forte participação de jovens e adolescentes estudantes da comunidade. Os vídeos são: Cartão Vermelho para o machismo, Belezas de Conceição das Crioulas, Aventuras em busca das marcas dos pés da Preta e Sítio Paula.

Com base nessa experiência foram escritos vários textos e com eles foi realizada a edição e publicação do livro - *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Lutas, os Saberes e os Sabores da comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*.¹²

Diante do sucesso do I Encontro as Artes, a Lutas, os Saberes e os Sabores da comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, a ideia de realizar o II Encontro fez parte dos encaminhamentos dados naquela ocasião. Este, por sua vez, aconteceu no período de 14 a 20 de julho de 2019, também na nossa Comunidade. Sobre o mesmo, Sandra Bezerra escreveu:

O II Encontro com as Artes e a Lutas
E também com Saberes e Sabores,
Tem mobilizado muita gente
Na construção de outros valores.

O II Encontro foi pensado e organizado para investigadoras e investigadores, professoras e professores, estudantes universitários que entendem a necessidade da descolonização do conhecimento e que estão envolvidos ou que tem interesses em compreender e/ou ingressarem-se na luta contra a discriminação e as desigualdades.

Seguindo a ideologia do I Encontro, o II objetivou possibilitar novas parcerias, aproximar e/ou reaproximar a comunidade aos parceiros e parceiras já existentes e divulgar a causa quilombola, nossas lutas e nossa resistência. Confirmando que os objetivos determinados por quem o idealizou, organizou e realizou foram

12 Paiva, J. C. d. (2017). Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas Porto: i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas.

alcançados Sandra Bezerra enfatiza que:

*O encontro possibilitou
Várias formas de parcerias
Tivemos a chance de conhecer
Tantos Josés e Marias*

O II Encontro também teve como objetivo expressar as vozes da comunidade. Nessa perspectiva, houve uma sessão intitulada: A Voz da Comunidade, onde foram reapresentadas as pesquisas das professoras: Márcia Jucilene do Nascimento e (Eu) Maria Diva. E mais, a líder guerreira, quilombola, Maria Aparecida Mendes apresentou a sua dissertação de mestrado, intitulada: Marias Crioulas: Emancipação e Alianças entre mulheres no enfrentamento à violência doméstica em comunidades Tradicionais¹³. Ela, Aparecida Mendes, buscou e obteve os dados necessários para atingir os objetos aos quais se propôs durante o processo seletivo contando com a participação direta de mulheres da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

A dissertação de Cida Mendes foi submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, conseguindo por meio deste grau de mestra em Desenvolvimento Sustentável

13 Mendes, M. A. (2019). Marias Crioulas: Emancipação e Alianças entre mulheres no enfrentamento à violência doméstica em comunidades Tradicionais. (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e Terras Tradicionais), Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37900/1/2019__MariasAparecidaMendes.pdf

junto aos Povos e Territórios Tradicionais em julho de 2019. Cida Mendes, através da sua pesquisa, dá importante contribuição para o enfrentamento do crescente histórico de violência doméstica e de machismo vivido pelas mulheres na sociedade em geral, mas, sobretudo pelas mulheres negras e pobres. Vale destacar que, Cida Mendes foi muito bem sucedida no mestrado, superando todas as metas por ela mesma pré-estabelecidas. Sobre a apresentação de Cida Mendes, Sandra Bezerra escreveu:

*Cida Mendes na sua dissertação fala
De conhecimentos e saberes guardados
Para isso ela procurou integrantes
E realizou o trabalho desejado.*

Durante II Encontro, Eduardo Fernandes de Araújo, doutorando que pesquisou para o mestrado em Ciências Jurídicas na Universidade Federal da Paraíba, na comunidade de Conceição das Crioulas, e defendeu em 2008, a dissertação cujo título é - Agostinha Cabocla¹⁴: por três léguas em quadra - a temática quilombola

14 Agostinha Cabocla foi uma mulher além do seu tempo. Nascida no primeiro ano do século XX ultrapassou as ordens do seu tempo lutando e defendendo o nosso bem mais valioso: o território. Foi uma das poucas mulheres da sua época a enfrentar os fazendeiros. Atuou num tempo em que estávamos em outro estágio da luta pela terra, no qual os invasores já haviam tomado às áreas melhores, as mais produtivas, portanto um período de muita tensão, e para desafiá-los era preciso muita coragem e determinação. Era também artesã da palha de catolé, agricultora e guardiã do documento da terra, o qual guardava em lugares inimagináveis por muitos, inclusive em cabaça.

na perspectiva global-local¹⁵, falou sobre o seu projeto de pesquisa em andamento pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – CES, em Portugal, sobre o tema: Memórias coletivas, mulheres quilombolas e a mobilização dos direitos humanos no Brasil. Na oportunidade, outros pesquisadores e pesquisadoras também apresentaram resultados de pesquisas cujos temas são relacionados às nossas lutas. Em seguida houve uma Roda de Conversa sobre as temáticas apresentadas. Sobre a apresentação de Eduardo Sandra Bezerra assinalou:

*A apresentação do trabalho de Eduardo
Foi de jeito dinâmico e engraçado
Pois contou a história de um povo
Com a sabedoria dos antepassados.*

No II Encontro aconteceram ainda, oficinas de cerâmica e de caroá; apresentações de trabalhos realizados nas escolas, planejados e conduzidos por pessoas da própria comunidade em parcerias com estudantes e/ou profissionais de oriundos das universidades participantes do evento; apresentações de atividades e ações realizadas pelas escolas do território e pelas Comissões da AQCC; visitas ao território; e, partilhas de sabores e saberes oferecidos por nossa comunidade e por

15 Araújo, E. F. (2008). Agostinha Cabocla: por três léguas em quadra – a temática quilombola na perspectiva global-local. (Mestrado em Ciências Jurídicas), Universidade Federal da Paraíba, Paraíba.

outros participantes dos diversos lugares presentes. As atividades e experiências que foram vivenciadas e/ou apresentadas objetivaram divulgar ações de fortalecimento da nossa identidade e dar maior visibilidade ao nosso jeito de fazer educação escolar quilombola, denominado e conceituado por nós como: Pedagogia Crioula. Sobre as oficinas Sandra Bezerra e eu escrevemos:

*Mestres e mestras da cerâmica
Com bastante desenvoltura
Conduziram as oficinas
Fizeram peças, símbolos da nossa cultura¹⁶.*

*Com a fibra do caroá
É demonstrado habilidades
Com ela Artes e culturas
Apresentam a comunidade¹⁷*

Além das instituições que organizaram e realizaram o II Encontro, participaram deste: a Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Brasil – CONAQ, a Universidade Regional do Cariri – URCA, Ceará, a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Brasil, a Universidade de Brasília – UNB, a Universidade do Porto – UP, Portugal, a Universidade de Colônia, Alemanha, o Instituto Federal do Ceará – IF Ceará, NZINGA - Novos Ziriguiduns (Inter)

16 Escrito por Sandra Bezerra.

17 Escrito por mim, Diva Crioula.

Nacionais Gerados nas Artes – Universidade Regional do Cariri, a Universidade Federal da Paraíba-UFPB, a Universidade estadual do Ceará – UECE, Estudantes do Curso de Artes Visuais da UFPE, a Faculdade de Saúde da Universidade Estadual de Pernambuco – UPE, o Coletivo Paulo Freire de Educação Popular, Lutar e Transformar – UECE, o NEABI – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas de UFPB, NEAB – o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UnB, o Levante - Movimento Popular da Juventude, a ATRAC. Associação de Travestis e Transexuais do Estado do Ceará.

O II Encontro também foi muito sucedido – um verdadeiro encontro. O número de participantes, se comparado ao I aumentou consideravelmente. Os destaques dados a algumas partes das pautas vivenciadas na ocasião objetivam demonstrar que estamos no caminho certo quando acreditamos e defendemos possibilidades de se construir convivências respeitadas entre os saberes acadêmicos e os saberes quilombolas.

Para ilustrar essa afirmação apresento uma carta da Professora de Artes Visuais Colégio de Aplicação/UFPE, Ane Beatriz Reis, aprovada para o Mestrado em Artes Visuais UFPE/UFPB, em dezembro/2019, com o tema As figuras femininas da Cultura Visuais Africana e Afro-Brasileira - Mulheres que contam histórias na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

*Cara AQCC,
Agradeço pelos encontros, afetos, descobertas e histórias que vivenciei no último Encontro realizado na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, em julho/2019. Sai maravilhada e com várias ideias e reflexões que modificaram meu olhar para as pesquisas em Artes Visuais e também minha prática docente.*

Dessa vivência escrevi o meu projeto de pesquisa para o Mestrado em Artes Visuais UFPE/UFPB, aprovado em dezembro/2019, “As figuras femininas da Cultura Visuais africana e afro-brasileira - Mulheres que contam histórias na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas” com início para março/2020. Desde já solicito a sua permissão e parceria para iniciarmos com a comunidade, os/as professores(as) de Artes Visuais e estudantes, novos encontros, afetos, descobertas, escuta e trocas de histórias que com certeza contribuirão para as pesquisas acadêmicas, práticas docentes em Artes Visuais e também, assim espero, com a Comunidade.

*Atenciosamente,
Ane Beatriz Reis*

PROFESSORA DE ARTES VISUAIS COLÉGIO DE APLICAÇÃO/UFPE

Referências

- ARAÚJO, E. F. (2008). Agostinha Cabocla: por três léguas em quadra – a temática quilombola na perspectiva global-local. (Mestrado em Ciências Jurídicas), Universidade Federal da Paraíba, Paraíba.
- MENDES, M. A. (2019). Marias Crioulas: Emancipação e Alianças entre mulheres no enfrentamento à violência doméstica em comunidades Tradicionais. (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e Terras Tradicionais), Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37900/1/2019__MariaAparecidaMendes.pdf
- NASCIMENTO, M. J. d. (2017). Por uma Pedagogia Crioula: Memória, Identidade e Resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE. (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável Junto a Povos e Territórios Tradicionais), Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31319/1/2017__M%20c3%a1rciaJucilenedoNascimento.pdf
- RODRIGES, M. D. d. S. (2017). Política denucleação de escolas: uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar quilombola. (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável Junto a Povos e Terras Tradicionais), Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31321/1/2017__MariaDivadaSilvaRodrigues.pdf



História de Vida: A Resistência do Caroá

CIRLENE MARIA DE SOUZA¹

É com muito orgulho, o coração cheio de emoção e alegria que vou contar um pouco sobre minha inspiração pela arte, de maneira que me motiva todos os dias em dar continuidade a esse bellissimo trabalho feito pelas mãos talentosas dos meus ancestrais. O mais interessante é a maneira como essa cultura era transmitida para os mais novos.

Lembro-me bem das tantas vezes em noite de lua clara ou na luz do candeeiro, minha família se juntava para desenvolver a produção de vassoura feita da palha de catolé. Momentos esses bastante ricos em aprendizado, pois meu avô contava várias histórias para deixar aquele trabalho um tanto animado. Assim seguíamos todos os dias naquela atividade, porque era uma das formas de manutenção da família.

Por outro lado minha vó Júlia ou “mãe Júlia” como os filhos (as), netos (as) e os meninos da rebeira costumava o chamar também tinha o dom de fazer arte para o sustento de toda sua família. Ela foi uma importante artesã na arte com a fibra do

¹ Artesã jovem da comunidade, neta de D. Júlia, umas das grandes mestras da arte do caroá.



Da esquerda para à direita, netas de D. Júlia, Celiane, Claudineide e Cirlene; bisneta, Emanoelly; bisneto, Nathan, e ao centro João Alfredo, pai das artesãs.

caroá, mulher marcante na história cultural da comunidade. Sempre quando chegávamos lá, ela estava sentada à frente do seu tear artesanal, fazendo o borná ou preparando o material para produzir o mesmo que é um processo muito difícil e lento de se fazer, pois tinha o compromisso de entregar as encomendas no dia marcado. Naquela época eram vendidos as próprias pessoas da comunidade. Esses bornais serviam de utensílios para dar comida aos animais e também colocar as ferramentas de trabalho e mantimentos dos agricultores levar para roça. Eu via minha vó como uma mulher simples, guerreira, batalhadora e símbolo de muita resistência. Sempre ajudava e acolhia seu povo, uma vez que compartilhava o pouco que tinha com todos ao seu redor.

Assim, fui vendo e fazendo na prática junto com meus avós que eu aprendi a importância de valorizar o conhecimento passado de geração para geração. Foi dessa maneira que ela conseguiu transmitir esse saber tradicional para suas filhas Francisca Júlia (mestra na arte do caroá) e Joana. Hoje, suas netas são im-

portantes artesãs da comunidade. Digo isso porque, em outro momento com a contribuição de parcerias como: UFPE, imaginário-PE tivemos a oportunidade de participar de oficinas de aperfeiçoamento das peças existente feitas de caroá e da criação de novos produtos feitos com a mesma matéria prima que é produzido o borná. Então foi aí que surgiram as bonecas de caroá que são em homenagens a onze mulheres que fizeram e fazem histórias em nossa comunidade entre elas mãe Júlia. Pois meu envolvimento direto com o artesanato foi com a criação de bonecas de caroá, e terminou que todas as minhas irmãs também aprenderam comigo a fazer as bonecas.

Por conta da importância que as bonecas têm para nossa comunidade, nós do grupo que fazemos as bonecas passamos a realizar oficinas nas escolas com os estudantes e também com os jovens da comunidade. Foi com esses trabalhos e participação em grandes feiras a exemplo da FENEART que as bonecas ficaram conhecidas nacionalmente e internacionalmente. Então mesmo acostumada em dar oficinas, no II Encontro com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores de Conceição das Crioulas tivemos o prazer de acolher pessoas de vários lugares

do país, e mostrar nossa cultura através de oficinas. Levamos os participantes da oficina de bonecas para verem na prática todo o processo que fazemos para produzi-las começando pela retirada do caroá, tirar os espinhos, puxar a fibra, bater e tingir. Por fim o material estava pronto e fomos fazer a boneca. Pensei que os participantes teriam mais dificuldades, mas não, pegaram a técnica muito rápido cada um fez a boneca Valdeci. Acredito que gostaram pelo o envolvimento e participação no decorrer da oficina.

Assim sendo, uma troca de saberes e sabores entre os participantes. Transmitir esses conhecimentos foi importante, porque nos proporcionou mostrar o nosso jeito de fazer algo aprendido com nossos ancestrais que está vivo até hoje em nossas memórias. Poder contar isso para outras pessoas e ver nos olhos delas o encantamento e o interesse em ouvir a nossa história de luta e resistência foi incrível.

Por fim, fiquei muito feliz em poder está contribuindo com no II Encontro com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores de Conceição das Crioulas bastante importante para a comunidade, pois sempre fiz parte desse legado muito valioso que pertence ao meu povo quilombola.



D. Júlia, mestra na arte do caroá



Cirlene e Celiane, artesãs do caroá, netas de D. Júlia.
Foto: Jaque Rodrigues.

O Encontro, os saberes e os sabores

VALDECI MARIA DA SILVA OLIVEIRA¹

O II Encontro das Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas foi para nós da comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas mais um grande momento de aprendizagens e de fortalecimento da nossa história e das nossas lutas. Também serviu para consolidar parcerias que a comunidade tem com o organizações, instituições, pessoas individuais e outras comunidades quilombolas no Brasil e também com o IDENTIDADES, coletivo ligado a Faculdade de Belas Artes do Porto/Portugal e com outros países como foi o caso da Alemanha.

Esse encontro é muito importante pela visibilidade que ele dá as nossas lutas e pela oportunidade de troca de saberes, objetivo principal do encontro, como foi com o mestre de cerâmica Valdik de Tra-cunhaém, cidade localizada no estado de Pernambuco/Brasil na construção do forno.

¹ Artesã da comunidade trabalha com barro e algodão. É liderança com atuação em várias áreas, principalmente em assuntos relacionados às questões artesanais e de violência contra a mulher.

foi uma das etapas de preparação para a realização da oficina de cerâmica durante o encontro. Tivemos ainda o privilégio de contar com os ensinamentos dos mestres Lima e Xana, ambos ceramistas de Portugal, na confecção de novas peças e novas técnicas junto com outras pessoas da comunidade, como madrinha Lourdes e tantas outras.

É sempre muito bom ver o envolvimento das escolas que vêm dando continuidade e passando os saberes dos nossos antepassados como um instrumento de resistência e como fonte de renda para as nossas futuras gerações. É gratificante ver a ansiedade dos estudantes. Muitos deles com a mão na massa fazendo suas descobertas nas artes com muita alegria e satisfeitos em mostrar sua cultura para tantas pessoas.

O encontro vem trazendo para nós muitas ideias nas artes dos saberes com o barro, e a fibra de algodão, mas também em todas as outras áreas. As oficinas que aconteceram durante o encontro aqui tiveram uma grande importância, porque além de outras coisas, pudemos mostrar para os visitantes como aprendemos e fazemos nossa arte.

A arte no mundo das nossas trocas de sabores traz para nosso convívio uma grande dimensão histórica, cultural e de resistência para a juventude. Olhando o que cada participante do encontro trouxe de sua arte culinária tradicional, é uma riqueza alimentar que só tem ampliado os nossos conhecimentos.



Utensílio produzido a partir de nova técnica. Foto Flávia Lira, arquivo da AQCC.

O Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores, para mim é sempre muito importante, porque me identifico muito com artes dos saberes e dos sabores. Trazer nossa cultura nas panelas de barro e seus utensílios vem cada vez reforçando o que penso sobre a culinária tradicional. Valorizar nossa arte com novos pratos com o que temos de melhor e também aumentar nossa renda no artesanato é questão fundamental. Por isso, a realização desse encontro com tantas pessoas que fazem esse momento acontecer, só temos a agradecer e convidar para o próximo.



Mestre Valdik, primeiro à direita, na construção do forno. Foto Flávia Lira, arquivo da AQCC.



Estudantes nas oficinas com o barro.



Reencontro com os saberes ancestrais dos meus antepassados

MARIA APARECIDA MENDES¹

Nesse pequeno ensaio, pretendo expressar um pouco dos meus sentimentos em relação ao II Encontro Com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores de Conceição das Crioulas no período de 14 a 20 de julho de 2019.

Historicamente, as comunidades tradicionais foram utilizadas pelas instituições de ensino superior como objeto de pesquisa, onde se coleta a matéria prima para transformar em conhecimento científico. Tal iniciativa não deixava nem um tipo de retorno às comunidades, nem como devolutiva da pesquisa e muito menos como incentivar à população local a ingressar na academia. Na maioria dos casos somos tratados literalmente como peças a serem estudadas por alguém que nos descobriu, estabelece uma aproximação se torna amigo ou amiga

¹ Quilombola de Conceição das Crioulas – Salgueiro-PE. Ativista da CONAQ desde 2001. Bacharela em Serviço Social pela Universidade de Guarulhos-SP. Mestra em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais - MESPT-UnB

temporário(a) das pessoas que serão es-
cutadas, depois de concluir as pesquisas,
desconsideram completamente os sabe-
res tradicionais e nunca mais aparecem.
Felizmente tal comportamento começa a
provocar inquietude nas lideranças das
comunidades pesquisadas.

Os questionamentos das comunidades
a este comportamento das universidades
estimulou a autocritica em alguns intelec-
tuais conforme aponta Almeida (2010),
da educação, que mesmo tendo a comissão
de ética da instituição para resguardá-lo
através do termo de consentimento livre e
esclarecido assinado pelas pessoas entre-
vistadas na comunidade, começam repen-
sar as relações com essas comunidades.

Apesar dessas afirmações em relação às
universidades e as comunidades tradicio-
nais serem verdadeiras, algumas experiên-
cias de parcerias entre o Quilombo de Con-
ceição das Crioulas e alguns pesquisadores
mostram que muito embora os saberes tra-
dicionais existam independentemente da
academia, é possível que os conhecimentos
quilombolas e os conhecimentos da acadê-
mica se complementarem sem que um seja
considerado inferior ou superior ao outro.



Produtos artesanais de Conceição das Crioulas. Arquivo-Maria Aparecida Mendes.

A pesquisa para a conclusão do curso de designer dos Estudantes: Ticiano Arraes e Josivam Rodrigues gerou uma parceria através do imaginário Pernambucano, departamento de cultura da Universidade Federal de Pernambuco- UPE, que dura de 2001 até os dias atuais. Esta aliança contribuiu para fortalecer, valorizar, divulgar e comercializar a produção artesanal desenvolvida principalmente pelas mulheres. Além das peças artesanais que já existiam, vários outros tipos foram criados. Entre elas destacam-se as bonecas personalizadas em homenagem às mulheres de Conceição das Crioulas.

As pesquisas realizadas pelos estudantes de direito Eduardo Fernandes Araújo e Gustavo Magnata resultou em uma parceria que se ocupou de contribuir para a formação política em legislação quilombola, orientações jurídicas em diversos casos a exemplo das intervenções na elaboração de editais de concurso público para as comunidades quilombolas do município de Salgueiro. O estabelecimento dessa parceria foi tão importante a ponto de se ampliar até a Coordenação de Articulação Nacional das Comunidades Negras Rurais quilombolas - CONAQ.

A composição no grupo Identidades se inicia a partir das pesquisas coordenadas pelo professor José de Paiva da Universidade de Belas Artes do Porto em Conceição das Crioulas. Os diálogos e os acordos estabelecidos serviram de alicerce para a parceria que dura até os dias atuais. Como fruto dessas trocas de saberes, destacam-se o Crioulas Vídeo que se constitui

em um grupo dedicado a registrar e divulgar a história e as lutas, como também produzir material de apoio pedagógico para as escolas do território, através do audiovisual e de apresentações em exposições e eventos.

As ações do Crioulas Vídeo, conforme aponta Jocicleide Oliveira (2017) vão na contramão da grande mídia que geralmente ao entrar nas comunidades quilombolas, não se importam com as consequências das informações muitas vezes distorcidas sobre essas comunidades. Esse tipo de comunicação por vezes fomentam conflitos que devem ser evitados. As exposições fotográficas e de vídeos, por parte da Juventude quilombola de Conceição das Crioulas, nos dá a certeza que apesar das tecnologias digitais representarem um risco a manutenção das nossas tradições é possível utilizá-las como instrumento em favor da nossa luta.

Outros resultados são visíveis também na educação, principalmente no que se refere às produções artísticas valorizando a cultura local. “O Encontro com as Artes a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas” com a forte atuação da Comissão de Educação da AQCC, conforme descrição de Márcia Nascimento (2017) sobre a organização do evento é um exemplo concreto da possibilidade de interação entre a academia e as comunidades quilombolas.

Segundo informações extraídas do livro Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Criou-

las (Paiva, 2017), do I Encontro, que ocorreu no período de 16 a 24 de julho de 2017, se fizeram presentes, professores, professoras, pesquisadores e estudantes de várias universidades, entre elas: a Universidade do Porto-Portugal, Instituto Universitário de Cabo Verde, Instituições de Ensino Superior do Brasil: Universidade de Brasília-UnB, Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central – FACHUSC, URCA, UNILAB, Universidade Federal da Paraíba-UFPB e de outras instituições.

A comunidade é anfitriã e através da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas-AQCC e das escolas locais, trazem a história de luta que se evidencia nas diversas atividades realizadas, tanto pelas equipes das escolas, quanto pelas comissões temáticas da AQCC. Nesse contexto, os intelectuais quilombolas que não tiveram oportunidade de estudar, mas aprenderam com os antepassados a lançar mão da oralidade como potente ferramenta para a manutenção dos saberes, têm relevante participação nas atividades durante todo o Encontro, desde o acolhimento aos visitantes, doação de alimentos e participação nas atividades/palestras. A participação ativa da juventude Crioula e de outros territórios tradicionais também é marcante em todas as atividades.

No período de 14 a 20 de julho de 2019, tive a honra de participar do II Encontro com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Para mim foi uma semana de muitas emoções. Dois motivos

são destaques para tantas alegrias: a oportunidade de voltar para o aconchego dos meus familiares, parentes e amigos que apesar de muito amar, precisei me afastar por tempo; e a alegria de rever companheiras e companheiros de luta que há anos não nos encontrávamos, principalmente porque ali era chegado o momento de concluir um ciclo importante na minha vida.



Encontrando com as “minhas”. Arquivo - Maria Aparecida Mendes

Era a hora de junto com minha orientadora, Cristiane Portela compartilhar o resultado final da pesquisa de mestrado com as mulheres que aceitaram o desafio de junto comigo formar a equipe de pesquisa e com as mulheres que mesmo sabendo da complexidade do meu tema de pesquisa, se dispuseram a revelar as dores provocadas pela violência, silenciadas no interior dos seus sentimentos por tanto tempo.

Ocasão em que um grande número de pessoas do quilombo de Conceição das Crioulas, de outros quilombos da região e parceiros oriundos de várias universidades se faziam presentes. Foi um momento oportuno para refletir com todos e todas as pessoas presentes. Inclusive com muitos ho-

mens que precisam repensar suas atitudes em relação aos comportamentos machistas, agressivos que provocam feridas profundas nas mulheres e danos irreversíveis a toda família, e no caso das comunidades quilombolas podem provocar o desequilíbrio na luta em defesa de toda a comunidade. Trazer o posicionamento em relação ao enfrentamento à violência cometida às mulheres em âmbito doméstico e nos espaços públicos foi a parte fundamental da minha devolutiva referente à pesquisa.

O meu sentimento é de profunda gratidão a todas e todos que mesmo diante de muitas dificuldades me estenderam a mão e não me deixaram desistir, caminharam comigo nesta jornada até a conclusão dessa etapa.

Com o conteúdo da dissertação, espero contribuir para fortalecer as iniciativas adotadas pelas mulheres no enfrentamento à violência. Espero também contribuir para que os governantes repensem as formas de abordagem às situações de violência contra as mulheres e, principalmente que este material seja utilizado como subsídio para a promoção de processos educacionais que contribuam para a mudança de atitudes dos homens agressores e para que as crianças de hoje se tornem os adultos de amanhã, contrários às injustiças.

Sobre o Encontro, sabemos da dificuldade para realizar uma atividade dessa magnitude, entretanto, pelo o tamanho e a importância, é fundamental que iniciativas como essa tenham continuidade. Ação como essa inspira outras comunidades nos processos de formação políticas e interfere positivamente na conduta de quem dela participa.

Referências

- ALMEIDA, M. d. C. (2010). *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- NASCIMENTO, M. J. d. (2017). O Encontro, a parceria, as alegrias, os saberes, os sabores e os fazeres. In. (org) PAIVA, José de Carlos de. *Partilhas de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores em Conceição das Crioulas*. In J. C. d. Paiva (Ed.), *Partilhas de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*. Conceição das Crioulas, Brasil e Porto, Portugal: AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas e i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade.
- OLIVEIRA, J. V. d. (2017). Compartilhando Oportunidade. In J. C. d. Paiva (Ed.), *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*. Conceição das Crioulas, Brasil e Porto, Portugal: AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas e i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade.
- PAIVA, J. C. d. (2017). *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas* Porto: i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas.

Mãos que contam histórias

FÁBIA DE OLIVEIRA¹

O II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas teve como homenageada a mestra Chiquinha, que é uma das artesãs do caroá. Ela que com suas mãos talentosas faz a fibra do caroá se transformar em lindas bonecas que contam a história de mulheres da nossa comunidade. Chiquinha é uma importante influenciadora para a comunidade quilombola. Ela é um exemplo a seguir, é também uma inspiração para nós, juventude da comunidade. É tão bom saber que em nosso quilombo tem uma pessoa que serve de incentivo para cada um de nós e que está sempre disponível para ensinar a juventude a fazer as bonecas. Durante os dias de encontro vivemos muitos momentos gratificantes. Consegui observar no olhar de cada visitante a satisfação e o prazer de estar vivenciando este momento com a gente.

Em um dos dias do encontro, especificamente no dia 16 de Julho, aconteceu na Casa da Comunidade Francisca Ferreira, uma oficina de caroá com as oficinas Cirlene, Celiane, Evânia e a mestra Chiquinha.

¹ Estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central-Fachusc, estagiária na Biblioteca Afroindígena de Conceição das Crioulas.



Extração do caroá. Foto: Jaque Rodrigues.

No primeiro momento começaram falando um pouco sobre quem são as mulheres homenageadas através das bonecas. Contaram um pouco porquê de essas mulheres serem bonecas e em seguida as mesmas exibiram um vídeo sobre elas. Após o vídeo, Cirlene contou um pouco da paixão que tem pelo artesanato e falou também de como surgiu o desejo de participar de oficinas para criar novos produtos com o caroá, porque na época só existia o bernal. Ao falar das pessoas que lhe ensinaram as técnicas usadas para fazer a boneca que hoje coloca em prática, se emociona muito, pois estas pessoas foram peças fundamentais em sua vida. Passado esse momento, fomos até a caatinga para ver como era feito todo o processo da constru-

ção da boneca. O primeiro passo foi observar a mestra Chiquinha colhendo o caroá. O segundo passo foi na casa da mestra onde ela nos mostrou como se retira os espinhos do caroá para se obter a fibra. Em seguida bateu a fibra para amaciar, e fez o tingimento. Depois de feito todo esse processo, fomos visitar alguns pontos históricos da comunidade. Fomos até a Pedra da Mão e o Caldeirão dos Ossos.

Esse dia foi mais do que uma simples tirada de caroá, foi também uma grande aventura. O dia 17 foi a vez das mestras do caroá ensinarem o passo a passo de como fazer a boneca. Com a paciência que elas tiveram para ensinar e também com o desempenho dos participantes, a oficina levou apenas dois dias para finalizar. Vimos o quanto todos estavam ansiosos para a construção da sua própria boneca. Isso nos mostra o quanto é importante transmitir para essas pessoas o que a história de Conceição das Crioulas representa.

Essa oficina foi muito gratificante, porque os visitantes levaram consigo através das bonecas um pouco da história da Comunidade, além de ter sido o dia em que as pessoas aprenderam a fazer um dos símbolos de grande importância para a comunidade, era também o dia em que comemorávamos os 19 anos da AQCC - Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, motivo pelo qual o encontro é realizado.

No penúltimo dia do encontro aconteceu a socialização das oficinas ocorridas durante o evento, momento que foi mostrado o resultado das produções. Nessa ocasião, as mestras fizeram um breve

relato sobre o que foram aqueles dias de oficinas. *Foi maravilhoso e gratificante ter participado de uma oficina enquanto oficina e a oportunidade de repassar para outras pessoas o que sei fazer de melhor*, relata uma delas. Teve ainda o relato de uma das alunas que estava na oficina, que disse ter ficado impressionada quando viu o quanto é trabalhoso colher o caroá na caatinga, tirar a fibra e tudo mais.

Saber as histórias de cada mulher homenageada foi levando a gente para um envolvimento afetivo com o produto final. Dei de presente algumas das bonecas e contei o quanto era forte e fascinante cada mulher dessa comunidade, ressaltou outra participante.

Nesse encontro aconteceram também outras oficinas. No Centro de Produção Artesanal que fica na Casa da Comunidade, aconteceu a oficina de barro, na qual asicineiras/mestras da comunidade Lourdinha e Valdeci ensinaram o passo a passo de como se fazer os objetos com o barro. Como um simples barro pode se tornar transformar em coisas tão lindas! Ficamos sem acreditar. Copos, panelas, animais, tudo pode se fazer com o barro. Asicineiras têm um jeito especial em fazer esses objetos que fica tudo perfeito. E não foi só isso, teve ainda oficina de fotografia. Em vários pontos da Comunidade aconteceram oficinas e no final a gente pode ver o resultado. Teve também oficina de vídeo, exposições de fotos e objetos antigos nas escolas. Cada escola organizou experiências, projetos, atividades para mostrar aos visitantes. Tiveram conosco pessoas de lugares, culturas, esti-

los e línguas diferentes da nossa. Por isso, conseguimos aprender coisas diferentes e também transmitir algo do que sabemos.

É difícil não se emocionar com a nossa própria história, e não perceber a luta diária das pessoas que estão à frente da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas-AQCC. Este segundo encontro

veio somar e multiplicar mais conhecimentos para todos os participantes. Foi tão bom que palavras são insuficientes para descrever os meus aprendizados. Aproveitei cada dia, hora, minuto e segundos para aprender e também transmitir o que queria falar naquele momento.



A artesã Cirlene e participantes na Oficina de bonecas. Foto: Jaque Rodrigues.

Olhares e memórias do encontro a partir da visão de estudantes

MÁRCIA NASCIMENTO¹

Resumo

Este texto tem a intenção de apresentar o olhar de estudantes do Quilombo de Conceição das Crioulas sobre o que viram, ouviram e sentiram durante o momento em que visitaram oficinas e exposições do II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, que aconteceu no período de 14 a 20 de julho do ano de 2019.

Introdução

Beleza é um conceito que depende do ponto de vista de quem a ver, ouve, sente e partilha. Mas depende também do lugar onde estamos, a história que contamos, do chão onde pisamos. Por isso, a visão dos que

veem e apreciam algo não é a mesma das pessoas que somente a sentem, ou a ouvem; das que estão “dentro” das que estão “fora”. Suas posições tendem a se diferenciar. Nossas experiências pessoais e também coletivas fazem com que pensemos diferentes, por mais que se assemelhem. É como diz Leonardo Boff: “todo ponto de vista é a vista de um ponto” (1998, p. 9).

Assim, para quem habita ensina/aprende no Quilombo de Conceição das Crioulas e convive/vive no cotidiano das escolas que vivenciam uma prática pedagógica específica e diferenciada, que foi por nós intitulada de Pedagogia Crioula, olhar o que acontece no seu interior, certamente terá uma visão bem particular, ou seja, a partir de onde os pés pisam e de onde os olhos veem. Portanto, é aceitável que pessoas que não estão nesse contexto, apresentem visões opostas, “porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita” (Boff, 1998, p. 9).

O “encontro” revela sentimentos e visões que muitas vezes se encontram, se misturam, se completam. Certamente, falar do encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores suscitarão emoções diferentes, diversas, intensas e autênticas. E apresentarão pontos de vistas de pessoas que vivenciam um fazer/viver pedagógico, que legitima saberes e histórias reais de vidas distintas e distantes, mas que ao mesmo tempo estão próximas e semelhantes.

O texto é composto por vários depoimentos de estudantes que ao visitarem as atividades realizadas no encontro, relataram seus sentimentos, suas visões.

¹ Educadora e liderança do Quilombo de Conceição das Crioulas, Salgueiro-PE; integrante das comissões de Educação e de Comunicação da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas-AQCC; mestra em Desenvolvimento Sustentável pela UnB – Universidade de Brasília.

O Encontro, as pessoas

“A verdadeira liberdade de um povo é poder contar a sua própria história”. (autor desconhecido)

Conceição das Crioulas tem uma história de luta e muitas conquistas e está mais uma vez realizando o Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores, dando espaço para todos da comunidade participar. O quilombo de Conceição está de braços abertos para todos que desejam visitá-lo.
GEOVANA BEATRIZ

O segundo Encontro com as Artes... é uma atividade que está sendo realizada na nossa comunidade, e que veio muitas pessoas de fora. Por exemplo, veio pessoas do Recife, do estado do Ceará, da Paraíba, de Portugal e algumas pessoas da Alemanha. Essas pessoas vieram para esse encontro no intuito de trocar conhecimentos com o povo da nossa comunidade. As pessoas de fora vêm com suas tradições, danças e cultura; e as da comunidade vão passar um pouco do nosso viver também para eles. Vão mostrar um pouco da luta por direitos que está presente no nosso território quilombola. Será o dia todo com várias palestras com conhecimentos artísticos e sobre a história quilombola e a luta do povo dessa comunidade.

RAYNARA KELLY

Nessa terça feira em Conceição das Crioulas, observamos várias pessoas de outros lugares. Participamos de um mo-

mento importante na comunidade, com o intuito de colher conhecimentos das artes.
RAISSA PEREIRA E BÁRBARA INGRID

A comunidade de Conceição das Crioulas está vivenciando o segundo encontro com as artes, em que pessoas de outros lugares, estados e países vieram para trocar conhecimentos dos saberes e sabores da comunidade Conceição Crioulas, com as pessoas da comunidade, quer dizer, para aprender um pouco da cultura do povo quilombola, suas histórias, conquistas, e repassar os seus conhecimentos.

ANDREY GABRIEL DOS SANTOS E DANIEL LADISLAU

Este foi um dia inesquecível para mim, pois conheci várias pessoas diferentes, de outros países. O tempo que passamos em cada oficina foi pouco, mas me passou conhecimentos que eu não sabia. Aprendi a respeitar o diferente, conheci novas linguagens, e até mesmo visuais diferentes dos nossos.
JULIANA GEDALVA DA SILVA

O encontro reúne várias pessoas de outros estados e de outros países. Tem também a participação de homossexuais, transexuais e bissexuais, o que torna um ambiente bem diverso com muitas aprendizagens. As escolas municipais e a estadual organizaram vários tipos de artes nos espaços pedagógicos. Os alunos da José Mendes organizaram e prepararam o barro, criando bonecos, animais, vasilhas, etc. para a exposição; já os estudantes da José Nêu e professoras, organizaram atividades interativas, pro-

pondo assuntos do dia a dia. A Rosa Doralina junto com os estudantes apresentaram imagens e projetos de estudantes que já fizeram e fazem parte da escola.

Esse projeto é importante, pois agrupa várias representações, para um bem maior, a fim de mostrar que as culturas são artes que juntam as pessoas, que indicam que podemos aprender algo novo, e aquilo será aprendido para a vida toda. A junção de várias pessoas de várias etnias, de várias identidades foi algo incrível, foi uma experiência nova e única.

O encontro com as artes tem como objetivo conhecer melhor as artes que tem na nossa comunidade como o barro, o caroá e ser mais valorizada. São artes de muita importância para a comunidade de Conceição das Crioulas. Esse encontro mostra a luta e os saberes das pessoas da localidade. O quilombo de Conceição das Crioulas é um lugar de pessoas que têm muitos talentos, pessoas muito inteligentes, que lutam, que não desistem com facilidade. O encontro com as artes... é uma das coisas que tem muita importância para nós da comunidade.

MARIA PATROCÍNIO BARROS DA SILVA

Esse encontro é de extrema importância para a comunidade de Conceição das Crioulas, pois enriquece cada vez mais a cultura e a história desse povo. Nele a comunidade pode receber pessoas de países diferentes, de culturas e costumes

diferentes, com o intuito de trocar conhecimentos. Ele proporciona mais interação e aproxima as pessoas que buscam um mundo melhor. Que mais pessoas se envolvam para dar continuidade a essa cultura cada vez mais forte.

EDIANE JOVENTINA DA SILVA

Este encontro é muito importante para toda comunidade, pois é um momento de resgate e fortalecimento da cultura, além da interação e troca de conhecimento com pessoas de outros lugares.

LÍVIA DAMARIS DA SILVA BEZERRA

Vieram pessoas até de Portugal. Vimos que eles são bastante diferentes das pessoas daqui de Conceição. Sua maneira de falar é diferente e seu jeito de se vestir também. Fato que às vezes deixa muita gente com pensamentos racistas. Penso que devemos respeitar às diferenças do próximo. Eles vieram de muito longe para apreciar a arte dos quilombolas.

JOSÉ CARLOS DA SILVA

Esse encontro é muito importante, pois comemoramos os 19 anos da (AQCC) Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. O encontro proporciona troca de saberes, pois temos pessoas de vários lugares do Brasil e de Portugal. Nos ensina a valorizar cada vez mais nossa cultura, nossos costumes e comida, e também conhecemos outras culturas opiniões diferentes e ver o quanto é importante valorizar cada pedacinho da nossa comunidade.

RONAYSA BARROS

O encontro envolveu várias pessoas com novas aprendizagens. Achei muito interessante, pois envolveu bastantes pessoas de gêneros sexuais diversos. Pessoas que apesar de virem de longe são simples, humildes. São pessoas que querem ajudar a desenvolver vários temas na comunidade. Quero agradecer por muita coisa que aprendi. Aprendi também que apesar de termos identidades diferentes, somos todos iguais.

AILTON

Esta semana, a comunidade de Conceição das Crioulas, esta realizando um evento muito importante para a história da comunidade, pois está tendo oportunidade de fazer uma troca de conhecimento entre as pessoas da região, de outros estados e de outros países também. Todo esse evento é em prol do 19º aniversário da AQCC (Associação Quilombola de Conceição das Crioulas), esse evento se chama: o II Encontro com as Artes, a luta os Saberes e Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

Esse projeto é uma oportunidade de divulgar a cultura e os conhecimentos da comunidade para as pessoas que vêm de fora e também para os de dentro que não conhecem. Enfim, espero participar de uma forma mais ativa da próxima vez.

VALÉRIA DA SILVA SOUZA

As exposições, as tradições

Na Escola Professor José Mendes estava exposto objetos feitos de barro construídos pelos alunos e pelas professoras de artes. Lá estavam também expostas fotos dos estudantes e maquetes de pontos históricos da comunidade de Conceição das Crioulas.

JULIANA GEDALVA DA SILVA

As exposições nas escolas mostraram um pouco do cotidiano das pessoas do lugar. De coisas usadas por pessoas mais velhas, que hoje não usam mais, coisas feitas por estudantes e professores, envolvendo a cultura da comunidade, e outros acontecimentos que relembram momentos marcantes na comunidade, entre outros.

EDIANE JOVENTINA DA SILVA

Eu acho essas exposições muito importantes, não só para a comunidade, mas também para os alunos da escola. É importante porque passa para as pessoas mais novas a importância que a arte tem.

ADALBERTO

Fomos para AQCC apreciar as fotos de alguns anos de história do Grupo Identidades em Conceição das Crioulas. Vimos as histórias das bonecas de caroá, e por último vimos aqui na Escola Rosa Doralina a exposição de fotos e objetos antigos como, lamparina, disco, moinho, rádio, cofre, e outros. Foi um momento de muito conhecimento, porque pudemos conhecer um pouco sobre a nossa comunidade e também pudemos adquirir outros conhe-

cimentos com os portugueses, onde aprendemos a falar um pouco como eles. Nesta quarta-feira dia, 17/07/19, foi muito lindo cada momento nas exposições cada foto que eu pensei que não veria, mas eu encontrei. Foi muito marcante.

DANIELA DO NASCIMENTO ALVES

As oficinas, os ensinamentos

Cada oficina estava localizada em pontos importantes e distintos da comunidade. Todas elas tinham o objetivo de ensinar e dar continuidade as tradições, e principalmente o valor que o lugar tem. Ensinar a ver as riquezas que muitas vezes não valorizamos. Querendo chamar a atenção dos jovens para que cresçam não só fisicamente, mas também em consciência, para que saiam com uma determinada finalidade para o que vão fazer da sua vida.

RAISSA PEREIRA E BÁRBARA INGRID

No CPA onde lá tinha uma pessoa explicando como fazer objetos de barros que despertava interesse em aprender como construir objetos tão incríveis, estavam lá também duas grandes mulheres guerreiras de Conceição das Crioulas Lurdinha e Valdeci.

Na AQCC que seria a oficina de vídeo, infelizmente não foi possível. Tudo isso só está acontecendo por conta da mesma que é importante ressaltar que hoje no dia 17/07 completa 19 anos de existência. Essa experiência foi incrível para mim, pois pude ver que as diferenças é que nos

torna pessoas mais completas.

JULIANA GEDALVA DA SILVA

Aconteceram oficinas sobre a cultura da comunidade, como oficinas com o barro, com caroá para produção de bonecas que contam a história de mulheres, oficinas de vídeo, cada uma com seus representantes locais, e em um lugar histórico da comunidade.

EDIANE JOVENTINA DA SILVA

Foram realizadas oficinas na comunidade. Muita aprendizagem das pessoas mais velhas para os mais novos. Houve muitas oportunidades para os jovens mostrarem seus talentos com o caroá, o barro e a fotografia, como também a troca de sabores.

GEOVANA BEATRIZ

Conclusão

Analizando essas vozes e as que estamos em contato diariamente, percebemos o quanto os estudantes valorizam a importância de ações dessa natureza. Participar de encontros, oficinas, exposições, caminhadas de reconhecimento do território, entre outros, fazem com que a educação escolar se torne mais significativa, tenha sentido. Conviver com suas/nossas histórias e culturas de forma viva, fortalece, anima e nos torna mais resistentes.

É importante também destacar que, embora os estudantes encontrem-se num processo de conscientização, compreensão e respeito às diferenças, já percebem a importância de valorizá-las, o que é perceptível em seus depoimentos.

As suas impressões, como por exemplo: espero participar de uma forma mais ativa da próxima vez, de Valéria da Silva Souza, também nos faz perceber que O Encontro com as Artes, a Luta, Os saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas é um espaço de aprendizagens, reciprocidade, respeito e afetividade. Portanto, é importante continuar, inclusive com a participação deles, dos estudantes.

Referências

- BOFF, L. (1998). *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Estudantes da Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes. (2019). *Relatórios dos estudantes da Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes sobre visita ao II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, 14 a 20 de julho de 2019.*



A participação da escola quilombola bevenuto simão de oliveira junto ao movimento social no processo de luta e autonomia do território desintrusado

EXPEDITA AURORA DOS SANTOS,
FRANCISCA MARCELINA DE
OLIVEIRA, JOSÉLIA DA SILVA
SOUZA, JOSIMEIRE FRANCISCA
DA SILVA, MARINALVA RITA
DA SILVA BEZERRA¹

Resumo

Este texto tem como objetivo relatar a experiência de um projeto vivenciado pela Escola Bevenuto Simão de Oliveira, cujo

objetivo foi reconhecer parte do território desapropriado (Fazenda Conceição), e com os estudantes e a comunidade Sítio Paula, pensar estratégia para superar os desafios para a gestão coletiva do território. O relato descreve as situações didáticas elaboradas e os desenvolvimentos em sala de aula. É importante registrar que tal ação compõe o projeto político pedagógico do território do território quilombola de Conceição das Crioulas.

Palavras – chave

Gestão do território, educação escolar quilombola, projeto político pedagógico de Conceição das Crioulas.

De acordo com a Convenção 169 da OIT – Organização Internacional do trabalho em seu artigo 7º, parágrafo primeiro:

Os povos indígenas e tribais deverão ter o direito a escolher suas próprias prioridades no que diz respeito ao processo de desenvolvimento, na medida em que afere suas vidas, crenças, instituições e bem estar espiritual, bem como as terras que ocupam ou utilizam de alguma forma, e de controlar, na medida do possível, seu próprio desenvolvimento econômico, social e cultural. Além disso, esses povos deverão participar da formulação, execução e avaliação de planos e programas de desenvolvimento nacional capazes de afetá-los diretamente (Presidência da República Federativa do Brasil, 1989)

O planejamento pedagógico da Escola Municipal Quilombola Bevenuto Simão de Oliveira é apresentado pela coordenadora pedagógica. A pauta é de acordo com a pauta a ser vivenciada, essa pauta geralmente vem trazendo acolhida, música, textos, dinâmicas de acordo com o tema a ser vivido durante o mês letivo, traz a proposta a ser trabalhada, informes. É nesse momento que é feito também a avaliação do projeto vivido durante o mês anterior. O mesmo é planejado em 08 horas mensais na própria escola geralmente nos dias de sábados.

Nesse momento analisamos o plano de ação elaborado no início de cada ano letivo. Nesse plano estar à proposta de projeto de trabalho de cada mês que inicia, discutimos se há prioridades na escola ou na comunidade e se será preciso flexibilizar esse plano de ação ou não, em seguida listamos as atividades e conteúdos a serem trabalhados em cada turma, os materiais selecionados, como: textos, jogos, músicas, brincadeiras, locais a serem visitados, pessoas a serem entrevistadas, materiais a serem usados. Providenciar no decorrer do projeto as coisas que achamos necessário e não temos na escola. É no planejamento que avaliamos o método usado no decorrer do projeto anterior e se precisar dar continuidade, se superou as expectativas, se precisar é feito um novo planejamento para vivenciar as atividades que não foram vivenciadas, ou usar outros métodos na mesma.

No planejamento do dia 06 de julho de 2015 a coordenadora pedagógica informa as professoras e monitoras do pro-

grama Mais Educação que participou de uma reunião de GT (Grupo de Trabalho do Território onde ficou encaminhado que o próximo encontro que sempre acontecia em Conceição das Crioulas na Vila Centro, aconteceria desta vez, na comunidade do Sítio Paula, uma vez que o grupo acha interessante a descentralização dos trabalhos das terras desapropriadas pelo INCRA, no processo de regularização fundiária do Território Quilombola de Conceição das Crioulas. Agora então, a Fazenda Conceição, com um total de 437 hectares, seria então, o material a ser estudado. A solicitação feita por Rita Luiza da Silva presidente da Associação dos Pequenos Agricultores Rurais, José Tomais da Silva, também integrante do GT, comunica a continuidade aos trabalhos na Fazenda Conceição. Diz Rita Luiza da Silva, Presidente da Associação do Sítio Paula:

O momento é de planejamento de como a comunidade irá fazer o uso dessas terras que agora é de todos, diz que o encontro será na comunidade e de preferência no espaço da escola e que deve ter a participação da comunidade escolar também então a partir desse momento traçamos como seria a participação da escola nesse processo de luta e conquista que julgamos muito importante para a comunidade uma vez que já é hábito da escola trabalhar as especificidades que garante o nosso currículo escolar.

Inicialmente fica decidido que iremos fazer a acolhida para os convidados então resolvemos envolver as crianças que fize-

¹ Professoras da Escola Bevenuto Simão de Oliveira

ram parte das primeiras discussões na escola, foi decidido também que o reconhecimento do território seria feito por todos os estudantes da nossa escola.

No dia do planejamento pedagógico ficou decidido que todas as professoras da escola trabalhariam do dia 06 de julho até o dia 10, conhecendo o território.

No decorrer dessas duas semanas foi trabalhado o que é território. Os meios de comunicação, lazer, educação fontes de água e etc. O primeiro encontro foi realizado no dia 11 julho 2015 às 08 horas da manhã na Escola Bevenuto Simão de Oliveira. O GT foi apresentado a comunidade através de uma exposição dos trabalhos que já haviam sido realizados na escola sobre o tema território. Após isso, veio a leitura de poemas produzidos pelos estudantes. Essa produção se deu a partir de um trabalho realizado pelos estudantes da educação infantil onde eles teriam que responder as seguintes perguntas: Qual o território que temos? Qual o território que queremos?

Esses estudantes hoje, com 10,11 e 12 anos de idade fizeram um resgate na construção desse poema vale lembrar que essas respostas serviriam para elaboração do PPP das Escolas Quilombolas do Território. Durante o encontro foi discutido sobre o uso das terras, e os problemas encontrados. Alguns moradores presentes confessaram ter se apropriado indevidamente sem orientação, sem coletividade, mas após conversa, desculparam-se comprometendo cumprir os acordos feitos para um trabalho coletivo, em consonân-

cia com o que o que diz Dussel (1994, pp. 41-42), na tese de doutoramento de Mendonça, “uma vez reconhecido o território geográfico, se passava ao controle das pessoas, pois era necessário pacificá-las” (Mendonça, 2013, p. 51).

De volta as salas de aulas sentiram a necessidade de conhecer o território da fazenda até então tinha muitas crianças que não conheciam e a grande maioria das professoras após planejamento, no dia 29 de julho às 08 horas da manhã. As turmas de educação infantil e 1º e 2º ano do ciclo I as professoras Eliane, Josélia e uma mãe de estudante Gicélia Maria iriam fazer o percurso de reconhecimento do território da parte baixa. Antes de sair da sala de aula houve uma conversa com as crianças, sobre o que iríamos fazer durante o passeio iriam observavam todo o território que eles iniciaram por a divisa as terras da fazenda com as terras de seu José Tomás, passamos pelo riacho foi observado plantas frutíferas como: Cajueiro, pinheira, mangueira, goiabeira juazeiro até então a comunidade não tinha esse acesso. Observamos a cacimba de M^a Izabel que ela é uma fonte de água importante para a comunidade que serve para os afazeres domésticos como banho, lavagem de roupas e louças e para o consumo dos animais.

Visitamos também a cacimba do gado local onde o gado da fazenda consumia água e também outra fonte de água provisória conhecida como barreiro da porta esse era usado pelos fazendeiros para o consumo humano, mais a frente depois

passaram por algumas porteiras chegamos ao curral, chegamos à casa grande da fazenda fomos recepcionados por Dona Maria Néu na janela que colocou a benção em todas as crianças e também professoras sentamos na varanda para descansar um pouco, tomar água depois continuamos o passeio por uma porteira que dava acesso as pedras dos mocos mais a frente já quase no final do percurso pulamos uma outra cerca onde precisamos da colaboração de todos para atravessar pois eram muitas crianças pequenas e a cerca era muito alta enfim terminamos o percurso, chegamos cansados mais muito satisfeitos com o que vimos.

No dia seguinte começamos a trabalhar pedagogicamente na sala de aula com os estudantes tudo o que tínhamos aprendido no percurso. Primeiro foi feito um resgate de tudo o que foi visto oralmente, depois fomos fazer uma produção de texto do gênero lista. Foram listados todos os pontos importantes. Na próxima aula a turma foi dividida em oito grupos onde cada grupo ficou com a responsabilidade de desenhar e pintar os pontos mais conhecidos da fazenda visitados e citados pelos próprios estudantes como: a casa grande, o riacho da fazenda, o curral, plantas frutíferas, as plantas nativas, cacimba do gado, cacimba de Maria Izabel, barreiro da porta da casa da fazenda, pedras dos mocós, as pessoas e os animais. O resultado do trabalho realizado com os estudantes foi muito satisfatório.

A educadora Josimeire Francisca da Silva, educadora das turmas 3º e 4º ano

e a educadora Edileuza Maria da Silva da turma 5º ano do ensino fundamental, e monitoras do programa Mais Educação Alexandra da Silva Nascimento, Daiane Dalva, Maria dos Santos e Evânia Antônia, ficamos responsáveis para fazer o trabalho de reconhecimento das partes mais específicas da fazenda indenizada com os outros alunos.

Convidamos à senhora Cleonice Maria da Silva, pessoa da comunidade para ser nosso guia nesse trabalho de reconhecimento da fazenda indenizada. Convidamos ela porque conhece essa parte do território que algumas pessoas não tinha acesso, a começar por nós educadoras e também alguns estudantes da escola.

No dia 29/07/2015, às 07h30min da manhã educadores e alunos reuniram-se na escola para conversar sobre o trabalho que iríamos fazer de reconhecimento da fazenda e que todos precisaria observar com atenção as divisas das terras e tudo que chamasse a atenção deles e para isto nós teríamos uma guia, pessoa que tiraria todas as dúvidas. Então às 08h00min horas da manhã demos início ao trabalho de pesquisa. Todos os estudantes lancharam e ainda levamos algumas frutas e água. Iniciamos da escola, passamos por casas próximas, depois começamos o percurso pelo campo de futebol e mais na frente passamos pelo riacho local que quando chove fica escorrendo água e passa por dentro das roças. Daí chegamos ao corredor, chama-se assim, porque é uma forma de fazer as divisas entre um terreno e outro e também tem vizinhos que não gosta

que as cercas sejam uma só e é uma forma das pessoas passarem sem que entrem dentro das terras dos outros e é por onde os animais tem acesso de passar. Durante o percurso o guia começou explicando onde começava as terras da fazenda, falou que em determinado lugar, antes aquelas roças era um plantio de frutas e que dali plantava-se bananeiras, goiabeiras e mangueiras e que dali saia para o comércio.

Seguimos o corredor e na frente paramos em uma casa de tijolo, o guia explicou que aquela casa já era propriedade dos donos da fazenda Nêu e que antigamente, os donos faziam a alimentação dos trabalhadores ali e era uma forma de não perder tempo nos trabalhos do dia. Entramos por um antigo curral onde dava acesso a um grande açude e ali paramos e fomos escutar as histórias contadas pelo nosso guia. Ela explicou que ali antigamente era uma fonte de renda de algumas pessoas, pois ali o proprietário deixava as pessoas pescar, mas, o peixe pescado tinha que dividir meio a meio se pegasse dois um era do dono e o outro do pescador, contou também que o sangrador do açude também era um enorme plantio de frutas e que ali as mulheres lavavam roupas nos lajeiros e que quando o açude fica cheio ele permanece por muito tempo e que até hoje tem as marcas nas pedras ela explicou sobre uma cancela que tem ao lado da casa que servia para as pessoas passarem para pescar, porém, o peixe era dividido.

2º encontro dia 1º de agosto os estudantes da turma do 4º ano do ciclo I fizeram a acolhida apresentando um mapa

produzido pela a turma e pela educadora Meyre no decorrer da semana. Em seguida, participantes da reunião do GT fizeram um passeio de reconhecimento da parte baixa da fazenda. Nessa visita, puderam perceber um pouco do que as crianças já tinham falado muitas áreas já destruídas pelo povo desinformado, mais também muita beleza, muitas plantas nativas, o açude do barro onde antes as artesãs não tinham acesso, pois quando pegavam barro para fazer alguma peça como potes, panelas, tinham que dividir com o fazendeiro. Uma coisa que impressionou foi a beleza da casa grande. A fazenda como todos conhecem, um belíssimo oratório na varanda, um sótão que servia para armazenar alimentos, a simpatia da moradora Maria Nêu, filha do fazendeiro falecido Zé Nêu, no terreiro da cozinha da casa tem o barreiro do barro onde é especial para louça segundo Lourdinha e Evânia que acompanhava esse passeio. De volta à escola e dado continuidade o desenho do mapa, localizando as áreas para plantio, moradias, de preservação e outros destaques.

No final do mesmo dia segundo encontro do GT fica marcado por todos que o próximo será dia 08 de agosto no mesmo espaço a pauta será o passeio feito dessa vez pelas pessoas da comunidade fazendo o mesmo percurso feito pelas crianças da escola sendo que o objetivo será localizar as áreas para plantio e para moradia.

No dia combinados às 6 horas da manhã e servido o café, todos saem para o

reconhecimento do território. No percurso foram identificadas as muitas áreas desmatadas. Confirmando com o exposto Mendonça declara:

Contudo, será interessante notar, neste percurso histórico, um processo de recriação de formas sociais em todas as esferas da vida, desde a subjetividade, o desejo de poder viver, de existir e de ser coletivamente, até a materialidade das relações comunitárias no âmbito do território, da natureza, da reciprocidade e da própria história de vida desses mais velhos. (Mendonça, 2013, p. 42)

No final do 2º encontro do GT fica agendado que o próximo encontro será para dia 3 do mês de Setembro, organizado pela associação em forma de assembleia extraordinária. Na ausência da presidente Rita Luiza da Silva, os demais membros da diretoria presentes, assim como também representantes da escola e todos os demais presentes concordam. Dessa forma a descolonialidade se afirma, assim como diz Mignolo:

Espero, em primeiro lugar, que o meu argumento aqui não seja apenas de um relato sobre descolonialidade, sobre projetos descoloniais e desconectado de uma perspectiva acadêmica, neutra e científica, mas que o meu discurso, aqui, seja parte de uma ampla e global orientação descolonial de pensar e de agir. E, em segundo lugar, espero também que fique claro que a opção descolonial demanda ser epistemicamente desobediente. (Mignolo, 2008)

Conclusão

A luta pelo território para os povos tradicionais é o que move e sustenta a identidade de cada um. Para nós quilombolas, território é a vida em seu sentido mais amplo uma vez que sem ele, todos os outros direitos são ameaçados. E, por entendermos isso, temos que buscar mecanismos para a real efetivação deste direito.

A educação no quilombo não deverá ser somente a educação formal. A educação no quilombo deverá ser voltada para o fortalecimento da identidade baseada na luta pelo território e resgate da nossa história.

Essas discussões não podem ser abordadas de forma separada. Em território quilombola elas deverão andar juntas. Deste modo, as escolas quilombolas em Conceição das Crioulas, vêm desenvolvendo atividades de pesquisa, diagnósticos e inserção dos próprios professores no processo de discussão sobre território a fim de disseminar em sala de aula.

Para tanto, em tudo há desafio. E, mesmo sendo escola quilombola, as dificuldades são enormes. O entendimento, o envolvimento, a participação de todos é extremamente necessário para o bom andamento dos trabalhos.

Por fim, nunca foi nos dito que seria fácil. Pelo contrário, sempre nos disseram que era impossível. Como pessoas negras quilombolas iriam chegar a sair da invisibilidade e descobrir que igualmente aos outros teriam direitos? Ou, como iriam conseguir construir instrumentos legais capazes de defender-nos? E, que através da finalização do processo de desintração

de fazendas, iríamos ultrapassar a barreira das cercas de arame farpado, onde mesmo o território sendo nosso por direito, não conseguiríamos ter acesso?

Atualmente, já derrubamos varias cercas. Mas, nenhuma estaca teria sido derrubada, sem, contudo, derrubar as que dominavam nossas mentes. Estamos começando a colocar as cercas no chão. Nossos antepassados, aqueles que começaram a luta já não estão mais aqui. Nós lutamos principalmente por eles. Para não deixar morrer as suas lutas. Para que seus sangues não tenham sido derramado em vão.

Para honrar a vida daqueles que se foram sem ver o que vemos agora. Eles sempre nos disseram que lutar pelo território não seria fácil e que a batalha ia ser grande e ainda, que íamos precisar de guerreiros destemidos. Mas, lembro-me quando Ana Belo dizia: *Vocês têm o sangue das negras que primeiro chegaram aqui, então é possível vencer.*

Referências

AQCC. (2011). *Nosso Território*. Conceição das Crioulas: Associação Quilombola Conceição das Crioulas.

CEACQ (n.d.). *Princípios da Educação Quilombola de Pernambuco*.: Comissão Estadual de Articulação das Comunidades Quilombola de Pernambuco

MENDONÇA, C. F. L. (2013). O Nordeste Brasileiro no Contexto da Invenção da América Latina: Colonialidade do Poder,

Eurocentrismo e Resistência Indígena e Negra no Sertão do São Francisco. In *Insurgência Política e Desobediência Epistêmica: movimento descolonial de indígenas e quilombolas na Serra do Arapuá*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

MIGNOLO, W. (2008). D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*(34), 228-324.

Ministério da Cultura. (2002). *Comunidades Quilombolas Direito à Terra*. Fundação Cultural Parlamentares.

Ministério da Educação. (2010). *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*.

Presidência da República Federativa do Brasil. (1989). Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm

SECADI. (2012). Educação do Campo: marcos normativos.: Ministério da Educação.

SEPP/PR. (2011). *Estatuto da Igualdade Racial*. Brasil: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

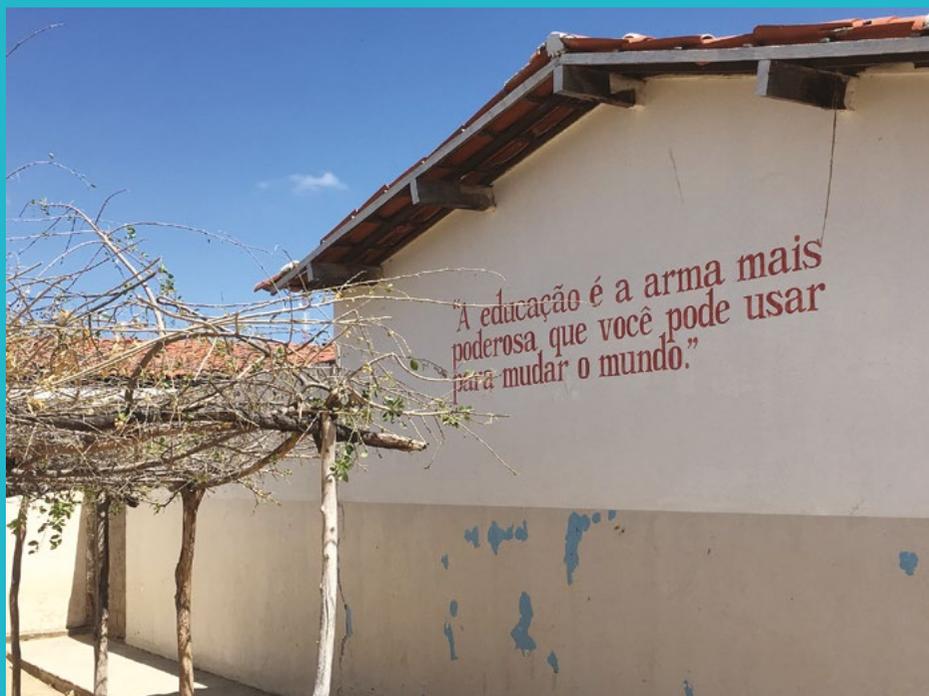
WALSH, C. (2009). Interculturalidad y Educación Intercultural, La paz. Disponível em: <http://www.iiicab.org.bo/Docs/MAESTRIA1/M1/unidad-4/Interculturalidad>





Voices partners

PARTE II



O que me passou, me tocou, me aconteceu em Conceição das Crioulas...

SIMONE OLIVEIRA DE CASTRO¹

Se a proposta é escrever academicamente sobre experienciar Conceição das Crioulas, sei que não poderei fazê-lo, pois o que vivi neste Quilombo não poderia sequer ser traduzido no melhor texto poético que eu conseguisse escrever.

Pensar na experiência vivida neste lugar, como nos instiga Bondía (2002), é entender o que me passou, o que me tocou, o que me aconteceu ao ter o privilégio de estar uma semana na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Viver, respirar, comer, andar, banhar-se, dormir, acordar, sonhar, sorrir, chorar, compartilhar os modos de ser, os saberes, os sabores, as forças, as fraquezas, as dores e os amores da (o)s que lutam e resistem nesse recorte geográfico, tempo-

ral e real do sertão pernambucano, é no mínimo uma experiência transformadora, mas é, sobretudo uma experiência profundamente amorosa.

Ao ser convidada a participar do II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes, e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas pelo Prof. Paiva, ainda não tinha noção de que se tratava de receber um grande presente, uma honraria que poucos teriam o privilégio de vivenciar.

Ao entender como se configurava a proposta do evento, decidi me despir da professora doutora Simone Castro, e levar despreziosamente, na medida do possível, a Simone, filha de sertanejos, cujos ancestrais mais próximos estão marcadamente em meu semblante e sangue, bisavós e avós sementes de povos originários e negros, por parte de mãe - que por razões históricas não saberia identificá-los enquanto etnia, já que não puderam escrever suas próprias histórias -, e portugueses, por parte de pai. Assim somos nós, brasileiros, misturados até a alma com tantas cores e matizes que, às vezes, nos sonhamos coloridos.

Nesse encontro, nessa troca de saberes, de sabores e de lutas me pus no lugar da escuta, da observação. Nada queria ensinar, mas queria tudo aprender, apreender, sentir e viver. E tanto aprendi!!

Ao chegarmos à noite, após longas horas de estrada de Fortaleza à Conceição das Crioulas, a mesa sabores da comunidade já estava posta para a primeira partilha de alimentos, prenúncio de tantas outras que viveríamos ao longo da sema-

¹ Profa. Dra. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará- Campus Fortaleza. Departamento de Artes/Programa de Pós-Graduação em Arte./Licenciatura em Teatro. Vinculada ao Grupo de Estudos em Cultura Folclórica Aplicada.

na. Os moradores do Quilombo e os visitantes mais chegados trouxeram sabores diversos a serem partilhados por tod@s. Partilhamos!

Já naquele momento meu corpo percebia as diferenças noturnas do lugar, cujo dia ardente como brasa ao sabor do astro rei nos fazia ferver até o sangue, e à noite nos envolvia a tod@s com uma brisa tão fria com a qual não estava acostumada a sentir no sertão.

Tod@s que quiséssemos ficaríamos acolhidos, acomodados nas casas dos moradores do Quilombo, que gentilmente cederam suas casas para nos abrigar. Assim, me aproximaria minimamente da rotina cotidiana das casas locais, que diferente da comodidade urbana da maior parte de nossas casas, não possui ainda água encanada, nem poço, nem bomba de puxar, dependem de carros pipas e das águas generosas quando caem do céu para encherem suas cisternas.

Assim, inicio os grandes aprendizados que levei dentro de mim, primeiro, o da gratidão, por me saber plena de privilégios, por estar naquele lugar, por ver sua gente partilhar sua água conosco, “entrosados”, no linguajar local, ainda que convidados, um bem tão precioso que lutam por possuir; segundo, o da noção de valor, esse se apoderou de mim de maneira tal que não passo um dia sequer sem pensar em cada gota d’água que uso ao banho, ao lavar as roupas, os pratos, ao escovar os dentes...

Percebia-me em Conceição das Crioulas, ao tomar banho, usando aquele líqui-

do precioso, mais pelo gesto de doação, embora também pelo bem necessário, a mim ofertado, como quem recebe um tesouro inestimável, cuja sabedoria no uso me faria alguém detentora de um tesouro muito caro, porque, neste caso, dinheiro não podia comprar.

O maior tesouro, no entanto, ainda estava por vir! E não tardou! Encontrei-me com elas, as crioulas, mulheres negras, mulheres de luta, mulheres de força, mulheres de resistência. Guerreiras, para além do clichê no qual essa palavra possa se inscrever. São verdadeiras guerreiras, as mulheres que conheci no Quilombo Conceição das Crioulas. Tantas Marias... Maria Aparecida, Maria da Penha, Maria Diva, Maria dos Santos, Márcia, Marinalva, Fabiana, Lourdinha, Chiquinha, Valdeci, Givânia, Kêka, Fábila... Existem muitas outras cujos nomes e lutas embora aqui não registrados compõem e traduzem a grandeza dessa comunidade. Suas lutas são cotidianas e permeiam desde pequenos gestos de aceitação e escolhas, tão comuns as mulheres de peles claras, passando pelo direito ao território, a uma educação quilombola que respeita a identidade e as diferenças dessa cultura ancestral. Ao incluir seus valores, a formação superior, a garantia de respeito à diversidade religiosa, tão presente na Comunidade, a denúncia a qualquer tipo de violência dentro e fora do Quilombo.

Essas mulheres se fizeram presença sendo a voz da Comunidade nas Palestras, nas Rodas de Conversa, nas Oficinas, na feitura da Comida, na socializa-

ção ao final de cada jornada, eu entendi que estava ali para aprender a lutar, para aprender a incluir, para aprender a resistir, para aprender a chorar, para aprender a sorrir e, primordialmente, a sonhar.

Tudo em Conceição das Crioulas gira em torno da força dessas mulheres. Elas são a força motriz que movimenta as esperanças e conquistas, matriz identitária que alimenta as gerações que se sucedem no Quilombo. Suas falas, seus gestos comovem porque refletem um povo que tem consciência da luta necessária para seguir resistindo e existindo.

O respeito e a reverência aos ancestrais marca cada fala, cada discurso proferido. Há um entendimento da importância do comum, do comunitário, da comunidade cujos alicerces se assentam nos corpos e nas lutas das mulheres que estão na e são a origem da conquista do território quilombola. Os saberes estão presentes na comunidade e, nela, a semente de uma experiência real de liberdade.



Boneca de Caroá em composição com a paisagem Arquivo da autora, julho/2019.

Eu estava diante de mulheres incríveis, porque demasiadamente humanas, não possuem super poderes, mas a consciência da necessidade de existir/resistir a toda e qualquer adversidade que queira negar essa existência. E isto foi ficando cada vez mais claro, visível e forte na fala de cada uma delas, ao palestrar sobre as lutas territoriais e educacionais das comunidades quilombolas, ao apresentar suas pesquisas de mestrado sobre a educação quilombola na comunidade, bem como sobre a violação de direitos e negação da cultura e educação escolar quilombola, e sobre a emancipação e alianças entre mulheres para o enfrentamento à violência doméstica em comunidades tradicionais.

As falas dessas mulheres sobre as pesquisas, que são como depoimentos da vida cotidiana, traduzidos para a linguagem acadêmica, me tocaram no mais íntimo da alma, não sendo negra, apenas podia intuir, mas jamais sentir o que ter a pele negra significa em nosso país, sobretudo quando se é do sexo feminino. Muitas tiveram que fazer da sua dor a fortaleza para continuar, inventando, criando táticas e estratégias, nos diria Certeau (2002), para existir com dignidade em um sistema que tenta, das formas mais perversas, negar essa existência.

Não havia nesses depoimentos uma auto vitimização, ou uma inércia diante de forças tão desiguais, pelo contrário, havia uma convocação à luta, à resistência, à possibilidade de se reinventar diante dos casos de violência doméstica, de racismo institucional, de questões de

gênero, de preconceito cultural... A estratégia possível, norteadora da virada, dita entre lágrimas e sentimentos de gratidão sugere um “andar de mãos dadas” umas com as outras, uma escuta sensível, sem julgamentos, um entendimento também do lugar d@ outr@, algoz, às vezes, também vítima de sua própria ignorância, intolerância construídas histórica, cultural e institucionalmente em nosso país.

Diante dessas mulheres, no II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade de Conceição das Crioulas, percebo que há um tempo, um momento, um instante para se emocionar, para chorar e sorrir. Há um compromisso com o viver a experiência em toda a sua plenitude, estando de fato presente, em todos os sentidos, na partilha do que fora vivido e agora é reinventado ao ser contado em palavras ditas e escritas e se torna estratégias de luta nos depoi-

mentos, servindo de estímulos para @s jovens da comunidade.

@s ancestrais estão presentes nesse lugar de fala construído por e para as mulheres da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Representam a aliança feita ao darem as mãos quando os primeiros passos foram dados em direção à garantia do território, assumindo o compromisso de não as soltarem. Por isso, há respeito e reverência às mulheres e homens de luta da comunidade. Ela(e)s estão presentes, mesmo a(o)s que já se encantaram, nas falas, nos gestos, nos modos de ser, fazer e viver no Quilombo Conceição das Crioulas.

Mas não tenho a intenção de romantizar o Quilombo. Nele também há questões a serem tratadas na e pela comunidade. E tod@s têm consciência da necessidade de um momento de escuta para se entender, reconhecer, respeitar e



Estrada e Paisagem na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Arquivo da autora. Julho/2019.

conviver com as diferentes religiões ou denominações religiosas que habitam hoje o mesmo território. A questão e a intolerância religiosa apareceram em falas bastante contundentes: “O Cristianismo é um rolo compressor na comunidade”, “Coisas do Diabo”, “Aceitação do sofrimento como algo para alcançar o céu”, “Por que sou evangélica não poderei fazer parte da luta do meu povo, do movimento?”, “É o momento de parar de taxar as pessoas”, “Quem era o diabo antes do contato com a África?” “Se as práticas dos nossos ancestrais foram diabolizadas, como eu colonizado vou negar/reconhecer/valorizar esses ancestrais?”

Nas entrelinhas das falas se pressente o desejo de entendimento, um quase apelo para que tod@s se concentrassem no que era essencial para garantir a harmonia, a coesão e as conquistas que a Comunidade há tempos vem lutando para ter. E o amor foi o elo sinalizado para unir a tod@s: “Falta de amor. Quando se ama, olha para o outro vendo uma pessoa, não o que ela faz”.

A mim chegou então outro grande aprendizado: É preciso aprender a estar junto. É preciso aprender a trocar verdadeiramente com o outro. Talvez eu ainda não tenha aprendido, ou tenha desaprendido como é estar com. Estar e ser comunidade. Estar com unidade.

Foi com esse pensamento que decidi conhecer o território. Houve a proposição de um passeio pelos marcos territorial e cultural da comunidade, que sairia às cinco horas da manhã para aqueles que ven-

cendo a inércia e o frio matinal estivessem no lugar e hora marcados. Confesso que tentei, mas ao chegar ao lugar marcado o grupo disposto já havia saído. Assim, decidimos, Eu e Vanessa, outra convidada que conheci na comunidade e que dividia comigo a cama, cedida pelos moradores, seguir caminhando pela comunidade sem pressa, sem compromisso com o tempo. Assim seguimos caminhando por uma bela estrada que aos poucos nos mostrava a beleza territorial do Quilombo.

Será que as árvores que vi no Quilombo estão com? Será que elas, assim como os moradores desse belo lugar, estão em unidade fazendo trocas? Será que suas folhas e raízes, como as gerações que se sucedem no Quilombo, se comunicam, se tocam, se irmanam, se amam, se afetam mutuamente?



Várias gerações de mulheres de luta da Comunidade do Quilombo Conceição das Crioulas. Arquivo da autora. Julho/2019.

Por diversas vezes, ao longo da semana que passei no Quilombo, me vi sem palavras, sem saber expressar toda gratidão e aprendizado que vivi. Minhas palavras

pareciam não ter sentido, não completar o significado do vivido, pois tudo era tão intenso, verdadeiro, belo com sua dureza real cotidiana, com suas dificuldades. Minhas palavras não conseguiam dar conta da força, da resistência, da luta que as mulheres da comunidade são.

Me senti sem importância, no sentido bom da desimportância de Manoel de Barros, por alguns momentos pensei que minhas ações e o que sou são pequenos, são muito pequenos. De fato essas mulheres negras, quilombolas, são grandiosas, são imensas nos seus sorrisos, nas suas dores, nas suas lutas, nas suas superações. Depois entendi o que elas me ensinaram: que somos o que podemos ser. E sendo o que somos, podemos sempre nos superar, nos melhorar, não em comparação a(o) outr@, mas em relação a nós mesm@s.

Referências

- BONDÍA, J. L. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, 2002.
- CERTEAU, M. De. *A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Pedagogia do ajuntamento: “Igi kan ki s’igbo” (Uma árvore não faz uma floresta)

MARIA CLAUDINEIDE
ALVES MACÊDO¹

Transformar memórias em palavras é sempre um exercício de saudade. Escrevo desacademicizando a escrita, assim como descolono o olhar e as minhas vivências. Encontro na Comunidade de Conceição das Crioulas uma aproximação com as minhas ancestrais, e com a mais pulsante sabedoria preta. Desensinamentos sobre como perceber o tempo das coisas, observar a vida de cima, e a pisar firme os pés sobre esta terra mãe que nos alimenta e nos protege.

Em cada mestra deste quilombo é possível sentir a sabedoria das avós, assim como Aqualtune, das mães, como Nanã e todas as Yabás, das guerreiras, como a rainha Nzinga e Dandara, o poder de um conhecimento sistematizado, e de uma

pedagogia crioula afetiva e efetiva que tem proporcionado transgressões na comunidade, e em nós, visitantes a procura de novas casas, na profundidade que a palavra permite.

As páginas que se apresentam aqui são sínteses das camadas de pele sobrepostas sobre a epiderme da alma, retroalimentadas por este retorno para o *II Encontro com Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*, onde não me foi possível compreender o tempo pela lógica de Cronos. Estar em Conceição é vivenciar a plenitude do tempo de Iroko, a primeira árvore pela qual todos/as os/as orixás desceram a terra.

Desenho em mente cada palavra escrita a fim de ser o mais fiel possível aos aprendizados proporcionados pela comunidade, e por todas/os que transitaram pelo evento. Nesta narrativa compartilho sobre os sabores e saberes proporcionados, e sobre as trocas que pude contribuir durante a programação, pensando como o coletivo é capaz de suscitar questionamentos que se reconfiguram em transformações efetivas no entorno.

Conceição das Crioulas é um lugar mágico porque proporciona encontros preciosos em lugares sagrados.

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”

Este provérbio africano designa acertadamente a relação observada na Comunidade de Conceição das Crioulas. Em 2017 estive

¹ Artista/Professora/Pesquisadora. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Membro do Grupo de Pesquisa Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte-NZINGA. Integrante do Coletivo Iamís Kariris.



Oficina de modelagem em argila. Escola Bevenuto Simão- Sítio Paula/PE. Foto: Maria Macêdo, 2019.

pela primeira vez na comunidade, e fiquei surpresa em como todo o entorno estava envolvido na educação das crianças, de como era fascinante o fato de as educadoras/es terem criado uma metodologia de ensino, uma pedagogia pautada exclusivamente nas vivências e saberes daquele lugar.

Perceber e respeitar o tempo das crianças, das brincadeiras e das famílias, mudou a minha percepção sobre os processos de ensino/aprendizagem. Observar de perto a prática das escolas quilombolas alargou o meu olhar enquanto educadora, e tal feito me estimulou a querer compartilhar uma vivência em arte com as crianças da comunidade nesta segunda edição do evento.

Moradora da região do Cariri Cearense, esta foi a segunda vez que fui até Con-

ceição das Crioulas e ambas as viagens foram viabilizadas pela Universidade Regional do Cariri-URCA, onde me formei. Para o segundo encontro contamos com o apoio do Grupo de Pesquisa NZINGA², que conseguiu movimentar um coletivo de mulheres pesquisadoras

Moradora da região do Cariri Cearense, esta foi a segunda vez que fui até Conceição das Crioulas e ambas as viagens foram viabilizadas pela Universidade Regional do Cariri-URCA, onde me formei.

² Grupo de Pesquisa Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte-NZINGA, locado no departamento de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri, liderado pela artista visual e educadora Prof^a. Dr^a. Renata Aparecida Felinto dos Santos.

Para o segundo encontro contamos com o apoio do Grupo de Pesquisa NZINGA, que conseguiu movimentar um coletivo de mulheres pesquisadoras de áreas distintas, para vivenciar a sabedoria do quilombo. Conhecimentos intrínsecos a estes espaços de (re)existências e que ultrapassam qualquer entendimento ensinado no âmbito acadêmico.

Durante três dias, eu e a Eliana Amorim³, mediamos/brincamos/compartilhamos momentos de experienciar o barro e materializar as formas desejadas pelos/as pequenos/as mestrinhos/as da comunidade. Foram três escolas do território quilombola com públicos distintos, o que nos proporcionou observar os impactos da Pedagogia Crioula no desenvolvimento educacional dos/as alunos/as. Desta forma, não pretendíamos levar teorias aprendidas na universidade para subsidiar os espaços de experimentações, mas compreender e orientar as práticas artísticas a partir dos entendimentos ensinados na comunidade e das referências que os/as educandos/as possuíam, tendo a brincadeira como a base para o desenvolvimento da oficina onde a diversão estivesse atrelada ao cuidado, interesse e dedicação no ato criativo.

Brincar na infância é o meio pelo qual a criança vai organizando suas experiências, descobrindo e recriando seus pensamentos e

³ Artista/Professora/Pesquisadora. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Membro do Grupo de Pesquisa Novos Ziriguiduns (Inter)Nacionais Gerados na Arte-NZINGA.

sentimentos a respeito do mundo, das coisas e das pessoas com as quais convive. Por isso, quanto mais intensa e variável for a brincadeira e o jogo, mais elementos oferecem para o desenvolvimento mental e emocional infantil. (FERRAZ, 2009, p. 123).

Para cada turma se fez necessário um jogo diferente, que equilibrasse a faixa etária, as capacidades imagéticas e cognitivas. Compreender que o ato de brincar é pedagógico possibilitou um maior envolvimento das crianças, e uma fluidez na realização dos processos desde a divisão do material para modelagem, até a finalização das peças produzidas utilizando miçangas na composição. O que parecia ser apenas uma mera brincadeira foi um espaço de desenvolvimento da inteligência visual das crianças, exercitada através de princípios da sintaxe da linguagem visual como, forma, composição e textura, num jogo de aprendizagem consigo mesmo e com o coletivo.



Oficina de modelagem em argila. Escola Bevenuto Simão- Sítio Paula/PE. Foto: Maria Macêdo, 2019.

Vivenciar práticas de modelagem não era algo novo para as crianças. Muitas delas possuíam mães, pais ou avós que trabalhavam com cerâmica, visto que a AQCC- Associação Quilombola de Conceição das Crioulas possui uma produção de artesanato muito latente, e que para além das bonecas de caroá, as peças feitas em cerâmica também são um ponto forte da comunidade. Para nós, os processos de ensino/aprendizagem não podem estar dissociados da realidade em que os/as educandos/as se encontram, é preciso compreender que cada pessoa está imersa num contexto passível de sentidos, significados e subjetividades distintas.

Assim, buscamos a partir do repertório visual e imagético das crianças, construir possibilidades para a criação e recriação das imagens formuladas por cada um/a, onde na medida em que o barro era moldado, pudesse haver diálogos sobre o processo, a escolha do que se construía, a relação do objeto com a vivência das crianças, e o que seria feito com a peça após o término da oficina e da exposição do que foi produzido durante os dias de encontro.

Para além disso, as representações visuais têm a ver com a constituição dos desejos, na medida em que ensinam a olhar e a olhar-se, contribuindo para a construção de representações sobre si e sobre o mundo (aquilo que constitui a realidade). Um meio para compreender estas mudanças, que repercutem fortemente na educação, é “buscar aproximar-se, do ponto de vista de uma perspectiva crítica, às representações visuais a que se vinculam crianças

e jovens”, prestando atenção especial a suas formas de apropriação e de resistência. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 32).

Esta forma de organização/interação nos possibilitou vivenciar uma experiência estético/artística sem impor as crianças a uma pedagogia que se distanciasse do que elas vivenciam nas escolas quilombolas. Sem negar o lugar onde vivem, as suas referências, o tempo de entendimento e de realização das atividades propostas, sem aplicar o modelo tradicional de ensino, onde os/as discentes são suprimidos de suas subjetividades e colocados/as numa lógica apressada de produção, sem que haja o pleno entendimento do que estão aprendendo.

Acredito veementemente que estar com as crianças de Conceição das Crioulas é mais aprender do que ensinar, é realinhar as práticas pedagógicas e metodologias aprendidas para se pensar como a prática requer de nós um olhar mais sensível para os deslocamentos geográficos e mentais que cada lugar e cada público proporciona, pois como afirma Paulo Freire (1996) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. A sabedoria das crianças foi/é uma reafirmação de que a educação é o único caminho possível para construirmos uma sociedade mais justa. Os ensinamentos passados nas escolas de Conceição das Crioulas não estão dissociados dos saberes das famílias e da comunidade, e esta prática de educar em coletivo nos ensinou que a sala de aula

transforma, mas “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, pois é no âmbito informal que temos as primeiras demonstrações de afeto, de cuidado e respeito, e são estes saberes que fortalecem a nossa base e que devem ser reafirmados pela educação escolar sistematizada.

Alimento da ancestralidade: a sabedoria das mestras de Conceição das Crioulas

Como apontei inicialmente, não tenho o intuito de tecer uma escrita academicizada, mas de demonstrar afetivamente como estar em Conceição das Crioulas é um alimento para alma, tão precioso como a sabedoria de cultivar e preparar o caroá para dar forma a bonecas que representam as mestras da comunidade. Enquanto es-

crevo estas palavras lembro-me de como cada dia foi importante para reafirmar o qual transformadoras são as revoluções e reinvenções que o povo preto tem travado/plantado.

Tudo em Conceição das Crioulas é pedagógico, pois ensina, transforma e transmuta os entendimentos de dentro, e reverbera externamente. Me recordo pacientemente de como é se fazer morada em outro lar, da partilha dos alimentos, do suco de umbu gelado, das noites de dança no mercado e da fogueira sob a luz da lua. Os debates onde as vozes das lideranças femininas nos mostram com primazia a força matrilinear da comunidade. As benzedadeiras, cozinheiras, artesãs, mães, avós, tias, educadoras, uma pluralidade de mes-



Oficina de bonecas de caroá, mediada pelas mestras da comunidade. Foto: Maria Macêdo, 2019.



Oficina de bonecas de caroá mediada pelas mestras da comunidade, terreiro da mestra Chiquinha. Foto: Maria Macêdo, 2019.



Oficina de bonecas de caroá mediada pelas mestras da comunidade, preparação da fibra. Foto: Maria Macêdo, 2019.

tras que desenvolveram novas ferramentas tecnológicas elevando o território de Conceição das Crioulas ao status de comunidade reconhecida nacionalmente, tendo sido importantíssima para elaboração das diretrizes de educação quilombola.

O *Encontro com Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*, é um dos exemplos práticos do quão potente são estas tecnologias desenvolvidas, tendo em sua segunda edição a continuidade com competência, a aproximação dos saberes acadêmicos e os saberes que estão fora da academia, onde os mesmos não se sobrepõem, mas se retroalimentam.

Dentre as inúmeras formações que vivenciei dentro do evento, gostaria de destacar a riqueza que foi acompanhar e aprender sobre o processo de feitura das bonecas de caroá que são confeccionadas pelas mestras da comunidade. A acadêmização dos saberes nos tira a compreensão de que as comunidades tradicionais, os saberes tidos como populares são guardiãs e guardiões de práticas que outrora foram teorizadas por terceiros. Perceber o cuidado que as mestras possuem com o cultivo e preservação do caroá, o modo como o colhem e o preparam é um ato sagrado de cuidado com a terra, e do uso consciente das plantas. Então deixo aqui a questão, o que são as práticas da Permacultura, Bioconstruções, Agroflorestas, se não o que é feito nesta comunidade? Quem são os/as detentores/as dos saberes?

Rememoro como a mestra Chiquinha pacientemente explicava a forma correta de extrair a fibra do caroá, do processo de coloração e da agilidade necessária para fazer um bom nó de porco que assegurasse a estrutura da boneca. Não quero aqui hierarquizar os processos de aprendizagem, mas nenhuma das práticas artísticas vivenciadas no âmbito acadêmico me foram tão complexas como o entendimento de fazer um nó de porco, ou de modelar as tranças da boneca Valdeci. Cada etapa do processo foi mostrando o quanto precisamos ressignificar as práticas aprendidas, e que é preciso alargar o olhar para as formas de produção e entendimento de práticas artísticas.

Estar em Conceição das Crioulas é vivenciar a pedagogia do ajuntamento, termo que ouvi a partir da miolagem (conversa) das pretas ibejis Verônica e Valéria Neves, ativistas do movimento negro e fundadoras do Grupo de Valorização Negra do Cariri- GRUNEC, que nos fala com sabedoria, coragem e afeto sobre construir coletivamente transgressões para os/as nossos/as, para transformar a realidade em que vivemos, e a dos/as que virão depois de nós.

Aqui nos reconhecemos e nos enxergamos no e com o/a outro/a, entendendo que todos/as nos são importantes, e que “uma árvore sozinha não faz uma floresta”. É fundamental aprender e construir mundos possíveis com nossos pares, precisamos da presença do/a outro/a para existir.

É neste processo de reconhecimento e de cura coletiva que se apresenta a performance *Ajé*, do coletivo interdisciplinar de mulheres negras Iamís Kariris⁴ do qual faço parte. Nesta segunda edição do encontro tivemos a alegria de estarmos com parte do nosso coletivo compartilhando processos de cura que temos aprendido a vivenciar entre as nossas semelhantes. Para nomear esta união nos apropriamos do nome das feiticeiras iorubás, cujo nome completo é Iamí Oxorongá, que significa “a grande mãe”, que dá vida e sustenta a existência humana, e tem sua imagem associada aos pássaros, bem como a coruja por ser uma ave noturna. Também são conhecidas como Iamís Ajé, entidades mitológicas ligada a magia e ao conhecimento tradicional, que representa o poder feminino, e como cita o Templo dos Orixás Oduduwa inaugurado em 2003 no município de Mongaguá, pelo Babá King, “representam o poder ancestral feminino e os elementos místicos da mulher em seu duplo aspecto: protetor e generoso, perigoso e destrutivo”.

As Iamís ou Iyamís, são guardiãs do próprio destino, mulheres sábias e mágicas, detentoras de curas, e elementos fundamentais para a existência humana, nós temos buscado reestabelecer ligações com nossa ancestralidade negra, e com nos-

so saberes podados ao longo de nossas existências, buscando “curas” através das armas que produzimos, nossas criações artísticas, nossa fala, nosso corpo que se apresenta como instrumentos de afeto revolucionário, resistência, existência e amor, construindo conhecimentos e caminhos para que continuemos a travessia que nossas ancestrais iniciaram, abrindo caminho para que nossas dores fossem amenizadas em detrimento das suas. À estas, nós pedimos licença para com os pés fincados nesta terra, celebrarmos nossos corpos e existências por meio da arte.

Foi com esta proteção que dançamos para as nossas ancestrais presentes fisicamente, e as que não habitam mais este plano. Um grupo que se construiu naquele momento com as Iamís, Lorena Lima e eu, as queridas Suzana Carneiro, Eliana Amorim, e Viviany Diniz, parte do coletivo de pessoas do Cariri que foram ao evento, e as maravilhosas Lorena Silva, Ynaê Oliveira e Thaís (Isinha), moradora da comunidade de Conceição, que gentilmente contribuíram com seus corpos e energias. Durante a performance também reverenciamos e agradecemos pela existência das mestras que nomeiam as bonecas de caroá, e de todas as mulheres pretas que habitaram este mundo.

As experiências, encontros e enfrentamentos vivenciados no *II Encontro com Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas* contribuíram efetivo e afetivamente para rearticulações e materializações do meu ser enquanto mulher negra

que constantemente se reinventa numa estrutura que nos suprime, e no meu ser artista/professora/pesquisadora buscando construir conhecimentos e entendimentos de mundo menos excludentes. Conceição das Crioulas me impulsiona a celebrarmos as nossas existências negras, os nossos saberes e sabores que resistem, coexistem, e continuam provocando transformações.

A todas e todos que constroem este espaço de transgressão de conhecimentos e alargamento de mundos, minha gratidão e reconhecimento.

A todas as mulheres/ mestras da comunidade, a luz de vocês nos alumia e guia.

A benção, mestras!

Referências

- BARBOSA, A. M. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FERRAZ, M. H. C. De T. *Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo (Brasil): Paz e Terra, 1996.
- HERNÁNDEZ, F. *Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação (Coleção Educação e Arte; v.7), 2007.

4 Coletivo de artistas formado em 2019 na região do Cariri Cearense, composto por Carla Hemanuela, Cléo Zeferino, Fernanda Jayne, Jaqueline Rodrigues, Jordlyane Almeida, Lorena Lima, Lucivânia Lima, Maria Macêdo, e Viviany Diniz. Email: bruxastramando@gmail.com.



Registro da performance Ajé do Coletivo Iamís Kariris. Na imagem a performer Lorena Silva. Foto: Fernanda Jayne, 2019.



Registro da performance Ajé do Coletivo Iamís Kariris. Na imagem as performers participantes. Foto: Fernanda Jayne, 2019.

Visualidades Crioulas

ROBSON XAVIER, GUTO
HOLANDA, MÁRCIO SOARES
E RENATO SANCHARRO¹

¹ Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (AMI)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB).







Cores da Terra: Arte relacional em deriva na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas - Pe

ROBSON XAVIER DA COSTA¹
AUGUSTO CÉSAR DE
HOLANDA SANTOS²
MÁRCIO SOARES DOS SANTOS³
RENATO SANTOS DA ROCHA⁴

¹ Artista Visual, Curador, Arte-Educador e Arteterapeuta. Doutor em Arquitetura e urbanismo; Pós-Doutor em Estética e História da Arte; Mestre em História; Especialista em Educação Especial; com formação em Arteterapia; Licenciado em Educação Artística – Artes Plásticas. Professor/Pesquisador do Departamento de Artes Visuais (DAV) e dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) e Computação, Comunicação e Arte (PPGCCA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (AMI) da UFPB. E-mail: robsonxavierufpb@gmail.com.

² Artista Visual e Pedagogo. Discente do Mestrado em Artes Visuais - PPGAV UFPB/UFPE e licenciado em Pedagogia pela UFPB. Membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (AMI) da UFPB. E-mail: gutoholanda@hotmail.com.

³ Atuário e Professor. Mestre em Filosofia e Linguística; Bacharel em Ciências Atuariais; Licenciado em Letras e Filosofia. Membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (AMI) da UFPB. E-mail: professormarcio28@gmail.com.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo geral desenvolver atividades com a construção coletiva de conhecimentos sobre os pigmentos naturais e a simbologia das cores das terras da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, em Salgueiro, Pernambuco, Brasil, desenvolvidas durante a Oficina Cores da Terra, realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José Mendes, em Julho de 2019. O projeto da oficina Cores da Terra foi elaborado para proporcionar aos/as estudantes do Ensino Fundamental da Comunidade o contato com técnicas básicas para produção de tintas inorgânicas com pigmentos naturais retirados de minerais da região, visando à produção de materiais para serem utilizados nas atividades escolares. Trabalhamos com o contexto da Comunidade partindo da simbologia da cultura local, os/as estudantes identificaram pontos importantes da comunidade que refletem histórias e lendas e que são pouco trabalhados na escola, passando a utilizar essas referências físicas e/ou simbólicas como temas para a construção de um processo de criação relacional. Utilizamos a abordagem da pesquisa intervenção que leva em conta a diversidade da formação cultural dos/as participantes e também as práticas educacionais coletivas. Produzimos coletivamente tintas

⁴ Artista Visual. Estudante do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UFPB. Membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (AMI) da UFPB. E-mail: sancharroro@gmail.com.

inorgânicas, a partir da coleta, seleção, preparação e uso de pigmentos naturais, a partir de terras coletadas na Comunidade, que foram utilizadas em pinturas sobre papel e corporais, partimos da representação da simbologia das lendas e lugares pouco visíveis da comunidade, construindo uma narrativa oral e ficcional com os/as participantes, debatendo questões sobre diversidade e empoderamento cultural do grupo, apresentado em formato de encenação por quadros fixos.

Palavras Chave

Artes Visuais. Pigmentos naturais. Terra. Arte relacional. Conceição das Crioulas.

1. Aproximando saberes

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais ténue sinal de sua rebeldia legítima, tanto o professor que se exime do cumprimento do seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 1996, p. 19).

Ancorado nas propostas de construção de conhecimentos a partir da abordagem li-

bertadora da pedagogia da autonomia proposta e implantada por Paulo Freire (1921 – 1997) no Brasil, o Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (AMI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), participou do I Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas entre 16 e 24 de Julho de 2017, com alguns representantes, esse encontro permitiu uma aproximação entre a comunidade quilombola e os membros do AMI.

Em 2019, fomos instigados pelos organizadores/comunidade para participarmos do II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, realizado entre 14 a 20 de Julho de 2019. Apesar dos inúmeros percalços que a UFPB sofreu durante o conturbado ano de 2019, conseguimos organizar alguns representantes do AMI para participarmos do II encontro em Conceição das Crioulas.

Esse encontro apresentou um formato singular, com ênfase na partilha das experiências de lutas, a singularidade da resistência da comunidade diante das adversidades, a consciência coletiva, os modos de resistências vivenciados e os avanços alcançados pelas várias gerações da comunidade. Os espaços foram propostos para que os pesquisadores visitantes pudessem de fato conhecer o potencial dos membros dessa comunidade e contribuir na medida do possível para que os processos de partilhas solidárias e coletivas avancem.

O AMI atua na cidade de João Pessoa, no campo de pesquisa/extensão em artes



Turma do 7º Ano do EF da EMEF José Mendes. Robson Xavier, 2019.



visuais desde 2005 e tem desenvolvido um contínuo trabalho de investigação/extensão universitária com arte colaborativa e social, a partir do Projeto Artes Visuais & Inclusão, que atua por meio de grupos de trabalho no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, na instituição de longa permanência para idosos, Vila Vicentina Júlia Freire, com a Associação Ame Down Paraíba e com pessoas com *déficit* motor, desenvolvendo também o projeto Artdoor e a produção de maquetes táteis de obras de arte.

Para partilharmos conhecimentos com a comunidade de Conceição das Crioulas resolvemos propor a realização de uma oficina intitulada CORES DA TERRA, que objetivava desenvolver atividades de construção coletiva de conhecimentos sobre os pigmentos naturais e a simbologia das cores presentes nas terras da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, para ser desenvolvida com uma turma de alunos/as do Ensino Fundamental de uma escola da comunidade.

A ideia original foi partirmos do conhecimento dos/as estudantes da comu-

nidade e dos recursos locais para produção de pigmentos e tintas inorgânicas, a partir do uso de terras e recursos minerais presentes e abundantes na comunidade, utilizando aglutinantes e diluentes naturais, como água e resinas, para produzirmos materiais para uso nas atividades artísticas desenvolvidas na escola da comunidade, a partir de matérias primas recolhidas na região, evitando a necessidade de compra ou importação de materiais industrializados da cidade para produção artística na escola.

Até o primeiro dia da chegada da equipe do AMI na comunidade, ainda não sabíamos exatamente qual seria a turma e a escola onde iríamos desenvolver a oficina, essa especificação foi feita pela equipe de organização do II encontro e fomos encaminhados para a turma do 7º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José Mendes (figuras 01 e 02).

O contato inicial com a turma na escola municipal quilombola de Ensino Fundamental, foi marcado pela desconfiança dos/as estudantes, tivemos um grupo com cerca de 25 estudantes, que inicialmente

demonstravam curiosidade e ao mesmo tempo desconfiança com as atividades que iriam desenvolver na oficina.

A primeira proposta para desenvolver o trabalho com a turma foi abordar o conceito de simbologia partindo dos saberes dos/as estudantes, trabalhamos com a construção de narrativas ficcionais oriundas da tradição oral da comunidade, partilhadas pelos/as estudantes, a respeito dos lugares da comunidade pouco conhecidos, no entanto, importantes para o imaginário dos moradores, como a Pedra da Mão e o Caldeirão dos Ossos.

O quebra gelo foi deixar que os/as estudantes falassem sobre seu cotidiano e das histórias contadas pelos membros mais velhos das famílias, surgiram diversas histórias, que remetiam a lugares físicos específicos da comunidade, os/as estudantes fizeram uma atividade de deriva com os facilitadores da oficina visitando esses lugares.

O mote foi a proposta da “estética relacional” (BORRIAUD, 2009) e do conceito de “deriva” (DEBORD, 1958) “técnica de passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência” (JACQUES, 2003, p. 41), a ideia inicial foi proporcionar uma prática de deriva como produção estética relacional a partir da partilha de saberes da comunidade, para que os/as estudantes da turma pudessem construir narrativas ficcionais partindo do imaginário local.

2. Oficina Cores da Terra: processos estéticos relacionais

A ideia inicial da oficina CORES DA TERRA surgiu a partir do uso do corpo enquanto suporte artístico e de criação, enquanto espaço que ocupa e que é ocupado, a partir da criação de símbolos pelos/as estudantes baseados/as na representação estilizada de locais da comunidade pouco conhecidos, mas presentes no imaginário dos moradores, que foram escolhidos pelos/as alunos/as da turma do 7º ano da Escola Municipal Professor José Mendes. A proposta consistiu em proporcionar a cada participante dessa oficina a visualização de espaços físicos locais externos ao ambiente escolar e nesse sentido criar desenhos, símbolos, pensando juntamente na captação de sons ambientes durante essas ações artísticas.

Nessa conjuntura de partilha e coleta de elementos surgiu a terra como recurso para a pintura dos símbolos criados durante a primeira etapa da oficina. Nessa perspectiva, a proposta sugeriu o processo de confecção de desenhos a partir de elementos naturais inorgânicos, as diversas cores das terras da comunidade, elemento simbólico e estrutura dorsal do imaginário da identidade local.

A oficina foi realizada em três dias pelas manhãs, tendo o mesmo número de etapas para produção das tintas e os processos criativos. No primeiro momento, tivemos a caminhada (deriva estética) por três locais considerados importantes pela turma, a Pedra da Mão e o Caldeirão dos Ossos. O estudante Yago Moisés, se

prontificou a ser o guia do grupo durante a deriva estética. Diante da Pedra da Mão conversamos sobre o que cada estudante sentia em relação à importância daquele local, o que significa para cada um, a priori, foi um momento de reflexão (figuras 03 e 04).

As percepções sobre a Pedra da Mão foram diversas, desde ser um local importante para encontros de namorados, para observar a paisagem, como também foram expressos sentimentos de rejeição à pedra.

Caminhamos até mais dois locais escolhidos, o Caldeirão dos Ossos, os/as estudantes contaram que no local foi encontrado o fóssil da preguiça gigante, nos contaram também que os antepassados utilizavam o local para recolher água da chuva e cozinhar alimentos.

A ideia inicial da oficina foi ressigni-

ficar os símbolos escolhidos, e não somente reportar a símbolos já conhecidos e considerados pela comunidade. Outros olhares, outros lugares, ou lugares do cotidiano vistos de outras maneiras. Após a deriva estética, conversas e reflexões sobre os locais explorados, voltamos para a escola para a elaboração de desenhos a partir dos símbolos escolhidos pela turma.

Explicamos para os/as estudantes o conceito e o processo de estilização geométrica de figuras e formas, partindo de objetos ou figuras reais, como por exemplo, a representação da folha de uma árvore, e a partir disso, os/as estudantes foram desafiados a criar desenhos estilizados da Pedra da Mão e dos demais lugares visitados utilizando grafite. A maioria dos desenhos estilizados representava a Pedra da Mão (figuras 05 e 06).



Deriva até a Pedra da Mão. Foto: Guto Holanda, 2019.



Desenhando a Pedra da Mão. Foto: Márcio Soares, 2019.



Coleta de terra no açude. Foto: Robson Xavier, 2019.



Triturando pigmento de terra. .Robson Xavier, 2019.



Ensaio da encenação. Foto: Márcio Santos, 2019.



No segundo dia de oficina, fomos até ao açude grande com a turma para coletarmos pigmentos naturais (terra) para pintar os desenhos, e posteriormente fazermos a pintura corporal no terceiro e último momento da oficina. Após a coleta, voltamos para a escola para triturar a terra coletada em diversos tons e transformá-la em pó, surgindo variedades de tons terrosos. A mistura para transformar a matéria inorgânica em tinta foi simples, adicionando água ao pigmento em pó coletado, proporcionando uma pintura aquarelada aos desenhos da aula anterior. Resolvemos utilizar apenas diluente sem adição de nenhum aglutinante artificial, embora tenha sido explicado para turma que para maior durabilidade da tinta era necessário à adição de algum tipo de aglutinante, como cola, resina, cera ou óleo (figuras 07 e 08).

No terceiro dia, ao final da realização dos desenhos, sugerimos à turma que formassem grupos de quatro ou cinco

participantes para a elaboração de uma narrativa a partir dos desenhos criados, para que o grupo escolhesse uma das histórias para serem representadas apenas com o corpo pelos membros dos grupos. Tivemos a junção de duas histórias e utilizando a técnica de stop-motion iniciamos os ensaios, tendo a história narrada por uma aluna. Conduzimos os ensaios da seguinte maneira: inicialmente todos/as os participantes fecharam os olhos e a história começou a ser narrada, tendo o movimento e ação como gatilho (figuras 09 e 10). Durante a apresentação do grupo o público foi direcionado por um dos ministrantes que solicitava para abrirem e fecharem os olhos em cada intervalo, quando abriam os olhos os/as estudantes apareciam como uma cena fixa da história narrada, e assim a história foi apresentada sucessivamente, até o final da narrativa (tabela 01 e figuras 11 e 12).



Apresentação da História da Pedra da Mão. Foto: Márcio Soares, 2019.

Tabela 01 – Roteiro da história criada pelos/as alunos/as do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Mendes durante a Oficina Cores da Terra.

Orientação	Facilitador – responsável por guiar o público ao fechar e abrir os olhos. Narradora – estudante que narrou cada uma das cenas. Atores – estudantes que fizeram os quadros fixos de cada uma das cenas.
Título	História da Pedra da Mão
Personagens	Textos
Facilitador	Fechem os olhos.
Narradora	Era uma vez, em uma noite estrelada na Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas, um grupo de meninas ouviu uma história sobre um lobo que estava morando em uma pedra próxima. Elas saíram para confirmar essa história.
Facilitador	Abram os olhos. (Espera de 5 segundos). Fechem os olhos.
Narradora	As meninas ao chegarem próximo ao local da pedra notaram que um homem apareceu no caminho e olhou para elas.
Facilitador	Abram os olhos. (Espera de 5 segundos). fechem os olhos.
Narradora	Ao verem o homem parado encarando o grupo, as meninas saíram correndo com medo, deixando uma das meninas sozinha.
Facilitador	Abram os olhos. (Espera de 5 segundos). Fechem os olhos.
Narradora	Ao se perceber sozinha sem as amigas e assustada, a menina começou a ouvir barulhos vindos do mato próximo e um uivo alto. De repente, um lobo apareceu e rosnou para ela.
Facilitador	Abram os olhos. (Espera de 5 segundos). Fechem os olhos.
Narradora	Com muito medo a menina gritou alto pedindo socorro (grito de socorro) e todas as meninas voltaram para ajudá-la, encurralando o lobo.
Facilitador	Abram os olhos. (Espera de 5 segundos). Fechem os olhos.
Narradora	Com muito medo a menina gritou alto pedindo socorro (grito de socorro) e todas as meninas voltaram para ajudá-la, encurralando o lobo.
Facilitador	Abram os olhos. (Espera de 5 segundos). Fechem os olhos.
Narradora	Todas as meninas juntas mataram o lobo (som de golpe).
Facilitador	Abram os olhos. (Espera de 5 segundos). Fechem os olhos.
Narradora	E com sangue do animal nas mãos, em um gesto de empoderamento as meninas marcaram a pedra com a marca de suas mãos.
Atores	Abram os olhos.

Antes da apresentação, no dia seguinte aos ensaios, os/as estudantes pintaram seus corpos com a tinta produzida a partir dos pigmentos naturais. A encenação ocorreu durante o último dia de apresentação coletiva no Espaço de Convivência da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, tendo sido apresentada para os demais participantes do II Encontro (figuras 13 e 14).

Considerações Finais

Em pleno Sertão nordestino, no coração de Pernambuco, no meio da caatinga, fomos desafiados a partilhar uma semana de nossas vidas com a Comunidade Quilombola durante o II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, saímos da nossa zona de conforto da academia, passamos a reforçar nossa compreensão de que conhecimento se faz na partilha, para além dos bancos da academia, sujando os pés de terra, sentindo o calor do sol na pele, conversando com as pessoas, respeitando seus saberes, trocando informações, aprendendo mais do que ensinamos, seguindo o que PAIVA afirmou:

Ali, no sertão, entendi a importância e urgência de repensar o que nos antecede, não como uma tarefa escolarizada ou procura de erudição, mas como um desagarrar das leituras do passado que nos construíram, na procura de outros modos de me entender como sujeito (PAIVA, 2017, p. 36).

Nos reinventamos em contato com a resiliência e criatividade da Comunidade de Conceição das Crioulas, aprendemos sempre mais do que ensinamos as crianças da EMEF Professor José Mendes, a força que sentimos nas falas dessas crianças, nos motivam a continuar nossa permanente formação como artistas/educadores/pesquisadores.

Esta narrativa teve como objetivo desenvolver e analisar a construção coletiva de conhecimentos sobre os pigmentos naturais e a simbologia das cores das terras da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, em Salgueiro, Pernambuco, Brasil, desenvolvidas durante a Oficina Cores da Terra, realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José Mendes, em Julho de 2019. Além de coletarmos pigmentos, produzirmos tintas e desenharmos, ainda trabalhamos narrativas orais a partir de histórias da comunidade e lugares simbólicos, estimulando os/as estudantes a repensarem seus imaginários, a partir da criação de novas narrativas e da partilha de derivas estéticas sobre e com a comunidade.

Ao longo da oficina foi notória a participação proativa das meninas da turma, que demonstraram interesse em todas as etapas do trabalho, bem como, a liderança de alguns meninos que conheciam bem as histórias da comunidade e descreviam com brilho nos olhos e paixão intensa como os lugares citados são importantes para a história da comunidade.



Apresentação no Espaço de Convivência da Comunidade. Foto: Márcio Soares, 2019.

Referências

- BORRIAUD, N. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DEBORD, G. Teoria da Deriva. *Revista Internacional Situacionista*, 1958. Disponível em: <<https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/guy-debord-teoria-da-deriva.pdf>>.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- JACQUES, P. B. (Org.). *Apologia da Deriva – Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- PAIVA, J. C. (Org.). *De. Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*. Porto: i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2017.

Projetos de extensão universitária x Quilombolas em ação para construção de conhecimentos científicos antirracistas e para além do epistemicídio acadêmico

AUXILIADORA MARIA MARTINS DA SILVA¹, FLÁVIO VALDEZ MARTINS DA SILVA, CLARA FLÁUXI MARTINS DA SILVA²

¹ Doutora em Educação / UFPE e líder do GEPAR Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação. silinhaead@gmail.com.

² Psicóloga, Mestranda em Educação / UFPE. claraflauxi@hotmail.com.

Introdução

Nosso relato de experiências foi construído elegendo a subjetividade como objeto de investigação considerando a importância de instituir e indicar modelos alternativos de fazer ciência e novos modos de interpretar a realidade social tão necessários à academia brasileira que, historicamente, tem pautado suas práticas educativas no racismo institucional e no epistemicídio acadêmico. Para Appiah (2007), essa exposição expressiva à educação colonial e pós-colonial fez com que os intelectuais africanos e afrodescendentes, mesmo vítimas do racismo, adotassem teorias racialistas não conseguindo superá-las, ao propor o pan-africanismo. De acordo com Appiah (2007), para a geração que teorizou a descolonização da África, portanto, a “raça” foi um princípio organizador central (APPIAH, 2007, p. 29). O autor afirma ainda que “O pan-africanismo herdou o racismo enquanto uma propriedade intelectual do ocidente” (APPIAH, 2007, p. 41).

Ainda de acordo com Appiah (2007), *racialismo* é a crença na existência de características hereditárias que permitiriam dividir a espécie humana num pequeno grupo de raças, cujos membros de cada uma compartilhariam entre si certos traços e tendências exclusivas. Nesse sentido, o pan-africanismo começa pela suposição da solidariedade racial dos negros, consiste num projeto político para unir toda a raça negra e é entendido por Appiah (2007) como uma construção teórica de pessoas que, como vítimas do racismo, endossaram teorias racialistas, que arti-

cula uma visão comum da África pós-colonial, é um produto de cidadãos negros afro-americanos, afro-caribenhos unidos pela ancestralidade parcialmente africana que eles compartilhavam.

Na esteira das críticas ao brancocentrismo e ao pan-africanismo, fizemos opção por nos aproximar, nesse estudo, da abordagem teórico – metodológica da Autobiografia em que escuta - se as pessoas, suas memórias e histórias de vida em sociedade para que se acerquem de quem são, de onde vieram e quais são seus projetos de futuro para si mesmos/as e para o mundo, condições basilares para quem pretende se tornar Educador/a ao cursar Pedagogia, uma vez que, segundo Josso, “um projeto de formação universitário deve fazer indagações a esta Universidade sobre sua contribuição para a resolução de problemas de nossas sociedades industrialmente desenvolvidas” (JOSSO, 2010, p. 35).

Essa visita técnica que fizemos ao Quilombo de Conceição das Crioulas objetivou que estudantes de Pedagogia, membros do GEPAR - Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação e afroempreendedores/as membros da RAEPE – Rede de Afroempreendedores/as de Pernambuco, no campo, fizessem observação, entrevistas, recolha de dados no sentido da construção e reconstrução da história e da cultura afro-brasileira e africana, obtendo subsídios com os sujeitos de pesquisa inscritos e presentes no II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e

os Sabores da Comunidade Quilombo de Conceição das Crioulas.

As principais questões que nos moveram foram: Como os/as estudantes cotistas do curso de Pedagogia farão para acessar e obter sucesso acadêmico no curso de Pedagogia? Quais as estratégias e táticas que podem ser encaminhadas e quais parcerias podem ser acessadas no sentido do empoderamento dos/as pretos/os e pobres na academia? Em que tipo de campo de pesquisa e com quais parcerias podemos contar no sentido da construção de conhecimentos científicos antirracistas e para além do epistemicídio acadêmico?

Para responder a essas e tantas outras questões, seguimos os seguintes passos de pesquisa: Navegando pelo site do MEC – Ministério de Educação do Brasil, no link perguntas frequentes, pudemos acessar dados e informações ligadas à Lei de Cotas cujo número é 12.711/2012. Essa Lei garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turnos nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a estudantes oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência (MEC, 2019).

No mesmo site do MEC, pudemos observar, também, que essas vagas são assim subdivididas: metade para estudantes de escolas públicas com renda bruta igual ou menor a um salário mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior

a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, também será levado em conta o percentual mínimo correspondente ao da soma dos pretos, pardos, indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (MEC, 2019).

Ao discutirmos as cotas sociais e étnico-raciais faz-se necessário salientar que são frutos de lutas históricas do movimento social negro brasileiro, especialmente do MNU – Movimento Negro Unificado, que nos seus quarenta e um anos de existência, tem sido voz estridente e uníssona a denunciar o racismo que estrutura a sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que exige o combate às desigualdades sociais e étnico-raciais que incide sobre a maioria da população brasileira, 51% dos negros, segundo o (IBGE, 2010). Como resultado das denúncias e demandas do movimento social negro o Estado brasileiro tem pautado um conjunto de políticas de promoção da igualdade racial que possam reparar as iniquidades advindas do tráfico transatlântico, do escravismo criminoso e do racismo estrutural, praticados no Brasil.

A Lei de Cotas, portanto, faz parte dessas políticas de promoção da igualdade étnico racial e, como professora da UFPE- Universidade Federal de Pernambuco, como mulher negra e de origem pobre e periférica, sabendo que as universidades brasileiras foram criadas pelas elites para atender aos interesses da própria elite, busquei pautar a escrita e desenvolvimento de projetos de pesquisa e de extensão

visando o acolhimento e inclusão das/os estudantes oriundos/as das cotas étnico-raciais, considerando sua entrada num ambiente acadêmico que pratica o racismo institucional e o epistemicídio acadêmico, desde sua fundação, faz 73 anos. Nesse cenário escrevemos e desenvolvemos, em parceria com o SEBRAE-PE e suporte de uma psicóloga mestranda em educação, o projeto em tela: Autobiografias, Acesso e Permanência, com Sucesso, dos/as Estudantes Cotistas no Curso de Pedagogia.

I. Compreendendo o projeto Autobiografias, Acesso e Permanência, com Sucesso, dos/as Estudantes Cotistas no Curso de Pedagogia.

O projeto em tela elencou o seguinte objetivo:

Escutar, ler, interpretar e analisar as narrativas autobiográficas de estudantes negros/as cotistas do curso de Pedagogia. Para atingir o objetivo acima elencado, pesquisamos no site da COVEST- Coordenação de Vestibulares, os/as estudantes que haviam sido aprovados/as no curso de Pedagogia, na primeira e segunda entrada dos anos de 2013 e 2014, obtendo o resultado abaixo:

Quadro 1 – Quantitativo de Cotista por Ano Letivo

Ano	Aprovados em Pedagogia	Cotistas
2013	250	40
2014	226	41

Para acessar, os/as estudantes confeccionaram uma carta e entregaram nas salas da disciplina Antropologia, considerando que a mesma é obrigatória, nesse sentido, fatalmente encontraríamos todos/as os/as estudantes aprovados cursando essa disciplina de primeiro período.

Documento 1 – Carta Entregue a Todos/as Estudantes não Desistentes.

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Educação
Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino

Recife, 07 de março de 2013,

Caro/a Estudante,

Inicialmente, quero parabenizar tanto você, quanto sua família, por seu sucesso no vestibular e desejar boas – vindas à UFPE. Sou professora adjunta nessa academia, leciono as disciplinas Teoria Curricular e Educação em Africanidades e Afrodescendências. Faço pesquisa acerca da Teoria da Autobiografia e gostaria de contar com sua ajuda nesse processo de estudo e pesquisa. Todas as segundas e sextas-feiras à tarde e noite, estarei te aguardando para conversarmos, por favor, me procure na sala 131, primeiro andar do Centro de Educação.

Atenciosamente,

Auxiliadora Martins

04 estudantes do turno da manhã, à época, desistiram do curso e 08 estudantes,

efetivamente, nos procuraram após receber a carta e a estes/as foi entregue um questionário a ser respondido e entregue de volta para levantamento e análise dos dados autobiográficos.

Documento 2 – Questionário aplicado:

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Educação
Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino

Pesquisa: Estudantes cotistas

Questionário

Nome: Quem colocou? Por que colocou? Qual o significado? Gosta?/ Não gosta do nome? Por quê?

Idade: Sexo: Cor da pele: Curso/ período: Estado civil: Filhos/as? Quantos/as? Endereço: Telefone: Email:

O que significa o racismo para você? Já sofreu racismo? Onde? Como?

Questão primordial: Conte sua história de vida na perspectiva do que significa ser um/a estudante cotista no curso de pedagogia da UFPE.

Facilidades, dificuldades, acolhimento dos/as professores/as e outras questões que surjam.

Os dados colhidos foram lidos, interpretados e analisados de modo a:

Identificar as principais dificuldades enfrentadas por esses estudantes na construção dos conhecimentos acadêmicos exigidos no seu curso.

Obs.: Para preservar a identidade dos/as estudantes, foi-lhes dados nomes de orixás: “Os Orixás representam uma presença cantante e dançante dos ancestrais no meio dos seus para dizer-lhes de sua alegria de estar no meio deles e da certeza que podem ter de contar com eles” (SIQUEIRA, 1998, p. 42).

Análise dos dados: No que dizem respeito à idade, os estudantes que responderam ao questionário apresentam-se assim: 02 com 20 anos, 01 com 22 anos, 02 com 24 anos, 02 com 26 anos e 01 com 47 anos. Apenas uma, no caso, estaria fora da faixa etária esperada para cursar o Ensino de Graduação. Com relação ao sexo, 01 é do sexo masculino e 07 do sexo feminino, ninguém relatou ser homossexual. Acerca da cor de pele, os/as estudantes autodeclararam-se: 03 negras, 04, pardas, 01 preta, revelando identificação positiva, auto-aceitação, reconhecimento de pertencimento ao grupo negro da população brasileira.

Sobre o estado civil encontramos: 01 cotista não respondeu, 01 divorciada e 06 cotistas solteiros/as.

Com relação ao período de estudos: 02 cotistas no primeiro período, 02 no segundo período e 04 no terceiro período. Perguntados acerca do significado do **racismo**, 03 estudantes não responderam, 05 o definem como algo existente e negativo.

Sofreram racismo? 03 cotistas respondem que sim, 02 respondem que não e 03 não responderam essa questão.

Principal dificuldade: burocracia de se conseguir uma Bolsa Auxílio.

As cotas são vistas, pela maioria, 07 cotistas, como algo positivo: “uma ajuda”, “um direito”, “uma forma do governo reparar os erros do passado” e como algo negativo pela minoria: 01 cotista diz: “uma maneira nítida de o governo confirmar o descaso e má qualidade da educação pública no Brasil”.

O projeto Autobiografias, Acesso e Permanência, com Sucesso, dos/as Estudantes Cotistas no Curso de Pedagogia, cumpriu os objetivos a que se propôs e passamos a entender as cotas para o Ensino Superior, especialmente no curso de Pedagogia como uma política pública bem sucedida considerando que entre 2013-2014, entraram no curso em questão, 81 estudantes e houve, apenas, 04 desistências no turno da manhã, os 08 estudantes acessados não demonstraram dificuldades de aprendizagem nem de interação professor - estudante, estudante - estudante e, apenas 01, demonstrou necessitar e ter dificuldades de conseguir bolsa auxílio.

Com os dados colhidos acima e as análises oriundas desses dados objetivos verificados no projeto, na sequência, passamos a:

1. Planejar e executar estratégias e táticas de acompanhamento e de intervenção com vistas à permanência e ao sucesso dos estudantes cotistas do curso de Pedagogia e concorreremos, portanto, ao edital da Pró – reitoria de Extensão, o PIBEX/2015, vencemos e

passamos a desenvolver o projeto Estudantes Cotistas, Suas Famílias e a Luta Contra a Pobreza no Século XXI.

II. Compreendendo o curso de Pedagogia do CE – Centro de Educação da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

Pesquisas que temos realizado no âmbito da disciplina obrigatória do curso de Pedagogia, Teoria Curricular, que lecionamos no CE – Centro de Educação, ofertada pelo DMTE – Departamento de Métodos e Técnicas de Educação, coletando autobiografias dos/as estudantes cotistas tem demonstrado que a maioria destes/as não escolheu o curso de Pedagogia como primeira opção. Cursos como Medicina, Direito, Engenharias e Psicologia, estão figurando como sendo de maior preferência. Ocorre que, sendo esses estudantes de origem muito pobre, não tiveram acesso a uma educação de qualidade, onde pudessem se aprofundar numa língua estrangeira, ter aulas de disciplinas isoladas em Matemática, Química, Física e Biologia, ao tentar vestibular, em até 05 vezes, fracassam, restando-lhes conformar-se em cursar Pedagogia, a contra gosto, por ser mais fácil passar, uma vez que oferece 250 vagas anuais e, muitos desses estudantes/as desejam trabalhar como pedagogos/as, não em escolas, mas, em hospitais e grandes empresas. Muito embora o PIB – Produto Interno Bruto brasileiro tenha tido alta crescente em média de 4% , segundo (IBGE, 2014), principalmente, no período de 2001 até

2010 com uma queda especificamente em 2009, e o índice de Gini (é um cálculo usado para medir a desigualdade social, desenvolvido pelo estatístico italiano (Corrado Gini, em 1912), aponte para uma melhor distribuição de renda no Brasil, nesse período específico, pode-se perceber que, quando se analisa sua distribuição, observa-se, ainda, uma desigualdade revelada por dados que mostram poucos/as cidadãos/ãs brasileiros/as com muito dinheiro e uma grande parcela de cidadãos/ãs brasileiros/as com pouquíssimo dinheiro, o que nos leva a uma preocupação em estudar não apenas o PIB, o índice de GINI, mas, também, o IDH- Índice de Desenvolvimento Humano que agrega renda, educação e saúde à perspectiva de vida e dos povos e da nação. Portanto, é perceptível nos dados revelados que os reflexos do crescimento econômico, não têm atingido, de forma efetiva, a população negra brasileira no que se refere à sua participação nos setores ocupados historicamente pela elite branca brasileira, provocando determinadas assimetrias, sobretudo no campo da educação, saúde, moradia e emprego.

Nesse sentido, ao percebermos que o curso de Pedagogia não está muito próximo dos interesses reais desses estudantes, mas apresenta-se como alternativa para atingir o nível superior de ensino e com esse projeto de extensão, buscamos alargar seus horizontes, de modo que percebam a importância de cursar e concluir seu curso de graduação, numa sociedade do conhecimento, da informação e das

novas tecnologias, bem como, a ter, junto com suas famílias, outras formas de obtenção de renda e de felicidade, ao realizar cursos de empreendedorismo individual e ao experimentar, a elaboração e efetivação de um pequeno negócio familiar, junto aos estudantes cotistas do curso de Pedagogia e suas famílias.

Dessa forma, esses/as estudantes e suas famílias, teriam os meios para lutar contra a pobreza no século XXI, bem como, aumentar seu índice de felicidade, conseguindo um bem-estar oriundo da falta de medo do desemprego e da atuação num mundo da informalidade, com um pequeno negócio registrado, com cursos e orientações do SEBRAE/PE. Nesse sentido, O SEBRAE/PE entrou como parceiro do Projeto, oferecendo o programa intitulado SEI - SEBRAE/PE para Empreendedores Individuais a saber: Programa composto de soluções que tratam de temas básicos para gestão e fortalecimento dos negócios dos novos empreendedores brasileiros. O Programa aborda sete temas. Cada um dos temas foi trabalhado em diferentes formatos para facilitar o acesso do empreendedor à informação. São eles: oficina presencial, cartilha, capacitação a distância via celular (SMS) e kit educativo. O conteúdo trabalhado em todos os formatos é o mesmo. O participante poderá optar pelo meio que achar mais apropriado ou fazer uso de todos os formatos, aprofundando-se no conteúdo. O PROGRAMA SEI DO SEBRAE / PE, oferecido no CE – Centro de Educação da UFPE – Universidade Federal de Pernam-

buco em 2015, assim constitui-se:

SEI Vender para você pensar o seu negócio, adaptar-se às necessidades do mercado, preparar seus produtos e serviços para conquistar mais clientes e ampliar as possibilidades de crescimento e expansão.

SEI Comprar para quem quer comprar bem, adquirir o que necessita com qualidade, preços e prazos de pagamento favoráveis às necessidades de seus clientes e aumentar a lucratividade. Tudo isso mantendo uma boa relação com seus fornecedores.

SEI Controlar meu Dinheiro aprenda sobre finanças e como controlar o dinheiro da empresa e o fluxo de caixa. Entenda a diferença entre o seu dinheiro e o da empresa e saiba elaborar o controle diário de entradas e saídas do seu negócio.

SEI Empreender Compreenda os princípios do empreendedorismo, descubra mais sobre o seu potencial empreendedor e aprenda agir de forma consciente e responsável na tomada de decisões do seu próprio negócio.

SEI Unir Forças para Melhorar descubra as vantagens de empreender coletivamente. Entenda que se organizar para realizar ações coletivas facilita a superação de problemas, desafios e necessidades comuns.

SEI Planejar aprenda a organizar o seu negócio para se adaptar às necessidades do mercado, dispor de produtos e serviços com qualidade e ampliar as possibilidades de crescimento e

expansão do seu negócio de maneira sustentável.

SEI Administrar aprenda a planejar seu negócio e a desenvolver suas características como empreendedor e descubra como melhorar os resultados, contornar e evitar problemas. Saiba como traçar o caminho do seu negócio em direção ao sucesso.

Esses cursos, em tela, foram realizados, nas quintas-feiras, à tarde, de quinze, em quinze dias, para o público-alvo: Estudantes cotistas do curso de Pedagogia, Membros do GEPAR – Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação e familiares interessados, não ultrapassando o quantitativo de 30 cursistas, a cada edição do curso, o que culminou com a constituição da Feira Umba dos Pretos Negócios, realizada, mensalmente no CE/UFPE para escoar os produtos e serviços – fruto dos negócios produzidos ao final da realização da Série SEI. Em 2016, a série SEI foi oferecida no Centro Cultural Grupo Bongar, situado no Quilombo do Portão do Gelo em Olinda/PE. Em 2017 a série SEI foi oferecida na Escola Municipal Isaac Pereira situada em Olinda/PE e, em 2018, o projeto, em parceria com o SEBRAE/PE.

III - Dados da realidade ligados às desigualdades de raça/cor/etnia e gênero no Brasil

Conforme relatório especial feito pelo SEBRAE, as donas de negócios negras

apresentam uma maior proporção de informalidade que as empreendedoras brancas e alcançam uma remuneração inferior. As mulheres negras representam hoje a metade das donas de negócios no país, segundo um relatório especial produzido pelo Sebrae. Elas fazem parte do contingente das 9,6 milhões de empreendedoras do sexo feminino que estão à frente de um negócio, formal ou na informalidade, como empregador/a ou trabalhando por conta própria. O documento, que faz um perfil atualizado do empreendedorismo feminino no Brasil por gênero e raça, mostra que o empreendedorismo por necessidade é mais forte entre as mulheres negras (49%) que entre as brancas (35%) e que a informalidade também é marcante nesse contingente. De acordo com levantamento do Sebrae, somente 21% das empreendedoras negras têm CNPJ, contra 42% das mulheres brancas.

As mulheres negras são 17% dos empreendedores do país e ganham menos do que todos os outros grupos, R\$ 1.384 por mês. Isso equivale a cerca de metade do rendimento das empreendedoras brancas, de R\$ 2.691, e 42% do valor recebido por homens brancos (R\$ 3.284). No grupo de mulheres negras donas de negócio há uma proporção maior de chefes de domicílio (49%) do que as brancas (44%). Segundo a Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílio Contínua (PNADC), desde 2015 o percentual de mulheres que assumem o controle do lar vem subindo e hoje elas são 46% do total, contra 49% dos homens.

As empreendedoras negras têm maior participação em serviços domésticos (diaristas, cuidadoras de crianças, jardinagem, camareiras, caseiros e cozinheiras, entre outros), cabelereiras e outras atividades de tratamento de beleza e serviços ambulantes de alimentação. Mas atuam também no comércio varejista de artigos do vestuário e de perfumaria e de higiene pessoal; confecções de roupas; fabricação de outros produtos têxteis; atividades de ensino, entre outros.

De acordo com os números do relatório Empreendedorismo no Brasil, as mulheres (brancas + negras) representam 34,3% dos Donos de Negócio do país. As mulheres negras representam metade deste contingente (17%). Existem cerca de 4,7 milhões de mulheres negras donas de Negócio. São Paulo tem o maior contingente de Donas de Negócio negras (642 mil), mas a maior participação relativa de Donas de Negócio negras no total de Donas de Negócio, por estado, está na Bahia (onde 83% das mulheres Donas de Negócio são negras). As mulheres negras Donas de Negócio são 1,8 ano mais jovens que as mulheres brancas Donas de Negócio. Em média, as mulheres negras Donas de Negócio têm 1,7 ano a menos de escolaridade que as mulheres brancas Donas de Negócio.

E ainda, no grupo das mulheres negras Donas de Negócio há uma proporção maior de mulheres “chefes de domicílio” (49%) se comparado às mulheres brancas (44%). As mulheres negras estão há menos tempo que as mulheres brancas

no trabalho atual (73% contra 79%). A proporção de mulheres negras que possui CNPJ (21%) é a metade da verificada no grupo das mulheres brancas (42% possui CNPJ). A proporção das mulheres negras que trabalham sem sócios é maior que das brancas (86% no caso das mulheres negras contra 76% no caso das mulheres brancas). Os negócios conduzidos pelas mulheres negras têm porte menor que das mulheres brancas (é menor a proporção de mulheres negras que são empregadoras). As mulheres negras Donas de Negócio ganham 49% a menos que as brancas. As mulheres negras trabalham mais em domicílio que as empreendedoras brancas. As mulheres negras empreendem menos por oportunidade (51%) que as brancas (65%). Empreendedoras negras têm maior participação em serviços domésticos e serviços ambulantes de alimentação.

IV. Breve História da Instituição da RAEPE - Rede de Afroempreendedores/as de Pernambuco

Nesse sentido, surge a Rede de Afroempreendedores/as de Pernambuco - REAPE, que nasce de uma iniciativa provocada pelo Sebrae, em março de 2018, inspirada na experiência de parceria do projeto de extensão da Professora Doutora Auxiliadora Martins, líder do GEPAR - Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação, onde identificou desejos e necessidades que já existiam no âmbito da comunidade afrodescendente, considerando-se que

a maior parte dos pequenos empreendimentos são de iniciativas de pessoas “negras” (segundo conceito estabelecido pelo IBGE, 2010 para classificar pessoas pretas e pardas).

Empreender, de forma geral, já é um desafio considerável, imaginem para uma pessoa negra? Empreender pressupõe identificar e aproveitar oportunidades, investir e correr riscos. A todo tempo assistimos os enfrentamentos travados pelos empreendedores de pequenos negócios, sejam no campo da gestão ou da situação econômica atual que resultou no enfraquecimento da dinâmica de mercado. Porém, o Afroempreendedor enfrenta, ainda, outras situações adversas relacionadas ao processo de estruturação da nossa sociedade pautada no racismo e na exclusão. Esse inegável fenômeno, atua com fator estrutural afetando diretamente a produção e serviços com componentes e conteúdo de raiz africana e afro-brasileira.

O surgimento de uma Rede de produtores/as afrodescendentes vem ao encontro de um processo, já em construção, de afirmação e conquistas de espaço social, da cultura afro-brasileira em diversos campos da sociedade e é de fundamental importância para o combate às desigualdades sociais que atingem frontalmente, em sua maioria, o povo negro do Brasil. A RAEPE tem se firmado como espaço de promoção da produção e do mercado de produtos e serviços de raiz afro-brasileira, como também para propor e fortalecer políticas públicas para o desenvolvimento do afroempreendedorismo em Pernambuco e tem a

participação de mais de 30 pessoas, com presença considerável de mulheres negras que representam 50% das empreendedoras do Brasil representando mais de 4 milhões de mulheres negras empreendendo, em sua maioria, por necessidade.

Hoje, contamos com o apoio da UFPE - Universidade Federal de Pernambuco através do GEPAR que instituiu a Feira UMBA dos Pretos Negócios que deu origem à RAEPE, contamos, como parceiros também com a Secretaria de Trabalho, Emprego e Qualificação, da Secretaria da Mulher de Pernambuco, do Centro Cultural Bongar/Xambá e do Sebrae. Portanto, é um espaço de construção para dinamizar negócios dos afrodescendentes que buscam produzir dentro do conceito de produção de conteúdo afro-brasileiro. A inserção e promoção da REAPE no contexto do carnaval pernambucano é algo muito relevante na medida em que se faz a partir de eventos tais como: 41º Baile dos artistas em Recife e 1º Baile de Máscaras em Olinda, alinhando seus propósitos estratégicos como eventos de grande significância para nossa sociedade e de grande capacidade de expansão e dinamização da cadeia produtiva da economia criativa brasileira.

V. Visita técnica ao Quilombo de Conceição das Crioulas – Mexendo Saberes e Sabores Ancestrais para o Empoderamento da População Negra Pernambucana.

Para além das exposições, cursos e feiras de negócios, a RAEPE se insere no contexto das articulações institucionais, bus-

cando promover o combate ao racismo institucional, realizando parcerias com a UFPE- Universidade Federal de Pernambuco, UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco, FAFIRE - Faculdade de Filosofia do Recife, Prefeitura de Olinda e SEBRAE, ocupando os espaços devidos pela história. Para fortalecer os processos de afirmação, buscamos beber nas fontes da ancestralidade e das experiências históricas dos territórios de referência da africanidade brasileira e, para isso, a RAEPE, em parceria com o SEBRAE e a UFPE/GEPAR, fizemo-nos presentes na visita técnica ao Quilombo de Conceição das Crioulas – Mexendo Saberes e Sabores Ancestrais para o Empoderamento da População Negra Pernambucana, buscando compreender como se estabelece os processos de promoção da produção afrodescendente numa perspectiva de organização social quilombola, sendo fundamental para o fortalecimento dos sentidos históricos de resistência, ancestralidade e afroempreendimentos como afirmação da cultura afro-brasileira e do processo histórico de nossa africanidade.

VI. O Quilombo de Conceição das Crioulas como Guardiã da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana

Nossa visita realizou-se no período de 18 a 20 de julho de 2019 e contou com 20 membros da RAEPE e estudantes vinculados ao GEPAR/ UFPE. O Quilombo de Conceição das Crioulas situa-se a no município de Salgueiro em Pernambuco

a 550 km da capital (Recife), numa área predominantemente rural. A importância da nossa visita para participar e compartilhar experiências no Quilombo de Conceição das Crioulas no II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, confunde-se com o nosso propósito de descobrir caminhos para o fortalecimento de uma organização coletiva de afirmação da cultura negra e suas implicações no cotidiano das mulheres e homens que fazem o movimento RAEPE, bem como, os estudantes e cientistas que buscam respostas nas práticas das comunidades organizadas e historicamente construídas e em construção permanente como o caso de Conceição das Crioulas.

A luta para construir uma consciência de si, através das experiências vividas nos dá a oportunidade de perceber que, considerando as especificidades de cada experiência, que no coletivo iniciam-se, as trajetórias de luta, resistência e conquistas de espaço no contexto das africanidades e afrodescendências. Na tradição, dos antigos, o Quilombo de Conceição das Crioulas, a história se inicia em meados do século XVIII com a chegada de seis mulheres e desde então começam a empreender, a partir dos seus saberes, um novo projeto traçado pela capacidade empreendedora e resistência cultural, que é negada permanentemente quando se trata de iniciativa do povo negro.

Dessa forma, é necessário a inclusão no campo científico, de novos sentidos, significados e ressignificações do concei-

to de afroempreendedorismo, saindo do lugar estabelecido a partir das construções eurocêntricas e brancocêntricas para um contexto que tenha como origem as bases históricas e experiências de vida do povo negro, nesse caso específico, no Quilombo de Conceição das Crioulas. A RAEPE, nesse encontro, foi em busca de fontes materiais e subjetivas para o seu fortalecimento através da troca de experiências e diálogo sobre o ontem e o hoje dos quilombos e das organizações coletivas afrodescendentes.

Uma grande experiência de superação nos foi, surpreendentemente, nos colocada à prova. Naqueles dias nos deslocamos de Recife, para participar do encontro em Conceição das Crioulas, enfrentamos fortes chuvas, imprevistas e estradas intransitáveis que nos colocaram o desafio de chegarmos até a Associação Quilombola Conceição das Crioulas, tendo em vista que o ônibus que nos conduzia não era adequado para se deslocar na estrada que estava em obras e, portanto, não comportava aquele tipo de veículo. Naquele momento o grupo se reuniu e fez a seguinte discussão: Se seis mulheres há mais de 300 anos chegaram lá, nós não podemos desistir. Dessa forma, fizemos um mutirão e compartilhamos um veículo de menor porte para nos deslocar até nosso destino. Tamanha felicidade foi a troca de olhares entre nós e as pessoas que nos recebiam com lindos sorrisos nos rostos. Parte da nossa comitiva já tinha chegado dias antes e estavam hospedados na própria comunidade, vivenciando o cotidiano do povo quilombola.

VII. A despedida desejando voltar muito mais vezes- Considerações Finais

Essa experiência nos deu a dimensão dos desafios que o povo negro teve e ainda tem para desobstruir todos os entraves existentes e alimentados pelo racismo estrutural em nosso país. Porque percebemos que, não apenas as questões subjetivas, as estruturas de governo, infraestrutura, educação, economia, saúde e tantos outros, colocam os territórios tradicionais em lugar secundário das políticas públicas. Em Conceição das Crioulas, por outro lado, percebemos a liderança, o protagonismo e o empoderamento das mulheres negras no processo político, social e religioso e a participação dos homens como agentes que convivem em espaços simétricos e compartilham as diversas esferas de poder.

Destacamos as atividades produtivas pautadas na produção artesanal com utilização do barro, o caroá, a madeira e a linha do algodão, palha do catolé, produzindo objetos utilitários e decorativos, destacando-se as famosas bonecas que simbolizam e representam a história de mulheres protagonistas da história do quilombo.

Dessa forma, o encontro em Conceição das Crioulas nos remeteu a uma forte reflexão sobre a necessidade de dar novos significados ao conceito de empreendedorismo, especificamente, quando tratarmos da produção afro-brasileira, reafirmar essa produção como condição necessária para a projeção e desenvolvimento do trabalho e da geração de renda com a organização coletiva e, portanto, os modelos

de redes de negócios, ampliar as pesquisas no campo da educação antirracista e da africanidade e estabelecer contatos permanentes entre os diversos espaços e territórios afrodescendentes como forma de resistência, fortalecimento e estruturas de enfrentamento e resistência contra o racismo estrutural e institucional.

Portanto, o Quilombo de Conceição das Crioulas na sua *forma de organização*, na sua *capacidade de acolhimento*, no *registro fotográfico e histórico apresentado*, na *abordagem educativa junto às escolas da comunidade*, *pela beleza e qualidade do seu artesanato*, na *lógica de organização do II Encontro de Saberes e Sabores*, nos alimentou e preencheu lacunas que nos permitirá compreender a importância dos Projetos de Extensão Universitária que fazem com que a academia se aproxime das comunidades tradicionais e realize uma relevante troca de saberes que façam frente ao racismo estrutural brasileiro para construção de conhecimentos científicos antirracistas e para o combate ao epistemicídio acadêmico.

Referências

- APPIAH, K. A. Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- AQCC. Nosso Território. Conceição das Crioulas: Associação Quilombola Conceição das Crioulas, 2011.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>.
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/>>.
- JOSSO, M.-C. Caminhar para si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- MEC. Ministério de Educação do Brasil. 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br>>.
- SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/>>.
- SIQUEIRA, M. De L. Agô agô lonan : mitos, ritos e organização em terreiros de candomblé da Bahia. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 1998.
- JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. Tradução: José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.



Entre Trapos e Caroá: a vivência da criação em Conceição das Crioulas

LARISSA RACHEL GOMES SILVA¹

Introdução

A experiência que vivenciei no II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores, realizado no período de 14 a 19 de julho de 2019, que aconteceu no Quilombo de Conceição das Crioulas, localizado a 42 km da cidade de Salgueiro-PE e a 171 km da cidade do Crato-CE, foi extremamente intenso, dentro de discussões em relação ao ensino, política e a arte da comunidade.

Dentro de toda a programação do Encontro, o momento que mais marcou a minha vivência, foi a oficina de confecção de bonecas de caroá, oferecida pelas mulheres da comunidade. Fato extremamente relevante é que a comunidade tem uma liderança feminina muito marcante, que

é reafirmada justamente na criação das bonecas. Durante a minha dissertação já havia pesquisado um pouco a respeito das bonecas da comunidade, pois estou estudando justamente as bonecas no meu contexto, pessoal e local, dentro da Associação das Bonequeiras no Pé de Manga, da cidade de Crato-CE (Imagem1), que resgatam a estética das bonecas de pano que elas conheceram na infância, e encontrei uma relação nas bonecas que estava produzindo e estudando, depois desse contato mais aprofundado com a Associação e, com as bonecas de caroá de Conceição das Crioulas.

Ambas são produzidas e idealizadas por mulheres. Os materiais e conceitos são diferentes, mas a essência é bem semelhante, quando analisamos que dentro de cada contexto, mulheres se reuniram em torno de um fazer, que mudou a vida das envolvidas, na Associação do Crato. As mulheres que se envolveram no projeto encontraram uma terapia e uma fonte de renda independente, e as mulheres de Conceição das Crioulas, reafirmam o seu lugar e levam sua história para o mundo.

Processo de criação

Fiquei extremamente ansiosa para fazer a Oficina de Caroá. Fiquei preocupada em conseguir uma vaga na oficina, só me tranquilizei quando consegui realizar a inscrição, mas só conseguia pensar no dia que iniciariamos o processo.

No primeiro dia de vivência, inicialmente tivemos que entender, que não es-



Bonequeiras no Pé de Manga. Fonte: Larissa Rachel Gomes Silva. 2017.

távamos criando bonecas, e sim, um objeto que era uma homenagem às mulheres que fizeram e fazem parte da história da comunidade, Thaís Dionizio, moradora de Conceição das Crioulas, que abriu as portas de sua casa para mim durante o evento, compartilhou comigo a história das mulheres homenageadas pela comunidade, ela descreveu cada uma da seguinte forma:

Antônia mulher de personalidade forte e habilidosa fiadeira de algodão, tradição deixada pelas seis negras que fundaram a comunidade, D. Antônia é uma das pessoas a quem se deve a transmissão da história e do saber deixados pelos antepassados.

Francisca Ferreira contam os mais velhos que Francisca Ferreira foi uma das seis

mulheres negras que deram origem ao povo de conceição. Segundo a história oral, foi através do cultivo do algodão que ela e as demais arrendaram e adquiriram a posse da terra que hoje e conhecida como conceição das crioulas.

Josefa artesã da palha do catolé, produz principalmente esteira, produto muito utilizado pelos antepassados como cama. Também é conhecida na comunidade por ser uma grande incentivadora da luta pelos direitos dos negros e negras do seu povo.

Madrinha Lurdes uma das ceramistas mais antigas da comunidade, muito respeitada pelo seu trabalho na confecção de louças de barro. Para o povo de conceição das crioulas, esta ativida-

¹ Graduada do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri/URCA. Mestrado no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFPB/UFPE) pela Universidade Federal da Paraíba. Professor na Universidade Regional do Cariri/URCA. larissa.silva@urca.br

de e uma arte que mantém viva a cultura, a tradição e a resistência do povo.

Ana Belo uma das artesãs que mantém viva a atividade mais antiga de conceição: a arte de fiar o algodão. Contam os mais velhos que o território tradicionalmente ocupado pelo povo de Crioulas foi comparado por seis negras que ali chegaram e começaram a fiar o algodão para vender na cidade de Flores. Assim, deu-se início a formação e ao nome deste povo que até hoje resiste na luta pelo seu território.

Mãe Magá era uma mulher a serviço do seu povo Parteira das mais respeitada na história de Conceição, ficou conhecida como a “mãe de todos”. Hoje quem mantém esta função na comunidade e Dona Joanhinha, que quando menina foi preparada por Mãe Magá.

Júlia foi uma das artesãs mais importante na arte do caroá e por sua persistência garantiu a transmissão desse saber tradicional para os mais jovens da comunidade. Suas filhas, Francisca e Joana, e netas, são hoje importantes artesãs na comunidade.

Liosa (Emília) uma das mulheres que mantém viva a história e a tradição de conceição das crioulas. É considerada por seu povo como uma das principais referências no resgate da história oral e uma importante colaboradora no processo de luto e manutenção do território quilombola.

Generosa mulher de grande importância no processo de organização do seu povo e educadora popular. Participou

de várias ações significativas na sua comunidade como a construção da Vila União, movimento liderativo só por mulheres no ano de 1994. Generosa, tem como característica marcante a hospitalidade para com todos os visitantes que chegam à conceição das crioulas.

Lurdinha professora e artesã, conhecida na comunidade por valorizar a beleza da mulher negra. Como professora, contribui para o fortalecimento da identidade de seus alunos, enfatizando o saber dos mais velhos e a história de luta do seu povo. Como artesã, contribui para a manutenção da cultura tradicional expressa no trabalho com a fibra do caroá.

Valdeci mulher de grande valor, nasceu no poço da pedra rodeada de muito amor cresceu no mundo da arte seu pai lhe ensinou, mulher de fibra e coragem resistente e lutadora, fortalece a nossa história uma grande educadora venceu todos os obstáculos ela é encantadora. Uma mulher de estilo de beleza e alegria vive e revive a arte dia e noite, noite e dia cozinha com muito prazer tudo faz com alegria. Ele é boneca faceira e tem bastante saber, sua história é crioula uma homenagem a merecer como não dá para dizer tudo venha aqui conhecer.

A partir dessa contextualização comecei a compreender melhor que essas questões levantadas em torno da boneca, primeiro elas não são brinquedo, não vi nenhuma criança usando nenhuma delas em suas



Boneca Preta de Conceição das Crioulas. Fonte: Larissa Rachel Gomes Silva. 2019.

brincadeiras, segundo não são chamadas de bonecas, mas pelo nomes das mulheres que estão representando.

As mulheres escolhidas são de diferentes áreas de atuação dentro da comunidade, pois a proposta é levar para mundo o nome e a história da Conceição das Crioulas através delas, para isso todas são pensadas minuciosamente, desde o penteado, até as cores que carregam. Quando são finalizadas, são colocadas em embalagens que possuem o seu nome, sua história e a da comunidade. No verso do folder que acompanha as bo-



Preparação do Caroá. Fonte Larissa Rachel Gomes Silva. 2019.

necas de caroá do Quilombo de Conceição das Crioulas (Imagem 2) encontra-se o seguinte texto:

Elas são o símbolo da luta e resistência do povo de Conceição das Crioulas. Cada modelo foi desenvolvido a partir de desenhos das mulheres da comunidade, elaborados pelos jovens. Cada uma representa uma personagem marcante da história desse povo que soube a partir da união vencer grandes desafios e que continua forte e atuante na luta das comunidades quilombolas (VILELA, 2014, p.86).

Fiquei encantada em ver o quando Conceição das Crioulas reafirma a força das mulheres.

Depois desse momento de contextualização, fomos conhecer o caroá em natura, que dar origem a fibra que é matéria prima. Tivemos a orientação e sabedoria da mestra Chiquinha, que apresentou o caroá em sua forma natural. Colheu de forma ecologicamente correta, ou seja, sem prejudicar o seu crescimento.





Boneca de caroá finalizada. Fonte: Larissa Rachel Gomes Silva. 2019.

Em seguida, retornamos a sua casa e mostrou como se descasca e como se bate o caroá (Imagem 3 - 4). Foi um momento onde todos participaram e conseguimos obter a fibra ainda verde, mas depois que secasse, estaria pronta para o tingimento.

No dia seguinte, depois de todo o processo do dia anterior, todos estavam ansiosos, em criar suas bonecas, e foi ainda mais empolgante. Tentei experimentar o máximo de cores possíveis, achei o processo de criação delas bem elaborado.

Trabalhar com o caroá, foi muito diferente. Inicialmente achei que não conseguiria, pois é necessário modelar a fibra, para que ela vá criando forma. Iniciamos construindo a cabeça da boneca, e a partir dela, íamos acrescentando mais fibra

para formar o que seria o busto e a saia. Depois aprendemos a trançar o cabelo, que aparentemente parece simples, mas requer atenção, pois o direcionamento da fibra vai influenciar o resultado final (Imagem 5).

Fiquei encantada com o resultado que consegui. Criei uma “Valdeci”, pois havia trançado todo o cabelo, e cada formato de penteado pertence a uma mulher diferente.

Foi um processo lindo, pois aprendemos todo o contexto que está em fazer esse trabalho.

Reflexões

A vivência em Conceição das Crioulas me fez pensar muito a respeito do processo de criação. Voltei a pensar nos últimos três anos ao estudo da boneca, como um objeto feminino de doutrinação, e de como a arte pode subverter o seu sentido, com as mulheres de Conceição das Crioulas. Vi muito mais conceito, quando entendi que para elas o que chamo de boneca, para a comunidade é um objeto que carrega uma função muito maior, a memória.

A história da origem da Comunidade baseia-se numa narrativa mítica que se fundamenta na ação dessas seis “mulheres crioulas”. Tal narrativa enuncia o mito fundador de Conceição das Crioulas, atrelando à Comunidade uma fonte estrutural matriarcal que, por sua vez, fará parte da sua identidade local (VILELA, 2014, p.78).

Mas, a ideia de “boneca” que conhecemos hoje tem origens remotas, dos tempos da pré-história, um período em que se cultuava a Deusa Grande Mãe. Rosalind Miles, no livro *A História do Mundo pela Mulher* (1989), cita que de 25.000 a 50.000 A.C havia “figurinhas de Vênus”, feitas de pedra e marfim, o que me remete a imagem da Vênus de Willendorf, encontrada na Áustria (Imagem 7), uma escultura de pequeno porte, mas minuciosamente trabalhada, principalmente nas partes genitais.

Tudo leva a crer que a escultura seja uma espécie de amuleto para ajudar na reprodução. “As bonecas servem de talismãs. Os talismãs são lembretes do que se é sentido, mas não visto; do que existe, mas não é de evidência imediata” (ESTÉS, 1994, p.119).

A figura extremamente arredondada remete a uma representação de uma figura feminina voluptuosa, que no período era sinônimo de fertilidade, isso porque “O sexo feminino era reverenciado por sua capacidade de reprodução e total desconhecimento do papel do homem na concepção” (ROCHA, 2009, p. 45).

Alguns historiadores têm dificuldade em categorizar a função destes objetos, pois poderiam exercer diversas funções, como cita Ariès:

Os historiadores de brinquedos e os colecionadores de bonecas e de brinquedos-miniatras sempre tiveram muita dificuldade em distinguir a boneca, brinquedo de criança, de todas as outras imagens e estatuetas que as escavações nos restituem em quantidade se-

mi-industriais que quase sempre tinham uma significação religiosa: objetos de culto doméstico ou funerário, ex-votos dos devotos de uma peregrinação etc. (ARIÈS, 1986, p.89-90).

Em Conceição das Crioulas é justamente com esse conceito que nos deparamos, pois o que entendemos como boneca, para as mulheres da comunidade, são representações das mulheres que fazem parte da história e da construção de Conceição das Crioulas.

Logo, elas são utilizadas pela comunidade para educar e manter viva sua resistência e cultura.

Olhar para o seu lugar, para si mesmo e se reafirmar, mostrar para o mundo a sua origem, é uma das possibilidades que a arte pode oferecer às mulheres de Conceição das Crioulas. Elas encontraram um caminho, enquanto outras estão trilhando e se redescobrimo.

As bonecas de caroá de Conceição das Crioulas põe em destaque a relação que a mulher estabelece com esse objeto. Elas são as principais criadoras, usando-a para reafirmar sua identidade, sua história, suas origens. Desta forma, podemos ver que as bonecas de caroá não são um brinquedo, são objetos de resistência, são utilizadas para que a memória resista ao tempo, para que a identidade de uma comunidade continue a existir e se torne um símbolo de luta.



Considerações finais

Sejam vistas como bonecas, amuletos ou esculturas, ora sendo um objeto de culto, ora sendo usado para se ensinar sobre uma cultura; ora como brinquedo usado para ser uma forma de alento, ora como objeto na arte usada para representar memórias, afetos e construir críticas; enfim, aos olhos de cada um pode ter um significado diferente. E esse é o encantamento que esse objeto tem em suas múltiplas possibilidades de representação.

Referências

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. (Trad. Dora Flaksman) Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ESTÊS, C. P. *Mulheres que correm com lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MILES, M. *A História do Mundo pela Mulher*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial – LTC Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- ROCHA, P. *Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.
- VIEIRA, C. B. *A Presença do Corpo Feminino como Objeto na Arte Contemporânea: as artistas contemporâneas e suas autorias*. Santa Maria. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.
- VILELA, I. S. L. *Afirmção da identidade no discurso quilombola em perspectiva semiótica: o caso das bonecas pretas do Quilombo de Conceição das Crioulas*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral, São Paulo, 2014.

Deslocamentos. Vivências e pensamentos sobre como pode-se deixar seu lugar e aprender uns com os outros em encontros no quilombo Conceição das Crioulas

URSULA STENGER¹

Primeiramente, gostaria de agradecer de coração pelo convite da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas e pelo acolhimento caloroso recebido. Gratidão pela cama para as noites, pelas conversas e pelos encontros, pelas danças, pelas tranças e pelas refeições conjuntas, pelo

tempo que passamos e por tudo que pude vivenciar nesse local tão outro para mim. Deslocar — algo memorável que deixou rastros marcantes e inesquecíveis em mim — para perceber, sentir e refletir sobre a forma e a maneira como vivemos e como pensamos. Muito obrigada!

Aproximar

Ao chegar, pela primeira vez no Brasil, Jeannette, minha cara amiga, me hospedou em sua casa e eu sinto o vento, o mar, os sons da rua, a energia forte. Muito obrigada, Jeannette!

Pela primeira vez, fomos juntas dançar forró. Foi fascinante sentir o outro mutuamente no corpo inteiro e balançar os quadris ao ritmo da música. Simplesmente olhar a dança já nos transpõe a um estado de alegria.

Encontramos o colega Ricardo e nos perguntamos o que a África tem a nos dizer. Como podemos abordar essa pergunta com a música, com a dança e com os nossos corpos? Eu gostaria muito de dar a essa pergunta espaço e tempo e, com o meu corpo, aprender, escutar, cheirar, saborear, fazer algo em conjunto, balançar, soar, aprender a me movimentar.

Uma coisa compreendo de imediato: o que eu posso aprender aqui não acontece estando distante, nem através do olhar distante, mas sim pelo elo, pelo vínculo, pela conexão.

Chegar

Após uma longa viagem de carro, chegamos a Conceição das Crioulas e fomos convidadas para a refeição comunitária. O vínculo, a conexão e a interligação na e com a comunidade são sentidos imediatamente. No dia seguinte, a banda de pífano nos convidava a dançar o trancilim, a participar e entrar no movimento, perceber o outro rapidamente e desviar-se dela ou dele e, no balanço desse vai-e-vem, poder sentir a alegria no coletivo.

Nas falas e conversas, compreendo como o desenvolvimento da comunidade está relacionado a questões políticas, a um movimento global contra a discriminação e o racismo, à luta por escolas e jardins-de-infância, onde a história e cultura afro-brasileira têm o seu lugar, cuja a riqueza pode ser percebida. Concomitantemente, fica evidente como formas colonizadoras de pensar e avaliar o mundo através de determinados critérios penetram e afetam demasiadamente esse lugar no meio do grande sertão. Objetivos econômicos globais comprometem o desenvolvimento e preservação de comunidades que querem pensar diferentemente, agir solidariamente. Grades curriculares para escolas e jardins-de-infância ditam objetivos educacionais, o clérigo cristão desvaloriza outras práticas espirituais e pensadores europeus como Foucault, Bourdieu e Marx interferem na forma sobre como a própria história e como as próprias práticas são pensadas. Porém, como poder falar sobre as práticas locais ou como poder contar as histórias que real-

mente expressam aquilo que é vivenciado e experienciado nessa história magnífica dessa comunidade, nos encontros cotidianos com a comunidade, com as mulheres, os homens e as crianças?

Tocar

Na Alemanha, frequentemente, saúda-se alguém com um aceno com a cabeça, com uma saudação verbal ou com um aperto de mão. Pessoas mais próximas são saudadas com um abraço que, depois da minha viagem, me parece curto e superficial ao comparar com as saudações, os abraços que eu vivenciei no Quilombo de Conceição das Crioulas. Esse abraço está conectado com o peito aberto, com o coração, com o ficar com o rosto colado ao outro por um momento, no qual uma conexão íntima com o outro é feita. Mostra-se o sentimento de alegria por ver o outro com um sorriso.

Não é apenas nas saudações que o corpo está presente de maneira bem diferente daqui, mas também nas conversas. Quantas vezes pude observar como a outra pessoa é tocada ao se iniciar uma conversa, ou durante uma conversa quando se quer enfatizar, esclarecer ou perguntar — tudo isso está ligado, frequentemente, a um contato com a outra pessoa.

Este ato de fazer a ligação com o corpo é parte da conversa! Nem tudo pode ser dito! E, assim, pode ser sentido o que não pode ser dito. Sem o toque, a conversa toda teria um outro sentido!

Aparentemente, as pessoas sentem o contato com outras de uma forma pro-

¹ Professora catedrática do Departamento de Educação e Ciências Sociais da Universidade de Colônia (Universität zu Köln), Alemanha.

funda. Aconteceu, várias vezes durante uma palestra ou outra, que eu olhei para mulheres e homens de costas demoradamente simplesmente porque eu estava fascinada com a beleza, com o carisma, com a dignidade da aparência. Todas as vezes que o meu olhar se deixou descansar sobre uma pessoa, depois de um tempo, como se o meu olhar a tivesse tocado, a pessoa se virou, revidou o olhar e, através disso, se questionou. Não obstante, não pude me conter em não me perder nesses olhares e aproveitar-los mais e mais.

Falar umas com as outras, obter (re-) conhecimento

Uma cientista dessa comunidade proferiu uma palestra sobre as suas investigações acerca da violência sobre mulheres. Ela relatou sobre a sua maneira de obter conhecimento sobre essas mulheres enquanto realizava um trabalho conjunto e cotidiano com elas. Ela não realizou entrevistas, não as confrontou, mas colecionou histórias eventuais contadas na ação conjunta cotidiana. Ela contou também a sua própria história e relatou sobre como as experiências da força coletiva, ao cozinhar ou plantar, a dor dessas mulheres pode transformar-se em amor: como mulheres descobrem força e sentido nas suas vidas. A forma das conversas sobre a palestra também me tocou muito, porque muitas pessoas, assim como eu, foram tocadas pelas falas e por como vivenciaram os relatos ao serem relatados. Isso tem uma outra qualida-

de, porque nos toca, porque a dor, assim como a ligação e a força das mulheres podem ser sentidas ao escutar suas falas. A fala acontece aqui – muito mais do que na Alemanha – de maneira circular, recorrentemente temas e questões são abordados, lançados nesse espaço são fortalecidos e podem ser vivenciados na sua mensagem e na carga do seu conteúdo emocional. O que eu senti ao ouvir a palestra: a violência pode ser crua e a tristeza profunda, mesmo quando a cordialidade é calorosa.

Trançar e conectar-se com a natureza e com a história

Lá no campo vimos cactos e gramas impressionantes. Aprendemos como a fibra natural é preparada para ser trançada, quantos passos são necessários até que os fios robustos são tingidos, como o conhecimento das pessoas são (re-)transmitidos. O trançar das mulheres é muito importante para a história da comunidade, porque elas, através da sua coragem e das suas ideias, constituíram essa história. Me deu tanta alegria ir junto com outros ao campo e aprender com o saber da especialista da comunidade os passos de trabalho até uma boneca estar pronta. A boneca que eu fiz está comigo, num lugar de honra na minha sala, para que eu sempre possa me lembrar de todos os sentimentos e de todas as pessoas da comunidade que fazem o futuro pelas próprias mãos.

Aí eu me pergunto, se para os meninos e rapazes dessa comunidade não seria im-

portante, se eles também tivessem homens como exemplos – eles realmente existem! – ou se esses também pudessem usar algum meio para formar ou modelar algo para que esses jovens possam se orientar nesses homens exemplares e se engajar na comunidade, porque assim eles também estariam visíveis nesses espaços públicos.

Escola e Jardim-de-Infância

Na sala de quatro anos, as crianças desempenham no papel mágico. O papel espera as suas histórias que são desenhadas e nos contadas. As crianças nos permitem entrar nas suas vidas e nos mostram alegrias e sofrimentos. As conversas com as professoras e professores me preenchem de respeito pelo engajamento, com o qual elas/eles intercedem pelas crianças. Suas ideias de pintar com as crianças, trabalhar com o barro, realizar trabalhos manuais, criar estórias são tão ricas, calorosas e abertas, apesar das questões serem similares como em todo o mundo. Como podemos dar oportunidades a essas crianças de brincar e aprender para que elas conheçam suas tradições culturais, para que



Arquivo pessoal da autora.

elas possam desabrochar e se desenvolver, bem como, cumprir as expectativas e exigências que as grades curriculares lhes impõem. Precisamente também, quando não se sabe se os objetivos formulados – alfabetizar crianças de quatro anos de idade – são efetivamente úteis ou benéficos para a formação de um futuro humano.

Dançar, dançar, dançar: ao dançar podemos sentir o valor da vida

Na dança pode-se vivenciar a si como ser humano, livre e forte, agraciado por força e alegrias. Quem antes aparenta ainda triste ou cabisbaixo, fosco ou apático, passa a ser envolvido por uma energia assim que toca o ritmo e o grupo ou os pares começam a dançar, seja no pátio da escola ou no centro comunitário. Essa alegria é contagiante ao ver crianças de quatro anos e adultos dançando forró, trancilim e maracatu. A riqueza de ritmos e danças é inesgotável! Isso pode ser sentido assim que se tenta dançar também, seja de dia, à tarde ou à noite sob a lua.

Sobretudo a dança das mulheres com saias brancas e camisetas que realçam a silhueta feminina me impressionou. Soube através de Helza que elas dançam uma música em homenagem à Deusa Iansã, a força dos ventos, o poder da natureza, a garra, a independência e a força feminina que, na dança, é saudada com admiração (Epahei Oyá). O vento as movimentava na dança, movimentava-as com suavidade. Todas as dançarinas não deixam o chão ao dançar, elas dançam em volta de um



Arquivo pessoal da autora.



círculo invisível indo uma em direção às outras e seguram em suas mãos potes de barro com água, às vezes próximo ao coração, às vezes sobre a cabeça. Do pote usam a água para molhar umas as outras e, como um presente divino, elas passam a água no rosto e braços e envolvem, cada vez mais nessas ações, as/os expectadores. Ninguém fica de fora. Todas as pessoas são tocadas e envolvidas, todas devem sentir como Iansã verdadeiramente está presente. A água, como a base da vida, um bem precioso, une as dançarinas e o público. As mulheres da comunidade são também chamadas, salve Antônia e todas as outras! Elas também estão presentes, elas também doam força, calor e conectividade. Tudo e todos estão nesse círculo das mulheres, onde elas molham umas as outras e a si mesmas e incorporam a sua força vital, representando-nos.

Alegria de viver e amor à vida são incorporados. A força da vida, a delicadeza e a conexão com a ancestralidade, a partida e o recomeço, doar e receber, gratidão e plenitude — tudo isso ocorre na dança.

Finalmente, elevam os potes e destroem-nos no meio do círculo. Tudo está sob mudança, tudo sofre transformação, nada resta como é. Dos fragmentos surge algo novo. E assim termina a dança com a força bruta da mudança, visível e sensível a todos que puderam presenciar e vivenciar quando as mulheres dançam em movimentos circulares com suas saias longas e seus braços abertos! A força da comunidade, de onde tudo cresce e se renova — que é muito mais forte do que a separação e o individualismo —, essa força é sentida nesse momento e ela atinge o fundo do coração.

Eu desejo a todas e a todos vocês que essa força da comunidade seja sempre renovada e sentida e que todas as decisões e ações partam dela!

O segredo da vida pode ser vivenciado numa dança. As palavras não são suficientes para expressar, elas parecem pobres, pálidas e cinzas. Esse segredo me envolve desde que eu deixei o Brasil. É algo inesquecível. Gratidão a todas e a todos.

A borboleta e o borboleto: oficina de leitura e artes na educação infantil quilombola de Conceição das Crioulas

HELZA RICARTE LANZ¹
DENILSON ROSA²

“A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”
Maria da Conceição Evaristo de Brito

As nossas vivências e experiências durante o II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola

¹ Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Friburgo, Suíça. Professora do Departamento de Educação e Ciências Sociais da Universidade de Colônia, Alemanha.

² Doutor em Artes Visuais pela Universidade do Porto, Portugal.

de Conceição das Crioulas entre os dias 14 a 20 de julho de 2019 foram encantadoras, fascinantes, surpreendentes, envolventes, cativantes e muito enriquecedoras. Foram recebidos de maneira tão acolhedora pela comunidade que seria impossível não destacar aqui as pessoas, as trocas, as escutas, as falas, os encontros, as músicas, as danças, as artes, as oficinas, os sabores, os saberes engrandecedores que nos possibilitam alargar horizontes e nos convidam a trilhar novos caminhos. Ao nos deslocar, não apenas geograficamente, mas principalmente epistemologicamente, percebemos muitos saberes contidos na cultura, na luta, na resistência, na ancestralidade, na religiosidade e espiritualidade, na memória coletiva e também no advir dessa comunidade quilombola. Foram muitas impressões e emoções. Especialmente, a nossa oficina com crianças nos impregnou de forma muito significativa. Crianças nos ajudam a pensar, a refletir e a compreender a vida de uma comunidade. Nesse caldeirão de afeitos, sensações e impressões, objetivamos refletir sobre a oficina realizada na turma de educação infantil, crianças com cinco anos de idade e professores da Escola Municipal Quilombola José Néu de Carvalho. Nessa reconstrução da nossa vivência, falaremos, primeiramente, sobre as nossas fontes de inspiração. Depois descreveremos a oficina, a recepção por parte das crianças e nossos aprendizados com as crianças, professoras e professores. Num terceiro momento, a título de conclusão, abordaremos a importância de diálogos e atividades para pensar caminhos de uma pedagogia quilombola.

1. Fontes de inspiração

Nosso primeiro dia de encontro foi marcado pelos sabores, pela troca, pela memória coletiva dessa comunidade, representada e simbolizada pela faixa enorme com mulheres importantes dessa comunidade. Quando decidimos fazer a oficina com as crianças, queríamos fazer uma oficina que usasse esses elementos e que os mesmos estivessem vinculados ao território que fora conseguido através do trabalho dos habitantes, da luta pelo reconhecimento e pela legalização das terras. Optamos em trabalhar com as crianças com folhas das redondezas. As folhas caídas de árvores próximas do centro comunitário foram coletadas e guardadas. Guardamos tão bem que, no dia da oficina cedo pela manhã, não as achávamos mais. Mudamos de temática e objetivos.

Tínhamos recebido um presente, o livro recém-publicado de Rosemberg Cariri (2019) que também participava do encontro, e resolvemos usá-lo como a nossa fonte de inspiração para a oficina com crianças, na manhã do dia 17 de julho de 2019. Lemos a bela estória infantil ‘Matilde - A Lagarta Pintada’, filha da borboleta Josefina e do borboleto Nazareno, que viviam na cidade Beira-Rio, no país do Arco-Íris. Nessa estória, encontramos valiosos elementos da cultura regional contados de maneira simples, elegante e comovente. Já que o tempo para a oficina era limitado a uma manhã, resolvemos resumir a estória, transformar a leitura numa “contação de estória” e usar os lindos desenhos do livro para ilustrar a nossa contação. Depois da

atividade de leitura, faríamos borboletas usando as mãos das crianças como molde para o desenho de borboletas a serem pintadas pelas próprias crianças. Os desenhos ficariam expostos na sala-de-aula num mural na parede. Por último, usando a grande saia de arco-íris que José Neta, também participante do evento, havia nos emprestado, cantaríamos músicas infantis e as crianças se tornariam, alternadamente no meio da roda, uma linda borboleta colorida.

2. A oficina – Transformação, Traços, Linhas e Cores

Nossa intenção inicial com a oficina era propiciar atividades transformadoras de acesso às artes para as crianças. A questão que surgiu logo de início foi como diferentes linguagens das artes – literatura, desenho e dança – podem ser usadas no processo de desenvolvimento integral das crianças quilombolas, ampliando suas habilidades sociais e afetivas, contribuindo para fortalecer a oralidade, a ancestralidade, a comunicação, a corporalidade, a criatividade, a autonomia, a subjetivação e as abstrações. Pois, nesta como em qualquer outra fase do desenvolvimento, as crianças necessitam de um trabalho pedagógico que possibilite a compreensão do mundo em sua volta, que permita a interação com outras crianças da mesma idade e mais velhas, com as professoras e os professores, e com os adultos da comunidade em geral. Essas atividades, na teoria, além de contribuir para o desenvolvimento infantil,

poderiam estimular saberes e propiciar também a percepção de si e do outro. Com isso, acreditamos que este trabalho poderia promover a construção de uma proposta educativa, em que todos os envolvidos pudessem tecer várias redes de saberes a partir da temática abordada. Dentro desse contexto de oficina, as crianças teriam espaço para trazer as suas experiências e para dialogar com o livro infantil. A estória criada por Rosemberg Cariri (2019) traz traços culturais de regionalidade e marcas da oralidade da comunidade. Além disso, as ilustrações de Ronaldo Cavalcante desenhadas no livro são belas, coloridas e atrativas para as crianças. Estávamos cheios de teorias e conceitos pedagógicos antes da oficina, mas abertos a aprender e buscando novos saberes. Nosso primeiro aprendizado aconteceu nos primeiros minutos da oficina.

Ao chegar na escola, nos apresentamos à professora Ivoneide e ao seu ajudante Francisco, falamos com os adultos sobre a oficina e obtivemos a sua permissão para iniciarmos. Logo em seguida, pedimos que ela reunisse as crianças para que pudéssemos contar a estória infantil. A pedido da professora, as crianças deixaram suas mesas e cadeiras e sentaram-se, no meio da sala no chão, prontas para iniciar uma atividade. Ao começar a mostrar o livro e a falar que iríamos ouvir a estória de Matilde, uma criança diz em alto e bom tom: mas vocês nem se apresentaram! Percebemos, naquele momento, que havíamos faltado com respeito às crianças, que por menores que sejam, são quem

legítima as nossas práticas. Pedimos desculpas imediatamente e parabenizamos a intervenção da criança. Ela estava coberta de razão. Quem somos nós e quem nos autoriza estar na sua sala-de-aula? Essa foi a nossa primeira lição na oficina: nós não tínhamos nos apresentado e não estávamos autorizados ou legitimados pelas crianças para estarmos ali! Aprendemos que não há uma prática pedagógica sem autorização do outro e que não há justificativa, nem mesmo de diferença de idade, para agir pedagogicamente sem o respeito mútuo, sem a autorização e a legitimação de nossas práticas. Depois do pedido de desculpa, voltamos atrás, nos apresentamos e perguntamos se as crianças gostariam de escutar uma estória.

A ideia não foi muito bem-vinda de imediato. Sentimos um certo temor por parte das crianças que a leitura seria uma atividade maçante. Porém, estávamos convencidos que a atividade de “contação” de estória iria abrir novas perspectivas de interação pedagógica. Afinal, a escola é um ambiente privilegiado no que diz respeito ao trabalho com a literatura, para as quais os primeiros contatos e o encantamento pela leitura acontecem nesse espaço.

Usamos o “gancho” dado pelas crianças para apresentar Matilde e, pouco a pouco, as crianças também foram se apresentando. A postura cética inicial das crianças foi se transformando. Com o desenrolar da contação da estória, as crianças foram se aproximando de nós, ficando cada vez mais perto. A sensação que tivemos era como se elas estivessem querendo entrar

no livro, fazer parte da estória. Sentimos nesse movimento espacial de deslocamento das crianças avizinhandose ao livro e à contação que a curiosidade pela estória de Matilde estava se transformando em aceitação de uma prática social conhecida e valorizada na comunidade: a oralidade. Ao tematizarmos a estória da lagarta que virou uma borboleta, as crianças tiveram espaço para nos contar um pouco das suas histórias biográficas. Nosso segundo aprendizado estava acontecendo: passamos a saber que as crianças dessa comunidade tinham não apenas uma, mas três (sic!) mães.

Essa foi uma grande surpresa para nós, porque de repente, pudemos relacionar o que estávamos vivenciando fora do contexto escolar com um fato peculiar e importante nessa comunidade. Realmente, o que as crianças nos contavam, isto é, o fato de terem três mães pode ser vivenciado no cotidiano da comunidade. Todas as manhãs, desde o nosso segundo dia na comunidade, tomávamos café bem cedo, por volta das seis da manhã, com Dona Otilia Maria antes do café comunitário com todos os participantes do encontro. Entre um gole e outro de café, surgia sempre uma prosa agradável. Muitas crianças já estavam se deslocando para a escola e, ao passar por Dona Otilia, vinham cumprimentá-la, dando-lhe a mão e pedindo-lhe a benção. Ao perguntá-la quem são, ela simplesmente dizia: são as minhas crianças. Aos poucos percebemos que as relações de parentesco, as relações históricas, sociais e culturais, bem como, a ancestralidade são princípios norteado-

res que firmam as raízes dessas crianças e adultos nesse território.

Tendo por base a estória de Matilde, falamos sobre as festas da comunidade, perguntamos onde as crianças moravam, quem eram seus parentes, amigos e vizinhos, sobre práticas religiosas e percebemos a importância desse território para a formação das crianças. Território, pertencimento, ancestralidade, liberdade, resistência, história, memória e tradição negra fundem-se no conceito contemporâneo de quilombo. Pensar sobre a territorialidade nos remete, de um lado, às lutas pelo reconhecimento social e legal. Aspectos, sem dúvida, de suma importância para a existência da comunidade. Por outro lado, além desses aspectos, o território quilombola se estabelece através da auto-identificação étnica de seus membros, da relação de pertencimento à comunidade, das vidas, histórias, memórias e dos valores partilhados. O patrimônio cultural quilombola é uma herança muito significativa para as novas gerações e para a formação das crianças.

O trabalho pedagógico com expressões culturais de matriz africana na escola pode acontecer de várias maneiras. Para a nossa oficina com estudantes de cinco anos, priorizamos trabalhar a valorização da territorialidade e da memória coletiva a partir da valorização do próprio corpo das crianças e do espaço da sala de aula. Pois, o espaço de cada criança dentro da sala de aula não estava restrito a uma mesa e cadeira. As crianças apropriaram-se de todos os espaços da sala, inclusive do chão e

das paredes. Procuramos, assim, usar todos os espaços e romper com a proposta escolar “boca-nuca” (Valéria), onde crianças enfileiradas em suas carteiras falam da boca para a nuca do colega.

Buscamos mostrar que as suas mãos são capazes de fazer coisas mágicas no papel e que os contornos das suas mãos podem transformar-se em asas de borboletas coloridas. A criança, ao riscar uma superfície, experimenta corporalmente os registros que seus movimentos podem criar. Desta maneira, incentivamos as crianças a imaginar, usar suas mãos como molde para desenhar uma borboleta, metamorfose da lagarta Matilde, e ainda, descobrir novas formas e cores usadas nos desenhos. As artes visuais e corporais são formas que a criança tem de construir, criar, recriar e inventar, expressar-se com sua visão de mundo e com isso desenvolver-se nas dimensões afetiva, motora e cognitiva.

Os desenhos de borboletas foram coloridos com muito interesse e afimco. Assim que estavam prontos, as crianças penduravam seus desenhos para ficarem em exposição no mural da sala. Cada criança colocou orgulhosamente o seu nome no desenho. A professora enfatizou que elas já sabiam escrever os seus nomes. Muitas vinham nos mostrar os desenhos e pediam para serem fotografadas com ele.

Ao ver os desenhos de borboletas a partir das mãos das crianças, uma alegria contagiante nos enchia de emoções, de orgulho, de realização. Aquela atividade era mais do que um desenho. Algo importante que as crianças logo perceberam e que

foi um aprendizado para todos, crianças e adultos: não são as mãos que viram e mudam de posição para realizar o desenho. É o papel que tem que virar e mudar de posição, as mãos permanecem como são e estão. Metaforicamente, isso serve também para a escola e para nós professores: não são as crianças que têm que se adequar, se submeter, se modificar para caber dentro de uma pedagogia de referenciais euro-norte-americanos-brancos. Assim como o papel do desenho de borboletas se desloca, é a escola com suas práticas pedagógicas que deve deslocar seus posicionamentos, seu currículo e desenvolver uma educação diferenciada a partir do patrimônio cultural da comunidade. Esse também foi um aprendizado importante para nós.

A hora do lanche matinal havia chegado. Fizemos uma pausa para sair para o recreio. As crianças já sabiam e começaram a fazer uma fila, mas como havia discórdia e tumulto, a professora muito sabiamente interrompeu a confusão. Em vez de ralar ou gritar com as crianças, a professora Ivoneide simplesmente tomou a iniciativa, sinalizou sua presença num outro ponto da sala e disse: a fila começa atrás de mim. A discussão entre as crianças estava encerrada. Sem empurrões e sem gritaria, as crianças foram se posicionando na outra fila atrás da professora. Quando todos estavam tranquilos, saímos para o recreio. As mesas já estavam postas e cada criança achou um lugar para sentar. À frente de cada uma havia um prato e um copo de plástico. Os aromas daquela refeição farta e saborosa já pairavam no ar do refeitório. Serviram uma

deliciosa comida regional com suco de fruta da terra. Esse foi mais um aprendizado para nós: as práticas pedagógicas são práticas civilizatórias que, como na cena da fila, às vezes, precisam fechar um caminho para abrir novas possibilidades.

Na hora do recreio, presenciamos algo fantástico. Não havia imposição alguma, muito menos uma instrução do que fazer, de como fazer ou deixar de fazer. As crianças estavam livres para transitar, jogar bola, correr e dançar. Foi surpreendente perceber, no período do recreio, um aparelho de música e uma caixa de som a tocar forró, coco, baião e outros ritmos regionais. A música convidava crianças e adultos a dançarem. Ali, naquele momento de descontração e lazer, não havia diferença de posição social, idade ou tamanho. Os mais jovens faziam movimentos semelhantes aos dos mais velhos, corpos tocavam-se ao ritmo da música e, num ato performativo mágico, o pátio da escola transformara-se num grande salão de dança. E, no vai e vem ritmado ao som da música, mais um aprendizado aconteceu. Nos demos conta que, na relação professor(as)/alun(as/os), os corpos não são interditados para as interações sociais, para a dança e para o toque. Além disso, também aprendemos, que, numa relação profissional pedagógica, ensina-se emoções, sentimentos e sensações afetivas, por exemplo, através do ato performativo da dança e da expressão corporal compartilhada.

Depois que retornamos do recreio, fizemos uma grande roda e cada criança segurou numa ponta da saia de arco-íris

que José Neta havia nos emprestado gentilmente para a dança. Cantamos cantigas de roda que as crianças conheciam e cada uma pode ficar no centro com a parte superior do corpo para fora da saia e se sentir uma borboleta de asas abertas.

Ao utilizar as diferentes linguagens artísticas, mais especificamente o desenho, a música e a dança, a criança participa ativamente no seu desenvolvimento pessoal enquanto um sujeito ativo na sociedade. O mais incrível, filosófico e poético, neste trabalho, foi constatar que fomos nós, professora, professor e propositores da oficina que nos transformamos. A partir desse encontro, passamos a ser chamados pelas crianças de borboleta e borboleto, o que muito nos honra.

3. A título de conclusão: pensar caminhos para uma pedagogia quilombola

Nossa gratidão pelos novos saberes adquiridos durante esse encontro na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas é incomensurável. Como procuramos demonstrar, foram muitos os nossos aprendizados. Resumidamente, apontamos, nesse relato sobre a oficina que realizamos, vários novos saberes que pudemos adquirir a partir do convívio com crianças e professores quilombolas:

a importância do respeito mútuo: práticas pedagógicas requerem autorização e legitimação também por parte das crianças;

a relevância das relações de parentesco e ancestralidade, de pertencimento a

uma comunidade, a um território e a uma memória coletiva de luta e resistência como princípios norteadores quilombolas que precisam ser valorizados e ensinados nas escolas;

o valor significativo da corporalidade, religiosidade e territorialidade como princípios fundantes da comunidade; a atenção às práticas pedagógicas e ao currículo escolar adequados às especificidades das crianças quilombolas;

valorizar e saber que as práticas pedagógicas fecham e abrem caminhos de civilidade e cidadania;

emoções, sentimentos e afetos precisam ser partilhados e ensinados como uma ação conjunta e performativa nas práticas pedagógicas.

Pensar novos caminhos para uma pedagogia infantil quilombola requer, necessariamente, o diálogo e a participação ativa e crítica da população local. Além disso, requer também que racismo, objetivado nas diferenças sociais e econômicas estruturais e seculares gritantes, seja sempre desmascarado e combatido. Para tal, as crianças precisam ser preparadas para reconhecer, reagir e combater todas as formas de racismo. O ser humano é, sem dúvida, o seu corpo, a sua consciência, a sua territorialidade, a sua socialidade, o que inclui também a sua cidadania. Porém, parafraseando Milton Santos, a conquista da consciência da sua existência não suprime a realidade social excludente, nem lhes amplia a efetividade da cidadania. Enfrentar a questão do racismo, e aqui entra o papel civilizatório

da escola, requer aprofundar as análises e práticas pedagógicas que coíbem a sua proliferação e legitimação. Assim sendo, e isso vale para todas as faixas etárias, é importante abordar o tema, desde o início, no seu âmago.

Sugerimos pensar em infâncias, no plural, já que existem diversos contextos vividos por crianças. Assim, aprendemos, nessa vivência em Conceição das Crioulas, que a concepção de infância não pode ser única e universal. É preciso considerar a diversidade de aspectos sociais e culturais que deixam marcas diferenciadas no processo de socialização de crianças e adultos para podermos prepará-las para os desafios que irão enfrentar na vida. Acreditamos que não será possível obter respostas prontas para uma pedagogia quilombola, mas suscitar reflexões pode ser um caminho para pensá-las.

Aprendemos que é importante valorizar e fortalecer práticas culturais como formas de resistência e de enfrentamento ao modelo eurocêntrico de educação ainda presente nos currículos e nos livros didáticos. Assim como a lagarta Matilde que se transformou numa linda borboleta colorida, nós também nos transformamos. Torcemos para que essas crianças se transformem em lindas borboletas e voem bem alto! Ficamos muito felizes em vivenciar a pluralidade e riqueza do trabalho quilombola nas escolas e fora delas. Deixamos aqui a nossa gratidão pelas vivências, experiências, pelas trocas e pelos aprendizados.

Referências

CARIR, R. Matilde: A Lagarta Pintada. Ilustrações por Ronaldo Cavalcante. Fortaleza: Interarte Editora, 2019.



Interações Culturais nas Artes Visuais

DENILSON ROSA¹

Resumo

Este texto tem por objetivo narrar parte da experiência de ação\investigação realizada na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

Palavras-chave

Quilombo. Arte como cultura. Intervenção Artística e Arte em espaço público.

Formato de apresentação: oral

Durante o mestrado (2010-2012) no PPGE – UFG, Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Goiás, encontrei o trabalho do “movimento intercultural IDENTIDADES”, site: <http://identidades.up.pt/> que é um grupo de estudo, e ao mesmo tempo um coletivo de artistas, formado por pesquisadores, professores, alunos e ex-alunos da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, que atuam nos países falantes da língua portuguesa.

¹ IDENTIDADES coletivo de ação\investigação; denilsonprosa@gmail.com

No doutorado (2012-2015), mudei de país e instituição, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, sob a orientação do Prof. Dr. José Carlos Paiva, estudei a Arte no Espaço Público. Inicialmente o projeto tinha por objetivo pesquisar a Arte Pública Urbana, as disciplinas cursadas, e as discussões com o coletivo de artistas do ‘IDENTIDADES’ foram importantes para delimitar o objeto de investigação, de maneira que, optei por realizar um trabalho de intervenção artística em uma comunidade tradicional quilombola, no Quilombo Conceição das Crioulas, em Pernambuco.

A investigação na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro, no sertão pernambucano, se desdobrou na tese: *interações culturais nas artes visuais: intervenção artística no quilombo Conceição das Crioulas* neste trabalho apresento o processo que construiu a consistência do conceito da arte como cultura, defendida a partir da investigação realizada na comunidade tradicional.

Na tese encontra-se refletido o estudo de textos de autores de referência do campo específico da história, antropologia, etnografia, ciências sociais, educação e arte buscando um conhecimento avançado sobre a realidade quilombola, as suas lutas por melhores condições de vida, a educação artística, a arte moderna, a religiosidade popular, a felicidade, o trabalho e a coragem do sertanejo nordestino, e ainda a ligação e amor dos quilombolas àquela terra seca, quente e cinza do semiárido pernambucano.

Durante o doutorado comecei a participar do grupo de estudo e coletivo de artista 'IDENTIDADES' com sede na cidade do Porto, Portugal e mantemos estreita colaboração acadêmica e artística até hoje, em publicações, e participação em eventos, mas principalmente em discussões, estudos e pesquisas sobre a Arte Pública e trabalhos de ação e intervenção artística em espaço público urbano e rural.

Foi nas aulas, encontros abertos e nas reuniões e discussões com o coletivo de artista 'IDENTIDADES' que me aprofundi mais nos estudos da teoria e da história da arte e das artes em comunidades tradicionais, a intervenção artística entra na investigação e na escrita da tese, através de sete encontros, como residência artística no quilombo.

Um exemplo de intervenção de uma semana em uma turma de educação infantil da Escola Municipal Quilombola Bevenuto Simão de Oliveira, quando procurei analisar com esse trabalho a possibilidade de ensinar Artes Visuais para crianças de 4 a 6 anos partindo de suas palavras, expressões e narrativas, duas versões deste trabalho está publicado com o título: *palavras e narrativas: uma investigação em arte partilhada e participativa*, em duas edições número 08, de dezembro de 2015 e n. 09, de agosto de 2016, da Revista Invisibilidade, revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes.

Para escrita da tese foram utilizadas referências do campo das artes e das letras, e, fundamentalmente o trabalho par-

ticipativo realizado com a comunidade. A escrita defende a tese de que a arte como cultura, antes de ocupar as galerias de arte contemporânea, as bienais e as instituições promotoras da arte hegemônica, tem uma existência distinta e significativa na produção simbólica dos artefatos artísticos dos povos excluídos, favelados, indígenas e quilombolas.

Defendi o doutorado no final de 2015, e de volta ao Brasil em abril de 2016 iniciei o processo de Reconhecimento\Revalidação de doutorado obtido no exterior, na EBA – UFRJ, Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, conceito 6 da Capes, em setembro do mesmo ano o processo foi aprovado.

Discussão

A discussão sobre as questões da educação artística, e precisamente da investigação em arte, teve como motivação a possibilidade de criar: atos, situações, acontecimentos, encontros e experimentações coletivas, participativa, baseada na ação intercultural, procurando uma consciência política e de cidadania, inclinado mais para a dúvida do que para a certeza.

O trabalho de intervenção em Conceição das Crioulas priorizou a criação de uma relação duradoura com os seus moradores, construída no tempo lento do sertão, possibilitando os objetivos da ação centrados na ousadia de investigar e promover a educação artística na escola da comunidade e levá-la para as casas dos quilombolas, residindo as reflexões

espalhadas na tese como o testemunho e a narrativa desses encontros.

Defende-se a proximidade a comunidade em luta pelos seus direitos e interesses, os que assumem a sua voz e se apresentam, e com a sua força otimismo de sobrevivência nos ensinam os sabores e os aromas da partilha, a nossa limitação e nos permitem combater a arrogância ocidental e machista que transportamos, inevitavelmente. (PAIVA, 2013, p.3)

As intervenções foram orientadas pela ideia de partilha e de reconhecimento mútuo: a principal intenção foi interagir com os moradores, com a escola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira, com as professoras e com as crianças; através da educação artística procurou-se aprender e contribuir com a comunidade, visando uma interação verdadeira e envolvida com os moradores os participantes na ação, não uma investigação distanciada com a presunção de neutralidade.

Essa discussão, da pertinência de ações em comunidades rurais, atravessa um dos difíceis problemas da contemporaneidade, com o fim do campesinato e o surgimento dos grandes aglomerados urbanos: foi precisamente neste contexto que imaginei o papel social, político, estético e poético das artes visuais, em comunidades tradicionais, não como dispositivos para orientar, controlar, modelar e disciplinar os seus habitantes, mas sim para se promover uma práxis baseada no diálogo e na colaboração entre investigador e a sociedade, onde a população tem o papel principal.

Na base do meu olhar individual apresentava a animação coletiva, heterogênea e diversificada “do movimento IDENTIDADES”, que inspirou a ação intercultural nas terras das Crioulas buscando tão somente investigar a arte como cultura através de uma imersão do próprio corpo da investigação, colocando em causa a separação e a hierarquia entre a arte erudita das bienais, galerias e centros culturais e a arte popular. Essa questão da exclusão de populações inteiras do acesso dos artefatos artísticos eruditos é que me faz acreditar na pertinência das ações interculturais.

O sentido da ação desenvolvida no quilombo Conceição das Crioulas estava justamente na fantasia de estreitar esse afastamento das instituições culturais museus e galerias espaços de conservação da arte hegemônica, que embora sejam instituições públicas, excluem de seu interior aqueles com pouca escolarização, neste sentido, enfrentei essa separação priorizando e investigando a arte como cultura no contexto quilombola. A arte como uma questão política e de distribuição do sensível que aponta na direção da redução deste afastamento.

Como nos ensina o idealizador e agitador do coletivo de ação e investigação José Carlos Paiva “assim se partilha o ‘movimento intercultural IDENTIDADES’, que perdendo a nacionalidade se torna ele próprio sem fronteiras, barco de deriva de quem com ele se quer deslocar, sair do conforto de quem – já – sabe, para o confronto de saberes e de sonhos, descoberta de possibilidades” (PAIVA, 2013, p.2). Foi

momeadamente as experiências anteriores do coletivo de ação\investigação que motivaram os encontros com a comunidade, e buscar através da residência artística o objeto e as questões da investigação.

A tese foi escrita em seis capítulos, mais as considerações finais. Iniciando a discussão com a questão da arte como cultura, analisando a história dos quilombos que no percurso de sua existência produz suas próprias representações artísticas e culturais, recortando a investigação em Conceição das Crioulas, onde a ação coletiva intercultural realizada na escola quilombola possibilitou o debate da educação artística através da experiência de uma imersão na realidade da escola rural no nordeste brasileiro.

O conceito de cultura, adotado na investigação foi: “cultura não é uma viagem de redescoberta, de retorno. Não é uma arqueologia. É uma produção” (HALL, 2003, p.44). Neste sentido a imersão na realidade da comunidade possibilitou criar a minha própria percepção da cultura local, não como investigador neutro, distanciado do estudo e da análise, mas interligado na luta e nas reivindicações da população.

Na dimensão específica da intervenção artística em Conceição das Crioulas, procurou-se politizar e articular as reivindicações pontuais da comunidade: a luta pela posse da terra e a conquista da

dignidade quilombola. Percebeu-se com a investigação que a sociedade brasileira vivia no período da investigação, e vive na atualidade ainda em um mundo artificial, quando nega, reprime e excluem os quilombolas dos seus direitos adquiridos a seus territórios, neste sentido, a narrativa da tese e dos seis capítulos configura-se como mais um instrumento de resistência e luta quilombola, além de ser o testemunho vivo de nossas interações culturais.

Referências

- HALL, S. *Da Diáspora Identidade e Meditações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- PAIVA, J. Carlos; RAINHO R. (Org.). *Intervenção intercultural no espaço público. Escritas no percurso do IDENTIDADES – movimento intercultural*. Porto: Edição izADS – NEA, 2013.
- ROSA, D. P. Palavras e narrativas: uma investigação em arte partilhada e participativa. In. ISSN 1677 – 0508. *Invisibilidade. Revista Ibero Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*. Vol. 9, n.1, p.50-52. Agosto, 2016.
- ROSA, D. P. Palavras e narrativas: uma investigação em arte partilhada e participativa. In. ISSN 1647 – 0508. *Invisibilidade. Revista Ibero Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*. Vol. 8, n.1, p.45-56. Dezembro 2015.





Escuta atenta partindo do não saber: as propostas de educação quilombola a partir da comunidade

LUCIANA LIMA BATISTA¹

Escuta e olhar atento

Neste texto, que relata uma experiência junto com a comunidade do Quilombo de Conceição das Crioulas, abro um precedente para poder escrever em primeira pessoa, trazendo algumas palavras sobre o muito que aprendi por lá. Há alguns tempos tenho me deslocado em busca de aproximações e aprendizagens que me auxiliem no pensar e nas possibilidades para uma reconfiguração do espaço escolar. Estes deslocamentos têm significado um decompor-se e recompor-se de formas outras, novas. Paulo Freire já havia assinalado que gostar de ser gente é nos

entendermos como seres inacabados, por vezes condicionados, mas não necessariamente determinados, completos. Este entendimento sobre nós, seres inacabados, é o que me auxilia na condução do andejar. Andejo para Conceição das Crioulas percebendo minha incompletude e sabendo da necessidade de se apreender um novo. Josep M. Esquirol indica que o olhar atento é um dos sinais essenciais do respeito, do aproximar-se e realizar um processo de *miramento*, de apreço e atenção ao outro. Critica também a sociedade contemporânea que se conduz por meio da indiferença, da posse e do consumir-se promovendo assim distanciamentos. A proximidade, o respeito, e o estar atento ao outro seriam os movimentos de contraposição a tal postura. Contudo, talvez, tal postura não agrade a muitos. Ela requer reconhecer-se como incompletude, aos moldes de Paulo Freire, e, também se dispor à vulnerabilidade, ao espaço da incerteza, do deslocar de lugares.

Aproximar-se é achar-se comprometido. Então, a aproximação do respeito nunca se pode resumir a uma função utilitária. Sabendo disso, não buscaremos na aproximação do respeito nem utilidade nem tranquilidade, nem eficácia nem abrigo. Ao contrário, acontece – e disto também havemos de ser conscientes – que a aproximação é perda de segurança, de tranquilidade e de domínio, e uma especial dádiva da inquietude. (ESQUIROL, 2008, p. 50)

¹ Docente IFSP campus Capivari – Doutoranda em Educação Artística FBAUP. lu-lima12@hotmail.com

Inquietude que me conduziu a entrar em estado de respeito e atenção, de tentar ultrapassar a mim mesma e me colocar disposta a aprender com/junto à comunidade. Entro no Quilombo de Conceição das Crioulas em silêncio, com um olhar atento, buscando perceber, aprender e gravar na memória, nos sentidos, no corpo, as lições que somente neste local existe a possibilidade de fazê-lo. Aprendizagens outras na forma de concretude. Chego também com muitas questões, dúvidas, incertezas, com conceitos e (pré) conceitos que nos dias vão se desfazendo e se constituindo em outras compreensões de modos de vida. Um deslocamento não somente das distâncias, entre São Paulo e o interior de Pernambuco, mas, também, um deslocar de preceitos que configuram o ser e que, se aberto à aprendizagem, podem igualmente se reestruturar, dar outras configurações.

Como alguém que somente conhecia um quilombo por meio de parcas leituras feitas nos anos escolares, a possibilidade de ver, escutar e aprender com/sobre esta organização de um modo de vida, que se distancia das relações urbanas, do capital e competitivas, se compõe como uma experiência significativa e de construção de saberes outros. No imaginário a (pré) concepção do que seria um quilombo dialoga com as imagens dos livros escolares, com quadrinhos de Marcelo D´Salette - Angola Janga e com as mais diversas imagens que são disponibilizadas pelo Google quando se busca a palavra quilombo (convido neste momento a fazer tal

experimentação). As imagens que surgem são as retratadas por artistas estrangeiros, em geral do século XIX, com as cenas de modos de produção, algumas danças, famílias, Zumbi, Palmares, casas de taipa... assim como também ainda aparecem um tronco e estruturas precarizadas.

O Quilombo de Conceição das Crioulas é um espaço outro. Uma configuração de comunidade, de organização diferenciada. Observo primeiro que este território é lugar de ancestralidade. Lugar de potência e luta iniciado por seis mulheres crioulas que no século XVIII lá chegaram, fincaram raízes e deixaram seu lastro e perpetuação na comunidade. Posse da terra, eis a disputa fundamental. De períodos de intrusamentos a conquistas do território se passam tempos seculares, contados pela potência que a oralidade tem neste local. Repassadas e avivadas nas memórias dos novos que ali estão, as histórias deste quilombo é uma das linhas mestras do aprender.

A busca de liberdade e a conquista das crioulas foram processos de superação dos limites físicos, geográficos, organizativos, de gênero e racial. Pensar que há quase três séculos mulheres negras, analfabetas, jamais conseguiriam dar passos tão largos, só é possível reconhecendo a capacidade de superação da população negra frente a todos os obstáculos impostos desde sua chegada ao Brasil até os dias de hoje. (SILVA, 2016, p. 45)

A forma de organização também impressiona, principalmente na questão das es-

colas. Escolas em território quilombola, com professores, alunos e funcionários quilombolas, baseado nas premissas de uma educação quilombola, construindo saberes quilombolas e questionando uma cultura geral, uniforme e apagadora de discursos outros. Escola também acolhedora, onde indígenas e quilombolas trocam aprendizagens e reafirmam suas culturas por meio do respeito e da singularidade existente. Quilombolas e indígenas convivendo assim como já era percebido nos tempos passados dos quilombos existentes em várias partes do Brasil.

Aqui uso as palavras da historiadora e pesquisadora Maria Beatriz Nascimento que, em seus estudos sobre quilombos e atualizações desta forma de organização social, faz uma reflexão aprofundada e desmistificadora das perspectivas históricas que colocam muitos aspectos distorcidos sobre o que seriam os quilombos, sua estrutura econômica e social. Tais percepções mistificadoras permanecem ainda na historiografia (principalmente nos escritos conduzidos por uma cultura homogenizadora, branca e colonial) nos livros e nos saberes construídos por algumas mão não negras.

O quilombo não é, como a historiografia tem tentado traduzir, simplesmente um reduto de negros fugidos, simplesmente a fuga pelo fato dos castigos corporais, pelo fato dos negros existirem dentro de uma sociedade opressora, mas também a tentativa de independência, quer dizer, a independência de homens que procuraram por si só estabelecer uma vida

para si, uma organização social para si. Então, fundamentalmente, o quilombo é uma organização social de negros, que foi só os negros que empreenderam essa organização social e que foi paralela durante todo o período da escravização. E mais importante ainda, sendo esta uma organização social, ela se projetou no século XX como uma forma de vida do negro e perdura até hoje. (...) a importância do quilombo hoje para consciência do negro está, justamente, nessa busca de autonomia, autonomia cultural, autonomia de vida e não somente a autonomia da escravidão dos séculos passados. É uma autonomia como homens que pretendem manter a sua estrutura cultural e a sua estrutura racial. (NASCIMENTO, 2018, p. 129)

A projeção historiográfica, baseada nas documentações oficiais (que são tidas por Beatriz Nascimento como a documentação da repressão) configura o quilombo como uma sociedade de vencidos, de fugidos, de dominados política e economicamente. A concepção de uma organização social que implementou uma forma de vida distinta e que se perpetuou nas mais diversas passagens históricas, e que permanece na atualidade, é algo a ser reforçado. Tomado na consciência e visto em sua composição estrutural na realidade. O deslocamento para o Quilombo de Conceição das Crioulas isto simboliza. Ver de forma presente, efetiva, uma união de quilombolas com povos indígenas e outras populações compartilhando de forma livre um território. Suprimindo a propriedade privada, solucionando as

dificuldades com a participação da comunidade, construindo uma forma de vida diferenciada e, principalmente, realizando um processo educacional heterogêneo criado e pensado pela comunidade. (...) *a gente entende que quilombo é uma coisa tão negra, tão própria nossa, tão compreensível para nós, que o branco, o dominador, não conseguiu entender...* (NASCIMENTO, 2018, p. 132)



Sankofa — Adinkra — Passado para se aprender, presente para se transformar e seguir no futuro².

Aprendizagens no Quilombo de Conceição das Crioulas

Em Conceição das Crioulas, neste espaço de aquilombamento, foi possível ver a encarnação e aprender o real significado das palavras resistência e luta. Tais palavras, muito utilizadas nos protestos urbanos para reivindicações tantas, em Conceição das Crioulas, tornam-se carne, tomam corpo e significado. É nesta localidade

² Os Adinkras são símbolos criados pelos povos Akan, dos países do Oeste Africano como Togo e Gana. As imagens representam valores que devem ser transmitidos. Mais informações em: <http://www.acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/adinkras/>

que verifico o que são lutas, como elas são estruturadas e as formas de evoluir e avançar na conquista do território. A resistência se desvenda em si pela continuidade, pela preservação dos saberes locais, pela junção das pessoas em uma comunidade decidida a manter seu modo de vida, pelas crianças que ali brincam/aprendem/ensinam e pela persistência em décadas de ali estar e ali se manter.

Os tempos atuais se configuram como período de retrocessos, onde a resistência pela manutenção do que já se foi conquistado é de significância ímpar. Os ataques são impostos a partir de várias frentes na educação, na manutenção do território, na desconsideração do que é um quilombo, na violência e nas formas políticas desconfigurantes do que já foi conseguido com muitas lutas.

Contudo, ouvi uma fala do escritor e liderança indígena Ailton Krenak que os indígenas brasileiros estão a mais de quinhentos anos resistindo à invasão colonizadora portuguesa, francesa, holandesa e tantas outras até a atualidade. Mantém sua tradição, lutam pelo seu território e seus corpos são símbolo de luta e resistência durante séculos. Os ataques que se seguem aos indígenas e quilombolas tem sua proximidade, a disputa financeira pelas terras/territórios. Contudo, são lutas seculares, com exemplos de conquistas (haja vista quilombo dos Palmares que durou quase um século e Conceição das Crioulas) e persistência na defesa de seus saberes. Penso que não será este o tempo da total desconstrução, a resistência qui-

lombola é fortaleza composta de significados e sentidos que mesmo a politicagem e os donos do capital não são capazes de dar fim. Quilombos são resistências seculares.

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico. (NASCIMENTO, 2019, p. 289)

É colocada a citação escrita por Abdias do Nascimento sobre o Quilombismo pois este foi um dos saberes que aprendi em Conceição das Crioulas: Enegrecer as nossas referências, ler autores e autoras negras, assim como outras tantas falas apagadas pela história: indígenas, quilombolas, LGBTQ+, periféricas, campesinas.... Este é um princípio importante para se pensar uma educação que compreenda as diversidades de modos de ser e estar no mundo. Como docente, tal compreensão se pode traduzir como meio de suplantar uma fala hegemônica de estrutura branca, europeia e masculina colocada como cultura geral nas escolas e, assim poder também difundir as histórias, saberes e culturas de outras formas de organização humanas estruturadas ao longo dos tempos. A fala de Givânia Maria da Silva durante o encontro traz uma síntese: “A gente pode ser qualquer coisa e não uma coisa só...” E nesta mistura de seres que podem ver-se como polimorfos é premente que distintos sa-

beres, escritas sejam trazidas. O texto que você lê agora se constrói com base nesta premissa: um maior referencial bibliográfico de pesquisadores e autores negros, negras e negrxs.

Outras aprendizagens entram em diálogo direto com os processos educacionais. A lei 10.639 de 2003 instaura em âmbito de política educacional a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de educação básica brasileiras. Tal lei foi alterada pela Lei 11.645 de 2008 que inclui estudos obrigatórios da história e cultura indígena junto à cultura afro-brasileira e africana. É verificável que já se passaram mais de uma década das legislações vigindo e ainda se vê uma resistência e dificuldade de vários educadores em trabalhar tais temas nas escolas. As vezes de forma caricata, outras direcionando o tema para as datas comemorativas como Consciência Negro ou o Dia do Índio, nas escolas públicas e privadas ainda se tem a necessidade de fazer um trabalho mais estruturado e, principalmente, utilizando de referências negras e indígenas para se falar sobre estas histórias e culturas.

Neste sentido, o Quilombo de Conceição das Crioulas segue esta perspectiva educacional já na elaboração de seu Projeto Político Pedagógico do Território Quilombola (PPPTQ) realizado pela comunidade. Este documento é o guia para uma construção identitária, coletiva e de participação social como indica Givânia Maria da Silva. O PPPTQ traça sete eixos estruturantes que em resumo seguem:

Território (eixo 1): retrata os sentidos da terra; a ocupação tradicional como componente fundamental da comunidade; as formas sociais/ocupacionais quilombolas e o local de vida, de aprender e criar.

Escola que reconstrói a história de luta e defesa do território (eixo 2): destacar a importância das origens; da resistência; das lutas do passado (Guerras dos Urias e Farias); mitos e histórias de Conceição; construção de uma imagem outra dos negros e negras; valorização da oralidade como forma de saber e transmissão de conhecimentos; história como forma de passar conhecimento e pensar modelos de geração de renda.

Organização (eixo 3): estruturação de associações, mutirões, grupos de jovens para a conquista de direitos e manutenção da organização étnica e quilombola; organizar coletivamente para a luta e uso da história oral como recurso para a escrita da história da comunidade.

Identidade (eixo 4): partindo das relações familiares e comunitárias; ligação e aliança com o povo Atikum (população indígena que tem ligação territorial com Conceição); manutenção da identidade cultural matéria e imaterial; identidade quilombola em suas instâncias social, políticas, culturais e jurídicas.

Temática Ambiental (eixo 5): cuidado, respeito e preservação do meio ambiente a partir de diálogos com a

agroecologia, medicina tradicional, tecnologias tradicionais, saúde, proteção da água e recursos naturais; trabalho e geração de renda de forma sustentável.

Gênero (eixo 6): relação com a origem de Conceição das Crioulas; protagonismo, liderança, força e visibilidade das mulheres; combate ao machismo; trabalho e luta das mulheres.

Interculturalidade (eixo 7): diálogo entre os saberes da comunidade e a escola; acesso aos conhecimentos dos “conteúdos universais” junto aos conhecimentos da comunidade e o respeito e convivência com as diferenças. A metodologia de construção do Projeto Político Pedagógico do território de Conceição das Crioulas diferencia-se por envolver todas e todos que residem neste território. São chamados a se manifestar sobre o destino da escola e da comunidade, independentemente de seu pertencimento étnico. As definições de “Nossa Educação Quilombola” e de “Nossa Educação Escolar Quilombola” se apresentam como a ligação entre práticas educativas da comunidade e a educação formal, apostando na possibilidade de romper com um modelo de currículo estabelecido, que não permite incluir a história, a vida cotidiana e do protagonismo dos quilombolas, transformando-os muitas vezes em “presentes ausentes” nos currículos escolares brasileiros. (SILVA, 2016, p. 135)

É explicado também pela autora que a “Nossa Educação Quilombola” engloba aspectos como a educação no quilombo; os espaços educativos; os promotores da

educação; ensinar e aprender de um jeito próprio; transmissão dos valores, crenças, costumes e histórias da comunidade; as formas organizativas e de luta e a identidade das crianças e adolescentes crioulas. Já a “Nossa Educação Escolar Quilombola” contempla a história da educação brasileira e a de Conceição; luta pela educação intercultural e diferenciada podendo construir seus calendários e currículos diferenciados e a estipulação de projetos e parcerias.

Todos estes elementos são reconhecíveis nas falas das pessoas da comunidade, de suas crianças que explicam as lendas e mitos, como o de Barnabé de Oliveira, por meio de poesias feitas na escola, ou os estudos sobre as seis crioulas que fundaram a comunidade e de Agostinha Cabocla. Na loja onde estão as bonecas de caroá que, de acordo com Lurdinha, não são somente peças de venda, mas uma forma de compartilhar as histórias das mulheres de Conceição, se caracteriza por um lugar de aprender/ensinar. Na casa de Maria dos Santos, uma exímia botânica e conhecedora da medicina tradicional, se verifica plantas e ervas tradicionais pesquisadas e utilizadas pela comunidade. Um jardim de cura, de benção de Mãe Dina e de saberes crioulos. Onde me dizem que nenhum remédio comercializado industrialmente é necessário, pois as plantas todas as curas nos fornecem.

Num local onde a água é escassa e preciosa - em que a chegada do caminhão pipa e o derramar dos litros d'água é uma alegria, uma brincadeira para as crianças,

um acalanto para os adultos e uma luta pelo direito a água junto ao poder público - se vê na escola projetos com canteiros e hortas e propostas comunitárias de plantações orgânicas. O canto do pastor de cabras, uma espécie de aboio, de uma sonoridade e letra singular mostra música na vida. Os retratos dos moradores, como um lambe-lambe nos muros, também indicam a comunidade como espaço de arte e cultura, assim como as danças e músicas apresentadas me sinalizam que a o ensino/aprendizagem de arte não se limita a escola.

Esta foi uma das perguntas com a qual dialoguei em Conceição das Crioulas: como é conduzido o ensino de arte na comunidade quilombola? Indo com alguns (pré) conceitos, vindos de uma vivência de ensino de arte institucionalizado, escolar, formatado, pré-definido ao qual me defrontei em diversas escolas, pensando em arte e seu ensino somente no espaço da escola, é no Quilombo de Conceição das Crioulas que escuto formas outras de se pensar sobre tal questão.

Educação e arte: a fala das docentes Cleide e Márcia

Eu penso que a arte, nesta pedagogia (Crioula) tem a ver com isso, que é a arte de se encontrar, arte de se rever, de reconstruir o que foi de certa forma invisibilizado.

Márcia Jucilene do Nascimento

Para aqueles que chegam em Conceição das Crioulas dispostos a observar atenta e respeitosamente (calando muitos de seus conceitos e (pré) conceitos) as atividades educacionais desenvolvidas, se torna visível constatar que educação, escola e comunidade são um só. Todos da comunidade são elementos para o processo educacional mantendo a tradição histórica do território e valorizando os saberes dos que ali vivem. Uma das observações se coloca na dificuldade de se diferenciar o que é escola e o que é comunidade. Uma visão de extrema diferença se comparado com algumas escolas urbanas e rurais que não agregam a comunidade nas ações educacionais. Um distanciamento que pode ser compreendido como um dos fatores da pouca relação de pertencimento dos moradores com a escola.

Em Conceição das Crioulas as escolas que estão no território pertencem a todos que fazem parte da comunidade. Como indica Márcia Jucilene do Nascimento a escola tem que estar em todos os lugares, pois as pessoas estão em todos os lugares. Tendo esta concepção como premissa, é possível afirmar que todo o território do quilombo é um espaço para se educar, para se aprender/ensinar, para pesquisar, para se promover conhecimentos e sistematizá-lo como saber crioula/crioulo. É partindo destes preceitos que Márcia escreve sua dissertação de mestrado que estrutura o modo de fazer educacional de Conceição denominado Pedagogia Crioula. Pensar um processo educativo decolonial, que defenda e lute pela manutenção do ter-

ritório e valorize as memórias e histórias coletivas e individuais dos criouleses são elementos que compõem este jeito de fazer educação. Em uma conversa com Márcia pergunto sobre a Pedagogia Crioula:

A Pedagogia Crioula é um jeito de fazer muito próprio de Conceição. Ela é muito referenciada pela questão feminina muito forte. Porque quando as seis Crioulas chegaram aqui, vieram com o sentimento de liberdade. Então a Pedagogia Crioula tem muito esta ideia de liberdade, de reviver, de recontar, de reconstruir, de estar num espaço seu, vivendo de forma autônoma. Foi assim que as Crioulas vieram, com esta intenção. E com o tempo nosso território foi invadido pelos fazendeiros e a gente vem num processo de reconquista, de reviver, de voltar a ter um espaço de liberdade. (...) A função desta pedagogia é servir de instrumento de luta mesmo, para a gente enfrentar os desafios para a gente viver bem, do nosso jeito aqui, longe da cidade. Mas viver com a tecnologia que é um direito nosso, mas que a gente utilize ela da forma que nós achamos melhor para a nossa luta. (Márcia Jucilene do Nascimento)

Educar é um princípio de conhecer e valorizar sua comunidade e estar em processo permanente de luta e manutenção da posse do território. Este fator já está indicado no PPPTQ que não se constitui como um papel empoeirado ou escrita morta - situação pela qual muitas escolas passam. Se estabelecem projetos que possuem muita validade e propõe uma educação diferenciada, contudo são pou-

cos os da comunidade escolar que o conhecem e, menos ainda os que executam. Esta realidade é muito presente em diversas escolas pelo Brasil.

Encaminhando para minha maior curiosidade, como se trabalha arte neste processo educativo diferenciado e, principalmente, como são realizadas as atividades junto aos jovens sigo perguntando/ouvindo/aprendendo.

As escolas, por pertencerem ao sistema municipal de educação, sofrem algumas imposições do poder público como a questão do currículo, do uso de materiais didáticos, das amarras das grades e dos sistemas avaliativos (como o Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB e Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM). Instrumentos de padronização que não se comprometem com as especificidades de cada realidade, de cada território. Contudo, a sabedoria da resistência ancestral é fonte de conhecimento para ultrapassar as propostas determinantes e impositivas. Quilombo é luta, é valorização de seu saber e isso, certamente, está em Conceição. De acordo com a Professora Cleide que trabalha com alunos do ensino fundamental II:

Nós trabalhamos também com os livros. Trabalhamos no livro a paisagem urbana. Nós trabalhamos paisagem urbana em sala de aula, mas a paisagem rural, campo, observar quais as diferenças, vegetação. Já que a gente estava estudando a cidade, a gente foi estudar o nosso lugar, onde vive, nossos pontos turísticos que são vários como a Pedra da Mão que

tem as figuras rupestres, tem o caldeirão dos ossos, que tem os fósseis que foram encontrados. Tem a Pedra Preta que tem vestígios dos antepassados, que fazem parte da nossa arte. A gente estuda o que tem lá no livro, mas vamos para a nossa realidade.

A nossa característica é a nossa história que é muito forte. De criança a idoso ele sempre vai saber a nossa história. A nossa história é muito forte, de luta, de superação e a gente vai levando para a escola. (...) E, na arte, é a nossa história, nossa tradição... (Professora Cleide)

Na fala da Professora Cleide me lembro dos escritos de Amílcar Cabral que faz considerações importantes sobre a valorização necessária da cultura local como forma de libertar e descolonizar o pensamento, a estética, as formas artísticas e suas manifestações. O aspecto cultural é um elemento fundamental que auxilia na compreensão das organizações sociais:

A cultura, sejam quais forem as características ideológicas ou idealistas das suas manifestações, é assim um elemento essencial da história de um povo. É talvez, a resultante dessa história, como uma flor é a resultante de uma planta. Como a história, ou porque é a história, a cultura tem como base material o nível das forças produtivas e o modo de produção. Mergulha as suas raízes no húmus da realidade material do meio em que se desenvolve e reflete a natureza orgânica da sociedade, podendo ser mais ou menos influenciada por fatores externos. Se a história permite conhecer a natureza e a extensão dos desequilíbrios e dos conflitos (econômicos, políticos, sociais)

que caracterizam a evolução de uma sociedade, a cultura permite saber quais foram as sínteses dinâmicas elaboradas e fixadas pela consciência social para solução desses conflitos, em cada etapa da evolução dessa mesma sociedade, em busca de sobrevivência e progresso. (CABRAL, 1978, p. 224).

Os processos de apagamento são os modelos de se desconsiderar, desvalorizar a cultura do outro para que esta seja sobrepujada por uma dita “cultura geral”. No que toca a arte e seu ensino/aprendizagem esta prerrogativa se constitui uma constante em muitas salas de aula, principalmente no Ensino Médio. Ao que se deve este fato? A fala da Professora Márcia Nascimento traz um dos elementos que ajudam a compreender. A etapa da conclusão da educação básica atrelada a uma demanda de parte dos jovens em fazer estudos superiores pode tornar, por vezes, o Ensino Médio em um tipo de treinamento para o vestibular (a discussão de um ensino superior que oferte um acesso mais democrático pouco é colocada em pauta), de saber marcar as respostas corretas, de condicionamento e de angústia para a juventude. Como se altera isso? A experiência de Conceição das Crioulas traz o entrelaçamento dos saberes gerais com as questões da comunidade. Se aprende sobre a II Guerra Mundial, ao mesmo tempo que se debate sobre o que são as guerras e como são motivadas a partir do que se passou no quilombo, como a Guerra dos Urias e dos Farias. Se escreve redação, aprende-se a

técnica de escrita formal, mas se escreve sobre as suas histórias e realidades.

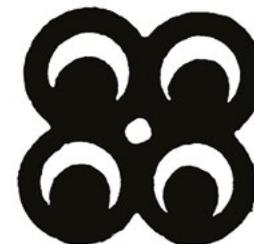
Se é possível fazer um resumo respondendo a indagação que me levou a Conceição das Crioulas sobre como se desenvolve o ensinar/aprender arte na comunidade quilombola, posso fazer uso de poucas palavras: A arte está na vida e está na comunidade. O que está na comunidade é arte, e, a arte abrange as ações da comunidade.

Incompletude e aprendizagem

Penso agora na realidade que vivo, junto a instituição que atuo, trabalhando com adolescentes, jovens e adultos com arte. Se em uma face se vê a cobrança indicada pelos exames e vestibulares, em outra existe a liberdade de se construir uma matriz curricular em arte que possa fazer os entrelaçamentos entre os saberes, inserir outros conhecimentos enegrecer e pluralizar as referências, aprender sobre a comunidade e suas expressões artísticas e auxiliar na construção de um aprendizagem/ensinagem crítica.

Alguns exemplos são constatados dentro das produções de educação e arte dentro de distintos institutos federais (IF) no Brasil. São propostas de ensino de arte que tecem relação com as comunidades do entorno da instituição, como é o caso do IFSP campus Capivari junto ao Batuque de Umbigada ou o no IFRN campus Canguaretama que dialoga e traz os saberes das comunidades indígenas, da arte popular e negra para junto da sala de aula.

O que aprendi em Conceição das Crioulas se mantém em diálogo com a concepção educacional para a arte que me proponho a desenvolver no campus em que trabalho. Os entendimentos que me foram possíveis, descritos neste texto, ficam e ficaram nesta reconfiguração outra de ser docente. Curiosa, combativa em relação aos discursos fatalistas e mantendo a postura freiriana da incompletude.



Intesiemate Masie — Retrata a simbologia da sabedoria, conhecimento e prudência. Ouvi e guardei.

Referências Bibliográficas

BRASÍLIA, Instituto Federal de Brasília. *Anais do Encontro Nacional de Professores de Arte dos Institutos Federais*. Anais... Brasília (DF) IFB, 2019. Disponível em: www.even3.com.br/anais/IIIENPAIF. Acesso em: 26/07/2019.

CABRAL, A. O papel da cultura na luta pela independência, in: *A arma da teoria: unidade e luta*. Lisboa: Seara Nova, 1978.

D' SALETE, M. *Angola Janga: uma história de Palmares*. São Paulo: Veneta, 2017.

ESQUIROL, J. M. *O respeito ou o olhar atento: uma ética para a era da ciência e da tecnologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

NASCIMENTO, A. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, M. J. do. *Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no quilombo de Conceição das Crioulas – PE*. 2017. 198 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

NASCIMENTO, M. B. B. N. *Quilombola e Intelectual: possibilidades os dias de destruição*. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

SÃO PAULO, Instituto Federal de São Paulo. *Anais do Encontro de Arte/Educadores: a arte/educação nos Institutos Federais Brasileiros*. Anais...São Paulo (SP) FUNARTE, 2016. Disponível em: www.even3.com.br/anais/enaief. Acesso em 20/07/2019.

SILVA, G. M. *Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas*. Curitiba: Appris, 2016.

VILLEN, P. *A crítica de Amílcar Cabral ao colonialismo: entre a harmonia e a contradição*. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

Uma experiência com teatro de marionetes na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas

WAGNER CINTRA¹

Antes de dissertar acerca da minha experiência com marionetes no Quilombo de Conceição das Crioulas, julgo, para melhor entendimento do relato, contextualizar historicamente questões que são fundamentais acerca da existência da marionete no interior das sociedades.

Como as marionetes existem na história? O que são elas e como as definir? Essas não são perguntas simples de serem respondidas, dado às múltiplas e diversas possibilidades que revelam as pequenas figuras singularmente sugestivas criadas pelo homem à sua imagem. Encontramos

¹ Bacharel em Direção Teatral, Mestre e Doutor em Artes Cênicas pela ECA-USP. É professor no Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Unesp, e do Programa de Pós-Graduação em Artes, Área de Concentração Artes Cênicas na mesma universidade onde pesquisas de mestrado e doutorado.

marionetes em todos os países de todos os continentes, nos quais os méritos exteriores contam pouco ou simplesmente não contam. Um pacote de pano sem forma revela uma graça frágil e adornada com sentimentos ternos aos olhos da menina (criança) que desperta o instinto maternal e que resolve lhe dar vida. Mas ela não é nada mais do que um reflexo desse instinto e não tem nenhuma existência própria. Essa não é verdadeiramente uma marionete.

Podemos ainda falar dos pequenos soldados de chumbo, mais pessoais, muitos feitos por hábeis mãos que os tornam dignos do interesse de colecionadores. Realidades perigosamente combativas na imaginação do garoto que os alinha e os movimentam com a ponta dos dedos como peças de um jogo de xadrez, mas ainda assim não são marionetes. Não obstante, as figuras esculpidas de santos, pintadas e modeladas por artistas provençais, tais como aquelas que retratam o nascimento de Jesus e a manjedoura que o abrigou em seu primeiro descanso, rodeado pelos pais, magos e animais. Essas são invenções tocantes e graciosas, mas que, em seu ordenamento imóvel, limitam-se a comportar a conduta mítica/religiosa em alto relevo. A essa imobilidade é fácil de opor a agitação dos autômatos. Essas construções móveis de imagens que retratavam, em geral, figuras de deuses, heróis ou animais, que no passado já despertaram a curiosidade e imaginação dos antigos egípcios e gregos, dado aos meios rudimentares que esses povos usavam para animar tais dispositivos mecânicos. Esses,

também não são marionetes, nem mesmo quando se apropriam da ciência da relojoaria a partir do século XV, quando há uma significativa proliferação desses mecanismos. Os autômatos, não somente evocavam individualmente personagens pitorescas, mas eles, quando em grupo, representavam peças inteiras diante do público, assim como também serviam de divertimento para reis e nobres. Na Europa, o mais conhecido apreciador desses mecanismos era, conforme relatos históricos, Louis XIV e sua família. Entretanto, seus movimentos que são desencadeados por um mecanismo que entrelaça cordas ou fios de arame, se repetiam indefinidamente. Apesar da curiosidade que despertam, não passam de máquinas e não tem nada de marionete.

No Brasil, por sua vez, a marionete, conforme esparsos relatos históricos, manifestou-se no país primeiramente como o Bonifrate², que conforme o historiador brasileiro Luiz Edmundo, era na *terra brasílica*, uma diversão muito popular entre os séculos XVIII e XIX (Edmundo, 1932). O Bonifrate é a tradicional marionete portuguesa e a sua origem remonta ao medievo português. O nome tem origem na expressão *bonus frate*, do latim, o “bom irmão”, que eram monges que andavam por diversas partes da Europa transmitindo ensinamentos. Como os bons conselhos eram costumeiros, as pessoas começaram a associar o seu comportamento a algu-

² O Bonifrate é a primeira expressão estética da marionete documentada no Brasil.

mas manifestações com marionetes que evocavam temas morais e de “boa-aventurança”; por aqui, “esse tipo de teatro com marionetes era muito rústico e improvisado que supria a falta de espetáculos no Brasil colônia” (Cintra, 2015, p. 54).

A partir desse modelo³, outras técnicas e formas irão aparecer pelo país, principalmente no Rio de Janeiro onde serão encontradas tanto nos grandes salões frequentados pela aristocracia, quanto nos ambientes mais populares. Até meados da década de 40 do século XX, a marionete sobrevive pelo interior do país por meio de artistas ambulantes. Entretanto, do ponto de vista da técnica, não era muito diferente daquilo que os artistas do Bonifrate realizavam no Brasil, no início da colonização. Um momento importante para a história da marionete no país foi um curso promovido pela sociedade Pestalozzi⁴, no Rio de Janeiro em 1946, que visava à formação de marionetistas. Esse foi o primeiro referencial da formação profissional de artistas marionetistas no Brasil que se têm notícias. Esse trabalho realizado pela Pestalozzi, repercutiu, não somente no Rio de Janeiro, mas em muitos outros Estados, principalmente no eixo Sul e Sudeste do País. Disso decorreu o surgimento de inúmeros grupos de

³ A técnica do Bonifrate é a luva; ou marionete de vestir a mão. Técnica muito parecida com o Mamulengo brasileiro e o Don Roberto Português.

⁴ A Sociedade Pestalozzi do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, era uma entidade que trabalhava com o ensino de crianças deficientes. Foi fundada por Helena Antipoff.



Personagens característicos do teatro de Mamulengo.

marionetes que não estavam vinculados à tradição popular e à brincadeira, como os brincantes do Mamulengo⁵, marionete característica do Nordeste brasileiro.

De uma maneira geral, dado as características vinculantes da sociedade Pestalozzi com a educação, até os anos setentas, os marionetistas e os grupos oriundos dos cursos ministrados por essa instituição sempre estiveram, pelo menos na maior parte das suas expressões, ligados a uma prática teatral com fortes laços com a educação e um teatro voltado para o público infantil, sendo que a técnica da marionete de luva era a utilizada e foi hegemônica no país por muitos anos. Entretanto, a partir do final dos anos setentas, com o surgimento de grupos como o Giramundo em Minas Gerais, O Casulo – Centro de Experimentação de Bonecos em São Paulo, o SobreVento no Rio de Janeiro, entre

5 O Mamulengo, do ponto de vista da técnica, a mais comum é a Luva ou Vara. Como está inserido em um contexto geográfico e de vida social muito específica, a brincadeira pode durar até oito horas ou mais, brincando-se a noite inteira até o sol raiar.



Espectáculo com Bunraku em Osaka, Japão.

outros; que o teatro de marionetes dá um significativo salto de qualidade, tanto do ponto de vista das novas técnicas que surgiram, quanto das exigências da manipulação que essas exigiam. Em tal contexto, a técnica do Bunraku⁶ Japonês, boneco articulado e manipulado por três pessoas, foi assaz definitivo para o desenvolvimento e estruturação do teatro de marionetes no Brasil, onde ficou conhecido como marionete de mesa ou de balcão.

Mas afinal, o que é a marionete?

A marionete é um elemento plástico especialmente construído para ser um personagem em uma ação dramática e deve, necessariamente, ser manipulada por um marionetista que lhe dá voz e movimento. A marionete não representa, ela é personagem e é pensada para a realização de

6 O bunraku é o tradicional teatro de marionetes japonês. É uma herança da cultura popular que serve para contar as histórias do Japão antigo cuja origem remonta ao século XVI. Com movimentos quase humanos e vestidos com quimonos, os bonecos se transformam em verdadeiros atores no palco.

determinada ação dramática. As ações dramáticas sempre ocorrem por meio de jogos visuais com objetos e demais elementos que estão presentes na cena. Sua origem é incerta e é provável estar ligada aos jogos de bonecas e às figuras mitológicas.

Esse lugar original com a infância e com o tempo mítico produz uma dupla interpretação: de um lado o teatro de marionete é uma expressão artística destinada à infância. Por outro e ao mesmo tempo, ela aparece como a expressão da infância da humanidade, uma espécie de arquétipo antepassado de todas as outras expressões teatrais. Como a marionete representa a “infância da arte”, isso nos permite entender o escopo imaginário, a disposição para a metamorfose (cujo todo processo de conhecimento deve levar em conta) e de compreender também seu potencial educativo, no sentido mais amplo do termo. Assim, em efeito, as experiências mais promissoras concernem ao uso da marionete para fins educativos são sem dúvida aqueles que livram-se imediatamente do lugar comum de um teatro “para crianças” e da tentação de reduzir a tradição aos estereótipos fossilizados no lugar de vivificá-lo. Às experiências teatrais mais ricas nos remetem ao universo das figuras para explorar a capacidade formativa intrínseca, para utilizar como instrumento e metáfora de um percurso no qual o ser humano está engajado, independentemente de sua idade.

Encontra-se o traço desse aspecto educativo (moralmente edificante em espécie) da marionete, em um texto de 1668,

escrito pelo historiador da companhia de Jesus, Daniello Bartoli⁷. Representando uma metáfora de Platão, Bartoli compara o jogo dos “humores”, das paixões da alma à ação de mostrar e fazer aparecer suas marionetes e as manipulando com um fio. Os humores e as paixões dirigem-se também aos fantasmas, colocando-os em movimento em uma espécie de teatro onírico. Essa força poderia nos levar à contemplação e então nos edificar ou, se elas são mal orientadas, a nos perdermos. A metáfora selecionada por Bartoli revela os poderes da marionete utilizada para os fins extra-teatrais. Foi na Alemanha, pela metade do século XVIII, que o valor educativo e social do teatro de marionete começa a ser reconhecido pelas classes mais elevadas da sociedade. Ela foi introduzida como um instrumento na educação das crianças. Nesse contexto, ou melhor, no contexto de um pensamento burguês que florescia, a partir da Alemanha, o “espírito das luzes” teve um papel definitivo no que se refere ao uso moral do teatro de marionetes, contrastando com o comportamento “imoral” daquelas que habitavam as ruas e que divertiam o populacho.

O aparecimento da arte da marionete se apresenta, dado o contexto exposto, cada vez mais pedagógica e também artística. Esses dois aspectos estreitamente ligados como testemunhas de um papel obtido pelas marionetes nos cursos propedêuticos da Escola da Bauhaus, princi-

7 Encyclopedie Mondiale Des Arts De La Marionnette, p. 232.

palmente no início da sua criação. Oscar Schelmmmer, por exemplo, explorou as marionetes em suas dimensões psíquicas, perceptivas, filosóficas, fisiológicas e também artística. Nos dias de hoje, esse valor educativo historicamente atribuído a marionete, foi determinante para a instituição de um pensamento acerca da relação ensino aprendizagem que tem esse ser inanimado como figura central, se não da reflexão, mas como um instrumento poderoso no processo educativo.

Diante dessa breve exposição acerca da natureza da marionete, tanto como objeto artístico como instrumento educativo, a questão que bem se poderia colocar é: o que isso tem a ver com o Quilombo Conceição das Crioulas?

Quando recebi o convite para dar uma oficina no referido Quilombo durante o *II Encontro Com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas* que aconteceu em Salgueiro, Pernambuco, Brasil, de 14 a 20 de julho de 2019, a princípio relutei devido a minha formação profissional, tanto como artista de teatro, como professor universitário. Eu não acreditava que eu pudesse, em um ambiente em que estariam reunidos professores e professoras, pesquisadoras e pesquisadores, além de estudantes universitários em um contexto de reflexão acerca da necessidade de descolonização e ao mesmo tempo de socialização do conhecimento, contribuir com alguma coisa. Só aceitei quando me foi sugerido a realização da oficina que me é característica e que se tornou o objeto

central da produção artística do Teatro Didático da Unesp, grupo de pesquisa e extensão universitária lotado no Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Unesp, que coordeno e dirijo, chamada Oficina de Confecção e Manipulação de Marionetes Articuladas⁸.

A peculiaridade dessa oficina é que as marionetes utilizadas pelo Teatro Didático da Unesp, e que são a sua característica mais marcante, são feitas de jornal velho amassado que é modelado por fita crepe (fita adesiva). As articulações são feitas por barbante, ou qualquer tipo de fio resistente.

Desde 2005, quando tem início do curso de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Unesp, a disciplina de Teatro de Formas Animadas sempre foi um desafio diário. As condições eram as mais desanimadoras possíveis dada às dificuldades de espaço com o mínimo de adequação e pela falta de material. Isso, sem contar a falta de entendimento do corpo docente a respeito do porquê tal conteúdo foi colocado no Projeto Político Pedagógico do Curso. Um ou outro colega professor, um pouco mais esclarecido, concebia a disciplina de “teatro de bonecos” como um potente instrumento para o ensino, já que, de início, a formação de Licenciado em Teatro, possibilitaria aos egressos do curso atuarem como professores de teatro em escolas de ensino

⁸ Essa oficina já foi realizada em diversos Estados brasileiros e em países como México (duas vezes), Portugal e Estados Unidos, tanto para profissionais de teatro, quanto para professores, professoras e estudantes de escolas públicas, entre outros.

fundamental e médio. Entretanto, não passava disso. É evidente que havia, nesse contexto, contradições históricas acerca do teatro de animação em ser compreendido somente como teatro de bonecos. De certa forma, o desconhecimento das possibilidades artísticas e pedagógicas do inanimado, limitavam e ainda limitam o pensamento acadêmico a uma forma reducionista da linguagem. É exatamente por isso que ao criar o curso, os professores envolvidos criaram a disciplina de Teatro de Formas Animadas limitando-a tão somente ao nome sem nenhuma justificativa plausível acerca do conteúdo. Ou seja: a argumentação expressa na ementa roçava a superfície do tema sem considerar as necessidades e especificidades práticas, por mais simples que fossem, daquilo que era entendido como essencial para o curso e consequentemente para a formação do aluno.

Diante desse panorama, e considerando todas as dificuldades de um curso que visava a formação de professor; como administrar um contexto em que, mesmo que consideremos a marionete como objeto central da formação no aluno na disciplina, não havia nenhuma estrutura ou material para a confecção dessas? É importante e necessário lembrar que o teatro de animação, em suas diversas linguagens, está totalmente em conluio com as artes plásticas, sobretudo a escultura e a pintura. O processo de criação de bonecos, seja qual for a técnica, implica tempo e uso de materiais diversos, além de algum conhecimento de construção de estruturas e articulações. Então, quando

nada disso está disponível, como devemos proceder? Nesse interim, a minha própria formação não foi diferente da realidade que eu enfrentava. Desde os anos oitentas, quando optei pelo teatro como profissão, tentei me apropriar do máximo de conhecimento possível, lembrando que não havia internet e muito menos o Google naquele momento. Para aprender coisas específicas, era necessário ir direto à fonte do saber. Entretanto, nem sempre essas fontes estavam disponíveis para o compartilhamento. Quando me interessei pelo teatro, notei uma dificuldade em encontrar pessoas dispostas a compartilhar o seu saber. Havia, pelo menos no meio em que eu vivia, uma certa impenetrabilidade em um universo que era acessível somente a alguns iniciados.

E foi exatamente por esse caminho e por esse aprendizado que resolvi a questão dos procedimentos diante daquele quadro desanimador pela falta de material em que eu me encontrava no Instituto de Artes da Unesp. Assim, dado a especificidade do curso em que eu acabara de ser contratado após aprovação em concurso, um curso de formação de professor de teatro, e sabendo que os estudantes que se formariam, em sua maioria, iriam trabalhar em escolas públicas em que a realidade de material e de espaço não seria muito diferente daquela que vivíamos no Instituto de Artes, propriamente no curso de Licenciatura em Arte-Teatro. Assim, inspirado pela minha própria experiência de vida artística e de estudante de graduação em Artes Cênicas que fui, me propus

a fazer daquela disciplina, nas condições que me foi apresentada, um significativo processo de descoberta de um universo estético repleto de possibilidades. Foi exatamente nesse contexto que inspirado pela poética de Tadeusz Kantor⁹, objeto de estudo do meu mestrado e Doutorado, principalmente naquilo que se refere ao conceito de *réalité du rang plus bas* (realidade de classe mais baixa), que diz respeito à utilização daquele material descartado pela sociedade do consumo, que está destinado às latas de lixo, mas que pode ser utilizado como elemento essencial na construção de uma obra de arte, me veio o insight de trabalhar com jornal velho, barbante e fita crepe. Após muitas experimentações com os estudantes do primeiro ano, chegamos ao boneco articulado, inspirado no Brunraku japonês. Tratava-se de um boneco cuja base era o jornal velho amassado que era modelado por fita crepe e as articulações unidas por barbante. Desse material simplório foi possível retirar uma significativa força expressiva que se tornou com os anos o principal elemento poético utilizado pelo Teatro Didático da Unesp.

Assim, munido da minha experiência dos saberes acadêmicos e convicto do meu saber artístico, me pus em direção ao sertão de Pernambuco para algo que, confesso, eu não fazia a ideia do que iria encontrar. Evidentemente estava incrus-

tado em mim todos os preconceitos referentes ao meu parco conhecimento acerca da vida quilombola. A imagem que eu tinha do Quilombo era aquela do século XVII, XVIII e XIX, em que os quilombolas viviam em casas de taipas e em total isolamento distante e sem contato com a “civilização”. A não ser pelo problema histórico/político em relação à água, e todas as dificuldades que se originam dessa, que me obrigou a uma outra percepção da minha própria vida diante uma realidade tão dura, que para um cidadão paulistano como eu, só existia na minha imaginação comezinha referendada pela subavaliação divulgada pelos meios de comunicação e livros de história.

Nos dois dias destinados a mim para a realização da oficina em uma escola quilombola, que em relação à infraestrutura era singularmente superior a muitas que eu conhecia em São Paulo, evidenciando o meu primeiro confronto com os meus próprios preconceitos; em uma classe orientada pela professora Evânia, os estudantes foram pegos de surpresa com a oficina, lembrando que, conforme me foi dito pelo Diretor, essa classe era muito complicada, pois era uma reunião dos estudantes mais difíceis da escola. Eu imaginei que dado a minha experiência, com uma certa soberba no momento, me iludi de que eu conseguiria controlar a turma e que eles se abririam ao colonizador paulista.

Confesso que foi muito difícil iniciar o trabalho, pois a impressão que tive é que aqueles adolescentes entre 12 e 15 anos, considerados problemáticos, não queriam

estar naquele local. Quando me refiro a local, estou falando da própria escola em que muitos, conforme me foi relatado por alguns deles, estavam ali unicamente pelo almoço. Outras histórias me foram contadas, inclusive de como eles são discriminados quando vão à cidade, no caso Salgueiro que fica a cerca de 40 quilômetros de Conceição das Crioulas. Enfim, percebi uma geração cuja identidade está em xeque. Uma geração que não consegue se ver como quilombola e ao mesmo tempo não consegue penetração na sociedade exterior ao Quilombo. Evidentemente estou me referindo àqueles adolescentes que estavam comigo no primeiro dia da oficina. Diante de muitos relatos, iniciei a apresentação da oficina e mostrei o “Chico”, um boneco articulado, feito com a referida técnica citada. Foi um encantamento coletivo. Todos colocaram-se a brincar com ele das mais variadas formas; e mesmo sem nenhum conhecimento prévio, o tratavam como uma marionete e não com um simples boneco cotidiano. Esse tratamento era evidente, pois todos os 12 estudantes a manipulavam e atribuíam a ela algum personagem, em geral com ligação a alguma forma de violência física (lutas, morte por bala ou faca). Isso também aconteceu nos Estados Unidos na oficina que ministrei para estudantes de uma escola pública. Entretanto, o encantamento acaba quando regras de manipulação tem que ser seguidas. A existência da marionete como tal, exige o cumprimento de determinadas regras, e isso era um problema naquela situação; considerando que para

a manipulação de um boneco articulado ao estilo do Bunraku faz-se necessário um acordo tácito entre os três manipuladores para que a marionete possa ter dignidade de existência como objeto artístico. Nessa contextura, passei a orientar os estudantes no processo de confecção das marionetes. Todos ficaram muito impressionados com o fato daquele “serzinho” de 30cm ser feito somente com jornal e fita crepe. Entretanto o processo de confecção é trabalhoso e demanda um significativo investimento de atenção e tempo. Entre os estudantes, havia somente uma menina chamada de Andricélia. Os demais eram todos homens e entre eles haviam alguns com significativa habilidade para a confecção. No entanto, esses negavam a habilidade e o interesse pelo assunto devido a pressão dos colegas que consideravam aquilo uma bobagem. Muitas coisas boas que foram iniciadas ficaram pelo caminho pela submissão aos colegas; isso porque a oficina duraria 6 horas divididas em dois dias. Me era esperado que no segundo dia somente a menina aparecesse. E foi o que de fato aconteceu. Mas a experiência com essa estudante foi, de certa forma, a minha remição.

Normalmente essa oficina é realizada em 12 horas divididas em três dias em que é possível se confeccionar as marionetes com tempo para se dedicar à manipulação, considerando que o ato de manipular é o mais significativo na arte da marionete. De qualquer forma, o primeiro dia foi dedicado à confecção, e dado às circunstâncias, a conclusão do processo ficaria para o próximo dia. No retorno, no dia seguin-

9 Polónia 1915-1990, pintor, diretor de teatro, criador de happenings. Um dos mais importantes artistas da segunda metade do século XX.

te, somente com a presença da estudante Andricélia e da professora Evânia, que levou seu filho para acompanhar o trabalho, que seria dedicado à manipulação, me surpreendeu a ansiedade da menina, que veio com a marionete praticamente pronta e relatou que na noite anterior, ela ensinou ao pai e aos irmãos os procedimentos de confecção e trabalharam naquela já iniciada e que fizeram outras.

O interessante desse processo de criação, dado a facilidade de acesso e de se trabalhar com esse material, situações como essa também me foi relatada na experiência em Louisville, nos Estados Unidos. Em 2017, quando realizei essa oficina durante uma semana na Simple Elementary School, alguns meses após o meu retorno fui informado por e-mail por uma das professoras que os estudantes daquela escola, que era uma escola com diversos problemas, pois recebia alunos das camadas mais pobres da cidade de Louisville e um número muito grande de filhos de imigrantes africanos, latinos, e de origem Árabe, que aqueles estudantes, conforme me foi relatado, que não tinham brinquedos dado às condições das famílias, passaram a utilizar desse processo de criação de marionetes como um instrumento lúdico de brincadeira com os irmãos, primos, amigos. Não somente usavam a técnica para confeccionar marionetes com a forma humana, como expandiram para a confecção para animais e objetos diversos. A estudante no Quilombo Conceição das Crioulas, da mesma maneira que os estudantes estadunidenses,



assimilaram aquilo que a marionete traz em si de mais significativo que é o lúdico. E o lúdico é um aspecto assaz poderoso na relação ensino-aprendizagem. Essa nossa marionete, por sua vez, no caso da técnica de manipulação direta inspirada no bunraku japonês que foi totalmente adaptada às necessidades e à identidade do ensino nacional popular brasileiro, mas que também possui latência para se adequar a qualquer outra realidade educacional, devido a sua dupla natureza que a localiza entre as artes plásticas e o teatro, possibilita diversas maneiras de jogos lúdicos; a começar pela transformação da matéria por meio do processo de confecção para em seguida iniciar a experiência teatral por meio da manipulação. Na exploração do lúdico pela marionete, que já

estavam, como visto anteriormente, nas considerações do pensamento acerca da educação de crianças na Alemanha no início do século XX, e também em muitas das propostas da Bauhaus¹⁰ feitas por Oscar Schlemmer e Moholy Nagy, e nos anos 40 nos cursos realizados pelo Instituto Pestalozzi, o estudante é encaminhado para uma outra percepção da realidade por meio dos jogos que são criados no sentido de se contar uma história ou simplesmente desenvolver uma ação com a marionete. O encantamento que essa provoca, tanto em crianças como nos adultos, está na qualidade da sua existência como personagem em ação, que requer um acordo implícito entre o objetivo que se quer atingir e os meios para isso. No caso, um acordo entre os três manipuladores que necessariamente têm que agir em conjunto para que a marionete consiga se expressar. Esse acordo tácito implica, no processo ensino-aprendizagem, uma significativa estratégia de socialização, já que, os estudantes envolvidos com a manipulação têm que conviver muito próximos e agir juntos para que a marionete se mostre como personagem e possa comunicar uma ideia. E foi assim, por meio da experiência com a manipulação realizada no segundo dia, feita pela aluna, pela professora e seu filho, que a fascinação pelo teatro de marionetes se realizou, não somente na materialidade física da marionete confeccionada, mas principal-

mente pela alegria, pelo brilho nos olhos dos envolvidos dada a possibilidade de apresentar uma pequena cena diante dos participantes do encontro¹¹.

Assim, a experiência em Conceição das Crioulas, por um lado reforçou em mim a convicção do potencial pedagógico do teatro de marionetes, mas também me chamou a atenção para a necessidade de expandir meus horizontes, seja naquilo que se refere a minha visão de mundo limitada como ser social, seja como professor universitário, supostamente detentor de saberes. No encerramento da oficina, a professora me disse que ela faz bonecas de fibra do caroá, uma planta regional. Essa boneca Negra representa, de maneira simbólica, os desafios, as lutas, as resistências e a superação da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Essa boneca não é uma marionete, pois ela não foi desenvolvida para ser uma personagem desempenhando uma ação. Ela é um símbolo. Entretanto, em cena, toda marionete é sempre símbolo. Nesse contexto, ao me relatar que estava pensando em fazer uma marionete, conforme a técnica trabalhada na oficina, com as fibras do caroá, a professora expande os meus horizontes abrindo caminho para futuras experiências com a confecção de marionetes com outros materiais de baixo custo e de fácil manuseio. Por outro lado,

10 Escola de Arte vanguardista fundada por Walter Gropius em 1919.

11 Infelizmente não sei se isso aconteceu pois precisei voltar a São Paulo um dia antes do encerramento do encontro.



ao construir uma marionete negra¹² com as fibras do caroá, usando e expandindo a técnica que foi passado, a professora e a aluna, que mostrou-se também interessada no assunto, expandem seus próprios horizontes criativos e simbólicos, já que essa nova marionete feita de caroá, como personagem, ao contrário da boneca símbolo de resistência, ganhará voz e ação, e as histórias que poderão ser contadas por meio da arte do teatro, tem potencial, dado sua potência pedagógica, de ser objeto de comunicação de ideias assim como de construção de estórias e narrativas que são fundamentais e necessárias para o fortalecimento da identidade de todo indivíduo em toda e qualquer sociedade.

Bibliografia citada

- CINTRA, W. History and Estories of Animation Theater in Brasil, 1970 – 2010. In, *Brasilian Theater, 1970 – 2010. Essays on History, Politics and Artística Experimentation*. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, 2015.
- EDMUNDO, L. *O Rio de Janeiro nos tempos dos Vice-Reis*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1932.
- Encyclopedie Mondiale Des Arts De La Marionnette. Charle ville-mezieres: UNIMA/Entretemps, 2009.
- PAIXÃO, L. G. O teatro de bonecos no Brasil. In. *Mamulengo*, n. 4. Rio de Janeiro: ABTB, 1975.

12 As marionetes confeccionadas na oficina são brancas devido ao material que é feita. A fita crepe é branca e é um material fácil de ser trabalhado com as mãos sem a necessidade do uso de tesouras ou algum material cortante. É possível pintá-las ou vesti-las com roupas diversas. Entretanto esse seria um outro passo, e o custo financeiro seria outro.

A Insustentável potência da escuta (Ins)urgências em Conceição das Crioulas Um ensaio sobre a hospitalidade em Conceição das Crioulas

MIGUEL TEODORO¹

*Conceição é mulher.
é força de terra e regaço para quem chega.
é lugar onde o privilégio de ser escutado é
pedra estruturante na vida do quilombo.*

*O devir é comum, cada gesto adquire uma
espessura partilhada.
Em Conceição, é-se humano por inteiro.*

O exercício de escrita sobre uma experiência intensa de lugar torna-se para mim difícil. A dimensão emocional da ex-

periência assume uma natureza indizível que me tolhe a capacidade de descrição e representação.

É no ato constante de me (re)situar espacialmente que percebo onde me posicionar em relação com o mundo.

Este processo não se restringe apenas à deslocação física, mas sobretudo encontra forma no consequente esforço de encontrar um vocabulário corporal que sirva àquele espaço. Como uma nova alfabetização, o meu corpo estranha - é neste processo amorfo do sentir-escutar que aprendo a ver de novo, a estar, a pisar com leveza e respeito o território onde me situo.

We make our world in the process of moving and knowing it.²

Fábulas e suas f(r)icções poéticas dão corpo à paisagem; e eu encontro-me nela à medida que a atravesso. Percebo que modos de habitar, a luta e a resistência são múltiplos e os conflitos e desigualdades são consequência de uma condição geográfica e histórica que também me implica, sem nunca ter cá estado.

Recuperando Krenak “A natureza da paisagem é a pluralidade, a diversidade e a sucessão.”³ Resta-nos o reconhecimento dos seus limites e das suas especificida-

2 TURNBULL, D. Maps Narratives and Trails: Performativity, Hodology and Distributed Knowledges in Complex Adaptive Systems – an Approach to Emergent Mapping. *Geographical Research*, 2007. p. 142.

3 KRENAK, A. *As alianças afetivas* CESARINO, P. 2016.

1 Activista do IDENTIDADES movimento intercultural.

des para uma ocupação do território com consciência dos limites da terra.”⁴

Vindo eu de um ocidente que “(...) não semeia no caminho, só colhe.”⁵, apercebo-me de quão pueril é investir no remediar e no lamento, ao invés de se centrar os esforços na mudança e na desconstrução dos vícios e hábitos que turvam a clareza de pensamento e nutrem as desigualdades.

Ainda sem certezas de como fazer corresponder o que problematizo e o que faço, escrevo a partir do reconhecimento da desconexão desconcertante entre teoria e ação.

Avancemos. Viajemos con mapas primarios. Es posible que exista correspondencia entre la teoría y la acción, pero no hay secuencia. No llegaremos a algún lugar reconocible, pero compartimos el mismo punto de partida, y con eso basta. No nos dirigimos todos al mismo sitio, en absoluto, pero creemos que podemos caminar juntos durante mucho tiempo.⁶

A dádiva, a escuta e o abraço

*Todo o mundo se sinta abraçado
– Lourdinha*

A chegada.

Venho da terra compartimentada e chego à terra partilhada.⁷

4 (idem)

5 (idem)

O abraço é forma pura de dádiva. O corpo torna-se, assim, uma extensão da linguagem da partilha quilombola.

Lena mostra-nos o caminho até à porta de sua casa, sempre aberta. Aqui vivemos durante o encontro. O quotidiano é partilhado, assim como a macaxeira, as brincadeiras e as visões sobre a realidade do quilombo.

A relação com a dádiva e a partilha em Conceição das Crioulas é a base para a existência social dos indivíduos. É por ela que inquestionavelmente nos referimos às suas gentes como: *comunidade* de Conceição das Crioulas. Palavra, esta, tão oca, pelo seu frequente uso desapropriado nos campos teóricos ocidentais. É na aprendizagem dos afetos que o horizonte sertanejo se torna próximo e alcançável.

6 CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Lisboa: Livros do Brasil/Porto Editora, 2016.

GODELIER, M. *O Enigma da Dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1996.

LENKERSDORF, C. *Aprender a escuchar*. 1a ed. Ciudad de México: Plaza y Valdés, S. A. de C., 2008.

SANTOS, B. De S. *Manifiesto por el buen vivir in Justicia entre saberes: Epistemologías del Sur contra el epistemicidio; (tradução em Castelhana por Roc Fiella)*, 2017. Madrid: Ediciones Morata S.L., 2017.

SUNDBERG, J. Decolonizing posthumanist geographies. *Cultural Geographies*, 2014. v. 21(1), p. 33–47.

TURNBULL, D. Maps Narratives and Trails: Performativity, Hodology and Distributed Knowledges in Complex Adaptive Systems – an Approach to Emergent Mapping. *Geographical Research*, 2007. p. 140–149.

7 Recupera-se a imagem que Godelier usa para descrever o paradoxo das sociedades capitalistas, “Vivemos em sociedades cujo ‘tecido social’ está, como se diz, ‘rasgado’, decompondo-se em várias sociedades cada vez mais compartimentadas, estanques.” (GODELIER, 1996, p. 11).

A resistência e as lutas em Conceição são comuns. Discutem-se urgências; fazem-se política no seu sentido mais primário, localmente. A economia não comanda o que se discute, não exclui, o que comanda são, sim, as ideologias e a justiça da luta; testa-se e governa-se em conjunto a partir do contexto quilombola.

Assim se criam metodologias, pedagogias e ações reais; uma prática e um pensamento situados.

A consciência política de um povo é ativada por um sentido de comunidade aguçado pela necessidade.

Numa madrugada caminhamos junto (*walking with*⁸), com alguns elementos da comunidade, pela catinga até a Pedra do Matame, um lugar simbólico das conquistas das lutas quilombolas.

Caminhar junto, recuperando o princípio “caminhando perguntamos” dos mexicanos Zapatistas é um ato coletivo de envolvimento político, “como uma forma de solidariedade construída sobre reciprocidade e mutualidade, caminhar e escutar, falar e fazer.”⁹

É percorrer a ancestralidade do espaço, perceber que o gesto que faz os tijolos e a mão que modela o barro são catalisadores de memória coletiva, formas de conhecimento que agregam na sua natureza mais pura o respeito e reconhecimento

absoluto da sua vernacularidade. Essencial para fundamentar a sua pertinência e subsistência na contemporaneidade.

Adquiro consciência da complexidade de cada lugar que piso, percebo que o espaço no quilombo é iminentemente político. Percorrer um território é um ato de liberdade, um ato que desvenda as complexas implicações políticas e sociais do território de Conceição das Crioulas.

O poder transformativo de cada movimento abre em si mesmo um campo de produção de conhecimento diferenciado, específico do lugar. Como afirma Sundberg “o caminho para a mudança social deve ser percorrido e falado.”¹⁰

Knowledge is performative. In the act of producing knowledge, we create space.¹¹

Em Conceição a partilha e o diálogo não são mais que uma extensão natural e necessária do que é viver num quilombo. Assim cria-se espaço - o espaço da discussão política, onde todos têm “lugar de fala” e toda a assembleia escuta

*Escutar é ouvir-pensar
é abraçar a espessura humana do que o outro tem para dizer.*

10 Tradução livre “(...) the path to social change must be walked and talked.” (SUNDBERG, 2014, p. 39).

11 TURNBULL, D. Maps Narratives and Trails: Performativity, Hodology and Distributed Knowledges in Complex Adaptive Systems – an Approach to Emergent Mapping. Geographical Research, 2007. p. 147

O nosso mundo nunca foi tão ruidoso como hoje, precisamos reaprender a escutar, treinar o discernimento e refoçar o ouvir-pensar quotidiano. Ouvimos tudo, no entanto escutar tudo nos deixaria loucos. Escutar é selecionar, é conferir importância. Tal como no ato de desenho é impensável que tudo o que viaja até a retina seja representado com igual atenção. Próximo desta lógica que reforça o poder generativo da *escuta*, Camus escreve sobre o ato de pensar, que aliás habita campos e métodos comuns com a *escuta*.

*Pensar já não é unificar, tornar familiar a aparência sob a face de um grande princípio. Pensar é reaprender a ver, a ser atento, é dirigir a consciência, é fazer de cada ideia e de cada imagem, à maneira de Proust, um lugar privilegiado. O que justifica o pensamento é a sua extrema consciência.*¹²

É na dupla relação implicada no ato da escuta que reside a sua potência. No seu processo, como numa composição musical, é necessária uma relação equilibrada entre momentos de silêncio e momentos de elaboração; escuta-se e é-se escutado. Escutar não significa necessariamente concordar, mas exige tempo e silêncio.

Num mundo em que, como escrevia Brecht, nos esquecemos do que é ser humano¹³, o ato da *escuta* adquire consistência elementar e estabelece-se como neces-

sidade primária para nos reconectar com a natureza da nossa condição.

El escuchar nos humaniza a fin de que nos relacionemos con otros en paz y respecto mutuo.¹⁴

Acerca dos meios de representação.

Fico com a sensação que fotografia por si aqui não serve; traz consigo um mecanismo que pela sua natureza técnica capta a realidade sob um olhar não-quilombola, europeu ocidental. Para mim, em Conceição fotografar serve apenas pelo seu potencial revelador de narrativas que já residem cá. Moisés de 12 anos fala da bela fotografia que tirou na fazenda com tamanha sutileza que desarma qualquer click, que mais ou menos previsivelmente eu havia tirado. Fotografar Conceição das Crioulas é envolver com a luta e a resistência desta gente. Será, no entanto, essencial perceber como nos posicionamos, o que procuramos e como usamos o nosso olhar compreendendo o seu poder de seleção da realidade.

Ainda assim, reside em mim um sentimento de desajuste quando percebo que a natureza da técnica da fotografia é estrangeira a Conceição, mesmo que seja

13 “Así vivimos/ Que tan a fondo/ nos olvidamos/ de ser humanos.” Bertholt Brecht (1967), p. 458. Tradução do alemão por Carlos Lenkersdorf alemão: Nur dadurch lebt der Mensch, dass er so gründlich vergessen kann. Dass er ein Mensch ist.

14 LENKERSDORF, C. Aprender a escuchar. 1a ed. Ciudad de México: Plaza y Valdés, S. A. de C., 2008.

8 Conceito enunciado pelos mexicanos Zapatistas.

9 tradução livre de “I think of walking with as a form of solidarity built on reciprocity and mutuality, walking and listening, talking and doing.” (SUNDBERG, 2014, p. 39).

12 CAMUS, A. O mito de Sísifo. Lisboa: Livros do Brasil/Porto Editora, 2016, p. 33.

um quilombola a pressionar o botão de disparo. Tem que haver necessariamente outro meio.

Onde entra o desenho?

Um desenho que seleciona e habita talvez sirva.

No âmago de cada luta estão vontades comuns, insurgências de um pertencimento. O desenho orienta e fortalece identidade, como que traçando direções.

Mas, como se desenha comunidade?

A força da ferramenta do desenho não reside na sua dimensão visual per se, mas sim no potencial das narrativas inerentes a cada representação. O verdadeiro exercício do desenho é o exercício de procura incessante de grafismos de representação que sirvam a um contexto.

Na Escola Municipal José Nêu de Carvalho desenhamos com as crianças. O desenho foi linguagem, foi ferramenta para mapear afetos. O chão da escola foi mapa, foi Conceição das Crioulas.

O ato de desenhar coletivamente foi revelador de complicitades, de sinergias e de vizinhanças fortuitas. As crianças desenhavam para me explicar como é o quilombo, com quem vivem, como é a sua casa - os diálogos eram desenhados, apareciam asteriscos-fogueira e retângulos-roça.

Estas representações agarradas a vivências fortalecem o sentido de pertencimento e reativam uma história comum, gerando geografias afetivas através da exploração da individualidade de cada um e da materialidade dos riscadores.

O desenho é vernacular e transversal a todos os territórios e todos os povos. Por isto, surgem representações e modos distintos agarrados a concepções espaciais distintas profundamente enraizadas em cada cultura e necessariamente específicas de cada lugar.

Desenhar para tornar visível

Desenhar para escutar o envolvimento

*No encontro escutou-se,
fez-se chuva!*

Referências

- CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Lisboa: Livros do Brasil/Porto Editora, 2016.
- GODELIER, M. *O Enigma da Dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1996.
- LENKERSDORF, C. *Aprender a escutar*. 1ª ed. Ciudad de México: Plaza y Valdés, S. A. de C., 2008.
- SANTOS, B. De S. *Manifiesto por el buen vivir in Justicia entre saberes: Epistemologías del Sur contra el epistemicidio*; (tradução em Castelhana por Roc Fiella), 2017. Madrid: Ediciones Morata S.L., 2017.
- SUNDBERG, J. Decolonizing posthumanist geographies. *Cultural Geographies*, 2014. v. 21(1), p. 33–47.
- TURNBULL, D. Maps Narratives and Trails: Performativity, Hodology and Distributed Knowledges in Complex Adaptive Systems – an Approach to Emergent Mapping. *Geographical Research*, 2007. p. 140–149.



Material que pode ser facilmente moldado ou deformado, obtido com uma substância sólida, misturada com uma substância líquida¹

ILDA LIMA DE SOUSA²



Pela prof. Francisca Oliveira. Escola Quilombola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira, Sítio Paula.

¹ Definição de pasta no Dicionário Priberam: <https://dicionario.priberam.org/pasta>. Material que foi utilizado durante a oficina *Boneca – Pasta de papel*, realizada durante o encontro.

² Estudante do Programa Doutoral em Educação Artística da Universidade do Porto/Universidade de Lisboa; investigadora integrada não doutorada do i2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade; bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Diante de questões relacionadas com quem sou/de onde vim/porque ali estou, que solicitavam de mim uma resposta sobre um conteúdo para mim inconclusivo, perante uma incompetência de ir além de um situar geográfico e face à incapacidade que tenho de me definir, mesmo que numa lógica de circunstância, recorri ao globo.

Até há bem pouco tempo nunca tinha saído da Europa.

No mundo ocidental, em Portugal, nunca quisemos entender o que promovemos ao longo da história como colonizadores, preferindo a encenação dos feitos heroicos das descobertas marítimas e do ‘desenvolvimento’ do *Ultramar*. (Paiva, 2017a, p. 36)

Sair da Europa para o Brasil significou uma deslocação geográfica, mas também identitária, acompanhada de um medo do que poderá estar enraizado em mim e da percepção da incapacidade que na Europa tinha de tomar de facto consciência de que a cor da minha pele e a minha origem carregavam privilégios perante as privações cometidas ao longo da história pelos que também possuem uma cor e proveniência próxima à minha. Por outro lado, a minha condição de mulher branca significou também o desposar de prerrogativas diante de consequências do que homens brancos promoveram.

Para alguns, a minha primeira viagem ao Brasil correspondia precisamente a um ato heroico, corajoso, por viajar para “um país como aquele” e/ou a uma experiência exótica, para outros dizia respeito a um

entendimento daquilo que promovemos enquanto colonizadores.

Dos meus primeiros dias no Brasil guardo sobretudo uma imagem de mim mesma. Eu, uma mulher branca, num teto com piscina, um trigésimo e último andar, conseguia observar um homem negro enquanto tomava banho de mangueira, num pavimento ao nível do solo, precisamente, porque estava dentro de uma casa sem teto. E até o ponto de onde eu olhava comportava em si uma certa desigualdade. Aquilo que a altitude onde me encontrava me permitia observar dele, era superior àquilo que o ângulo donde aquele homem estava conseguia enxergar de mim. Esta imagem que contemplava foi e é para mim desconfortante e comportava em si o reflexo de várias injustiças e uma metáfora de, entre outras coisas³, um verticalismo entre o norte e sul.

O Sul no momento atual está vinculado com uma dicotomia de relações de poder entre os países dominantes do norte com o sul generi-

³ Sobre os condomínios, por exemplo, (e sobre a percepção que tive nesta minha experiência neles), Bauman refere que uma característica importante “é seu ‘isolamento e distância da cidade... Isolamento significa separação daqueles considerados socialmente inferiores’ e, como insistem os construtores e seus agentes imobiliários, ‘o fator-chave para garanti-lo é a segurança. Isso significa cercas e muros rodeando o condomínio, guardas trabalhando 24 horas por dia no controle das entradas e um conjunto de instalações e serviços destinados a manter os outros do lado de fora’ (Bauman, 2003, pp. 132-133) Contudo, Bauman também acrescenta que “o que é ‘dentro’ para os que estão de um lado é ‘fora’ para os que estão do outro” (2003, p. 133).

camente geográfico. Outras correntes de pensamento procuraram pensar estas relações, com categorias em torno de centro e periferia, ocidente e não ocidente, entre outros. No entanto, estas categorias parecem localizar duas partes separadas no mundo, de acordo com a lógica dicotômica que nos mantém no conforto de uma certa maneira que aprendida de ser, estar e pensar. (Rainho, 2018, p. 150)

Se olharmos o globo terrestre, ou um mapa, podemos ver linhas imaginárias, limites e fronteiras, que são frequentemente vistas como naturais e que nos fazem esquecer a trajetória de decisões humanas sob interesses, entre outros, políticos, sociais, econômicos e filosóficos, responsáveis pela sua criação. Depois do “descobrimento” da América, por exemplo, o Papa espanhol Alexandre VI estabeleceu uma linha de demarcação para dividir as terras espanholas e portuguesas perante o mundo descoberto. Contudo, os portugueses protestaram, acusando o Papa de definir essa linha a favor dos seus compatriotas e a divisão foi estendida. No entanto, o argumento de parcialidade em favor dos espanhóis, usado pelos portugueses, era apenas um pretexto para puxar a linha mais para leste para que Portugal perdesse terra no Brasil e ganhasse terra asiática e a demarcação do comércio das suas especiarias (Seemann, 2013).

Existem algumas maneiras possíveis de mapear o mundo, mas nos últimos 100 anos para cá o norte foi considerado o topo e essa decisão é consequência e tem

consequências em relação ao nosso olhar a respeito do mundo (Williams, 2016).

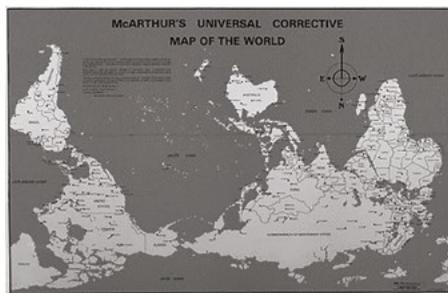
Stuart McArthur desafiou as convenções cartográficas pela primeira vez aos 12 anos quando desenhou, na escola, um mapa de *South-up*. No entanto, foi obrigado pelo seu professor de geografia a refazer a tarefa com a maneira “correta”, caso quisesse concluir os estudos (Field, 2014)⁴. Ao fazer isso, McArthur tenta romper com a mentalidade vigente que sabemos defender toda a espécie de demarcações, hierarquizações, fronteiras que se tornam evidentes em mapas e que na terra fazem erguer prédios e muros proporcionais e em reflexo à desigualdade presente no mundo.

Uma substância sólida, misturada com uma substância líquida⁵

A viagem para Conceição das Crioulas começou mais cedo, antes de sair da Europa, por meio da imaginação percutida pelas narrativas e imagens interpretadas

4 McArthur publica, aos 15 anos, um mapa com a Austrália no topo e, seis anos depois, na Universidade de Melbourne, produziu o primeiro mapa sul do mundo “moderno”, lançado em 1979.

5 Sobre substâncias líquidas e substâncias sólidas, Bauman refere que “Os líquidos, uma variedade dos fluidos, devem essas notáveis qualidades ao fato de que suas “moléculas são mantidas num arranjo ordenado que atinge apenas poucos diâmetros moleculares”, enquanto “a variedade de comportamentos exibida pelos sólidos é um resultado direto do tipo de liga que une os seus átomos e dos arranjos estruturais destes”. “Liga”, por sua vez, é um termo que indica a estabilidade dos sólidos — a resistência que eles “opõem à separação dos átomos”.” (Bauman, 1999, pp. 7-8)



MacArthur..“Mapa corretivo do mundo”, 1979. Em: <https://mapdesign.icaci.org/2014/02/mapcarte-38365-mcarthurs-universal-corrective-map-of-the-world-stuart-mcarthur-1979/>

e manipuladas de um outro, trazidas por quem se deslocava para lá e a partir de lá há vários anos. Presencialmente, a minha primeira visita à comunidade, ocorreu em abril de 2019, movida pelo desejo de conhecer de perto aquilo que me era trazido há alguns anos e que comportava as fragilidades de uma narrativa. Quando digo conhecer, não quero que se compreenda um simples ato turístico de uma europeia que nas suas aventuras transatlânticas vai ter experiências exóticas, mas era antes o desejo de uma percepção de mundo menos limitada pela maneira aprendida de ser, estar, fazer e pensar do ocidente.

Quando nós ocidentais nos escondemos atrás desse conforto apreendido, de uma certa qualidade neutral, argumentada pela academia e pelo científico, não estamos a reconhecer que estamos num tempo e espaço específico a partir de uma trajetória particular que por isso não é neutra, tampouco universal, mas sim limitada, dominante e a partir de um lugar de poder que define não só o que conta como

verdadeiro como quem conta o que será verdadeiro e que reflete os interesses políticos de uma sociedade branca, colonial e patriarcal (Grada Kilomba, 2016). O trajeto até o II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas (que aconteceu de 14 a 20 de julho de 2019) foi, por isso, longo. Do continente Europeu para África, de África para a América Latina. De um tempo espaço de encenações, de recusa ou negação da realidade, para um processo de reconhecimento.

Ela é provocada por experiências que colocam em questão nossas concepções sobre nós mesmos(as) e nos obriga a nos ver através dos olhos de outros(as), nos ajudando a reconhecer a discrepância entre a percepção de outras pessoas sobre nós e nossa própria percepção de nós mesmos(as) (Grada Kilomba, 2010).

Na bagagem, o peso de ser uma mulher europeia, o medo do enraizado, a procura de uma consciência de mim própria para repensar o meu estar no mundo e uma auto vigia dos possíveis códigos hegemônicos europeus em mim presentes, por mim talvez⁶ praticados.

Nesse sentido, o encontro permitiu-me duas camadas de experiências. Por um lado, uma aproximação às vivências

6 Depois de ler *The Mask*, de Grada Kilomba (2010) percebi que este meu talvez, talvez fosse um discurso que permite que os sentimentos positivos em relação a mim mesma permaneçam intactos e que por outro lado impedem que entre num processo de reconhecimento e reparação da realidade. Por esse motivo, risquei.

da comunidade⁷ e outros parceiros e participantes, numa percepção de parte de uma realidade brasileira, da comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, e de entendimento como a comunidade construiu uma consciência de si própria e, a partir dela, uma luta perante as injustiças e desigualdades vividas. Por outro, e ao mesmo tempo, no confronto com uma realidade algo dispar da minha condição, este II Encontro, foi também a possibilidade de realização de uma oficina de educação artística e de desnaturalização, questionamento e reflexão sobre a minha própria edificação enquanto pessoa e enquanto arte-educadora. Em que circunstâncias construí a minha identidade e de que forma esse contexto, de onde vim, onde me construí, onde sou/estou, foi também uma contribuição para essas injustiças e desigualdades vividas por esta e por outras comunidades? De que forma posso, na consciência de mim própria, lutar contra essa condição injusta e desigual, por vezes naturalizada? De que forma a consciência dessa condição tem reverberações na minha prática enquanto arte-educadora?

Até ao momento, a história do sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno tem privilegiado a cultura, o conhecimento

7 Para Bauman a tensão entre segurança e liberdade é, portanto, uma tensão entre individualidade e comunidade. Se podemos encontrar na comunidade a liberdade, podemos encontrar na segurança sem liberdade uma espécie de escravidão (2001).

e a epistemologia produzidos pelo Ocidente (Spivak, 1988; Mignolo, 2000). Nenhuma cultura no mundo permaneceu intacta perante a modernidade europeia. Não há em absoluto, como estar fora do sistema. O monologismo e o desenho monotópico global do Ocidente relacionam-se com outras culturas e povos a partir de uma posição de superioridade e são surdos às cosmologias e epistemologias do mundo não-ocidental. (De Sousa Santos & Meneses, 2009, p. 406)

No Brasil, a educação formal foi dominada pelos códigos culturais hegemônicos europeus e norte-americanos (Mae Barbosa, 2007, p. 13; Richter, 2012, p. 102).

A oficina, realizada durante as manhãs do dia 16, 17 e 18 de Julho, em paralelo a outros momentos do encontro, foi a possibilidade de desnaturalização do meu modo de estar e fazer enquanto arte-educadora construído em padrões europeus que, apesar de serem tendência na educação brasileira, juntamente com os padrões norte-americanos, não tinham, para mim, sentido serem reproduzidos e surdos àquele contexto. Nós, eu e a Inês Cavaco da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, alunos (sobretudo dos 8 aos 12 anos), professoras e funcionárias da Escola Quilombola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira, do sítio Paula, realizamos uma oficina para construir colaborativamente uma boneca em pasta de papel que representasse e homenageasse as mulheres ou uma mulher considerada importante para a maioria dos moradores do sítio. Foi a partir das histórias e dese-

nhos trazidos e realizados pelos alunos e de uma busca de compreensão sobre a luta das mulheres da comunidade através da partilha de histórias e decisões que construímos um objeto comum. Através dos desenhos, realizado por cada um dos alunos, e da escuta, no sentido de nos conhecermos e de conhecermos algumas das mulheres da comunidade, chegamos à avó Roxinha, Dona Isabel Argentina, uma mulher com muitos anos de sabedoria da comunidade, avó de pelo menos 6 meninos/as da sala, conhecida e querida por todos eles. Na partilha de histórias, chegamos às características de uma mulher alegre, generosa, professora e rezadeira e à decisão de que seria essa a mulher representada na boneca a ser construída.

Desde o momento em que a ideia surgiu que eu carregava algumas preocupações. Em primeiro lugar, parecia-me pouco para homenagear algo que evidenciava ter uma força tão grande dentro da comunidade: a mulher. A comunidade Quilombola teve origem em meados do século XVIII, com a chegada de seis negras à região de Conceição das Crioulas⁸ e

⁸ A história oral, contada pelos mais velhos, diz-nos que “o Quilombo teve origem em meados do século XVIII, com a chegada de seis negras à região. Inicialmente arrendaram uma área de três léguas em quadra e, aos poucos, foram adquirindo a terra graças ao trabalho artesanal na produção e fiação do algodão. Parte da terra comprada foi doada para a construção de uma capela em que foi colocada a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Francisco José havia chegado após as mulheres levado a santa consigo na viagem de fuga. A comunidade passou a se chamar Conceição das Crioulas em homenagem à santa.” (AQCC, n.d.).



Pela Inês Cavaco, Ilda de Sousa e professores e funcionários da Escola Quilombola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira. Fotografias documentais. Julho de 2019.

desde então que a liderança da mulher nas lutas contra as injustiças e desigualdades, pela restituição e posse da terra, pelo direito à educação e saúde, é uma presença muito forte.

Acrescendo, por vezes inserida em discussões em torno de preocupações de que a educação artística não seja uma prática exclusivamente tecnicista, manual, lúdica ou decorativa que se exhibe enquanto promessa consequente noutras matérias ou competências gerais e sociais dos alunos e que já pouco tem a ver com arte ou com educação (Biesta, 2017; Efland, 2011; Martins & Popkewitz, 2015), preocupava-me também a possibilidade da minha prática cair naquilo que a minha práxis procura abalar.

Por fim, o abandonar de um padrão de oficina que de alguma forma já tinha edificado. Deixar de transportar o pensar e o fazer de autores exteriores para o interior da sala, para deixar que a prática fosse dominada pelas histórias dos que nela estavam presentes, correndo o risco que não houvesse o desejo dessa partilha.

Durante a oficina percecionou-se que existe, de alguma forma, ainda um modelo

externo, que ali é considerado superior e valorizado e que não queríamos intensificar. Durante a oficina surgiu questões como “Que cor de pele?”, “Que tipo de cabelo?”, quando alunos pretendiam representar a avó Roxinha com uma cor de pele clara e cabelos lisos, segundo um padrão exterior. Que imagens e imaginário estarão por trás deste desejo?

Os impérios coloniais não procuraram apenas a sua supremacia através de privilégios e privações, procuraram também o domínio da civilização europeia sobre outros continentes através de uma busca de autoridade estética e científica. Na Europa do século XIX pessoas negras eram exibidas em eventos sociais. Saartjie Baartman, por exemplo, do povo Khoisan, foi trazida de África para ser exibida numa feira de curiosidades e aberrações em Londres, com o título de “Vênus de Hotentote”. Mais tarde é também exibida, no Museu do Homem, em Paris, e estudada sob uma teoria que queria alegar uma anormalidade do corpo da mulher negra em comparação ao corpo do homem europeu, considerado a normalidade, e uma

superioridade da raça caucasiana que lhe atribuiria o direito e dever de colonizar outras raças consideradas inferiores (Curado, 2018).

Nós, no presente, estamos sob domínio desse influxo que não é tão passado assim. Nos espaços de poder, nas televisões, publicidades, etc., ainda são as mulheres brancas que ocupam a maior parte do tempo e do espaço e que ainda propagam, de alguma forma, essas imagens e esse imaginário.

Como a educação artística, impregnada destes códigos, trazidos por, entre outras coisas, pela arte e pelos espaços expositivos, pode abalar uma certa hegemonia, romper com a mentalidade vigente que sabemos defender toda a espécie de demarcações, hierarquizações, fronteiras que se tornam evidentes, por exemplo, em mapas e que na oficina se revelou na escolha da cor de pele e forma de cabelo da boneca?



Ilda de Sousa. O caminho de volta. 20 de julho de 2019.

Referências

- AQCC, A. Q. C. d. C. (n.d.). História. Retrieved from <http://ccrioulas.org/>
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2003). *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: ZAHAR.
- Biesta, G. (2017). *Letting Art Teach*. Arnhem - Netherlands: ArtEZ Press.
- Curado, V. L. (2018). A Vénus Hotentote, o seu Público e a Ciência. In *Filhos do Império e Pós-Memórias Europeias: Memoirs*. De Sousa Santos, B., & Meneses, M. P. (2009). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.
- Efland, A. (2011). The School Art Style: A Functional Analysis. *Nacional Art Education Association*, 17(2), 37-44.
- Field, K. (2014). MapCarte 38/365: McArthur's Universal Corrective Map of the World, Stuart McArthur, 1979. Retrieved from <https://mapdesign.icaci.org/2014/02/mapcarte-38365-mcarthurs-universal-corrective-map-of-the-world-stuart-mcarthur-1979/>
- Kilomba, G. (2010). The Mask. *Cadernos de Literatura em Tradução*(16), 171-180.
- Kilomba, G. (2016). *Descolonizar o conhecimento. Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba São Paulo*.
- Mae Barbosa, A. (2007). *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: Editora C/Arte
- Martins, C., & Popkewitz, T. S. (2015). The «Eventualizing» of Arts Education.
- Mbembe, A. (2017). *Políticas da Inimizade* (M. t. Lança, Trans.). Lisboa: Antígona.

- Paiva, J. C. d. (2017a). Esforço de aprendizagem com as experiências vivenciadas com a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Brasil-PE. In J. C. d. Paiva (Ed.), *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas* (pp. 31-42). Porto: i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas.
- Paiva, J. C. d. (2017b). *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas* Porto: i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas.
- Rainho, R. (2018). *Descolonizar o conhecimento. Políticas e Práticas de Educação Artística no Ensino Superior em Cabo Verde* (Doutoramento em Educação Artística), Universidade do Porto: Faculdade de Belas Artes, Porto.
- Richter, I. M. (2012). Multiculturalismo e interdisciplinaridade. In *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte* (pp. 95-104). São Paulo: Cortez Editora.
- Seemann, J. (2013). Linhas Imaginárias na Cartografia: A Invenção do Primeiro Meridiano Geograficidade, 3, 31-44.
- Williams, C. (2016). Maps have 'north' at the top, but it could've been different. Retrieved from <https://www.bbc.com/future/article/20160614-maps-have-north-at-the-top-but-it-couldve-been-different>

II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

INÊS CAVACO¹

A escuta

Fazendo uma reflexão pessoal na sequência do que foi o II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, o primeiro em que participei, as palavras que me ocorrem são: aprendizagem e humanidade. Um texto que nunca estará completo porque os ensinamentos que foram proporcionados ultrapassam a minha capacidade de compreensão no momento atual.

Este objeto tornou-se em algo a que retorno todos os dias para tentar compreender um bocadinho melhor aquilo que pen-

so e no que me estou a tornar influenciada por todos os encontros que se vão proporcionando. Revelou-se complicado tentar concluir, refletir ou perceber uma experiência que transcende o que até ao momento do Encontro me era conhecido. Parece-me até absurdo pensar no contexto ocidental aquilo que vivi do outro lado do oceano, noutra hemisfério, mas faço o esforço.

A viagem começou na fila do bar da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto atrás do professor José Paiva, a quem perguntei se seria possível tomar um café para conversar. Combinou-se para o dia seguinte depois de almoço, sem propriamente um horário e aconteceu. O início do meu encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

Fui à reunião seguinte do 'movimento intercultural Identidades' (ID) e logo me senti confortável no desconforto que tanto a escola como a vida social me foram proporcionando e continuam a proporcionar. De um momento para o outro estava a alinhar numa viagem para o Brasil, com um grupo de pessoas que partilham as mesmas ou semelhantes angústias emergentes do contexto universitário e social do qual fazemos parte. Distanciando-me assim do sistema académico heterogêneo, individualista, submisso a um mercado de capital e poder ao qual "pertenci" durante os quatro anos de licenciatura.

Sem pouco ou nada saber do que iria surgir embarco nesta viagem para um lugar complexo de gentes e vivências que por alguma razão se deviam cruzar. Au-



menta-se a possibilidade de partilha e reestruturação do pensamento entre povos de diferentes maneiras afastados e cruzados pela colonização. A descolonização do "eu" torna-se o tema mais presente nas minhas leituras, conversas e pensamentos. Tema este que pesa nos nossos deslocamentos e nas novas relações que estabelecemos com o outro e com uma visão mais ampla de diferentes contextos.

A recepção na comunidade foi calorosa e acolhedora. Uma reunião de pessoas tão distantes e tão próximas a níveis culturais e nas lutas que partilham. Começou com uma troca de sabores inicial muito reveladora, não só pela apresentação dos pratos tradicionais de todos os lugares que lá se encontraram, mas também pela consciência da indústria alimentar massificada e despreocupada com condições ambientais e de bem-estar humano.

Num fresco e generalizado momento de reconhecimento (ou desconhecimento) sobressaem as diferentes relações com objetos, espaços e o próprio corpo. O exercício de descolonização, tanto a nível pessoal como do que me rodeia, que ecoa-

va das conversas antecedentes ao encontro, fomentou imensamente a experiência da comunidade. Consciente de que a realidade europeia não é um modelo universal, desenvolvi assim um processo de limpeza da cultura ocidental, transformando inúmeros preconceitos oriundos da mesma e dando um novo espaço aberto à criatividade. Talvez não me tenha envolvido tanto no dia-a-dia da comunidade quanto gostaria pelo conforto das pessoas que já conhecia e que juntas embarcamos neste encontro preparado ao milímetro pela Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC). Contudo, mesmo com as minhas limitações - de cidadã europeia, branca, classe média - a atenção prestada ao que rodopiava por aquelas terras puras alimentou o olhar, a mente e o coração com toda a diversidade presente nas pessoas que participaram no encontro, pela maneira variada que utilizam objetos para responder às necessidades e na relação com o próprio corpo e o da/o outra/o.

A proposta a desenvolver em Conceição foi a de realizar uma atividade na Escola Quilombola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira, do Sítio Paula na turma dos 8 aos 12 anos durante três dias, em conjunto com a Ilda e com o apoio incondicional das professoras. Um enorme desafio só por si, pois nunca tinha trabalhado com crianças. Mas abracei-o, ou melhor, abraçou-me com todo o carinho, liberdade e vontade de trepar muros em vez de ficar dentro de quatro paredes.

Após o nosso pedido de histórias sobre as mulheres importantes da loca-

¹ Activista do IDENTIDADES movimento intercultural.

lidade, as crianças decidiram representar a avó Roxinha e todos os detalhes foram discutidos entre elas e as professoras que argumentaram vivamente a cor da pele e a maneira dos cabelos. Esse momento de imaginário face à idealização da boneca fez-nos perceber as concepções externas da nossa condição europeia e branca, e as suas repercussões mesmo dentro de uma educação quilombola focada na valorização do corpo negro e na cultura da comunidade. Entre conversas e abraços constantes, a atividade proporcionou colaboração, partilha, uma visita ao globo terrestre e a necessidade de cada um deixar a sua representação através de desenhos na saia da avó Roxinha. Terminamos a oficina a jogar à bola no campo do Sítio Paula.



Particpei na preparação da oficina de cerâmica com a Xana e o Lima preparando o barro e construindo o forno de papel. Devido à dimensão do forno e à quantidade de matéria prima necessária, o trabalho foi exigente. Contudo, através da cooperação envolvendo todas as idades, foi possível concretizar com sucesso a produção das peças de cerâmicas onde cada um se pôde expressar livremente.

Os outros momentos marcantes foram a participação nas atividades organizadas pela comunidade. Saímos de casa ainda o sol não tinha nascido e após algum tempo os membros da comunidade que guiaram-nos pelo território de Conceição das Crioulas - passamos por terrenos de fazendeiros agora devolvidos à comunidade, subimos ao topo da Pedra do Matame. Durante todo o percurso foram-nos ensinadas as nomenclaturas das plantas e as possíveis aplicações. A maneira de ler a natureza, o tempo, a capacidade do corpo, trepar muros, em nada se identifica ao que se vive na Europa. Ali respeita-se o tempo de descanso, a potencialidade da natureza e leva-se o corpo para onde se quer ir.

Na oficina de caroá foi possível observar e participar na produção das bonecas de caroá. Desde a apanha da planta, passando pelo desfibramento, secagem, tingimento e manuseamento das fibras para fazer a boneca. Hesitei sobre quem representar, pois o meu intuito seria representar uma mulher forte que me é próxima em Portugal, a quem daria a boneca mais tarde. Mas a verdade é que eu estava ali, em frente a mulheres destemidas e amáveis, a aprender as suas artes e histórias. E o sentido caiu em mim - representaria uma das mulheres da comunidade e na mesma passá-la-ia à pessoa que tinha em mente, partilhando a história de empoderamento que carrega. Durante todos os momentos da oficina, as professoras foram incansáveis e viveu-se um momento de entreajuda, aprofundando quem foram e são estas mulheres.

Complementar as oficinas e a conhecer o território foram as apresentações e discussões no seio da AQCC. Onde o meu desleixo, ou entrega genuína ao momento, apenas me permitiu interiorizar e vivenciar o que foi falado, não tendo transcrito detalhadamente o que presenciei. Como foi referido a certa altura num discurso:

Assim como se perde o respeito na palavra desrespeito, o desenvolvimento não presta porque tira o envolvimento.²

E foi essencialmente sobre envolvermos-nos, lada a lado, na vida desta comunidade que luta pelos seus direitos humanos, territoriais e educacionais num país

e numa história onde tem sido constantemente alvo de perseguição, sem nunca perder a garra e o brilho.

A quantidade de aprendizagens que vieram dos desafios iniciais ultrapassou qualquer expectativa. Continuo maravilhada com a demonstração de consciência política em todos os momentos de conversa, apresentações de trabalho e maneiras de estar. Cresceu em mim uma nova paixão pela vida e pelos encontros. À parte disso, encanta-me o modo como as pessoas se relacionam – o toque, a felicidade, o confronto, a vontade, o humor, a honestidade e a energia. Mesmo depois de dias intensos, o povo ainda se juntava para dançar, fazer fogueiras, jogar bingo e conversar. Parecia que havia sempre mais um pouco de energia para fazer parte da vida naquele lugar. Recordo e escrevo este texto com um sorriso constante na cara e uma felicidade serena por ter participado em tudo isto. Mesmo que não tenha participado em todos os momentos e tirado o devido proveito de ouvir as falas da comunidade, a experiência foi qualquer coisa de sublime. Um bom primeiro encontro para mais tarde voltar.

2 “(...) repare-se que a análise semântica da própria palavra “desenvolvimento” nos fornece algumas pistas sugestivas para reflexão. De facto, a palavra composta “Des-envolvimento” (com as equivalentes “Dé-(en)veloppement”, “Des-arrollo”, “Ent-wicklung”) sugere: o processo de libertação ou de saída que cercam e prendem o ser humano e impedem a sua realização como ser individual, social e ambiental.” (AMARO, 1990, p. 456).



Referências

AMARO, R. R. Desenvolvimento e injustiça estrutural. *Communio* n.º5, 1990. p. 456.

KILOMBA, G. *Memórias da Plantação; Episódios de Racismo Quotidiano*. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

PAIVA, J. C. De. *ARTE/desENVOLVIMENTO*. Porto: Universidade do Porto: Faculdade de Belas Artes, 2009.

_____. *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da*

Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Porto: i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2017.

RAINHO, R. *Descolonizar o conhecimento. Políticas e Práticas de Educação Artística no Ensino Superior em Cabo Verde*. Porto: Universidade do Porto: Faculdade de Belas Artes, 2018.

O que o tempo ainda não roubou Memórias e reflexões sobre a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

JOÃO ABEL MOTA¹

As cisternas

Entretanto falávamos.

Tudo o que eu ouvia sobre Conceição criava à sua volta uma áurea mística - desde da sua fundação, às conquistas, às lutas, às resistências e às vitórias daquele povo. Todo o anseio em la chegar tornava o percurso ainda mais demorado; mas só assim devia e podia ser.

Enquanto as miragens iam distorcendo a estrada, o emaranhado da caatinga era de tempos em tempos interrompido pelas sebes de madeira e pelas casas com o letreiro “há coxinha” para anunciarem

¹ Estudante da FBAUP. Ativista do IDENTIDADES movimento intercultural.

idades e povos. A seguir parámos uma vez, e depois mais duas.

Os “Já está quase” do Felipe multiplicavam-se.

Primeiro entramos numa estrada de terra batida em obras, e envoltos por toda a habitual sinalética seguíamos as marcas de pneus que rasgavam as bermas e contornavam as pontes de betão recém-construídas. Depois, entre madeira húmida começavam a destoar dos tons alaranjados algumas manchas de azul que já me tinha familiarizado durante a viagem – eram cisternas.

Tínhamos chegado a Conceição.

As matilhas de cães de ninguém vagueavam entre a recém pavimentada estrada. Alguns porcos com a ninhada a trás, umas galinhas que não tinham medo dos cães e as pessoas que paravam de conversar para observarem o carro desconhecido que entrava tão assertivamente nas ruas. As caras curiosas que tentavam penetrar os reflexos transformavam-se subitamente em sorrisos seguidos de acenos. Paiva retribuía. Já era *um cara* e uma cara tão conhecida como bem vinda.

Eu ia também retribuindo uns acenos e observando tudo pela primeira vez. Mentalmente criei mais analogias com o que seria a savana africana do que o sertão nordestino, talvez pelo bioma ter sido separado à nascença do outro continente, como pela população quilombola (e os seus costumes) ser de descendência africana.

As ruas, muradas por casas de meias portas, eram vagarosamente rasgadas até longe. Era tudo estranhamente calmo.

Havia tempo — uma posse bizarra para quem passa a vida queixar-se da sua falta.

Esse tempo tornou o olhar contemplativo, o céu ficou mais amplo e as montanhas absurdamente azuis. Mas naquela terra era tudo muito diferente, muito novo... felizmente!

Depois seguiram-se umas horas um pouco confusas - muitos cumprimentos, muitos nomes, (poucos que me lembro) muitos beijos, abraços e apertões de mão que sentiria uma semana depois com o dobro da força. Não estava à espera da estranheza em não me sentir um estranho. A comunidade abraçava e acolhia os de fora como seus. Sentia-me bem.

As palavras

Enquanto o sol e a chuva se erguiam lentamente da caatinga, as cadeiras e os microfones eram reajustados e testados. Já eu, devia estar por essa altura a desenhar um porco recém degolado e esquarterado. Começou assim o segundo dia.

Depois fui escutar. Havia muito para ser escutado, mas não deu para tudo, e o tempo já roubou parte. Ficam, portanto, memórias.

Em Portugal, tudo o que escutava sobre Conceição eram palavras das vivências de quem lá foi e de quem lá ouviu. Mas sabia-me a pouco. Faltava a presença, o observar, o desenhar, o escutar. Faltavam-me sentidos.

Além disso, toda imagem mental que tinha criado à sua volta era muito vaga. Imaginar o que me contavam era por vezes

estranho e quase anacrónico — as conquistas, os feitos alcançados, as lutas identitárias; era tudo muito novo e por vezes surreal para mim. Talvez essa estranheza que sentia ao imaginar isso adviesse da minha distância e do meu apaziguamento perante estas realidades, no conforto do lado hegemónico do globo. Aleado a isto, a minha constante fixação no meu “fazer” e no meu “criar” acabava por me murar numa espécie de casulo que me distanciava do que se passava ao meu redor.

Esse envolto, tanto me confortava pela ausência camuflada de preocupações exteriores, como, por vezes, me induzia na auto-repreensão; em não ser mais reativo, em falar menos e escutar mais.

Por isso fui. Mas só me apercebi disso depois. Depois do risco, depois da escuta. Era o melhor sítio para isso.

Primeiro a comunidade apresentou-se - eram quase todas vozes femininas, num sítio em que a mulher assume um papel de liderança; tanto na transmissão da cultura e na educação, como na luta pelos seus direitos e pelos seus territórios. Como afirma Zaccara, a mulher é aqui uma “guerreira e educadora”². Educadora, na crença que essa é a arma mais eficaz de resistência e resiliência, e que a emancipação da educação é base para um futuro próspero. Por isso armam o povo, que segue

2 ZACCARA, M. Mulheres & Lutas & Olhares Relacionais. In: AQCC, I2ADS e (Org.). *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*. Porto, Portugal e Salgueiro, Brasil: [s.n.], 2017, p. 25.

conquistando os seus direitos, reavendo a sua terra e erguendo as suas cabeças; tomando a sua negritude com orgulho, no combate contra o racismo e contra o empobrecimento das comunidades. Aqui a luta faz-se ouvir em palavras de defesa e de perseverança pela dignificação identitária, esmagada desde o passado colonialista e escravocrata até ao presente assombrado ainda pelas demandas territoriais, pelo machismo, pelo racismo e pela ganância financeira.

“deitaram nos ao chão, mas esqueceram-se que eramos sementes”³

E vão crescendo, com determinação.

Apesar de, nesta terra, o tempo correr ou parecer correr mais lentamente, tal não os leva abrandar. Pelo contrário; o desconforto é o motor da mudança. E conceição muda a cada sol.

Nunca vi um sentido de comunidade tão forte e com um espírito tão agonístico, onde o debate e a partilha de ideias são um instrumento crucial para o alcance dos seus objetivos. Aqui, de utopias se fazem o futuro, e nunca vi nenhuma a prosperar tão bem.

Quanto a mim, não sei ao certo se me desaguarrei totalmente das “febres ocidentais”⁴ ou se vejo e penso o mundo de uma maneira diferente. Mas pelo menos vejo melhor.

3 Frase proferida durante o primeiro dia do segundo Encontro.

“Aprendo a ver. Sim estou a começar. Ainda vai mal. Mas vou aproveitar o meu tempo.”⁵

As deambulações

A seguir voltei ao vício. Peguei no caderno, meti uns nacos de rapadura à boca e a Lurdinhas ajudou-me a dar nomes às plantas.

Mas tiremos, por enquanto, os nomes e observemos a terra, que também é importante observar.

Conceição, desde o seu batismo, não deve ter sofrido muitas metamorfoses. Neste sertão de pouca água, envolvem-se as pequenas árvores com ramos secos de arbustos mortos, para proteger as folhas frescas das cabras e das galinhas; as estruturas das casas cobrem-se com os tijolos de barro produzidos pelos oleiros da comunidade; cozinha-se o umbu para comer e para beber; há bode e milho, melancia, macaxeira e feijão; sabem-se de cor as plantas nocivas e as que curam; e dá-se o justo valor à água.

Por enquanto que chova! Deixemos as cisternas azuis abertas para se encherem e observemos o açude a galgar terra.

Na estrada de lama, não há sinais do carro do som; apenas o camião de água po-

4 PAIVA, J. Esforço de Aprendizagem com as Experiências Vivenciadas. In: AQCC, I2ADS e (Org.). *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*. Porto, Portugal e Salgueiro, Brasil: [s.n.], 2017, p. 33.

5 RILKE, R. M. *Os cadernos de Malte Laurids Brigge / Rainer Maria Rilke*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011, 7

tável que continua lá estacionado, na rua José Neu de Carvalho, enquanto há chuva – ele é o símbolo do quão importante era aqui a água, lembrando-me a cada momento que por ele passava. Aliás, no dia a dia, aprendia-se a reutiliza-la até a um ponto de não retorno. Nada era em vão.

A relação de equilíbrio e sustentabilidade entre o homem e a natureza, herdada dos antepassados, era aqui crucial para a sobrevivência. Por isso, conhecem-se os limites das ações, aprendem a cuidar e a zelar pela natureza, pois dela dependem.

Entretanto conversemos mais um pouco. Subamos à pedra do Matame enquanto o sol nasce, que aqui anoitece cedo. E depois vem o forró à volta de uma grande fogueira, vem a pitú, e vem uns desenhos mais desinibidos.

As histórias

“A verdadeira liberdade do povo é o poder contar a sua própria história”

Estava escrito numa pedra, quase como um marco romano, a lembrar por quem ela passa.

Aqui a liberdade do povo não se deixa ficar apenas por palavras. Contam-na em riscos, em fibras de plantas, em argilas, em danças. Fazem destas artes e ofícios outro meio para a emancipação da comunidade.

Mas que mais sabemos fazer se não contar histórias?

Talvez desde o tempo em que a primeira foi contada, que a comunidade se

lembrou de olhar para o chão e reparar que ele poderia dar muito mais do que comida. Além do algodão, desfiaram as folhas longas do cárua, bateram-nas até se multiplicarem e depois, com um pouco de sal e pigmento, cozeram-nas; e a partir daí contaram mais histórias.

A que toda a gente sabe e se orgulha é a da sua fundação. Não foram precisos deuses, gémeos ou lobos, apenas sete mulheres. Sete ex-escravas, negras, livres, que tiveram a coragem que ainda pulsa na comunidade, de lutar pelos seus direitos e de resistirem. Mas deixemos essa história para quem a sabe melhor contar.

Entretanto, ia-se cedo ao barro, traziam-se pedaços encorpados que se deitam aos poucos no almofariz. O pilão transforma-os em pó e depois água em argila. Depois vinha a Lurdinhas, a Maria, ou Xana, (lá quase toda a gente sabe o ofício) envolverem-no até ficar espesso. Com o Lima, ficavam em tarolos, e depois, juntavam-se todos a fazer potes, pratos, colares, e vasos antes da noite da cozedura.

Mas nem só da terra vivem as histórias do homem - o mais recente instrumento é o Crioulas Vídeo, que partilha ao mundo a história da luta pela identidade local e étnica através da produção de vídeos onde difundem o seu território e as suas realizações.

Gerador de uma autonomia/liberdade de contar a sua própria história, assistimos à união de uma população orgulhosa do seu passado e firme no seu presente. Aqui a arte, serve a comunidade.

Depois vem o trancelim ou o já popular forró, vem os vestidos de folha de umbu.

Mas por agora falemos sobre o desenho que é, por ventura, o que melhor me lembro.

Durante três dias fomos à escola José Neu de Carvalho. As folhas espalharam-se, cada um pegou no seu lápis, e começaram a desenhar. Nos primeiros desenhos, viam-se ainda tímidas casas e sois. Mas depois a cumplicidade cresceu ao ritmo dos desenhos e não tardaram a contar histórias - o irmão que era vaqueiro, o carro do som a ir pela comunidade... Mas o desenho não ficou pela escola: no quarto dia, fui desenhar para a oficina de olaria enquanto se esmagava e se juntava água ao barro - o espaço, o forno, os cães, as macaxeiras-de-boi e as caras dos pequenos besuntadas de barro passaram a tinta.

Entretanto chegavam cada vez mais crianças para a minha beira, mas no início só observavam. Sentaram-se perto de mim, depois chegavam-se mais um pouco, até perguntarem se eu tinha canetas. Confesso que no início tive um pouco de receio porque nunca fui muito de partilhar diários, mas não me arrependi por nada. São das coisas que melhor trago.

O tudo que lhes ia na cabeça, o açude, alguns cavalos, novamente o carro do som, a comunidade, a sua família... e de repente a mão cheia de barro do Eduardo com um eco ancestral que iria ver na Pedra da Mão uns dias depois.

Os abraços

Era o sétimo dia, mas não havia sinais de descanso.

Ainda antes do pequeno almoço desenhava-se mais um pouco; depois apertaram-se novamente as mãos e prometia-se o retorno. Os meus olhos nunca ficam tão atentos como nestas alturas.

Desenhava-se mais um pouco, pegou-se numa fruta extra para a viagem, retribuimos uns últimos acenos e o Felipe arrancou.

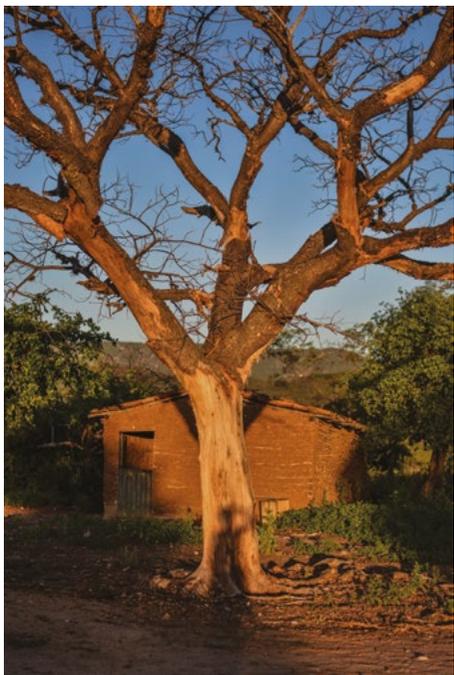
Naquele dia não havia poeira, por isso o diário e a janela seguiam abertos. A terra, contudo, não se esqueceu de despedir - as poças de água, com o mergulho repentino dos pneus, salpicavam-me o diário de água barrenta. Fiquei apenas a observa-la.

Por onde íamos, já não havia sinais de casas, nem das sebes, nem de territórios. Era um sertão ainda virgem. Entramos ainda mais dentro; a caatinga parecia mais verde do que no dia em que chegamos; já a nova estrada, parecia ter começado um pouco mais cedo. Depois o diário fechou-se. Uns dormiram e outros tentaram adormecer.

Aquele diário, foi um dos mais completos e um dos que menos desenhiei. Talvez seja o que melhor guardo. As lembranças mais simples e genuínas, de uma semana em que a escuta, os desenhos e as vivências foram os motes para o que ainda há de vir.

Desconstruíram-se ideias e repensaram-se muitas. Partilhamos sabores e saberes, vivências, artes, lutas e resistências. Talvez viemos todos para a partilha.

Ainda haverá tempo para longas conversas perto do açude, para forrós e trançelins, para partilha de diários, para fogueiras ainda maiores, mas por enquanto ficam memórias.



Referências

- RILKE, R. M. *Os cadernos de Malte Laurids Brigge / Rainer Maria Rilke*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
- PAIVA, J. Esforço de Aprendizagem com as Experiências Vivenciadas. In: AQCC, I2ADS e (Org.). *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*. Porto, Portugal e Salgueiro, Brasil: [s.n.], 2017, p. 33.
- ZACCARA, M. Mulheres & Lutas & Olhares Relacionais. In: AQCC, I2ADS e (Org.). *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*. Porto, Portugal e Salgueiro, Brasil: [s.n.], 2017, p. 25.

Conceição das Crioulas e ancestralidade africana: diálogos sobre a arte e a cumplicidade perante os desafios da vida comunitária quilombola na atualidade

ANTÔNIO ROSEMBERG DE MOURA
FACULDADE DE BELAS ARTES - UP
MARIA JURACI MAIA CAVALCANTE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – UFC/
BRASIL

Introdução

Este artigo traz ao debate uma experiência de aprendizagem realizada na comunidade de Conceição das Crioulas, no sertão de Pernambuco, em julho de 2019, a partir da nossa inserção no evento, *II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade de Conceição*

das Crioulas, promovido pela Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC, e IDENTIDADES-Coletivo de Acção/Investigação, I2ADS (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto), no formato de viagem de intercâmbio entre Portugal e Brasil. É uma vivência interativa entre arte-educadores e educadoras daquela comunidade e universidades, com vistas a pensar sobre o sentido das artes, no contexto da construção de uma identidade e do conhecimento quilombola.

Para efeito demonstrativo, este relato está dividido em três momentos distintos: 1) o do nosso deslocamento espacial, informados por leituras e vivências anteriores relativas à comunidade visitada, por meio de conversações e publicações do arte-educador e coordenador do evento, José Carlos Paiva, docente e investigador da FBA-UP; 2) o da chegada e visitação àquela comunidade e participação no referido evento, que promoveu vivências comunitárias, através de manjares, oficinas, palestras, passeios e rodas de conversa, tendo como questão de fundo a pergunta sobre o sentido das artes e da vida comunitária, intercâmbios e trocas culturais; 3) o momento da partida e afastamento temporal e espacial daquela Comunidade, o que nos permitiu fazer outras reflexões e organizar o presente relato, em temporada acadêmica que passamos na cidade do Porto, entre setembro e dezembro de 2019.

Não se trata de um relato etnográfico, no sentido clássico do termo, porque é feito de impressões livres, destituídas de pretensão firmemente científica ou

intencionalidade reveladora do que seja aquela comunidade, porque estão vinculadas mais às nossas subjetividades como autores deste registro, do que ao objetivo de esclarecer ou explicar o feitiço da cultura e identidade de Conceição das Crioulas. É importante destacar o que nos move ou motiva a escrevê-lo: dizer o que provocou em nós como estranhos visitantes a vida comunitária ali plantada, a partir de interações cotidianas, no curto espaço de tempo de menos de uma semana, escuta de relatos apresentados por lideranças da própria comunidade, participação interativa em atividades propostas pelo evento de artes e identidades comunitárias a que estávamos vinculados.

Esclarecida a nossa intenção, passaremos a revelar alguns aspectos da experiência tida por nós, que resultam de nossas impressões e subjetividades, como profissões e subjetividades, como profissões das áreas articuladas da história social, artes e educação comunitária, ocupados com a investigação cultural e a criação de projetos audiovisuais ou documentários sobre diversas manifestações culturais brasileiras e nordestinas, que mantêm vínculos acadêmicos em Fortaleza, no Ceará, e no Porto, em Portugal. Isto posto, passemos, então, ao relato, conforme os três momentos já anunciados.

O Deslocamento para a Comunidade de Conceição das Crioulas

Partimos de Fortaleza para Juazeiro do Norte, no sul do Ceará, em direção a Salgueiro, estado de Pernambuco, onde está

a propriedade coletiva rural da comunidade de Conceição das Crioulas, utilizando para tanto transporte aéreo e terrestre, viagem que durou vinte e quatro horas. Já no aeroporto internacional de Fortaleza, em função do atraso da aeronave, estabelecemos uma conversa casual com um casal que pegaria o nosso voo, com destino às cidades de Juazeiro do Norte e do Crato. A conversa girou em torno de diversos temas e ao sermos perguntados sobre o nosso destino de viagem, o homem com quem conversávamos disse já ter morado por muitos anos em Salgueiro, onde manteve atividades comerciais, e que sabia ser a comunidade de Conceição das Crioulas “um lugar perigoso e infestado de macanheiros, vadios e criminosos, o que criara para aquela uma fama muito negativa na região sertaneja onde está inserida, na fronteira entre o estado do Ceará e o de Pernambuco.” Retorquimos dizendo o que sabíamos sobre aquela comunidade, no sentido da sua construção positiva em termos educacionais e de organização comunitária, pelo menos nas duas últimas décadas, a partir do que tínhamos lido em Portugal, junto ao projeto de intercâmbio desenvolvido pela FBA-UP.

Assim, seguimos viagem com aquele confronto de representações na cabeça, ao qual se somou o que sabíamos anteriormente sobre o sul do Ceará e de sua ligação com o sertão pernambucano, região conhecida de fato pelo intenso tráfico de drogas, imersa em casos frequentes de pistolagem e criminalidade. Salgueiro é uma cidade-entroncamento rodoviário,

que tem função de comércio intenso entre o Ceará, Paraíba e Bahia, estando ainda em conexão com grandes centros urbanos do sudeste brasileiro. Viajamos de carro alugado, em percurso que teve duração de 4 horas, em estradas municipais e federais, ora movimentadas, ora desertas.

Em Salgueiro, nos instalamos ao chegar no mesmo hotel do casal paulista que viajou conosco desde o Juazeiro do Norte para tomar parte do evento realizado em Conceição das Crioulas – Luciana e Wagner – e depois do almoço, seguimos viagem para o distrito de comunidade de Conceição das Crioulas, distante uma hora e meia da sede do município, em estrada que tinha parte asfaltada (rodovia federal) e parte em barro, a qual está em fase de obras de construção de uma rodovia asfaltada, para propiciar uma melhor ligação entre as duas localidades.

Ao alcançarmos Conceição das Crioulas, já se fazia noite. Chegamos a tempo de participar da abertura do evento. Nos dirigimos a um grande salão comunitário, onde fomos recebidos por representantes da comunidade e colegas das universidades ali presentes. A atmosfera reinante era de satisfação e alegria, que caracteriza em geral encontros e intercâmbios que reúnem pessoas de distintas pertencas culturais e localidades.

A Visitação e as Trocas de vivências

Essa visita nos trouxe muitas vivências e possibilidades de aprendizagem. Algumas coisas nos chamaram a atenção logo

de início: o tamanho do território onde a comunidade está instalada, fruto de uma grande luta e resistência, ao longo do tempo; a forte presença das mulheres a nos conduzir e a relatar o processo de construção daquela comunidade, em regime solidário de associação, instituição criada para gerir os direitos, deveres e interesses comuns e resolver conflitos; a importância de atividades rurais voltadas para a manutenção da coletividade; a valorização da escola de ensino básico, dirigida por professores e professoras formadas e pertencentes à própria comunidade, com vistas ao fortalecimento dos vínculos comunitários e da construção do sentido de identidade de Conceição das Crioulas.

Outro aspecto a salientar é o que se refere à valorização de intercâmbios com universidades brasileiras e o projeto português da FBA-UP, sob a forte liderança do arte-educador, José Paiva, a quem a comunidade está ligada aproximadamente duas décadas. Essa ligação é afirmada, tanto na promoção de eventos e debates, quanto na formação de lideranças (mestres e doutores) que nela atuam com forte engajamento de modo à sua promoção social e ordenamento político e reivindicatório de direitos serem assegurados pelo Estado brasileiro, como é o caso da regularização /legalização do território quilombola, a criação de escolas de nível fundamental e médio, ensino feito por professores e professoras da própria comunidade com base em discussão curricular e pedagógica apropriada aos seus propósitos emancipatórios. Estes envolvem a

educação que tem por base a valorização da sua história e tradições culturais, relacionadas com a raiz africana presente na sua fundação.

Ficamos com a impressão de que o protagonismo das mulheres supera as ações dos homens nas atividades da vida comunitária, inclusive no que se refere ao próprio evento de que participávamos. Chama atenção também a valorização de crianças e jovens da comunidade, posta nos cuidados com a educação, apresentação social e escolha do tipo de alimentação e atenção à saúde.

No que diz respeito à presença de estudantes e educadores (as) de universidades de Portugal e do Brasil, vale salientar a dinâmica das trocas de experiências acadêmicas e de cooperação entre as duas comunidades, que mesmo sabendo de suas especificidades, diferenças e semelhanças, atuam de modo harmônico e, mutuamente, respeitoso. A comunidade de Conceição das Crioulas se mostra hospitaleira e aberta às vivências propostas pelo evento. No terreno religioso, há cristãos católicos e evangélicos, não tendo sido suficiente o nosso tempo de convívio para sondar outras expressões, mas ficou claro que há alguns conflitos a serem resolvidos para uma convivência mais serena com essa dimensão da vida social.

Os jovens estudantes de Conceição das Crioulas se mostram estimulados pela atividade escolar, sendo uns mais participativos do que outros em relação à interação com os visitantes e com o próprio evento que ali acontecia. Alguns mostram

certa inquietude quando perguntados sobre o destino profissional que desejam e revelam alguns conflitos em relação ao jogo de identidade cultural estabelecido entre: 1) o que vivem hoje na comunidade local; 2) a memória que lhes é repassada pelos mais velhos, a exemplo do tempo em que para frequentar escola tinham que se deslocar para a sede do município de Salgueiro; 3) a possibilidade de dar sequência à sua formação escolar por meio do acesso a cursos de nível superior ou mesmo de busca de emprego em outras localidades, onde podem sofrer algum tipo de preconceito por suas especificidades de pertença étnico-cultural. Pareceu-nos que falta a eles uma melhor definição das suas perspectivas profissionais, porque guardam a dúvida sobre duas alternativas mais gerais: a fixação na localidade de origem e a migração para outras regiões e cidades com maior oferta de estudo e renda.

Esta pergunta pode estar preocupando a toda a comunidade, pois o futuro dela depende da resposta que as gerações mais novas vão dar a esse dilema, o qual é comum a outros jovens de comunidades rurais no Brasil há décadas, conforme estudo sobre tradição e cultura migratória de Cavalcante (2002), que assinala a força dos mecanismos de expulsão e atração de migrantes jovens, em especial, na região nordeste, em face das dificuldades climáticas e sociais postas há séculos para o sertão semiárido, que constitui boa parte do chamado nordeste brasileiro, com regime irregular de chuvas e estiagens periódicas.

Afastamento e Escrita do Relatório

Chegada a hora de partilhar esta experiência, queremos ressaltar outros aprendizados em formato de interrogações. Começamos por recapitular o que mais nos impressionou em relação ao vivido, que podemos resumir da seguinte maneira: a dimensão territorial e desafios produtivos do território de Conceição das Crioulas, o seu simbolismo histórico-cultural que pede maior expressividade escrita, oral e artística; o propósito organizativo de uma comunidade que é ao mesmo tempo ciosa de sua luta e singularidade e dependente do Estado brasileiro, que tanto pode lhe garantir como retirar direitos.

Referimo-nos sobretudo à instabilidade política pela qual atravessa o Brasil atual, com a emergência de um poder de extrema direita - que se instalou no governo central do País, a partir da vitória eleitoral de 2018 - com pacto neoliberal a serviço de demandas do mercado global, o qual já conta com uma capilaridade preocupante, que põe em risco a vida e existência não apenas da Comunidade de Conceição das Crioulas, mas do próprio programa democrático da República brasileira, posto em sua Carta Magna, que vigora desde o ano de 1988.

A dimensão territorial e desafios produtivos da propriedade rural

Por se tratar de uma propriedade com dimensão territorial considerável, entendemos que entre os desafios a serem enfrentados pela Comunidade está a questão da

produção agrícola, de modo a garantir a sua sustentabilidade econômica. Vale perguntar, que produção seria essa, a começar pela necessidade alimentar da própria comunidade, mas também de ser capaz de oferecer ao mercado do entorno produtos de qualidade isentos de agrotóxicos e saudáveis? Existe já alguma produção agrícola familiar voltada para o abastecimento local em termos de hortaliças, mandioca e milho, assim como criação de aves e caprinos, mas a comunidade parece que ainda depende da oferta do mercado da região para suprir as suas necessidades como coletivo? Nesse sentido, precisa ela ainda definir melhor um projeto de natureza agrário-agrícola sustentável, que a liberte do consumo de produtos com agrotóxicos e/ou industrializados, que são reconhecidamente tão nocivos à saúde?

Isso requer naturalmente um preparo técnico e, portanto, a qualificação de integrantes da comunidade para por em prática uma economia rural vigorosa e alternativa ao agronegócio que domina a produção agrícola em larga escala. Essa decisão pede ainda a divisão do trabalho entre homens e mulheres, assim como o estabelecimento de um calendário sazonal e anual de tarefas, que cabe a cada grupo realizar, sabendo-se que a falta de água é um dos maiores problemas da comunidade, por estar seu território situado na região do semiárido nordestino do Brasil, que sofre o problema das estiagens periódicas, resultando este na escassez de chuvas e, conseqüentemente, de águas.

No campo da economia, os saberes herdados da ancestralidade africana poderiam suprir essa necessidade, posto que pertencem a uma época menos destrutiva da agricultura? Mas como lidar com a dimensão do comércio e troca de mercadorias que necessitam, como: utensílios agrícolas e domésticos, vestimentas e calçados, produtos de higiene e saúde, livros e cadernos? Sentimos falta de uma exposição mais clara acerca deste aspecto da vida comunitária de Conceição das Crioulas, razão pela qual trazemos essas perguntas, sabendo que as repostas e/ou soluções possíveis não devem ser fáceis porque exigem decisões comunitárias e esbarram em dificuldades de meios para por em prática uma economia capaz de favorecer a sua autonomia alimentar e econômica.

O simbolismo histórico-cultural e a expressividade escrita, oral e artística

Um outro aspecto que nos despertou atenção e dúvidas se refere ao forte simbolismo histórico-cultural da comunidade, que pede correspondência na sua expressividade escrita, oral e artística. Pareceu-nos que tem havido bastante empenho nessa dimensão, tomando por base os depoimentos de algumas lideranças, durante o evento do qual tomamos parte e por meio de visitas que fizemos à lojinha de artesanato e às escolas, onde nos foram apresentados os resultados de algumas oficinas de escrita e artes.

Chamou a nossa atenção, em especial, o caso da modelagem em barro de louças

e outras peças artesanais, um saber que esteve presente na história cultural da comunidade de Conceição das Crioulas desde o início, dado que o barro compunha toda a louça em forma de panelas, tachos, pratos, copos, quartinhas e potes, sendo este inclusive um traço cultural comum à região nordeste mais sertaneja, que remonta tanto à tradição dos povos ameríndios, quanto africanos - conforme ressalta o estudo de Cariry (2019) sobre a arte do barro no meio popular sertanejo - sendo bastante usada do período colonial ao século XX, sendo que hoje predomina o uso de mercadorias de alumínio e o plástico. Disso é prova a grande oferta desses utensílios domésticos em feiras semanais populares, dirigida aos segmentos de menor renda da população, que substituiu gradativamente produtos artesanais típicos por industrializados.

Frente à timidez com que essas peças de barro são feitas em número e tamanho na comunidade em foco, nos pareceu que em Conceição das Crioulas esse saber ancestral terá sido em parte esquecido e vem sendo lentamente recuperado, através de oficinas organizadas na comunidade, por iniciativa tanto dela própria, quanto de intercâmbios feitos com outras instituições, como é o caso do grupo de investigadores da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, que favorece a vinda de artistas oleiros para a realização de oficinas nesse campo. No entanto, não há pressa nisso, pois, desde o começo dos anos 2000 tem esse grupo estabelecido contato com Conceição das Crioulas, com

vistas a uma espécie de selada cumplicidade, que envolve um aprendizado mútuo, baseado mais na escuta respeitosa do que na pretensão de ofertar ensinamentos prontos sobre o caminho a seguir, conforme alguns depoimentos por nós colhidos.

Nessas relações com comunidades de Pernambuco, Cabo Verde e Moçambique, fazemos a tentativa de suspender o poder da nossa voz e preferir a escuta. Sabendo que a nossa voz transporta sempre para aquilo que somos como comunidade. Por isso, há um esforço grande para nós agir na comunidade como cúmplices de problemas e não para resolver os nossos. A forma como a Comunidade gere a sua vida e luta mostra que ela tem muita força. Por exemplo, na organização do próprio segundo Encontro, nenhuma decisão foi tomada por nós, a comunidade participou, partiu dela a forma do evento, até na elaboração do texto de chamada para o evento. Claro que no fato da organização dele já tem uma interferência nossa. Por isso também os convidamos para nos conhecer, vindo aqui. Dou outro exemplo. Eu sou militante anticlerical e jamais levaria o tema da religião para a comunidade. Mas se alguém lá me traz esse tema, eu me posiciono, porque nossa relação é baseada na franqueza. (José Carlos Paiva, cidade do Porto, entrevista concedida, no dia 18.10.2019)

Vale aqui a pergunta sobre o sentido de comunidade e da sua educação, que nos ajuda a melhor abordar essa questão. Com base em conhecimento já sedimentado nos manuais de sociologia - a exemplo de

Anthony Giddens (2005, p. 395), que salienta a diferença entre educação pré-moderna, realizada com base na tradição e passada pelos mais velhos aos mais novos e aquela definida a partir da industrialização, via instituições escolares. Sabemos, contudo, que as duas formas convivem em alguma medida em diversas sociedades. A educação que tem por base as tradições culturais de um grupo pode ser chamada de “educação comunitária”, entendida como um processo de ensinar e aprender vivencial, que ocorre no interior de uma dada comunidade, ligada pela proximidade espacial, interesses e valores comuns, onde se dão trocas de experiências e saberes no perpassar de gerações e ritos sociais inscritos no calendário de ocorrências cotidianas e regulares da vida de um dado grupo e/ou coletividade.

No caso aqui estudado, a dimensão educativa tem maior amplitude e parece conter uma atitude política e organizativa, ao lado de uma pedagogia nova de preparação dessas comunidades envolvidas com as já referidas atividades que a caracterizam não apenas para viver o presente, mas também guardando o passado e antecipando o futuro em forma de vivência, expectativa coletiva e partilha de sensibilidades e solidariedades, onde o corpo coletivo não anula o indivíduo e nem a experiência do coletivo elimina a vontade particular de cada um na luta pela vida. Vale a pena inserir um pequeno relato de uma liderança comunitária e fundadora da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), criada em 2000.

Vejo a AQCC como vencedora de grandes desafios e por isto tem alcançado grandes conquistas como: ampliar o poder de comunicação com diversas organizações de renome nacional e internacional, falar para o mundo dos problemas vivenciados pelo nosso quilombo e pelos demais quilombos brasileiros e com este poder de voz sensibilizar diversas organizações defensoras do Meio Ambiente e da valorização dos potenciais existentes nas comunidades quilombolas, combate ao preconceito e à discriminação racial e a luta pela reconquista do nosso território.

A AQCC não tem medido esforços para cumprir o seu papel que é lutar pelo desenvolvimento de Conceição das Crioulas, fortalecendo a organização política, a identidade étnica e cultural e a luta pela causa quilombola. (MENDES, 2007, p. 47)

Lutar pela comunidade implica, então, na busca de “fortalecer a organização política, a identidade étnica e cultural e a causa quilombola”, o que requer alianças externas e internas. Chama atenção a importância atribuída ao apoio de outras organizações nacionais e internacionais, bem como de aproximação com a luta de outros movimentos sociais em prol dos direitos indígenas e quilombolas. Tudo com vistas a garantir os direitos sociais e a existência como comunidade de destino. Este processo constitui no fundo uma procura, no sentido que lhe dá José Paiva:

Procura de um onde com futuro, rico de saberes e de memórias que o Ocidente nunca foi capaz de observar. Preciso de ser/estar onde

se queira desenterrar o que foi escondido e camuflado, onde se queira ouvir o que nunca foi dito, o que foi silenciado e negado. Nesse Sul, talvez inexistente mas utopia perseguida, encontram-se muitas comunidades, empenhadas em entender de uma outra forma a história, ressurgida na própria voz orgulhosa das suas identidades, negras, índias, femininas, pobres, escuta das oralidades ancestrais e dos gestos de todos, dos saber/fazer perante o infortúnio e a sobrevivência, das teimosias da luta pela dignidade, contra a injustiça, pela recuperação dos direitos roubados, pela restituição das terras, pela educação democrática diferenciada, pela possibilidade política de futuro. (PAIVA, 2017).

Desse modo, fica claro que é no âmbito de um processo comunitário de raiz fortemente étnica e cultural que se fortalece a identidade quilombola aqui tratada, como portadora de uma perspectiva de solidariedade, onde vigoram os princípios de justiça, igualdade e paz. Assim, para além da tradição africana, essa educação quilombola pode ser vista também como um exercício social de construção do futuro. Nesse aspecto, trata-se de um projeto educativo imerso no tempo atual e/ou contemporâneo, pois envolve uma consciência comunitária que se constrói no “aqui e agora”, onde a relação espaço-tempo conteria a tríade inseparável do passado-presente-futuro.

Nessa dinâmica de ordem social e temporal, a Comunidade de Conceição das Crioulas se encontra em processo de (re)construção de si mesma, respeitando

todavia o tempo que for necessário para isso, o que explicaria, por exemplo, no tocante à tradição oleira já comentado, a ausência de peças maiores e mais trabalhadas de barro (jarros, panelas, terrinas, potes, etc.) na loja de artesanato que apresentam aos visitantes e turistas culturais, bem como na vida cotidiana da comunidade. Trata-se, pois, da questão do tempo perdido ou tempo a ser resgatado em relação aos elementos culturais inscritos na herança deixada por seus ancestrais. Essa perda de memória deve ter certamente relação com as agruras da subordinação colonialista e exclusão social a que foram submetidas as várias gerações portadoras dessa cultura ancestral no Brasil.

O audiovisual: perspectiva de registro de memórias e de luta

Um dos aspectos importantes introduzidos na comunidade de Conceição das Crioulas, a partir de uma demanda dos jovens, foi um núcleo de produção audiovisual - chamado Grupo Comunitário de Produção de Vídeo de Conceição das Crioulas, o Crioulas Vídeo - a partir das necessidades postas por seus integrantes mais jovens, em parceria estabelecida com instituições pernambucanas e mantida pela AQCC (Associação Quilombola da Conceição das Crioulas).

Esse grupo surgiu em Abril de 2005, com uma oficina de vídeo com duração de cinco dias, uma parceria entre o Centro de Cultura Luiz Freire e o grupo Identidades do Porto, Portu-

gal. Tivemos como instrutores Tiago Assis, José Paiva e André Alves, todos do Identidades. Para a criação desse grupo foi feita uma escolha entre jovens da comunidade, foram escolhidos estes seis: Marta Adelaide, Adalmir José, Martinho Mendes, Francisco Mendes, Joseane de Oliveira e Reginaldo Antônio. Os mesmos participaram de diferentes áreas constituindo-se assim a equipe do *Crioulas Vídeo*. (ID10 – Com 10 Anos o Identidades esclarece-se e dá-se a conhecer. Brasil, Cabo verde, Moçambique, Portugal: Porto 2007. Pp. 15-16).

Desse modo, com domínio das técnicas de capacitação e edição de imagens, um coletivo de jovens começou a registrar memórias das pessoas mais velhas, fazendo a escuta dos seus saberes e costumes e suas crenças e religiosidades, com a finalidade de promover um marcante intercâmbio entre saberes ancestrais e vivências contemporâneas. Entre os muitos documentários realizados pelo coletivo destacam-se: O Aniversário da Escola José Mendes, Aniversário de Cem Anos de Dona Mariana, Relatório de Conceição das Crioulas, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, Serra das Princesas, I e II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade de Conceição das Crioulas, entre outros.

Os objetivos do *Crioulas Vídeo* são: registrar os acontecimentos da comunidade; ter autonomia para contar a nossa história, fazendo um trabalho voltado para a comunidade, mas também dando a conhecer

ela ao público exterior; engajar a juventude nas causas sociais fazendo eles jovens mais conscientes e participativos. (Idem, p. 16)

Tiago Barbedo conheceu a comunidade de Conceição das Crioulas, através do projeto identidades. Estabelecido como artista e professor, ligado à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, depois de passar por vivências em projeto comunitário na África, viajou para o Brasil, para ser um dos oficinairos do referido curso de vídeo.

O primeiro contato com a comunidade de Conceição das Crioulas foi para mim muito importante, pelas suas características e pela sua capacidade organizativa e política. Marcou-me desde o início a questão do patriarcalismo, tendo a mulher como centro, como líder, mas simultaneamente vivendo contradições e tensões próprias daquela sociedade. Ali estava uma comunidade contando a sua história a partir da luta pela terra. Uma luta longa, uma construção difícil que exige muito esforço organizativo e político. [...]

Em relação ao vídeo, a primeira pergunta que me fiz foi: como falar de formas de fazer vídeo em comunidade que não é minha? Sabendo eu que carrego essas gramáticas ocidentais e o uso da própria tecnologia tem suas implicações culturais. No entanto, uma questão muito importante foi colocada, a comunidade sabia precisamente o que queria do vídeo. Queria uma coisa muito simples e, ao mesmo tempo, muito complexa: contar a sua própria história, à sua maneira, com seus próprios meios e com desenvolvimento da sua própria

linguagem audiovisual. E tudo isso ancorado na luta da comunidade pela terra. Foi muito importante tudo isso, inclusive para a minha própria compreensão do uso do vídeo. Na comunidade, o vídeo transformou-se em alguma coisa surpreendente e de grande eficácia, nessa procura de construção identitária. Hoje, além das câmeras de vídeo, temos os telemóveis, democratizando os acessos às novas formas de registros audiovisuais e alargando, para além da pauta de lutas comunitárias, os temas abordados no cotidiano e na vida comunitária. (Tiago Barbedo, cidade do Porto, entrevista concedida dia 18.10.2019)

Esse núcleo do Crioulas Vídeo, com produção regular, teve alguns dos seus documentários já exibidos em TVs culturais e comunitárias regionais e tende a se expandir cada vez, em contato com outros coletivos de jovens que produzem audiovisual, no Pernambuco e em outras regiões do País. Ainda embrionário nas suas proposições e conquista de técnicas mais avançadas, desenvolve-se pouco a pouco, adquire equipamentos que proporcionam melhores resultados e assim vai conquistando o seu espaço. Para além do registro dos saberes e culturas do passado, insere-se também na contemporaneidade, registrando e realizando vídeos educativos e artísticos, bem como colocando-se ao lado da luta pela conquista da terra e pelo alargamento das possibilidades educacionais e produtivas da comunidade. Um exemplo desse cuidado com a memória e com a difusão de debates são os documentários realizados a partir dos *Encontros com*

as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade de Conceição das Crioulas. Na oportunidade, são gravados testemunhos, reflexões e entrevistas, de pessoas da comunidade e de visitantes, para compor o acervo de memória da AQCC - Associação Quilombola da Conceição das Crioulas.

O propósito organizativo da comunidade: entre a sua luta/singularidade e a dependência do estado brasileiro
Indagamos ao arte-educador José Carlos Paiva, o que o teria encantado tanto, quando teve o seu primeiro contato, há mais ou menos 15 anos, com integrantes da Comunidade de Conceição das Crioulas. Ele nos respondeu com o seguinte depoimento.

Vimos que havia ali uma comunidade, no sentido dos princípios democráticos, uma solidariedade entranhada na comunidade. Que aquela comunidade, diante dos problemas dela tinha clareza política quanto às necessidades dela. Em relação à terra, por exemplo, queria garantir essa ocupação e tirar rendimento dela para a sua sobrevivência; criar condições de vida para a comunidade; um entendimento de que a escola é um instrumento de luta pela terra e direitos. Além disso, chama atenção a hospitalidade, a franqueza, que as vezes é meio dura. Quando nos disseram, por exemplo, que não esqueciam que éramos portugueses ligados por ancestralidade aos colonizadores. (José Carlos Paiva, cidade do Porto, entrevista concedida dia 18.10.2019)

Perguntamos a ele também se a Comunidade não estaria vivendo um momento

crucial, quando a educação escolar implantada nos últimos 15 a 20 anos começa a colocar para os jovens que concluem o ensino médio o seguinte dilema: a comunidade e/ou o entorno, ou seja, a sociedade envolvente e seus apelos.

Penso que isso é inevitável. Vivemos um tempo em que as estruturas capitalistas mantêm uma pressão em todo o lado. Os bancos no Brasil fazem empréstimos aos pobres para pequenas compras, objetos e bens. Essa oferta não deixa de ter consequências, intromissões, instrumentos sedutores. A Comunidade lida com todas essas lógicas capitalistas na vida cotidiana. Como ela poderá reter os seus jovens? Ela vai ter que lidar com isso. Ela já viveu outros desafios antes. Houve um tempo em que os jovens deixavam a escola para entrar no mercado das drogas. Ao ser implantada no interior da comunidade, houve uma reversão. Há fatores imprevisíveis nisso, que dependem da forma de agir da comunidade. O que está a frente é a escuridão. Há um elemento que acho preponderante para pensar sobre isso. O conceito de antecipação não existe nas culturas africanas. O futuro, assim como o conceito de passado é diluído: o passado é onde vivem todos os meus antepassados que vivem em mim. Por isso, eles vivem o presente e os dilemas cotidianos tão fortemente. (José Carlos Paiva, cidade do Porto, entrevista concedida dia 18.10.2019)

Acreditamos que há diferenças importantes entre o passado e o momento atual, no que se refere ao modo de tratar esses problemas do cotidiano por essa comunidade,

considerando a forte presença que o Estado brasileiro em regime democrático teve em passado recente como interlocutor de suas reivindicações, quando se tratou por exemplo de assegurar o direito à demarcação legal de suas terras. A partir de 2019, o governo brasileiro é composto por um grupo de orientação autoritária, neoliberal e desfavorável aos direitos sociais já conquistados, sob a tutela dos interesses dos Estados Unidos, no que se refere às fortes disputas do chamado mercado global, sobre o que falaremos mais abaixo.

Considerações finais

Nesse ponto da nossa exposição, se faz necessário conceder espaço a algumas indagações que consideramos mais prementes e indicativas da nossa preocupação em relação ao futuro da comunidade que é alvo da nossa atenção, em busca do aprendizado subjacente a um ser comunitário hoje, na contracorrente de um mundo globalizado e dividido entre uma riqueza e pobreza extremas, contra o qual muitas manifestações e protestos coletivos estão a se fazer, em várias cidades e continentes.

Atualmente, o Estado brasileiro se ocupa em retirar direitos conquistados por meio dos movimentos sociais em décadas de ação reivindicatória, porque o Brasil está sendo dirigido por um grupo portador do ideário neoliberal e demolidor de direitos sociais e trabalhistas; que não reconhece também o direito de quilombolas e indígenas às suas terras e que é inclusive contrário à conservação de nos-

as florestas, para garantir a expansão sem limites do agronegócio. Nesse sentido, a comunidade de Conceição das Crioulas, juntamente a várias outras comunidades ora ameaçadas, está a viver um impasse perigoso, uma pressão de alto risco, que requer uma atitude e disposição de luta muito mais forte do que a que travou até aqui. Afinal, se o Estado brasileiro deixou de ser um aliado e virou um adversário frio e violento, com quem vai se dar essa luta? A quem a Comunidade irá dirigir as suas demandas por direitos sociais?

A estrada asfaltada que está em obras e que vai ligar Conceição a Salgueiro – como uma antiga demanda da Comunidade – em que medida vai trazer-lhe benefícios ou malefícios? Afinal, não terá sido justamente esse isolamento, que contribuiu para que as terras da comunidade, situadas em região do semiárido, não tenham ainda sido alvo de cobiças por parte de capitalistas do entorno e/ou de outras regiões?

Cabe aqui nesse ponto mais um leque de perguntas. Parece-nos que os jovens de Conceição têm diante de si um grande desafio. Saberão eles enfrentar mais essa adversidade, ficando na terra que lhes pertence por direito conquistado? Evitarão esse confronto e migrarão para outras localidades em busca de uma possível integração a um mercado de trabalho que só oferece oportunidades cada vez mais precárias de ganho? E se ficarem, lutarão bravamente contra a invasão e/ou tomada de suas terras? Perguntamos, para encerrar, com que armas? Que estratégias deverão

utilizar para se fazerem ouvir e respeitar?

O futuro embutido nas perguntas que fazemos não está tão mais distante, o que exigirá pressa por parte da Comunidade de Conceição das Crioulas em se defender dessas ameaças cada vez mais próximas das portas de suas casas e território. Como poderão também os seus cúmplices continuar a colaborar, se há o risco iminente de uma tragédia já anunciada em discurso governamental que se mostra hostil ao movimento quilombola existente por todo o País? Que cumplicidade se faz necessária diante de tão atroz situação política do Brasil na atualidade, especialmente, no que diz respeito aos direitos e movimentos sociais?

O noticiário em circulação na grande imprensa e redes sociais no Brasil atual atesta que os direitos e territórios quilombolas, entre outros segmentos da população, estão sob grave ameaça, em função da expansão do agronegócio e de uma representação político-governamental que favorece os interesses ruralistas de grandes grupos empresariais ligados à produção e exportação de soja e carne bovina. Tal orientação política se refere aos quilombolas e indígenas como peso morto da economia brasileira, o que quer justificar a invasão dos territórios dessas comunidades e a eliminação física de suas lideranças mais atuantes.

Assim, com os olhos do passado-presente, sob ameaças advindas das trevas do nosso tempo, a comunidade de Conceição das Crioulas está a buscar conciliar um saber herdado com um saber fazer capaz de

alumiar o seu futuro; ou seja, situada na perspectiva de que o passado tanto os ilumine no rumo do alcance de um porvir, quanto de defesa dos ataques e ameaças atuais.

Imbuído dessa mesma dinâmica, este artigo não visa oferecer diagnósticos e/ou prescrições acabadas sobre as impressões e vivências aqui registradas. Operamos com base fenomenológica, sabendo que sujeitos, subjetividades, fragmentos e sentidos simbólicos fazem parte de processos sociais e culturais em permanente construção, reconstrução e (des)construção. Afinal, nada vive para sempre, nem fora de canais de percepção, luta e significação, em especial, quando o tema é arte, comunidade e educação em seu sentido mais político e libertário.

Foi uma experiência positiva o nosso contato com a Comunidade de Conceição das Crioulas. Encheu-nos de ânimo ver de perto as experiências bem sucedidas nas áreas da cultura popular, da agricultura familiar, da educação e mesmo a corajosa luta pela conquista e pela posse da terra. Essa vivência com a comunidade – além de desfazer por completo o equivoco da visão negativa que o desconhecido tentara nos passar sobre Conceição das Crioulas, no aeroporto internacional de Fortaleza – serviu-nos para confirmação do que já bem sabíamos através de amigos portugueses e brasileiros, diretamente envolvidos com o projeto coletivo na comunidade.

Conceição das Crioulas é um pedaço do Brasil que teima em resistir, em reinventar-se, em construir-se, em dar certo, apesar de todas as dificuldades, em um país de elite

autoritária e de forte herança escravocrata.

Nesse sentido, Conceição das Crioulas, ao lado de outros experimentos similares, tem muito a nos ensinar, sobretudo, quanto à arte de luta e resistência, diante de estruturas e condicionantes sociais adversas que negam direitos e condenam à exclusão social milhões de pessoas, alegando critérios de teor racista e preconceituoso, que quer no fundo fortalecer e perpetuar privilégios a uma elite branca de identidade europeia que acha ser portadora de direitos inalienáveis e herdeira do colonialismo.

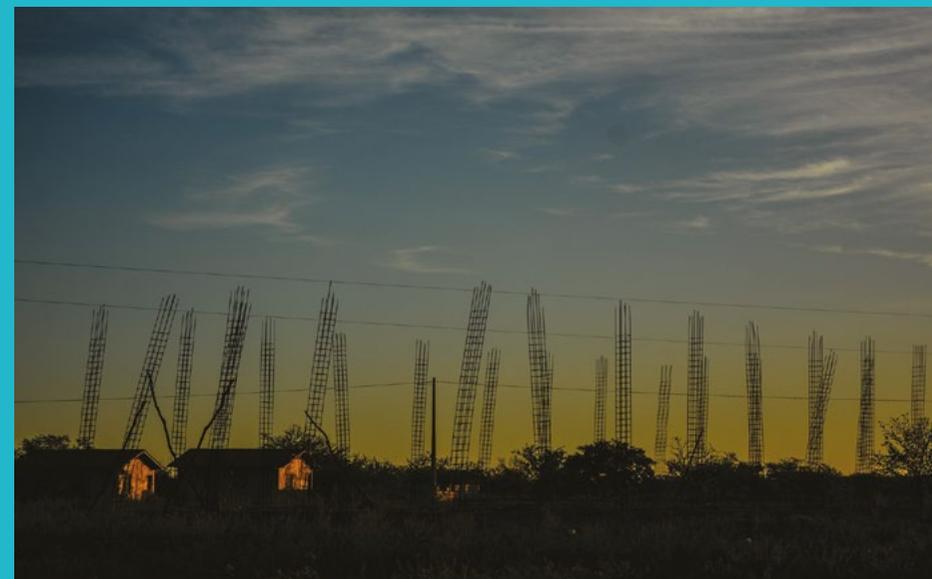
Referências

- CARIRY, R. *Dona Ciça: o barro das maravilhas*. Fortaleza, SECULT, 2019.
- CARLEIAL, A. (Org.). *Transições migratórias*. Fortaleza, IPLANCE, 2002.
- CAVALCANTE, M. J. M. *Tradição e Cultura de Migração na Memória e Educação de Jovens e Famílias no Interior do Ceará*. In: CARLEIAL, A. (Org.). *Transições migratórias*. Fortaleza, IPLANCE, 2002.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. Porto Alegre, ARTMED, 2005.
- MENDES, A. *Associação Quilombola de Conceição das Crioulas*. In: CRUZ, C.; PAIVA, J.; e outros. *ID10 – Com 10 anos o Identities esclarece-se e dá-se a conhecer*. Porto, Greca Artes Gráficas/Ministério da Cultura de Portugal, 2007, p.47

- PAIVA, J. C. d. (Editor). *Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade de Conceição das Crioulas*. Porto, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade/ Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2017.
- PAIVA, J. C. d. *Esforço de aprendizagem com as experiências vivenciadas com a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Brasil-PE*. Obra inédita. Porto, 2017.
- CRUZ, C.; FERNANDES, C.; PAIVA, J.; ANTÃO, N.; MARTINS, V. (Org.) *ID10 – Com 10 anos o Identities esclarece-se e dá-se a conhecer*. Edição Identities – Intercâmbio ártico: Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal. Porto, Greca Artes Gráficas/Ministério da Cultura de Portugal, 2007.

Entrevistas

- BARBEDO, T. *Entrevista sobre Conceição das Crioulas concedida aos autores*. Porto, Faculdade de Belas Artes/UP, dia 18.10.2019.
- PAIVA, J. C. P. *Entrevista sobre Conceição das Crioulas concedida aos autores*. Porto, Faculdade de Belas Artes/UP, dia 18.10.2019.





Aprendimentos: levar e deixar marcas

JACI BORBA¹
LUANA ANDRADE²
RAYELLEN ALVES³

Aprendimento é uma palavra que não existe em dicionários da língua portuguesa. Corretores de palavras (professores de palavras, especialistas de toda sorte e algoritmos) dirão aprendizado, “você quis dizer: aprendizagem”. Mas a palavra aprendizado, evocando assim a tensão de um erro gramatical, mais do que errada, ela é errante. Errante é a qualidade daquilo que deambula, vagueia, não tem por certo o seu destino e, por isso mesmo, consegue chegar aos mais distintos,

1 Natural da cidade do Recife (PE). Graduada na licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Dirige suas investigações para os temas: pesquisa narrativa, arte têxtil, estudos de gênero e reverberações do ecofeminismo, processos criativos e educativos em artes visuais.

2 Artista visual, professora e mestranda pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFPB/UFPE). Graduada na Licenciatura em Artes Visuais (UFPE), atualmente investiga as aproximações entre educação e arte através de processos de criação.

3 Da comunidade pesqueira de Nova Cruz 2, Igarassu (PE). Graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPE. Atualmente pesquisa sobre memórias de si que contribuíram para sua formação acadêmica.

distantes e desabitados lugares. Dessa forma, a palavra aprendizado, aparentemente um erro da e na aprendizagem, se aproxima muito confortavelmente do que quer dizer construção do conhecimento. Para construir conhecimento é necessário uma inexistência qualquer, um lugar distante e desabitado, onde nossas hipóteses podem jamais alcançar. E quanto a nós, precisamos “não estarmos demasiado certos das nossas certezas” (FREIRE, 2011), visitantes de qualquer lugar em busca de uma inexistência qualquer. O conhecimento se expande em direção ao desconhecido, do não planejado e do inesperado. Um tropeço.

A poesia, por exemplo, é o tropeço na linguagem. Manoel de Barros quando propõe a palavra *aprendimentos*⁴ ele se refere a uma Outra forma de aprender. Não uma outra *determinada* forma. Mas uma forma sempre *outra*. Ele diz que “aprendeu que as folhas das árvores servem para nos ensinar a cair sem alardes” e que também se aprende com os filósofos e através dos livros, “porém aprendia melhor no ver, no ouvir, no pegar, no provar e no cheirar”.

Aqui falaremos sobre nossa experiência, artistas e educadoras no encontro com alguns grupos de crianças da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas (Salgueiro, Pernambuco), no intuito de compartilhar um conhecimento específico voltado para técnicas de im-

4 Poema completo disponível em: <<https://www.revista-bula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/>>

pressão. A oficina *Estampa Viva* aconteceu durante três dias, em três turmas distintas nas escolas José Nêu e José Mendes, envolvendo crianças entre 7 a 11 anos de idade. Resgatamos uma técnica que aprendemos no início da licenciatura em Artes Visuais, no componente curricular de “Estamparia”, que consiste, colocando em palavras muito simples, em entintar folhas e vegetações diversas para deixar marcas no tecido. Esse tipo de estampa não chega a gerar um padrão, como é o caso de matrizes produzidas a partir de madeira, borracha e outros materiais. Por isso mesmo conhecemos esta técnica por *monotipia*, já que o que resulta dessa impressão é uma marca única, devido à organicidade do material utilizado. Ou seja, a folha tornada matriz da estampa, vai se modificando durante o processo. Ela murcha, rasga, encolhe, muda de formato e textura, de modo que cada marca aplica uma singularidade ao tecido.

Passada a vivência, e diante de todas as memórias vivas em nós, que nos refazem enquanto artistas e educadoras, optamos por desenvolver uma escrita menos orientada a um relato de êxitos e mais direcionada aos imprevistos – melhor falando, aos tropeços. Certamente aquilo que sai como planejado é feliz dentro do contexto onde preparamos uma aula, projetamos um método, pressupomos a melhor didática e mensuramos quantidades de tempo, de pessoas, de conteúdos e de materiais. Mas a imprevisibilidade é o que nos coloca diante de acontecimentos, pedagogias

inesperadas, que nos pedem abertura para acolher o desconhecido e disponibilidade para aprender. Pensamos que, esse tipo de “susto”, essas reconfigurações que nos tomam de assalto, encostam mais naquilo que Manoel de Barros nomeia “aprendimento”. Abordaremos três dos variados sucedidos durante os dias de oficina, divididos a seguir *como aprendimentos em práticas agrícolas, em imagens negativas e em gambiarras*.

1. Aprendimentos em práticas agrícolas

O nosso planejamento previa três etapas para a oficina. A primeira delas, uma conversa sobre a proposta, sobre a técnica, uma pequena demonstração e orientações para a coleta – quais seriam os elementos interessantes de serem observados na folha a respeito dos sulcos, formatos e texturas. A segunda consistia em ir a campo escolher algumas folhas e trazê-las para as primeiras experimentações. A última etapa era a construção de uma estampa em



Malva-santa. Registro da oficina. Foto: Jaci Borba



Folhas colhidas da horta. Registro da oficina. Foto: Jaci Borba

pequenos retalhos de tecido que seriam expostos para a comunidade no último dia do Encontro.

O primeiro contato com o aprendizado nos veio das cores e formas de uma horta. Primeiro (de primeiro mesmo) chegamos à escola, e, não por coincidência, mas por obra do acaso fértil e provocador de encontros ainda mais férteis, o horário da oficina de estamparia correspondia à aula do Professor Francílio. Descobrimos que ele conduz, com aqueles e outros alunos, um projeto de práticas agrícolas. Foi dele a sugestão de utilizar algumas folhas da horta da escola, parte de seu projeto, para a estampa que seria exposta para a comunidade. Quando Francílio adentrou a sala com folhas e ramos frescos colhidos dali mesmo, do terreno da escola, frutos do trabalho de pesquisa dos alunos, logo os estudantes se empenharam em falar sobre o projeto e tudo o que sabiam das plantas. Eram coentro, beterraba, malva-santa, alface, couve, mamão, cebolinha, juá e outras.

O saber, este processado e refletido pelos sujeitos, é sustentado pela transdisciplinaridade construída através de um paradigma complexo, não reducionista,

distinto da operação de um pensamento científico clássico que procura seccionar o sujeito do objeto (MORIN, 2005). Caberia também ampliar a noção de *pedagogia* para falar de abordagens pós/anti disciplinares – a respeito das “pedagogias culturais”, já que reconhece o atravessamento da educação para os mais diversos cenários, não somente institucionais e escolares (TOURINHO; MARTINS, 2015). As noções sobre os modos de aprender e ensinar se expandem também através da própria *pedagogia crioula* (NASCIMENTO, 2017), designando um jeito de ver de fazer educação alicerçado nas formas de vida da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. Percebemos, portanto, este saber, como rizomático e inesperado. No momento em que as pesquisas em práticas agrícolas do grupo se entrecruzam com a proposta da estamparia, forma-se uma trama de saberes, informações, perguntas e desejos. E tudo o que é reticular e rizomático tende a oferecer, a qualquer corpo, uma sustentação – a confiança de nos balançarmos na rede, o crescimento da árvore sobre suas raízes – que é, a um só tempo, firme e porosa.

Aquele universo, um tanto alheio à nossa experiência de vida, acaba por nos transpassar de modo espontâneo, num processo de desierarquização de nossos papéis naquela circunstância. Esta educação com um olhar descolonizante, baseada nas memórias crioules individuais e coletivas nos trouxe um aprendizado até então desconhecido. Por exemplo, que as folhas estampadas fazem parte da nossa

ancestralidade, do lado de cá já quase esquecida, enquanto pelas bandas de Conceição das Crioulas permanecem fortalecidas. Faz lembrar uma frase utilizada nas religiões de matriz africana “sem folhas não há orixás”.⁵

Essa aproximação com o projeto de práticas agrícolas foi uma particularidade deste grupo, na escola José Mendes. Mas, isto que não considerávamos, até então, como parte daquele “roteiro” de aula – o cultivo e as propriedades nutricionais e medicinais das plantas utilizadas na oficina – passou a ser um assunto também abordado nos grupos seguintes.

2. Aprendimentos em imagens negativas

O processo da impressão inicia quando entintamos a matriz, nesse caso, as folhas. Na oficina, disponibilizamos papéis jornal para que a tinta não sujasse o chão durante a entintagem. Então, com a folha sobre o papel, passava-se o rolo com tinta e retirava-se a folha para carimbá-la no tecido. Esse procedimento se repetia na experimentação, utilizando folhas e cores diferentes, porém, sobre o mesmo papel – que lá estava por uma questão de organização e limpeza. Porém, no curso da criação dos estudantes, percebíamos que as manchas que, por acaso, restavam nos



Coentro em negativo. Registro da oficina. Foto: Jaci Borba

papéis eram tão (ou mais) interessantes quanto as que estampavam os tecidos.

Ao mesmo tempo em que se leva uma marca ao tecido, deixa-se outra no papel. Imagens negativas, compostas pela ausência de tinta no meio de uma mancha disforme, vão se acumulando e sobrepondo em um papel de rascunho, despropositadamente. Tocamos, ou algo assim, nas coisas invisíveis que procedem penetrantes, aqui ao acaso. Tal como se observa qualquer coisa na paisagem, qualquer coisa de irregular, qualquer coisa de incompletude e a possível dinâmica do que brotará de sua origem. Na paisagem há incompletude-completude e acasos próprios, de gentes, pedras, bichos, vegetação... Atravessamos então a paisagem, e tudo o que ela abraça, e inspiradas nela a entrecortamos com tentativas, instabilidades, crises, ato criador.

Criar provoca contornos que se contaminam, absorve os acasos, dissolve os vácuos entre o que projetamos e não se concretiza e aquilo que não projetamos e se realiza, fazendo de si, a ação de criar um estado de gerúndio: híbrida, irresoluta, inacabada... (DERDYK, 2012). Sobre o corpo da folha, matriz da impressão,

⁵ Orixás são entidades que representam a energia e a força da natureza. A citação refere-se ao orixá Ossain, grande sacerdote das folhas. Cada orixá possui suas próprias folhas, mas só Ossain (Osanyin) conhece os segredos de todas as ervas (Ewê), só ele sabe as palavras (ofó) que despertam o seu poder, a sua força.

escorre o vigor da curiosidade e o percurso técnico de fazer girar o rolo entintado, elaborando às voltas do punho, depositando as cores por entre os veios da planta, mas deixando escapar, inevitavelmente, cores nas margens da matriz, transbordar. Adiante vai a impressão em suas outras intenções, segue a proposta, ficam as pegadas. Um aprendizado sobre pegadas, “observem que isso que vocês estão fazendo, entintar, vai deixar a pegada da folha no papel”... negativo é seu elemento oposto e também seu elemento complementar.

A arte é justamente uma forma de investigação, meio a outras, aberta e atenta ao espaço da impossibilidade, do absurdo e do inesperado – do tropeço. Isso que ainda não está, “é o espaço da poética porque se abre a aquilo que não está sobre o controle do artista ou do pesquisador, mas atravessado pelos eventos” (DIAS; FERNÁNDEZ, 2017, p. 31). Se algo é construído nesse lugar para além de uma simples técnica, e a isso chamamos de

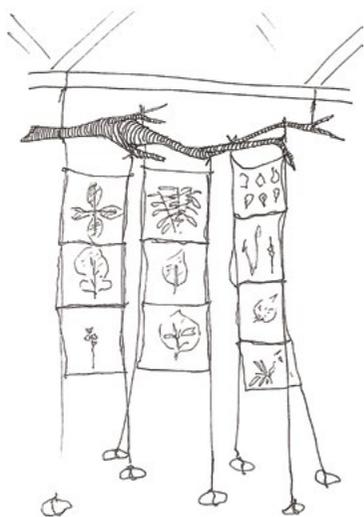


Imagem não intencional. Registro da oficina. Foto: Jaci Borba

arte, é por via de uma subjetividade que habita o não intencional, o que não foi decidido, ou que desviou de uma orientação prévia. É este o conflito, indicado por Duchamp, que caracteriza a diferença entre intenção e realização, o coeficiente da arte. Sobre isso, e a partir das imagens não intencionais que emergiram na oficina de estamparia, podemos pensar a respeito do que queremos para a educação artística. Talvez seja possível dizer que tão importante quanto propor uma atividade é criar também, ou senão valorizar, momentos de conflito e imprevisibilidade.

3. Aprendimentos em gambiarras

A gambiarra é uma solução improvisada para resolver um problema ou para remediar uma situação de emergência; remendo. “Estes tecidos não serão suficientes, utilizaremos papéis para substituí-los, o voal já esgotou, o de algodão teremos que rasgá-lo ao meio, as tintas já estão quase acabando”, os materiais foram pensados para dois dias de oficina, acabamos por fazer um dia a mais. Significava desfazer planejamentos tecidos. E se no meio do caminho havia pedras, acabamos ressignificando-as em pedagogias inesperadas. No fim de tudo, nós, literalmente, recorremos às pedras, à utilidade do seu peso (como veremos a seguir) – o que torna a metáfora ainda mais viva. Entre ter que refazer um plano, gerenciar materiais e definir uma maneira de expor as estampas, nos vimos em um verdadeiro trance-



Desenho/esquema para móbil expositivo. Luana Andrade.

lim⁶ de improvisações, algo que acontece com frequência nas práticas educacionais de ensino. Em Conceição, para construir uma educação específica e diferenciada, pensamos que foi preciso também entrelaçar as práticas, materiais e espaços, fundando uma escola de raízes identitárias firmes: “ela planta a semente e vai regando-a até frutificar, numa dinâmica constante de luta, perseverança e resistência” (NASCIMENTO, 2017).

O percurso que se pretende culminante em três dias de oficina é uma apresentação de resultados, e assim como nos

6 Dança da cultura do sertão de Pernambuco, mais praticada na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas no município de Salgueiro. É geralmente dançada na festa de Nossa Senhora da Assunção, no mês de Agosto, acompanhada pelo som acelerado da zabumba e banda de pífano.

negativos-pegadas, vai depositando seus vazios e estruturando um corpo futuro. Como e com o quê? Lembrando que “criar provoca contornos que se contaminam” foi surgindo a ideia de expor os retalhos integrando-os na origem de sua matéria, as árvores. Porém a ideia foi sendo confrontada com diversas questões, dentre elas a visibilidade pelos participantes do evento e a previsão da chuva que estava por vir. De modo a não abandonar o desejo inicial de integrar aquelas peças à natureza de Conceição, mas se adaptando às imprevisibilidades, decidimos por montar um móbil utilizando os galhos secos que formam as cercas dos quintais. Mas, claro, não tínhamos tudo o que precisávamos, ou seria melhor dizer que não sabíamos do que seria necessário.

Precisaríamos, por exemplo, de agulhas e linhas para alinhar os tecidos, algo que não veio em nenhuma de nossas malas. Fomos até a casa vizinha e conseguimos agulhas, em outra casa da comunidade arrumamos linhas, e assim passamos a noite costurando um tecido no outro, fazendo amarrações com barbantes nos galhos. Os caibros da casa onde estávamos se tornou uma base para construção dos móveis, cadeiras se transformaram em “escadas” para alcançar tamanha estrutura. Todos esses percursos foram aprendimentos potentes para nossa vivência com a arte/educação naquele local.

As gambiarras nos dão possibilidades infinitas. Mas para que ela aconteça é preciso uma ausência ou um não entendimento de algo, e o que se segue em sua

feitura é um processo de criação. Esta é uma outra face da gambiarra, a propriedade sobre o que se cria; de um estado de falta para um estado de construção.

Ao final de todo o trabalho, tivemos como resultados instalações que dançavam com os ventos, pareciam folhas numa árvore cheia de ramificações. As impressões nos tecidos contavam histórias de cura, sabedoria ancestral, simbolizavam as lutas e a resistência da pedagogia crioula “a ligação do passado com o presente, os procedimentos pedagógicos, as relações sociais, os ensinamentos, os valores culturais, a identidade, e especialmente a força quilombola feminina” (NASCIMENTO, 2017).

Conclusão

As experiências que nos levam a olhar para os aprendimentos deslocam nossos desejos como professoras. De repente as imprevisibilidades são recursos essenciais para a vida de um acontecimento pedagógico, pois nos ensinam a desviar e inventar. O que se desloca também é um certo modo de pensar o espaço do ensino — a saber, não necessariamente a sala de aula, embora o que aqui contamos aconteceu dentro de instituições escolares em Conceição das Crioulas. A ideia de alguém que ensina para alguém que aprende



Produção dos móveis. Registros: Rayellen Alves

de parece muito simplista dentro de um processo de aprendizado (que é sempre outro). O lugar do aprendizado prevê uma circunstância de multiplicidade que interfere diretamente na lógica hierarquizante ensinar > aprender. Essa lógica se assemelha, por exemplo, a uma ideia de onipotência. Ou seja, alguém que detém para si toda a potência e poder e, dessa forma, aquele que está apto a governar. A multiplicidade não somente é outra coisa como necessariamente rejeita essa ideia. Ela é, por assim dizer, imprevisível. É importante dizer, para concluir, que estas ideias são as marcas que levamos conosco dessa experiência. Não se trata aqui de celebrar o que fizemos, mas de indicar o que conseguimos produzir de reflexão a partir do que vivemos, na intenção de transformar nossas práticas futuras e, para a/o leitora/o, abrir o mesmo espaço de reflexão.

Referências

- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- DERDIK, E. *Linha de horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- DIAS, B.; FERNÁNDEZ, T. A Investigação Baseada em Arte (IBA) e a Investigação Educacional Baseada em Arte (IEBA): quatro questionamentos baseados nas concepções de arte e artista. *VIS*. v.16, n. 2, p. 27-44, julho/dezembro, 2017.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. 82. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- NASCIMENTO, M. J. *Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no quilombo de Conceição das Crioulas* – PE. 2017. 198 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- Sem folha, não há Orixá: a importância de Ossain no candomblé*. Disponível em: <<https://www.juntosnocandomble.com.br/2014/05/sem-folha-nao-ha-orixa-importancia-de-ossain-no-candomble.html>>
<<https://www.juntosnocandomble.com.br/2014/05/sem-folha-nao-ha-orixa-importancia-de-ossain-no-candomble.html>> Acesso em dezembro de 2019.
- TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Entre percalços e desejos: sobre a insurgência e possibilidades das pedagogias culturais. *Textura*. v. 17, n. 34, p. 32-47, maio/agosto 2015.

Travessias e atravessamentos

FLÁVIA WANDERLEY PEREIRA
DE LIRA¹

Segundo o Encontro...

(...) vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável (COUTO, 2011, p. 15).

O *II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas* ocorrido entre 14 e 20 de julho de 2019 foi composto de muitas mãos, vozes, pensamentos, acolhimentos; de muitas gentes, todas juntas, reunidas pelas lutas, artes, fazeres-saberes, pelos sabores da e pela comunidade. Neste texto, relato minha experiência, ampliada para o que antecedeu o *II Encontro* e para o que permaneceu acontecendo (em mim) após essa semana de (afet)ações, movimentos, trocas e reflexões abraçadas pelo território quilombola. A minha busca: uma consciência educ(ativa) para atuar junto, para fazer a escuta, comunicar-me, trocar fazeres-saberes e não dominar; para vivenciar o tempo comunitário – e não me deixar escapar.

Esta compreensão do que consigo alcançar da minha relação com o outro, será sempre no sentido de regressar para acessar o encontro e me observar em um espaço-tempo configurado entre o nós, entre o eu e o outro. Desse modo, acolho minhas contradições, conflitos e desafios relacionais da minha construção de mulher branca, sulamericana, designer, caminhando em um terreno que exige compromisso histórico/político de quem o acessa.



¹ Estudante do Programa Doutoral em Educação Artística da Universidade do Porto/ Universidade de Lisboa. Colaboradora do Instituto de Investigação em Arte Design e Sociedade – izADS e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário – NIEI, da Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco.

Aqui, a palavra entre – uma posição que é uma ação – é uma palavra que não se encontra nem em um lugar nem em outro, mas em relação. Talvez seja o que (re)une as questões, lembranças, recordações, as necessidades e desejos de ontem e do amanhã no hoje; em um aqui e agora em suspensão ou em suspeição, que permite estar na fronteira do tempo-espço, dos corpos, dos sujeitos, da comunidade e interrogar-me: quais encontros se/me revelaram?

A procura da temática converte-se assim numa luta comum por uma consciência da realidade e uma consciência de si, que fazem desta procura o ponto de partida do processo de educação e da ação cultural do tipo libertador (FREIRE, 1980, p. 33).

Apresento, a partir de momentos específicos, especialmente os da cerâmica, e do imaginário que (me) envolve, reflexões a cerca das ações e discussões arte/educativas e políticas que configuraram, pra mim, inscrições de resistência desse tempo-espço comunitário quilombola. A intenção é me manter estrangeira à comunidade (e a mim mesma), em deslocamento, para provocar neste distanciamento o incômodo que faz refletir os olhares, discursos e gestos que o tempo de est(r)ada revela do meu encontro com o outro (comunidade quilombola/acadêmica/artística; território). É também perceber as relações sutis que são incorporadas de nossa experiência aos modos como escolhemos viver e que refletem as interações dos sujeitos com o mundo.

Para tanto, precisei me desprender da técnica, dos passos ordenados, das regras, da organização e do meu tempo operativo, em vários momentos, para seguir junto com a comunidade.

No meu processo de autoeducação, o mais difícil foi perceber qual era hora de falar e a hora de calar durante as atividades cujo domínio técnico nos faz avançar “naturalmente” insuficiente/ arrogante, sem perguntar/ comunicar, sem parar para escutar os outros que estão conosco na ação; sem deixar que as pessoas reflitam (sem que eu reflita), conversem sobre as condições e se questionem (sem que eu me questione) como operar (juntos) uma resposta ou possibilidade. Em Freire (1980), uma educação que não proporciona uma relação/ diálogo nem uma aproximação crítica da realidade, não educa para a liberdade. É pela interação (com os seres, culturas) e integração ao meio/ contexto que acontece o ato criador/ transformador/ recriador de realidades.

Estar sensível e aberta à comunidade, nas entrelinhas de um conviver coletivo, coloca-nos na fronteira do eu e do outro, principalmente quando o outro tem consciência de si e (re)força esse estado de ser, fazer e viver o mundo em nós. Esse momento de pausa em nossas referências, e experimentando o que nos é estrangeiro pode colocar em cheque quem somos ou quem nos tornamos e produzir em nós um posicionamento ampliado diante da nossa existência.

É dessa possibilidade de estar, escolher e decidir, de criar os próprios caminhos,

de aprender a (des)aprender, que decidi partilhar no relato as vinculações / provocações / questões ligadas à cerâmica como forma de me relacionar com o território quilombola, desde as preparações para II Encontro até a queima das peças produzidas na oficina de cerâmica ocorrida no encontro.

Por fim, é importante dizer que as reflexões não se esgotam neste recorte e que a riqueza do(s) encontro(s), das temáticas, das ações e discussões é fonte inesgotável para produções futuras. Seu impacto permanece(rá) reverberando.

Caminhos, pontes e travessias (movimentações interculturais)

Curiosamente, fui a Portugal para chegar a Conceição.

Abracei a sugestão do José Paiva de pesquisar a cerâmica de/ em Conceição das Crioulas se atravessando com a louça negra de Molelos, em mais uma aventura-pesquisa desbravadora de (meus) mundos (interior e exterior). Gesto que levou a me atravessar com todas as dores/ t(r)emores/ incômodos inerentes, mas também com o cuidado, a consciência e a generosidade que esse exercício opera em nós, ao nos mover para outros horizontes (desconhecidos; geradores).

Apesar de já conhecer o quilombo, o encontro ganhou outros contornos, outro sabor (de reconhecimento da casa/ cultura/ território, de um abraço caloroso, de acolhida no regresso) ao encontrá-lo no além mar.

Reencontrei Conceição das Crioulas em Portugal, nas pessoas de Márcia Nascimento e Maria da Penha, em uma roda de conversas, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, sobre suas experiências com a educação crioula. Aquela cena me interessava: uma universidade europeia aprendendo com uma comunidade sertaneja do nordeste brasileiro; um movimento que significava um posicionamento – mais ao sul da América –, um deslocamento educativo de/ para vida; uma fissura situada – sitiada – frente às exclusões, opressões, violências, diante das condições impostas pelos projetos colonizadores aos povos remanescentes de quilombo.

As professoras de Conceição das Crioulas também participaram do 5º Encontro Internacional sobre Educação Artística/2018 (sei__ea), no início de abril, em Tondela-PT. Foi na partilha coletiva sobre as experiências no sei__ea que a professora Márcia Nascimento referenciou a oficina de cerâmica em Molelos como o momento em que finalmente se sentiu “em casa” – na alusão ao conforto que o trabalho com o barro lhe proporcionou, como metáfora da sua relação com a terra, com seu território.

Senti-me solidária e contemplada naquela fala, pois eu compartilhava o incômodo que o frio estrangeiro – como uma nortada² – (me) provocava, em detrimento

² Nortada são ventos gélidos que sopram do norte a noroeste de Portugal, onde a cidade do Porto está localizada. Metaforicamente, aqui, os ventos do norte fazem alusão a toda sujeição imposta pelos países do norte aos países do sul, a partir do período de colonização e que perdura até os dias de hoje.

da condição que o barro produzia/ criava, no calor das trocas, enquanto possibilidade de aberta de resignificação (de corpos, de sujeitos, da vida).

Seu depoimento me forneceu pistas da relação das pessoas com a terra no quilombo. Tanto Márcia como Penha não eram/ são ceramistas, mas tinham/têm grande intimidade com o barro, que foi observada e comentada durante a oficina mediada pelo casal de oleiros portugueses Xana e Lima. Esta intimidade me fazia refletir: como a terra/ o barro compunha o modo de viver da comunidade?

Terra: matéria-prima do destino do ser, modelo original de fertilidade feminina, bojo de mulher, fonte de vida e receptáculo final dos despojos do viver. (SILVA; COSTA, 2014, p.28).

Conceição das Crioulas, de sol(o) irradiante, de ventos assuntando os tempos e os movimentos de toda gente, é um lugar de resistência e de residência de mulheres e homens que agem coletivamente na atuação da vida comunitária.

Neste tempo-espço de experiência, dobrei-me/ dobro-me ao avesso procurando aguçar minha percepção crítica do lugar que falo e ocupo na vida, nas relações (e privilégios) junto ao outro, buscando combater a (estrutura) colonizadora que existe em mim. Tarefa difícil, visto que fui modelada com/em outras terras, ao abrigo da luz cálida e pungente, lúcida e seca do sertão.

O encontro foi, assim, terreno de conflitos e contradições. De uma crise importante que me movimenta e precisa

ser alimentada para sua travessia. Uma crise que reflete o modo como (me) calo e escuto; como (me) olho e registro; como (me) reflito e vivo suas relações. Uma crise dos contrastes: de cores, de corpos investigadores-investigados, de caminhos – com seus relevos (relevâncias) e urgências, de significados e entendimentos intercalados, cruzados – das associações e misturas (interculturais) que refazem os sujeitos (de lá e de cá). Uma crise que engendra atravessamentos e nos expõe (LARROSA, 2002, p.25), transforma-nos enquanto sujeitos mediados pelo meio que nos cerca.

Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. (AGAMBEN, 2009, p.65).

É com os pés aterrados neste solo sertanejo que o reencontro com a cerâmica processou – em mim – consciências, imagens, caminhadas e curas³.

Percorri um caminho de dentro, pisei em terrenos áridos-férteis/ secos-úmidos: de curar⁴ e de plantar sementes⁵ crioulas, de lutas e memórias, de contemplar a vida no sussurro do vento. Foram essas terras

3 No sentido de restabelecer a saúde – relacional.

4 No sentido de secar ao sol.

5 Tanto como alimento do corpo, como também da alma.

interiores que foram mexidas e abertas para serem fecundadas pelo(s) outro(s)/ pelo(s) encontro(s).

Preparar o barro é beneficiar o território

“A comunidade não é agrícola ou agrária, a comunidade é a terra” (Givânia Maria da Silva⁶)



Posso dizer que não há como nos preparar para o encontro. Apenas precisamos deixar que ele aconteça em nós. De outro modo, ao preparar a terra/ o barro, abandonamo-nos às incertezas da forma. Assumimos o risco de nos contaminar de suas impurezas, de seus resíduos, de sermos nutridos e nutrientes, em um só tempo.

Ao nos mobilizarmos para preparar o barro que foi usado na oficina de cerâmica, a ação, inicialmente, com alguns

participantes, foi aos poucos criando uma dinâmica própria, viva, co-labor-ativa, aberta e compartilhada de atividades, saberes, conversas, olhares e escutas. Estavam todos concentrados em celebração coletiva/ comunitária com a terra.

Celebravam a terra livre, coletada do barreiro do sítio Paula, que representava a retomada e conquista de áreas reconhecidas e regularizadas como território quilombola.

A permanente busca da liberdade e emancipação da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, na maioria das vezes liderada por mulheres, faz esse território lutar pela sua autonomia, não só em relação ao direito à terra, mas também pelos processos educativos que organizam a vida da comunidade. (SILVA, 2012, p. 57).

Nesse tempo-espço todas/os conversavam entre si, colaboravam uns com os outros, sorriam, olhavam, brincavam, alimentavam-se da coletiv(idade). Chegavam e saíam conforme a vontade e o cansaço; trocavam de atividade, experimentavam as várias etapas da preparação. Todas/os (como) crianças.

Experimentamos diferentes envolvimento com a terra/ o barro: na quebra das pedras de barro no pilão e/ou com outras pedras mais duras; ao peneirá-lo e ao misturar com as mãos a água ao barro – atribuição conferida principalmente aos mais novos que se lambuzavam, preenchendo-se de barro.

6 Givânia Maria da Silva é uma das lideranças atuantes da comunidade, educadora, mestra em Políticas Públicas e Gestão da Educação e doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília – UNB; pesquisa educação escolar quilombola, organização de mulheres quilombolas e questões agrárias em quilombos; é integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro/NEAB, do Laboratório de Terra/Terra, Grupo de Estudo Mulheres Negras e Grupo de Estudos em Políticas Públicas, História e Educação das Relações Raciais/ GEPHERG (todos da UnB).



“A oficina de cerâmica nos mostra outra aceitação: a aceitação dos relevos” (Valdeci Maria da Silva⁷)

E quando percebemos anoiteceu. O tempo em Conceição das Crioulas mobiliza a gente por dentro, pelo encontro em sua intimidade, pelo seu espírito largo, desafiador e corajoso, agregador e afetivo, des-norteante.

Depois de realizada a mistura, as/os ceramistas prepararam os corpos ainda embrionários – amassando e organizando os blocos/ massas – sem forma, para transformá-los (transformar-nos) pela criação.

Dessa forma, pergunto: professoras/es, estudantes, artistas, pesquisadoras/es, comunidade, visitantes, como dimensionar o alcance desse movimento de preparação?

Em Conceição das Crioulas, a criação das peças na oficina de cerâmica ocorreu entre a tradição das louças quilombolas e objetos contemporâneos dos visitantes; entre o murmuro do entorno e as memórias cantadas/ entoadas por Maria de Lourdes da Conceição, também conhecida como madrinha Lourdes, uma das ceramistas mais antigas da comunidade; entre enxergar com os olhos e perceber com as mãos; entre deixar marcas, renová-las e

apagá-las; entre formar e deformar. A oficina aconteceu pelo lado de dentro, onde os gestos e as escutas modelaram, em nós, outros encontros.

Compreendo a oficina como um espaço de trocas, de escutas e de diálogos; como um momento para experimentarmos alargamentos das relações em coletividade, descolado do cotidiano, para exercitar a pluralidade das existências/vidas e dos fazeres-saberes.

A oficina de cerâmica propiciou aos corpos sentir a terra. Exercitamos envolver/ modelar a terra/barro com o bojo oco das mãos. Gesto de cuidado, este envolvimento mútuo – das mãos com a terra e da terra com as mãos – gerava vida nova. Assim, as nossas mãos também (re)criavam corpos – ocos – para conter histórias, memórias, alimentos provenientes de uma terra farta e fértil.

Despojei-me.

Cobri meu corpo de barro e fui.

Entrei no bojo do escuro, ventre da terra.

O tempo perdeu o sentido de tempo.

Cheguei ao amorfo.

Posso ter sido mineral, animal, vegetal.

Não sei o que fui.

Não sei onde estava. Espaço

A história não existia mais.

7 Liderança da comunidade, Val é artesã do algodão e do barro, do cultivo dos saberes e sabores tradicionais; é uma guerreira-resiliente das causas e causos da terra.

Sons ressoavam. Saíam de mim.

Dor.

Não sei por onde andei.

O escuro, os sons, a dor, se confundiam.

Transmutação.

O espaço encolheu.

Saí. Voltei. (SILVA; COSTA, 2014, p.52)

Na prática, uma escultura ou pote, por exemplo, precisam estar esvaziadas por dentro a fim de que a peça ganhe resistência: para suportar o calor do fogo na hora da queima e/ou poder conter algo em seu interior após queimada/o (incorporar). Algo de uma consciência feminina ligada ao acúmulo e à renúncia de um espaço-tempo aberto ao outro, de uma liberdade fecundadora, criadora, transformadora, acolhedora.

Os fazeres-saberes da cerâmica em/ de Conceição das Crioulas remontam à memória ancestral de sua origem, onde seis mulheres negras cultivaram, gestaram e lutaram pela terra até fundar/criar o que hoje chamam de território quilombola.

As mulheres indígenas presentes no encontro, lideranças e guerreiras, geradoras e protetoras da vida, reafirmam sua luta contra as violações que afrontam seus corpos, espíritos e territórios. São as mulheres que garantem nossos modos de vida e nossa língua. Elas garantem nossa existência em nossa morada coletiva. Nós, mulheres e homens indígenas lutamos lado a lado pelo direito à terra que nos alimenta e nos cura. (Manifesto do Piraçu das lideranças indígenas e caciques do Brasil, Aldeia Piraçu, em 17 de janeiro de 2020).⁸

Essa imagem da terra/ barro como um oco fértil é ela própria feminina. Seja no quilombo ou na aldeia indígena, é essa relação com a natureza criadora, de cultivo da vida, de irmanação com seus seres e formas, de tempo largo em contínua reflexão-transformação que produz uma ética/estética de r-existência. Gesto gerador que é em si uma tensão entre con(ter) e soltar⁹, movimento pulsante que aguça nossa sensibilidade ao viver esta complexa ciclicidade entre vida e morte. Configura nossa segurança-insegurança de (nos) lançar ao mundo e misturar-nos (a terra) para ser outro. De se preencher e se esvaziar – de si, do outro –, na nossa própria criação /transformação, na elaboração de nossa experiência da existência.

Em nossa sociedade capitalista (de consumo, individualista e de acumulação), não se ensina-aprende a soltar. Tive dificuldade (ainda tenho), de efetuar esse abandono de mim, de meus interesses (de largar o controle), de me soltar em um tempo alargado(r)/ ampliado.

8 Assumindo, aqui, que a relação dos indígenas e quilombolas com a terra se assemelha quanto aos fazeres-saberes, não apenas no que tange os utensílios tradicionais de barro, mas no que se refere às condições que nos regem enquanto Terra. Manifesto Piraçu das lideranças indígenas e caciques do Brasil. Disponível em: <http://apib.info/2020/01/20/manifesto-do-piracu-das-liderancas-indigenas-e-caciques-do-brasil/>. Acesso em 22 de janeiro de 2020.

9 A terra em Conceição das Crioulas é de todas/os. A partilha prioriza a necessidade e o uso que cada família tem e é realizada por membros da comunidade em um acordo coletivo.



O barro preto quilombola e a louça negra portuguesa

(...) O fogo recupera a sonoridade dos tambores, mas também celebra os antepassados (SCHWARCZ; GOMES, 2018, p. 313).

O tempo lento do quilombo favoreceu o desabrochar das obras-filhas/os. E a preparação para a queima, após sua gestação, reuniu os familiares e amigos, era a preparação para o nascer das crias.

Neste sentido, o forno cerâmico também produziu/ produz calor comunitário. Cada parte de sua estrutura refratava/ refrata a energia de uma mão à outra, de uma peça a outra, mantendo aquecidas as relações afetivas do quilombo. Peça por peça foi sendo passada de mão em mão, postas umas junto das outras cuidadosamente, das peças maiores para as menores, até preencher o forno-útero. Por fim, o fogo é aceso e inicia o processo de queima — de transformação da terra/ barro em cerâmica.

A preparação para queima significava (se) preparar para transformação, possibilitada pelas eventuais fissuras nas (nossas) ideias-crias, nos (nossos) ideais-conceitos; pela retração (limitação) da (nossa) massa

(corpo), pela resignificação/ ardência do (nosso) movimento de luta. Significava (se) transformar pela arte do fogo.

Ficamos contemplando o forno-útero quente e brilhante; aguardávamos o tempo certo para as peças chegarem ao mundo.

Havia uma expectativa grande em relação à queima das peças na oficina de cerâmica, inclusive para aprendermos a deixar as peças pretas como a tradicional louça negra portuguesa, com o casal de ceramistas Xana e Lima. Imaginei fazer sentido, que no quilombo as peças pudessem fortalecer a identidade cultural afro-descendente.

Contudo, observei certa relutância das ceramistas do quilombo, que usaram o barro preto na confecção das suas peças, em empretecer a cerâmica. O barro preto é encontrado; é parte do território quilombola e, quando queima ganha uma coloração embranquecida. Como é de difícil acesso, elas não queriam perder essa característica, visto que com a queima reductora¹⁰ qualquer barro fica preto.

(...) Se assasse nós neguinha assim e também nós ficasse branca, aí era bom (...) [risos] (Madrinha Lourdes em conversa sobre o barro preto¹¹, registro em vídeo da oficina de cerâmica, 16 de julho de 2019).

10 A queima reductora é aquela produzida sem contato com o ar (oxigênio), efetuada em fornos onde se fecham toda e qualquer fissura/ abertura.

11 O barro preto, após assado, ganha uma coloração embranquecida.



(...) só as peças, né?! As peças mundam, né?! (...) o povo a gente não muda, a gente fica feliz de ser assim pretinha, né Maria Lurdes? (Valdeci, registro em vídeo da conversa/resposta sobre o barro preto, oficina de cerâmica, 16 de julho de 2019).

Antes de acharmos que essa técnica de queima reductora serve a realçar pela cor preta da cerâmica a identidade comunitária, ela pode vir a enfatizar os — meus fantasmas de segregação — lugares ocupados e inscritos para quem tem maior ou menor quantidade de melanina dos corpos, onde a identificação está na sua superfície e nos iguais — não na diferença, na multiplicidade ou diversidade.

Entretanto, a tentativa de re-produzirmos a louça negra em Conceição das Crioulas foi frustrada, segundo os oleiros portugueses, pela entrada de oxigênio em rachaduras na parede do forno (durante as chuvas da noite) ou/e por não terem uma lenha com a resina que dá/fixa tal coloração preta a peça de barro.

Refletindo agora, parecia (podemos entender) que a cerâmica (terra-território) avisava aos de fora que quem dá a cor (protagoniza) à cerâmica crioula é o povo do quilombo.

Senti certo incômodo por não atingir o que tínhamos (os ceramistas portugue-

ses e quilombolas — me incluindo também aqui) planejado. Ainda assim, conversamos sobre como a diversidade de cores das manchas que as peças apresentavam, naquela tentativa de empretecimento, conferiam à cerâmica uma (nossa) identidade.

Pensando melhor, as manchas sobre a cerâmica (terra) poderiam fazer alusão a nossa grande mistura de cores, etnias, culturas, aos nossos rastros que precisam ser revisitados, elaborados criticamente e acionados em proposições não colonizadoras de vidas.

A cerâmica, em Conceição das Crioulas, é antes um ato político-educativo, que colabora com a educação quilombola ao contar as histórias e lutas relacionadas à terra, ao realizar ações culturais e artísticas, ao difundir suas memórias e percursos de resistência da comunidade (e suas lideranças) pelas mãos e vozes comunitárias.

Tempo de ardência

“(...) deixar entrar a luz da poesia na casa do pensamento.” (COUTO, 2011, p.100)

É fácil narrar o(s) Encontro(s) em (com) Conceição das Crioulas. Difícil é expressar em palavras a forma como a terra levam-



tada pelos ventos comunitários circula, dança e arremata toda gente, envolve-nos numa aura/território de solidariedade, significados e cuidados coletivos.

Posso dizer que as terras de Conceição das Crioulas grudaram em mim: como poeira que, pouco a pouco, abraçava meus cabelos/ minha pele, corria minhas roupas ao passear nas suas ruas e estradas; como pedras de barro que fizeram meu corpo, que me fizeram partilhar meu suor, minhas mãos; como gotas de lama sobre os meus pés e pernas após a chuva cobrir de alegria o sol(o) sertanejo; como brilho do sol refletido em uma terra produtiva e nutrida por uma garra contagiante; como panelas de barro levadas ao fogo cozinhando o alimento com.par.trilhado¹² em banquetes comunitários.

A experiência em Conceição das Crioulas realça os sabores dos encontros.

O encontro em (com) Conceição das Crioulas permanece *chichilando*¹³ em mim – chichilar seria a manutenção do calor na panela de barro que ainda permanece

quente fazendo o mesmo som de fervura de quando estava no fogo – segundo Lourdinha, em conversa dia 02/06, contando que sua mãe Maria Enedina (conhecida como Rosa) dizia: “ali (no chichilar da panela de barro) vai entrando/ penetrando o gosto do tempero na comida”.

Assim aconteceu com o *II Encontro*: na medida em que nos afastamos do território de Conceição das Crioulas e de todos os seres que o compuseram por uma semana, desde o acordar, tomar o café da manhã, envolver-se nas atividades do dia, o almoço e jantar, o brincar, até o dançar e cantar, o estar juntos vai construindo sentidos de vida e reverberando no nosso cotidiano ao produzir uma liga ética/ estética afetada pelo encontro.

O que também me tocou/ toca dessa experiência partilhada em território quilombola diz respeito a atribuir à técnica (cerâmica, ou ao design) uma relação política – de suas/nossas lutas, aprofundando a necessidade e urgência de estar disponível ao outro, em envolver nossos fazeres-saberes em ações e inscrições comunitárias/ coletivas.

E o segredo é estar disponível para que outras lógicas nos habitem, é visitarmos e sermos visitados por outras sensibilidades. É fácil

sermos tolerantes com os que são diferentes. É um pouco mais difícil sermos solidários com os outros. Difícil é sermos outros, difícil mesmo é sermos os outros. (COUTO, 2011, p.101).

Ao partilhar suas histórias, a comunidade atua sobre sua realidade imprimindo seu modo de viver a vida. Dessa forma, compreendo que a cerâmica, vivenciada no âmbito público e coletivo, acionou compreensões das relações da comunidade com seu tempo-espaço, com suas histórias e ancestralidades; com seu território em sua consciência educativa, visto que a sua relação com as escolas locais confere à práxis educativa um lugar de partilha pública dos acontecimentos, de reflexões, lutas e ações.

Questões da terra nos afligem de modos diferentes: em mim impacta a demarcação dos corpos coletivo-comunitário, no quilombo, que coloca em cheque o estilo de vida individual-privado; a preservação das sementes crioulas no sentido do cultivo do alimento no/pelo próprio território, em meio aos envenenamentos neoliberais, do alimento artificializado, transgênico, comercializado nas prateleiras dos mercados; a produção comunitária periférica para sobrevivência em contraponto ao consumo dos grandes centros urbanos; a compreensão de sermos natureza. Impacta a existência de uma comunidade cujo projeto coletivo de vida aciona uma política do cuidado, do cultivo da diversidade da vida, chocando-se com a política de morte em tempos neoliberais.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- CARDOSO, R. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- COUTO, M. *E se Obama fosse africano?* E outras interinvenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LARROSA, J.. *Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência*. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, 2002. p. 20-28.
- SCHWARCZ, L; Gomes, F. S. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SILVA, G. M. Da. *Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas*. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- SILVA, R.; COSTA, M. De L. *Celeida Tostes*. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Memória Visual, 2014.

¹² Com.par.trilhar é um termo criado por Lucimar Bello Frange e Lílian Amaral que trata da construção do caminho coletivo sendo realizado à medida em que se caminha junto.

¹³ Chichilar significa aqui o ato de demorar em sentido popular.

Violência e coragem do corpo: Uma leitura da descolonização da ontologia do território íntimo e ambiental do saber

RITA RAINHO¹

o. - Conheces o Brasil?

- *Conheço Conceição, a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, a sua luta incansável pelo progresso singular do seu território e por melhores condições de vida.*

À minha resposta a esta frequente pergunta, devo um franco agradecimento à comunidade, por me permitir conhecer este Brasil que contrasta com a imagem de potência económica, com a fartura

de recursos naturais, a cultura do modernismo e tropicalismo, os paraísos de turismo, face ao qual não se resigna nem submete, organizando-se pelos direitos dos negros e negras, conquistando avanços na devolução das suas terras, forçando a lei ao enquadramento e ao exercício da Pedagogia Crioula, diferenciada, vigilantes às várias formas de governo que se assolam.

“O imenso Brasil não deveria ser aqui convocado por se isolar numa minúscula parcela do seu vasto mapa o ponto cartograficamente não mencionado do território de Conceição das Crioulas, onde acomodámos o nosso projecto intercultural. É nesse pequeno ponto perdido no vasto mapa que entendemos plenamente a dimensão do Brasil, a sua complexidade política, económica e cultural.” (PAIVA, 2009, p. 13).

Esta escrita perderia, por isso, todo o sentido e âncora sem o reconhecimento do referencial que, para mim e para o movimento intercultural Identidades, a comunidade exerce - uma resiliência contínua contra as várias tentativas de aniquilação das suas conquistas e direitos, e, um afeto ritualizado no abraço esmagador que mantém entre nós a energia e a cumplicidade, nos movimentos de Porto (Portugal) com Conceição (Brasil) e agora do Mindelo (Cabo Verde) com Conceição (Brasil).



Recepção II Encontro, na imagem Valdeci e sua neta. R.Rainho, 2019.

1. Sintomas de falência - A viagem de encanto, julgamento e caça

Minha atenção a esta comunidade, olha para o exotismo com que o seu sotaque vibra no meu ouvido e para os belos corpos que, com o meu, gingam no trancelim. É nesse sotaque que reverbera a desobediência agonística dessas vozes e corpos políticos que se implicam num pensamento-ação ímpar de educação cultural libertária, com processos liderados por mulheres que criam um espaço-tempo outro, onde a utopia do devir comum ganha um sentido escolhido pelo povo quilombola. Essa procura é sem dúvida, um sintoma de falência do ocidente que carrego, uma necessidade de caçar o sentido coletivo que ainda aí se constrói.

Seria essa admiração mais uma reedição da expectativa ocidental pela pureza e completa harmonia na vida do “bom selvagem”? Pouco a pouco, outros integrantes começaram a questionar se aquele discurso não representaria uma certa idealização da situação da comunidade, (...). (CALHEIROS, 2018, p. 71).

Tendemos a olhar para comunidades isoladas tidas como exemplares, vendo grupos pobres que orquestram a alegria que o ocidente já desperdiçou, o sentido comunitário e a solidariedade entre si que a sociedade evoluída estrangulou em favor do individualismo agreste, e gente plena de rituais coletivos que nós há muito já ridicularizamos nas nossas regiões e culturas. Esse exótico, marcado pela alteridade, é propício a ludibriar uma visão de rusticidade, pureza, natureza e uma beleza original que responde à negação intelectual do negro histórico que se consumou como feio, primitivo e selvagem.

La obediencia inconsciente de la masa toma como uno de sus fundamentos la pasión por la ignorancia. Esto implica no querer escuchar, ver, ni saber, va de la mano de la promoción del narcisismo, de la exacerbación de la imagen cuya función es tapar la falta fomentando un individualismo descarnado que intenta no ser afectado por el lazo social. (MERLIN, 2019, p. 46).

Em Conceição das Crioulas, sentimos a brutalidade da sobrecarga que as nossas vidas tendem a carregar, transbordando de objetos que ainda antes de os com-

¹ Investigadora — I2ADS/FBAUP

pramos já se haviam tornado obsoletos, e edificando perfis de uma pretensa classe, intelectual, cultural, sedutora e bem-sucedida. Que imagens projectamos então para a comunidade neste relacionamento intercultural? E como nos olha a comunidade?

Parece-me determinante enfrentar o exótico, enquanto passo de entendimento da viagem como uma sedução que a si se pode suspender, se tomar consciência do poder que inevitavelmente incorpora. Detentores da luz erudita, tendemos a projetar na comunidade uma imagem reflexo de nossa utopia ambiental social e cultural - que não chegamos a sequer a perseguir, pode a viagem suspendê-la?

Somos propensos a ver nos outros oprimidos o lugar de exceção, mas não arriscamos o espelho descolonizador de nossas práticas e julgamentos?

Como se equaciona no nosso comportamento acelerado e ansioso por produzir, a escuta profunda e lenta do designio que a comunidade possa a si **negritar**?

Herdeiros de um corpo e de uma verdade universal e hegemónica, pode a viagem interromper as nossas sentenças ocidentais?

2. Quarto escuro de Violência e Coragem do corpo: relatos íntimos de encontro

Uno suele oír advertencias como la siguiente: Si todo es discurso, ¿qué pasa con el cuerpo? Si todo es un texto, ¿qué decir de la violencia y el daño corporal? En el postestructuralismo o para el estructuralismo, ¿hay alguna materia que importa? (BUTLER, 2002, p. 54).



Plenário II Encontro. R Rainho, 2019.

Para participar no II Encontro com As Artes, A Luta, Os Saberes e Os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas (II Encontro), deixei os dois filhos que pari com o pai deles - um com 5 anos e um bebé com 1 ano de idade - na ilha de São Vicente, Cabo Verde, onde vivemos. Viajei sozinha de noite, subia o avião e subia o leite no meu peito que ia aumentando de tamanho, de dureza, de temperatura e ardor, até parecer que ia explodir. Já em terras do sertão, avançava o carro coletivo, e eu tirava leite para os frascos que tinha, entre as tonturas bebendo para me hidratar no calor que se fazia. Até que chegamos ao quilombo, o corpo dorido e culpado do abandono da cria, o peito, frustrado.

A perspectiva que tanto me condiciona como me desorienta, partindo da mera possibilidade de minha própria perspectiva, não é redutível à perspectiva à perspectiva do outro, pois esta também governa a possibilidade de eu reconhecer o outro e o outro me reconhecer. (BUTLER, 2002, p. 42).

No aconchego do abraço de reencontro com a comunidade surge também a inquietação sobre este abandono da minha cria - coisa ou coragem de uma branca. Este jogo da palavra coragem, serve-me aqui de metáfora para entender o conflito do entendimento diverso no que diz respeito às relações do corpo, afetividade e violência. É nessas circunstâncias que meu corpo-mente encontrou o corpo-comunidade no II Encontro. O programa permitiu-nos, mais uma vez, um olhar político sobre As Artes, A Luta, Os Saberes e Os Sabores deste quilombo, entre momentos de socialização e partilha, comunicações, oficinas e outros.

Marcou-me muito ouvir a apresentação dos trabalhos de investigação das professoras e investigadoras, mestres Márcia Jucilene do Nascimento e Maria Diva da Silva Rodrigues no I Encontro em 2017, “devolvendo” à comunidade local e partilhando com a internacional suas teses de “Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE” e “Política de nucleação de escolas: Uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar quilombola”, respetivamente e enquadradas no MESPT Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto a povos e terras tradicionais - UnB Universidade de Brasília, 2017.

A abertura de um mestrado público com esta vocação, a mobilização de apoios institucionais, comunitários e pessoais para que, depois de Givânia Maria da Silva (primeira diretora da Escola Professor

José Mendes, primeira negra quilombola da região a ingressar no ensino superior e também no MEST, primeira vereadora quilombola no município de Salgueiro, co-fundadora da CONAQ Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), outras mulheres da comunidade realizassem suas pesquisas no quilombo em debate com as turmas, professores e tutores em Brasília, foram fatos que me impressionaram enquanto efeitos da luta através da educação que, em tantas frentes, a comunidade batalha.

Nessa altura, em 2017, o salão do PETI -Programa de Erradicação do Trabalho Infantil testemunhou a emoção de todos os que, conhecendo de perto a força humana e coletiva deste quilombo, reconheciam a celebração de mais uma luta - a extensão da representação e legitimação na academia de processos de construção de conhecimento crioulo que estas líderes promovem localmente, bem como o fortalecimento interno das suas reflexões.

No II Encontro das Artes, Saberes e Sabores e Lutas de Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas tornamos a fazer parte do momento de “devolver” à comunidade reflexões endêmicas com eco da crítica académica. Em “A voz da comunidade através de suas professoras e investigadoras Mestre Márcia Nascimento, Mestre Diva Silva, Doutoranda Givânia Maria da Silva, Mestre Maria Aparecida Mendes” voltei a essa emoção de 2017 no PETI. Não se trata de uma emoção paternalista para com as mulheres quilombolas

que conheço desde 2007 e que ao fim destes anos completam suas pós-graduações, mas de uma suspensão do meu saber para momentos de escuta e aprendizagem profunda com incríveis e sofridas lições de política e educação.

Vocês são as traidoras da sabedoria, o impedimento da indústria [...], os impedimentos da virtude e os agulhões que nos instigam a todos os vícios, à impiedade e à ruína. Vocês são o paraíso dos néscios, a praga do sábio e o grande erro da natureza. (CHARLETON, 1659, apud FEDERICI, 2017, p. 289).

Meu foco aqui é sobre o trabalho de Maria Aparecida Mendes, aqui Cida, que contribuiu para um fortalecimento de vários propósitos de descolonização do conhecimento que eu defendo. O tema da sua partilha foi *Marias Crioulas: emancipação e alianças entre mulheres no enfrentamento à violência doméstica em comunidades tradicionais*. Pela complexibilidade e sensibilidade do assunto da tese, mulheres e divindades negras e indígenas, importantes na história das suas lutas, orixás e encantandos – marcas da matriz afro-indígena no Brasil – dão voz às narrativas das mulheres que testemunharam suas histórias junto da investigadora na referida tese. Trata-se de uma estratégia comum no campo das ciências sociais e políticas, muito embora o que tende a substituir os nomes sejam siglas inócuas e neutras, como A1, B2, ou nomes triviais como Alécio, Joana e Alcinda. Assim, a autora segue uma estratégia que protege a integridade da sua comuni-

dade, mas torna isso uma oportunidade política e epistemológica para negritar nomes e trajetórias de luta invisibilizada e silenciada pelos cânones do conhecimento hegemônico, masculino, branco e de classe média ocidental.

Cida começou por nos repetir as palavras de uma parente quilombola Maria Dandara *Parece que quando você tá numa situação de violência é como se não existisse o mundo fora disso ali. (...) Como se estivesse em um quarto escuro que não consegue enxergar nada. (...)*

Atordoada com a fala sobre o quarto escuro, a primeira imagem que me veio à mente foi “Um quarto só para si” (1929), o ensaio em que Virginia Woolf procura entender como uma mulher para ter liberdade intelectual precisa de ter dinheiro e um quarto só seu. É evidente que se trata de uma controvérsia que me surja uma imagem romântica da emancipação feminina ocidental, junto a uma imagem de potência reflexiva e revolução comunitária presente no orgulho imediato que senti na superação que Cida havia conquistado, a partir da sua Luta - não sozinha num quarto só seu em Brasília, mas da Luta da sua comunidade.

Partilhar com a própria comunidade onde sofreu ela mesmo violência, onde tantas mulheres a ela se confidenciaram vítimas também, revelou-se próprio da liberdade intelectual que conquistou, não com o diploma de mestre, mas com o diploma da vida de líder comunitária quilombola hoje reconhecida na academia. Declarar que em comunidades tra-

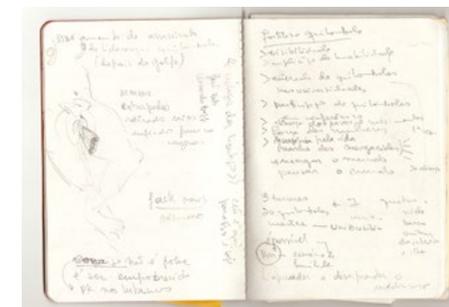


Apresentação de Cida, II Encontro. R Rainho, 2019.

dicionais matriarcais, como no quilombo de Conceição das Crioulas, há mulheres que vivem situações de “quarto escuro” e que, como ela, viveram o encarceramento de vidas que se desencontram com o seu sentido mais profundo, pareceu-me um ato de *coragem*, *cor* da luta quilombola que *age* sobre si e sobre o sistema que a possa oprimir.

Sabemos que algumas destas situações são enfrentadas por mulheres em contextos urbanos, entretanto, nas comunidades, já muito pouco assistidas pela presença cotidiana do Estado, as políticas ou não chegam ou chegam com grande ineficiência, e em especial quando se trata das instituições de segurança pública que na prática são aquelas que efetivam as ofensivas em favor dos grandes interesses do capital sob nossos territórios. (MENDES, 2019, p. 77).

No entanto, não foi só sobre o ato de *coragem* em si, mas a inquietude e a leitura crítica que trouxe, por um lado sobre a inadequação e insuficiência das políticas públicas na defesa das mulheres em



Desenho no II Encontro. R Rainho, 2019.

comunidades tradicionais rurais, e, por outro lado, na necessidade de reforço de estratégias comunitárias, incluindo ações educativas e práticas aos e com os homens das várias gerações, agressores ou não.

Se destaca em sua narrativa a ideia de que, apesar do pai ser violento, é uma pessoa a quem ama profundamente e que não deseja vê-lo preso como “mais um corpo negro jogado nas penitenciárias” (Relato oral de Nanã, concedido à autora em abril de 2018) (MENDES, 2019, p. 6).

Expõe o entendimento que tem do contraponto da imposição histórica de um sistema patriarcal, acentuado pelo racismo e na dupla ação que este tem nos homens quilombolas – violência ensinada pelo machismo e pelo racismo, ambos com preceitos colonial e colonizador. Com esta reflexão, Cida coloca-nos perante o esforço de suspender o desejo de castigar e punir, que aprendemos culturalmente nos vários ambientes de sociabilização, casa, jardins, escolas, etc., provocando-nos um deslocar em direção ao pensamento que construiu.



Lideranças. R Rainho, 2019.

Num meio tão pequeno, em termos de familiaridade e vizinhança, como um quilombo, a possibilidade de uma resposta ética ao rosto opressor é muito baixa, já que existe um quadro de violência prévio e também uma operação de poder complexa na sua presença entre os vários elementos das unidades familiares, entre a população e entre esta e as instituições.

Ainda,

Si a través de su propia violencia, el engrimiento del humanismo liberal impulsó la multiplicación de identidades culturalmente específicas, es aún más importante no repetir esa violencia sin marcar una diferencia significativa, reflexiva y prescriptiva, dentro de las luchas por articular aquellas identidades específicas forjadas a partir de un estado de sitio y dentro de ese estado de sitio. (BUTLER, 2002, p. 177).

Os relatos pessoais e comunitários acen-tuam a dor que a sua fala nos transmitiu. Porém, nem marcada por essas memórias, sua razão se torna vingativa ou de fuga ao problema.

A minha herança eurocêntrica conhece sobejamente os atos violentos e obsessivos causados por razões Neurológicas, SimBio-lógicas, de dependência de álcool ou estupefacientes vários, porém que conhecia eu até então deste enquadramento político que Cida partilhou no II Encontro?

...há “sujeitos” que não são exatamente reconheíveis como sujeitos e há “vidas” que dificilmente, ou melhor dizendo, nunca são reconhecidas como vidas. (BUTLER, 2002, p. 17)



Oficina de Teatro do Oprimido, II Encontro. R Rainho, 2019.

A lucidez que me transmitiu resiste até hoje em mim. Como pode continuar a confiar e a exigir do Estado que, agente agressor, violou ao longo dos vários séculos o povo e o seu território? Como pode cuidar do amor pelos homens que a agrediram, olhando para eles como agressores, oprimidos por um sistema maior?

3. Oficinas da Imagem, Corpo e Território de saber

A escuta de Cida no plenário do primeiro dia foi fundamental para centrar minha ação e pensamento num deslocamento da minha luta de mulher branca, para uma das lutas das líderes quilombolas em Conceição das Crioulas.

Na oficina de Teatro do Oprimido que acompanhei nas manhãs do Encontro, reencontramos em todo o pormenor das relações, das falas e olhares, o espaço e o tempo para a educação que Cida sugere para as estratégias de enfrentamento da violência de género em comunidades quilombolas rurais. Na Oficina, sentia-me obrigada a falar sobre o assunto, parti-



lhando a minha ansiedade em mudar a situação de violência em espaços íntimos, mas também públicos. No entanto, percebi que não havia abertura para isso e que isso não era um assunto que preocupasse a turma, pelo menos não naquele momento, naquele contexto. A minha presunção de querer mudar o mundo, no caso a realidade da oficina, a partir das nossas urgências, é uma tendência muito comum.

As tecnologias de governo em contexto escolar são bem invisíveis pelo modo como há muito as incorporamos e as tornamos normais. Edifícios vedados e salas assépticas, produção e utilização de materiais de instrução, desenho de uniformes e geometria vigiada de subjetividades e relações. Os corpos submetem-se e são utilizados como elementos de exibição, comparação numa linguagem subliminar de nossos comportamentos no diálogo entre quem se pressupõe que ensina e aprende.

Em Conceição das Crioulas, a consciência da importância do papel da comunidade para a construção e transformação das escolas vem de longe: na luta pelas próprias escolas, os professores da



Passeio às marcas do território de Conceição das Crioulas. R Rainho, 2019.

comunidade e a sua formação superior, os currículos de educação específica e diferenciada, a permeação da escola para a comunidade e da escola para a comunidade.

Essa consciência traz uma força de resistência às grelhas de racionalidade, à normatização e hegemonia dos conteúdos e das relações educativas administradas e fomentadas pela sala de aula enquanto parte do dispositivo maior da máquina de ensinar e formatar.

O que então se defendia, a auto-expressão, não era senão uma ficção impossível de um regime de verdade do 'eu'. (MARTINS, 2011, p. 195).

Na oficina do teatro do oprimido com a turma de 11º ano, os rapazes, entre si, não se olham nos olhos, não se tocam, e sua visão das moças tem o recorte erotizado pelas hormonas e pelos media. Pensamos na fala de Cida e no quanto é importante que o corpo não seja um tabu, que seja lugar de procura, construção e reflexão para mudança. Trabalhar o corpo individual e coletivo, a sua expressão, a sua voz, e suas

memórias, a partir da possibilidade de transformação que o diálogo, a participação e o teatro em Augusto Boal, conduziu-nos durante a oficina.

Para esta reflexão conjunta, também contribuiu o passeio por várias marcas do território, como a Pedra do Matame, um percurso que nos permite registar com o corpo as distâncias, escutar as histórias no andar, e reconhecer as conquistas travadas pela comunidade e entender a complexidade dos desafios que se apresentam com a gestão coletiva e comunitária dos territórios tomados, das ameaças permanentes aos direitos quilombolas.

Conhecer as plantas, não é aqui uma missão de botânica, mas uma possibilidade de escuta dos saberes locais, da história e papel do extrativismo na própria comunidade. Geralmente as atividades de extrativismo são realizadas por mulheres, que se fazem acompanhar dos filhos, tornando-se uma aprendizagem importante em volta do andar, o caminho, as lutas e, em particular, o trabalho nos "roçados", as plantas mais importantes e para quê, as formas de extração.



Oficina de Imagem e Audiovisual com Crioulas Vídeo, II Encontro. R Rainho, 2019.

Essas imersões no território têm sido, para as famílias, os estudantes, e até investigadoras, como Cida, uma componente que aprofunda as relações, fortalecendo-as, permitindo uma construção de saberes.

Eu mesma faço a limpeza, tiro os galhos secos, coloco escora nas galhas mais baixas, varro em baixo porque o umbuzeiro é uma casa e nos umbuzeiros do mato por onde eu passo, faço o mesmo".(MENDES, 2019, p. 138).

Esta investigadora, através do seu envolvimento no Projeto Bem Diverso, integrou na sua metodologia conversas gravadas nos momentos de pesquisa no território. A adição do objetivo de refletir sobre o protagonismo das mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas nas práticas extrativistas do umbu e os cuidados que elas investem para a manutenção destas árvores nativas, com o silêncio e o segredo que o mato permite, traz-se para a reflexão da violência doméstica e familiar uma soma com elementos determinantes. Por um lado, o papel da mulher na luta pública e privada: no zelo e na celebração da ances-

tralidade dos umbuzeiros, na luta contra o desmatamento desordenado, extração predatória dos recursos naturais, no processo de interação com a natureza que garante uma alimentação saudável e uma oportunidade financeira para a produção e venda artesanal ou de medicina natural.

E este é outro aspeto que me parece relevante no percurso académico de Cida, a ação-investigação. Desde que formamos o ID__Cai Coletivo de Ação Investigação do movimento intercultural Identidades, que procuramos forjar a produção de conhecimento académico em contextos reais de contaminação entre o saber-fazer e o saber-pensar.

Neste II Encontro as oficinas da tarde foram todas ministradas pela própria comunidade, subvertendo-se o princípio do I Encontro em que as oficinas haviam sido apenas com oficinheiros exteriores à comunidade. Entre as oficinas, destaco a de imagem e audiovisual com o Crioulas Vídeo, das quais fiz parte.

Aqui destaco o grupo que trabalhou na Casa Grande, antiga casa de Fazendeiros e seus terrenos, recuperados recentemente.



Filmando Oficina de Imagem e Audiovisual com Crioulas Video, II Encontro, R Rainho, 2019.

te pela AQCC, como resultado das lutas que movem a comunidade em favor da retoma e gestão comunitária da totalidade do seu território.

A roda da oficina é sempre tão grande quanto a sombra permitir, não fosse o desejo das tecnologias se manifestar crescentemente sobretudo nas gerações mais novas. Como trabalhar fotografia nesse contexto, pouco tempo, muita gente, alguns telemóveis disponíveis? Nunca a escassez do tempo foi um impeditivo, e fazer junto é uma missão que há muito se encara em Conceição das Crioulas e no movimento intercultural Identidades.

Em grupos fomos à Casa Grande saber histórias do passado daquele lugar, marcado pelo domínio e abuso dos fazendeiros, mas também da resistência e da retomada do edifício e seu terreno envolvente. O que se coloca atualmente tem que ver com o uso de tal espaço, a sua ocupação simbólica, e uma possibilidade de apropriação para visibilidade da resistência quilombola.

Declarar a Comuna é, de cada vez, fazer o tempo histórico perder as estribeiras, abrir



Forno de cerâmica negra. R Rainho, 2019.

brechas no continuum desesperante das submissões, no encadeamento sem razão dos dias, na triste luta de cada um pela sua própria sobrevivência. Declarar a Comuna é consentir ligar-se. Nada mais será como antes. (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 161).

As imagens produzidas, ficaram carregadas de simbolismo heróico, mas também ingênuo. Transportaram, por um lado, formas de representação do corpo negro, do corpo da criança, da mulher, do jovem que é atingido pela forma preserva com que os media tratam o corpo, a negritude e a mulher (tema cujo fôlego a que obriga, nos remeteria a outro artigo), e por outro revelaram-se importantes sinais daquilo que veio a ser a celebração do Dia da Consciência Negra que AQCC organizou, com desfile de peças de vestuário com bordados locais que negritam a união e a luta do povo do quilombo de Conceição das Crioulas na resistência e conquista dos seus direitos, assim como da pergunta que ecoa no seio da comunidade: como poderá ser representada a memória do passado e presente de luta na Casa Grande? Como apropriarmos da ruína e símbolo de um po-

der que derrotado, se quer erguer disfarçado de novos sistemas, não ideologias, viroses e neutralismos científicos? Qual o lugar de futuro numa casa de passado?

4. Ir e Voltar

Recorro à imagem de vermelho ventre efervescente, na boca do forno construído na oficina de cerâmica negra, para me remeter ao calor com que sempre fui recebida em Conceição das Crioulas, à energia de todas as surpresas, os abraços e cumprimentos. Esse calor, transporta-nos para o conforto da amizade, e por vezes distrai-nos do entendimento mais profundo daquilo que a comunidade enfrenta todos os dias, e ainda mais nos dias que o contexto político brasileiro hoje estratêgia.

Ter corpo de mulher, comportamento e visitas de amiga, companheira de luta, não se pode confundir com ser quilombola de Conceição das Crioulas. Essa consciência de ser alteridade traz consigo um poder que constantemente preciso suspender para poder seguir a escola das perguntas que respondem a inquietações que levantam novas perguntas. No quilombo e com @s quilombolas, chegam e partem minhas perguntas, minha descoberta mais íntima de *ser no mundo* e do *saber sem saber*.

A vós, um abraço de quem quer voltar logo à casa-comunidade.

Referências

ARAÚJO, E.; SILVA, G. Racismo e violência contra quilombos no Brasil. *Confluências* v. 21, n.2, 2019. p. 196–208.

BUTLER, J. *Cuerpos que importan : sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2002.

CALHEIROS, F. À partilha: indagações em torno da visita a Chã de Feijoa, Planalto Norte, Santo Antão, Cabo Verde. In: PAIVA, J. C. De; COUTO, L. (Org.). *Encontrar sentidos na experiência partilhada em Cabo Verde - 4º Encontro Internacional sobre Educação Artística*. [S.l.]: [s.n.], 2018.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *COMUM. Ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2017.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

MARTINS, C. *As narrativas do génio e da salvação: A invenção do olhar e a fabricação da mão na educação e no ensino das artes visuais em Portugal (de finais de XVIII à primeira metade do século XX)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, 2011. Disponível em: <<http://http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5733>>.

MENDES, M. A. *Marias Crioulas: Emancipação e Alianças entre mulheres no enfrentamento à violência doméstica em comunidades Tradicionais*. Brasília: Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37900/1/2019_MariaAparecidaMendes.pdf>.

MERLIN, N. *Mentir y Colonizar: Obediencia incosciente y subjetividad neoliberal*. Buenos Aires: Letra Viva, 2019.

PAIVA, J. C. De. *ARTE/desENVOLVIMENTO*. Porto: Universidade do Porto: Faculdade de Belas Artes, 2009.

Como uma experiência relacional singular ocorrida no quilombo de Conceição das Crioulas permite encontrar sentido nas vidas de cada um

JOSÉ CARLOS DE PAIVA¹

(...) o que toda a experiência de uma outra cultura nos oferece é a ocasião para se fazer uma experiência sobre a nossa própria cultura ... (CASTRO, 2009, p. 20).

1. encantamento

Entrar na Comunidade de Conceição das Crioulas provoca um estado de magia e de encantamento. Desfrutar a hospitalidade crioula, dormir nas suas casas, estar junto,

¹ Investigador — I2ADS/FBAUP — Professor Jubilado, jpaiva@fba.up.pt

na banalidade do dia-a-dia, torna-se um privilégio singular e, cada vez, de uma intensidade crescente. Os momentos vividos e as discussões geradas no II Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, como foi permitido a um alargado grupo de estudantes, professor@s e investigador@s deslocados de suas universidades, constituíram-se como um irrepetível espaço de aprendizagem e de energia. Esse estado emocional transbordante, no entanto, esmorece a apreensão da complexidade do que se passa, dos problemas que a comunidade enfrenta a partir de si e perante o contexto político adverso que enfrenta, da consistência política e resiliência das suas lutas, das singularidades de cada guerrilheira crioula e cada um dos seus, como da poesia que se espalha pelo ar cheiroso do sertão.

De mim, mesmo frequentando assiduamente a comunidade, desde 2003, numa procura de colaboração cúmplice com seus interesses e as suas estratégias de luta, na proximidade que a intimidade relacional me é permitida, sei a incompletude da minha percepção do que se passa. Sei que as construções epistemológicas e ontológicas que me construíram, que dominam o meu corpo, são de uma natureza particular e convencida, e se constituem, inevitavelmente, como um obstáculo à pretensão de apreender a riqueza, a singularidade, o entranhamento que a história de luta e sofrimento particular desta comunidade provocou em cada mulher guerreira, em cada companheiro de luta,

em cada jovem esperançoso de um outro futuro, na comunidade.

A incompletude de atender ao que se me oferece, atíça a crescente consciência dessa incapacidade, adquirida gradualmente ao longo da minha caminhada de acção/investigação. E é este percurso de insatisfação que me permite entender que o que vou fazer junto, regularmente, nesta comunidade, não é um acto de dádiva, mas, pela riqueza do tempo lá passado, é sim um tempo partilhado de aprendizagem de mim. Fui percebendo que o meu esforço de compreender a comunidade e ombrear nas suas caminhadas tinham um efeito profundo e transformador em mim mesmo. Para além de avivar e esclarecer a justeza da minha militância contra as discriminações que o neoliberalismo espalha por todo o lado, permite adentrar no concreto dos resultados ocultos que o racismo branco, patriarcal e colonialista provocaram e se replicam com outras roupagens. Os tempos de cumplicidade em Conceição das Crioulas acentuarem em mim a desconstrução dos valores hegemónicos que me incorporam, avivando o meu esforço descolonial para compreender o que enquanto homem, branco e europeu, permaneço nos conceitos, ideias e práticas construídas em mim, que pretendo combater e que se foram naturalizando em mim. Nestas vivências partilhadas são imensas as possibilidades que se me oferecem, que fortalecem o modo como torno a minha vida, política, de professor e investigador, operando na Europa fracassada e iludida sobre si, teimando em querer encontrar

as possibilidades de desobediência radical ao instituído e naturalizado, resistindo perante a sedução burguesa que a todos atrai, e que pretende transformar, cada um, num “obediente inconsciente”.

(...) El neoliberalismo es un dispositivo de poder que busca la dominación manipulando y reforzando la obediencia inconsciente, opera activamente para el sometimiento y la dependencia, consiguiendo la complicidad de una subjetividad colonizada que actúa cumpliendo con los mandatos y en contra de los propios intereses. (MERLIN, 2019, p. 32).

2. esforço

Neste texto pretendo tornar claro como, nas deslocações para a comunidade, fui entendendo o esforço para me suspender de mim, da autoridade que me incorpora, para melhor poder pensar sobre o que o espelho onde me reconheço permite revelar, e enfrentar as minhas fragilidades e a inconsistência do que sou. Como, a partir da minha capacidade de olhar de bem-perto o modo como aquela população lutadora enfrenta os dilemas de suas vidas e do seu território, no seu modo crioulo e feminino de encarar os conflitos e as contradições constantes que se lhe deparam, me constroem. Procuo não apenas entender o que vejo, mas, e essencialmente, tentar perceber o modo como este meu corpo cansado, masculino, branco e português é entendido pela comunidade. Medir a atenção que presto, a dimensão e o sentido profundo do que escuto, o corpóreo do afago dos abra-

ços trocados, o ruído do oculto que na sua história de sofrimento e luta faz ecoar nos silêncios espalhados pela brisa do Sertão.

A crescente procura de entendimentos descoloniais, principalmente nos meios acadêmicos e nos coletivos de ativismo político, ainda não assumiu a crítica radical sobre os dispositivos que lhes construiu uma postura sobranceira que não reconhece verdadeiramente a dimensão dos fracassos dos sistemas políticos ocidentais, presentes pela naturalização de uma discriminação crescente, de uma pobreza galopante e da exclusão do comum e no apagamento de milhares de rostos-com-nome. Falta o exercício de um esforço radical, que atente como a consciência é ténue e filtrada sobre o sistema político que nos aprisiona, que atenua os propósitos hegemônicos que estimulam a ganância, protegem as riquezas insaciáveis, o enriquecimento fraudulento e especulativo. Ainda não se tornou claro que o modelo de ‘desenvolvimento’ oferecido, simulacro de felicidade e de desejos insaciáveis de ‘progresso’ e ascensão social, estimulados por potentes dispositivos de sedução e embrutecimento, apenas geraram este tempo de desequilíbrio na natureza, caminho de abismo inevitável se não se arrear caminho para a inclusão antagônica de modos de vida alternativos e ancestrais que o conceito de ‘buen vivir’ agrega e se nos oferece.

Para falar de Bem Viver, é preciso recorrer às experiências, às visões e às propostas de povos que, dentro e fora do mundo andino e ama-

zônico, empenharam-se em viver harmoniosamente com a Natureza, e que são donos de uma história longa e profunda, ainda bastante desconhecida e, inclusivamente, marginalizada. (ACOSTA, 2016, pp. 19–20).

3. ser-crioulo

Esta comunidade quilombola gerada por reacção à escravidão e com uma história de resistência negra contra as discriminações, pela dignidade da sua identidade, unida pela restituição e posse da terra e na construção do seu território, tornou-se foco de atenções diversas e referência dos movimentos sociais, e nessa dimensão se apresenta, confrontando-se com outras vozes e olhares construídos em processos singulares e diferenciados. A realização do II Encontro disso é prova. A coragem que esta comunidade assume nos permite estar-perto das suas forças e das suas fragilidades, indicia uma serenidade sábia, com a qual percebe que a construção social comunitária e dos sujeitos envolvidos não se confina à construção das suas próprias representações, mas se materializa no seu modo-crioulo de enfrentar os problemas e narrativas que lhe são externas. E assim edifica as suas subjectividades.

... a educação escolar quilombola é a educação viva, que nasce do saber do próprio povo para devolver a esse povo o que lhe foi negado e, por isso, valoriza, reconhece, fortalece, identifica, partilha, qualifica os saberes e os conhecimentos locais, sem com isso abandonar os conhecimentos universais. (SILVA, 2016, p. 192).

O modo de ser-crioulo é a sua identidade, presente na educação diferenciada e no saber-fazer-crioulo, no enfrentamento das tensões existentes no interior da comunidade, pelo valor primordial do comum. Reconheço, assim, neste quilombo a sua exemplaridade e lugar de aprendizagem. Não por considerar a comunidade como ‘o exemplo’, mas, apenas e só, porque naquela terra árida e seca, não se vira a cara aos problemas, que são demais, não se negam as fragilidades que são imensas, as adversidades que são permanentes, não se evita a confrontação com os poderes políticos locais e nacionais que só atrapalham e perseguem. No modo de ser-crioulo, sabendo que o tempo é usado de modo próprio, respirando, vão-se construindo as decisões coletivas, tecendo a vida-de-luta, encontrando os caminhos no envolvimento da população, enfrentando a discussão no uso de uma democracia que se fortalece no respeito pela diferença e na sua escuta.

... é conveniente reconhecer o mundo social como o lugar de uma luta permanente para definir a própria ‘realidade’. (NOGUEIRA, 2017, p. 119).

Foi assim o II Encontro, tempo da comunidade se apresentar, perante si própria. Na nudez da sua voz se escutaram os seus saberes, naturalmente múltiplos e diferenciados, se puderam ver as suas artes e seus sabores, fixar de frente os olhares, os rostos e os corpos de tod@s. Nada foi omitido nas discussões, nas apresenta-

ções, sendo as tensões existentes mostradas, sendo dada vitalidade às discussões, com a participação d@s estudantes, d@s jovens, d@s professor@s, d@s oficineiras, de tod@s.

Aos participantes chegados “de-fora”, conhecidos já e ainda não-conhecidos, todos misturados, no privilégio de habitar as suas casas, foi oferecida essa intimidade e sobre ela se poderem tecer os comentários considerados por cada um@, partilhar as discussões, officinar-junto.

A abertura que a comunidade ofereceu, apresentando-se na sua verdade crua e ao-vivo, permitiu ‘conhecer’ o quilombo, mas deveria, principalmente, provocar a cada um o desafio descolonial, para que cada um, em si, pudesse entender a dimensão do que transporta de ‘verdades-construídas’ pelo aparato hegemônico dos saberes oficiais, enraizados num passado fático, branco e racista, que se projecta no presente necrófilo do neoliberalismo, também ele fático, branco e racista. O II Encontro permite, defendendo eu, um olhar para o que cada um transporta das heranças coloniais e como reproduzimos relações classistas e professorais, tornando nossa opinião em sapiência, não escutando o que os desígnios estabelecidos e o saber-crioulo melhor e mais genuinamente sabe determinar. Aprendizagens se nos ofereceram.

No II Encontro tornou-se evidente, para quem quiser entender, que os propósitos solidários que se transportaram pelos que para o quilombo se deslocaram, estão muitas vezes desfigurados e carrega-

dos de uma autoridade colonizadora que em nada implicam uma prática de cumplicidade com os desígnios crioulos. A cumplicidade, não anula a discussão com outros modos de pensar, mas reside no respeito pelos modos-crioulos de determinar os seus caminhos, pela escuta das suas sabedoras vozes.

... enfrentar um sistema educacional, excludente e racista é bastante desafiador. Passar por um processo de autoaceitação da sua história quando esta é marcada por estereótipos negativos, é muito difícil e doloroso. Por não ser uma tarefa simples, requer muita reflexão e reconhecimento não so da sua história, seu passado histórico, mas também, de compreender sua posição como pertencente a um grupo que foi estigmatizado e excluído, e que teve sua cultura inferiorizada desde sempre. (NASCIMENTO, 2017, p. 113).

4. gratidão

... a tantos nomes-corpos crioulos que me são próximos, por tantas casas frequentadas no quilombo, por muitas salas-de-aula frequentadas, de tanta partilha de ideias-utopias, pelas horas de partilha-oficinal, por tanta vida e esperança. CONFIANÇA adquirida nas possibilidades de um amanhã melhor, construído pelas lutas, aqui e ali, por todo o lado, pelo COMUM.

O acolhimento que me é sempre oferecido, inunda-me desse sentimento de gra-

tidão, onde o quilombo, este em Conceição das Crioulas, se entranha em minha vida e adquire força de “acontecimento singular”, que perturba as minhas certezas, enfraquece meu poder de homem, branco e europeu e me oferece “experiências significativas” que me permitem ser melhor, como um-nós.

Referências

- ACOSTA, A. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- CASTRO, E. V. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2009.
- MERLIN, N. *Mentir y Colonizar: Obediencia inconsciente y subjetividad neoliberal*. Buenos Aires: Letra Viva, 2019.
- NASCIMENTO, M. J. Do. *Por uma Pedagogia Crioula: Memória, Identidade e Resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE*. Brasília: Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31319/1/2017__MárciaJucilenedoNascimento.pdf>.
- NOGUEIRA, M. *Gerais a dentro a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais*. Brasília: Mil Folhas, 2017.
- SILVA, G. M. Da. *Educação e luta política no quilombo de Conceição das Crioulas*. Curitiba: Appris editora, 2016.







i2ADS.

INSTITUTO DE
INVESTIGAÇÃO
EM ARTE, DESIGN
E SOCIEDADE

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



AQCC
ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA
CONCEIÇÃO DAS CRIULAS